PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Juliana Cristina Barbosa do Amaral

ESCOLA E INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: mesmos personagens, envolvimentos e significados diferentes.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLITÍCA, SOCIEDADE

São Paulo
2014

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Juliana Cristina Barbosa do Amaral

ESCOLA E INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: mesmos personagens, envolvimentos e significados diferentes.

Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS), sob a orientação da Profa. Doutora Helena Machado de Paula Albuquerque.

São Paulo
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

1. **Autor:** Amaral, Juliana Cristina Barbosa do Amaral
2. **Título:** Escola e Instituição Socioeducativa: Mesmos personagens, envolvimentos e significados diferentes.
3. **Programa:** Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. São Paulo: São Paulo, 2014.
4. **Nº de folhas:** 180
5. **Ilustrações:** Tabelas, quadros e imagens
6. **Grau:** (X) Dissertação (mestrado)
7. **Área de Concentração:** Educação e Ciências Sociais
8. **Orientador(a):** Helena Machado de Paula Albuquerque
9. **Descritores:** Educação – Juventude – Cultura popular
10. **Palavras-chave:** Juventude – Práticas escolares – Instituição Socioeducativa – Movimento HIP HOP

Juliana Cristina Barbosa do Amaral

ESCOLA E INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: mesmos personagens, envolvimentos e significados diferentes.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS), sob a orientação da Profa. Doutora Helena Machado de Paula Albuquerque.

Aprovada em: ___ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Para educar a juventude se seguiu, geralmente, um método tão rigoroso que as escolas foram vulgarmente tidas como terror dos garotos e a destruidora dos talentos, e a maior parte dos discípulos, tomando horror às letras e aos livros, se apressou em reconhecer as oficinas de artesãos ou a buscar qualquer outro estilo de vida.

Comenius, Didática Magna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus – Aquele que me proporcionou tudo de mais maravilhoso que poderia acontecer em minha vida.

De forma especial, agradeço aos meus amados pais, José Rubens e Noêmia que, como sempre, me ofereceram todo o suporte necessário para poder concluir mais esta etapa de minha vida.

Ao meu querido namorado Thiago, que me apoiou, acreditou em meu potencial desde o início deste processo e entendeu minhas ausências.

Aos meus irmãos Alex e Francisco, minhas cunhadas Kelly e Valéria e meus queridos sobrinhos Gabriel e Alice, anjinhos da minha vida, simplesmente por existirem.

Agradeço à professora Doutora Helena Machado de Paula Albuquerque, querida orientadora que, com muita sabedoria e paciência, me ajudou a trilhar o caminho do conhecimento;

à Profa. Dra. Alda Junqueira Marin e ao Prof. Dr. José Geraldo Silveira Bueno, pelo brilhante trabalho de coordenar este programa.

à Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni e Profa. Dra Celia Maria Haas, pela disposição para participar da banca de qualificação e por fazer apontamentos tão importantes para finalização desta pesquisa;

a Elisabete Adânia, pelos eficientes auxílios sempre que necessários;

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo importante apoio financeiro;

a todos os professores do programa, por dividirem com seus alunos o conhecimento que possuem.

Agradeço também às minhas amigas de longa data, Michele, Francine e Mariana, por fazerem parte de minhas conquistas e por tanto me auxiliarem nesta pesquisa;

a Lis Régia Pontedeiro, companheira de estudos, que me proporcionou inúmeras contribuições teóricas e amizade leal;

aos demais colegas de turma pelas enriquecedoras discussões em aula;

aos jovens participantes desta pesquisa e todos os coordenadores e oficineiros do Centro Cultural Canhema.

Por fim, agradeço à Profa Dra. Maria Elena Vilar e Vilar que me incentivou a seguir a vida acadêmica, mesmo antes de pensar que tal projeto seria possível.

AMARAL, Juliana Cristina Barbosa do. 2014. *Escola e instituição socioeducativa*: mesmos personagens, envolvimentos e significados diferentes. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade.

RESUMO

Pretendeu-se, nesta pesquisa, verificar as características de atuação e conduta de um grupo de jovens em uma instituição socioeducativa, que oferece atividades culturais, relacionadas ao movimento Hip Hop, e na escola de ensino regular onde estão matriculados – ambas localizadas no município de Diadema –, sem a intenção de compará-las. A coleta dos dados foi feita nos anos de 2012 e 2013. Utilizou-se uma metodologia com abordagem qualitativa, tendo como instrumentos reuniões com características de Grupo Focal, observação da atuação dos sujeitos, nos dois tipos de instituições norteada pelas categorias diálogo, participação, satisfação e autonomia. Foram feitas também entrevistas com uma diretora de escola, uma coordenadora pedagógica, uma professora responsável pela sala de leitura, um professor de Educação Física e uma inspetora de alunos. Fundamentou-se teoricamente em Gimeno Sacristán, Michael Apple, Pais e Dayrell. Os dados apontaram que a satisfação é um dos indícios de como as outras categorias estão sendo desenvolvidas nas instituições – naquelas em que a satisfação permeou os dados obtidos pelos jovens frequentadores, foi possível observar também práticas participativas, abertura para diálogos e autonomia para seus frequentadores desenvolverem iniciativas diferenciadas. Foi possível perceber também que os jovens, em sua maioria, constituem um grupo de alunos que passa despercebido aos olhares dos adultos, ou seja, não compactuam das atitudes de violação ao regimento e normas escolares, tampouco se destacam por excelência e desempenho acima da média. Contudo, a observação desses jovens, durante a realização das atividades na instituição socioeducativa, apresenta-se de forma muito diferenciada – nesse local, participam das atividades com empenho, colaboram como as funções organizativas e zelam pelos equipamentos e espaços institucionais.

Palavras-chave: Juventude, práticas escolares, instituição socioeducativa, movimento Hip Hop.

AMARAL, Juliana Cristina Barbosa do. 2014. *Escola e instituição socioeducativa*: mesmos personagens, envolvimentos e significados diferentes. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade.

ABSTRACT

It was intended in this research to study the characteristics of performance and conduct of a youth group in a social-educational institution that offers cultural, related to Hip Hop movement activities, and in mainstream school where they are enrolled - both located in the municipality of Diadema - without the intention to compare them. Data collection was made in the years 2012 and 2013. We used a qualitative methodology to approach and meetings as instruments with characteristics of focus group, observation of activity of subjects in the two types of institutions guided by categories dialogue, participation, satisfaction and autonomy. Interviews with a headmistress, a pedagogical coordinator, responsible for the reading room teacher, a teacher of Physical Education and a matron of students were also made. This study was based on theoretical foundation exploiting the view of several authors such as Gimeno Sacristan, Michael, Apple, Parents and Dayrell. The data showed that satisfaction is one of the indications of how the other categories are being developed in institutions - those where satisfaction permeated the data obtained by the young people attending, it was also possible to observe participatory practices , openness to dialogue and autonomy to develop their regulars differentiated initiatives . It was also possible to notice that young people, in their majority, are a group of students that goes unnoticed to the eyes of adults, in reality not condone the actions of violation of school rules and bylaws, nor stand for excellence and outperformance. However, the observation of these young people, in carrying out activities in the socio-educational institution, presents itself very differently - there, participate in activities with commitment, collaborate as organizational functions and watch over equipment and institutional spaces.

Keywords: Youth, school practices, socio-educational institution, Hip Hop movement.

SUMÁRIO

Introdução 16

Capítulo 1- Referenciais teóricos 23
1.1. Concepção de juventude 23
1.2. Funções sociais e ideológicas da escola: reprodução e produção do social. 28
1.3. Escola e necessidades do aluno como sujeito social 32

Capítulo 2- Contexto e procedimentos de pesquisa 38
2.1. Histórico do Município 38
2.2. Procedimentos de Pesquisa 41
2.2.1. Seleção da instituição socioeducativa 41
2.2.2. Seleção dos jovens 44
2.3. As técnicas adotadas nas instituições 45
2.3.1. Na instituição 45
2.3.2. Nas escolas 48

Capítulo 3- Descrição e análise dos dados obtidos 61
3.1. Categoria Diálogo 62
3.2. Categoria Participação 75
3.3. Categoria Autonomia 95
3.4. Categoria Satisfação 104

Considerações finais 115

Referências bibliográficas e eletrônicas 120

Anexos 123

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do município de Diadema com Localização das escolas participantes da pesquisa 38

Figura 2: Planta Baixa da Instituição Socioeducativa 44

Figura 3: Planta Baixa do pavimento inferior da Escola Canhema I 51

Figura 4: Representação do acesso de comunicação entre comunidade e secretaria escolar – Escola Canhema I 52

Figura 5: Planta baixa dos 1º e 2º andares da Escola Canhema I 53

Figura 6: Planta baixa da Escola Canhema II 55

Figura 7: Representação do acesso de comunicação entre comunidade e secretaria escolar – Escola Canhema II 56

Figura 8: Planta baixa da Escola Vila Nogueira 58

Figura 9: Representação do acesso de comunicação entre comunidade e secretaria escolar – Escola Vila Nogueira 59

Figura 10: Propostas das chapas candidatas ao grêmio estudantil 2013..... 71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cronograma de visita aos Centros Culturais de Diadema 42

Quadro 2: Jovens selecionados para participarem dos encontros com características de Grupos Focais 45

Quadro 3: Cronograma de atividades de pesquisa 47

Quadro 4: Cronograma de visita às escolas 49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias norteadoras para observação e análise de dados..... 60

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de entrevista com o coordenador da instituição socioeducativa. 123

Anexo 2: Transcrição da entrevista com o coordenador da instituição socioeducativa 124

Anexo 3: Roteiro dos grupos focais 131

Anexo 4: Transcrição das conversas obtidas a partir dos dois encontros com características de Grupo Focal 133

Anexo 5: Roteiro de Entrevista com funcionários das escolas 144

Anexo 6: Transcrição da entrevista com a inspetora de alunos da Escola Jardim Canhema I 145

Anexo 7: Transcrição da entrevista com a coordenadora da Escola Jardim Canhema I 148

Anexo 8: Transcrição da entrevista com a Professora responsável pela Sala de Leitura da escola Jardim Canhema I 150

Anexo 9: Transcrição da entrevista com a Diretora da Escola Canhema II 157

Anexo 10: Transcrição da entrevista com o Professor de Educação Física – Escola Vila Nogueira 165

Anexo 11: Roteiro de observação nas escolas 179

LISTA DE SIGLAS

APEOESP – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

APM – Associação de Pais e Mestres

CAPES – coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CE – Conselho de Escola

CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola

CJC – Centros Juvenis de Cultura

DJ – *Disc Jockey*

DRE – Diretoria Regional de Educação

FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André

HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MC - Masters of Ceremony/ Mestre de Cerimonia

NUBE – Núcleo Brasileiro de Estágios

ONG – Organização não governamental

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESC – Serviço Social do Comércio

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UE – Unidade Escolar

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

Introdução

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa "Instituição Escolar: Organização e Práticas Pedagógicas e Formação de Educadores" e, mais diretamente, no projeto de pesquisa "Políticas Públicas Educacionais, Gestão e Direitos Humanos", sob a coordenação da Profa. Doutora Helena Machado de Paula Albuquerque

Meu primeiro contato com investigações relacionadas à juventude aconteceu em 2008, no momento da realização dos estágios supervisionados e da pesquisa necessária para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia. Durante a realização desses trabalhos acadêmicos, esse tema pareceu-me incomum aos estudantes do referido curso, pois não houve, naquele ano, nenhum outro aluno interessado em realizar suas investigações sobre este público, ou seja, aparentemente eram poucos os pedagogos que se ocupavam de temas referentes à juventude – na maioria, o interesse estava mais centralizado em questões referentes à infância.

Com aquela experiência, pude conhecer um pouco sobre a atuação dos alunos matriculados no período noturno de escolas da rede estadual de ensino, no munícipio de Santo André. Percebi que, em muitas ocasiões, mesmo que, aparentemente, a realidade demonstrasse o contrário, essa atuação juvenil não tinha como objetivo apenas a contravenção às normas, ou alguma forma de destruição – ideias comumente presentes em discursos sobre alunos do ensino médio –, por vezes manifestava uma resposta à tentativa de inculcação de uma cultura que em nada se aproximava das origens sociais daqueles jovens.

Por meio dos trabalhos de estágio supervisionado, pude adentrar em escolas de ensino médio da rede pública de Santo André e conhecer melhor a dinâmica ali adotada. Esse conhecimento despertou meu interesse em investigar a situação juvenil dentro daquelas instituições e, em especial, numa escola estadual localizada em um bairro periférico do município, na qual eu realizei a pesquisa para a produção do referido TCC. As discussões e a análise que resultaram no TCC, realizadas ao longo da pesquisa, sempre enfatizaram o papel social da escola, os sujeitos atendidos por ela nos diferentes níveis de ensino, a qualidade do serviço oferecido, as dificuldades de acesso e permanência na escola, as expectativas dos sujeitos que a frequentavam e todas as implicações dessas questões para a vida social, profissional e pessoal dos envolvidos.

Durante o trabalho, constatei, na fala dos jovens, que suas expectativas em relação à escola eram de serem ouvidos, respeitados e valorizados. Essas expectativas, aparentemente, surgiram da dificuldade de comunicação com a escola. Talvez eles não estivessem cobrando medidas difíceis de serem cumpridas, mas era possível perceber que sentiam a necessidade de se expressar e serem ouvidos como sujeitos sociais.

Dessa experiência, surgiu a minha intenção de investigar a condição dos jovens como protagonistas de espaços sociais educativos, como sujeitos sociais, os quais constroem, individual e coletivamente suas histórias, suas conquistas e suas frustrações.

De acordo com Mesquita (2006), o tema "juventude" vem sendo bastante explorado pela comunidade acadêmica, em especial aqueles temas relacionados ao aparecimento do protagonismo juvenil em periferias e movimentos juvenil. De acordo com o autor, esta visibilidade é intensificada através do apoio da mídia e do mercado de trabalho.

Tais ideias são confirmadas por Dayrell *et al*. (*apud* SPOSITO, 2009), em artigo publicado em *O Estado da Arte sobre Juventude*, no qual constatam que o panorama sobre os estudos a respeito da juventude vem tomando novas formas. Está-se deixando de considerar esse público como mero participante de uma instituição, tomando-o como grupo que assume um caráter mais importante na sociedade.

> No Estado da Arte anterior, pudemos constatar uma tendência dominante dos trabalhos em centralizar as análises na instituição escolar, com ênfase no estudo dos jovens a partir da sua condição de alunos. São os aspectos associados aos resultados escolares que atraem a atenção, sem que se levem em conta as múltiplas dimensões da experiência escolar, muito menos as experiências dos jovens fora da escola, inexistindo nexos empíricos e teóricos capazes de absorver outras dimensões da experiência socializadora e da sociabilidade do educando (DAYRELL *et al*. *apud* SPOSITO, 2009, p. 59).

Com o intuito de conhecer as investigações feitas pela comunidade acadêmica sobre esse público, realizei um levantamento bibliográfico, tomando como fontes os trabalhos acadêmicos do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), disponíveis no sítio eletrônico www.capes.gov.br.

Como, naquele momento, eu não havia delimitado, ainda, um recorte específico a respeito do assunto, iniciei a busca no meio digital, utilizando como descritor a palavra "juventude". O número de trabalhos encontrados chegou a 2.051, entre teses e dissertações. Houve, então, a necessidade de delimitação do tema. Para tal, foi consultado o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando-se o descritor "juventude e socialização".

Desta forma, o número de trabalhos reduziu bastante, sendo encontradas 109 pesquisas – mas, ainda era uma quantidade excessiva de trabalhos. Quando avaliados títulos e temas, pude perceber que muitos deles estavam relacionados a outras áreas de conhecimento, como por exemplo, Ciências e Saúde, o que se desviava do foco de meu interesse.

Como *a priori* pensava em investigar a atuação da juventude em apenas uma instituição educativa (uma escola), procurei analisar as investigações, especificamente, atreladas a essa instituição. Porém, ao ler alguns resumos, não pude deixar de perceber a influência que outras instituições também desempenhavam na socialização daquelas pessoas, como se pode observar, por exemplo, na dissertação de Mestrado desenvolvida por Calixto (2010) *A arte-educação como meio para formação estética do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa.* Nesse trabalho, o pesquisador atribui à arte-educação o desenvolvimento dos princípios éticos através da ampliação do conhecimento e da visão de mundo, desenvolvendo, assim, uma relação mais consciente do ser humano no mundo, capaz de capacitá-lo a intervir criticamente na sociedade.

Calixto (2010) pareceu-me apresentar, em seu texto, o sucesso, pelo menos em termos de adesão, quanto à participação dos jovens nas atividades propostas por essas instituições, o que me levou a questionar se, dentro das escolas formais, a participação juvenil acontecia de maneira tão satisfatória. Em seguida, fiz buscas, utilizando termos relacionados a esse questionamento.

No momento das novas buscas, percebi a amplitude de manifestações artísticas nas quais os mais diversos grupos de jovens estavam envolvidos. Por isso, comecei a selecionar trabalhos que retratavam experiências a respeito de uma forma de manifestação específica, o *hip hop*. Passei, então, a utilizar o descritor "*hip hop* e educação" e encontrei 38 trabalhos, entre os quais 33 eram dissertações de Mestrado e 5, teses de Doutorado.

Dentre todos esses trabalhos, foram descartados os que se distanciavam de meu foco de investigação, tais como os referentes a estudo de coreografia, formação de professores, utilização da *internet* por jovens pertencentes ao movimento *Hip Hop*, e, além disso, desconsiderei dissertações e teses que procuraram estudar as mensagens dirigidas pelas letras de *raps*. Assim, selecionei quatro trabalhos, por considerá-los alinhados ao meu interesse de pesquisa.

Santos (2007), em sua dissertação *Hip Hop e educação popular em São Luís do Maranhão: uma análise da organização Quilombo Urbano*, pretendeu analisar como o

movimento *Hip Hop* contribuiu para a formação de identidade étnico-racial por meio de atividades mobilizadoras para a construção de uma consciência crítica.

Adão (2006), em sua dissertação *Movimento Hip Hop: a visibilidade do adolescente negro no espaço escolar,* trabalhou o conceito de identidade através de comparações e de contrastes entre as relações socioculturais existentes na família, nos ambientes sociais e institucionais, bem como analisou as formas que esses jovens utilizavam para reconhecimento de identidade e inserção em grupos, caracterizadas por vestimentas, gestos e movimentos corporais.

A dissertação de Andrade (1996), sob o título *Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*, investigou como a participação de grupos juvenis desenvolveu manifestações artísticas relacionadas ao *Rap* e como esta participação pôde ser transformada em uma prática educativa, emancipatória

Como o cerne de meu interesse permanecia focado na atuação desses jovens no espaço escolar, destaquei também dissertações que retratassem esses jovens dentro das escolas, a exemplo da dissertação de Silva (2004), cujo título é *A escola e a cultura do jovem da periferia: um estudo sobre a relação entre movimento Hip Hop e currículo***.** Neste trabalho, a autora demonstra como alguns conteúdos disciplinares podem ser trabalhados a partir de sua relação com os movimentos culturais do *Hip Hop*, estabelecendo assim uma relação entre estes conteúdos e as apropriações culturais adquiridas pelos alunos fora do espaço escolar.

Ainda, devido à proximidade com meu interesse investigativo e à localidade onde foi realizada a pesquisa, considerei necessária a leitura na íntegra da dissertação de Takara (2002), sob o título *Contribuições do movimento hip-hop para uma educação emancipadora: movimento Hip-Hop em Santo André.* Neste trabalho, o autor propõe apresentar a importância do espaço chamado "Barracão" para a socialização e para o lazer de moradores da comunidade local. O autor dedicou um capítulo para descrever, com base em depoimentos de ex-estudantes, a condição desses jovens vistos como alunos. Destaco o depoimento, a seguir:

> *Frequentamos escolas. Poucos os que conseguem concluir. Tentamos aprender a ler, a escrever e a contar. Isso é bom, mas é insuficiente. A escola não desperta a solidariedade nem a necessidade de mudanças sociais.*
> *E queremos mudanças. A situação atual é desvantajosa para nós. Também não nos ensina uma profissão. Ela tem pouca importância. Nada ou pouco significa. Está falida. Por isto, é invadida, apedrejada, pondo alunos e professores em risco. Nem as escolas bem localizadas são poupadas.*

> *Os professores são, na maioria, brancos e da classe média. Impingem-nos valores de seu meio. Ignoram os nossos, não admitem nossos comportamentos, consideram-nos indisciplinados, encaram-nos do ponto de vista do sistema, da ordem e da submissão. E, como queremos nos autoafirmar, consideram-nos arrogantes*[1] (TAKARA, 2008, p. 66).

Essa visão que estes jovens das camadas populares apresentam sobre a escola me fez refletir sobre sua função, e isto permeou as indagações presentes na pesquisa.

Após a leitura desses trabalhos, constatei haver um número significativo de estudos dedicados a inserir questões relacionadas à cultura dos alunos nos currículos de determinadas disciplinas (mais frequentemente nas de Língua Portuguesa, Educação Física e Artes). No entanto, meu interesse não era o de investigar movimentos isolados que surgiam na escola. Minha preocupação era com a postura dos alunos, no ambiente escolar, e em uma instituição que oferecesse atividades socioeducativas. Das reflexões a respeito, decorreu a seguinte indagação: em quais circunstâncias os mesmos personagens apresentam condutas semelhantes ou diversas em relação à sua própria atuação em dois espaços educativos distintos – um de educação formal (a escola) e outro que oferece atividades socioeducativas?

Da indagação principal, outras tantas derivaram, merecendo igual atenção:

1. A obrigatoriedade da escola e a livre escolha da instituição são fatores importantes na conduta dos alunos? Sabendo-se que a instituição que oferece essas atividades é composta também por normas de convivência e por hierarquias bem definidas, a aceitação desse contexto, por parte dos jovens, acontece da mesma forma com que recebem as normas institucionais da escola?

2. As manifestações artísticas, neste caso, o *hip hop*, têm espaço para serem vivenciadas quando apresentadas no contexto escolar?

Diante das observações já discutidas, esta pesquisa tem como objetivo central verificar características da atuação e das condutas de jovens pertencentes a camadas populares, dentro do ambiente de educação formal, a escola, e dentro de uma instituição socioeducativa, de livre escolha, localizada no munícipio de Diadema. Além disso, são objetivos específicos, de igual importância:

[1] Depoimento de um participante da pesquisa constante na dissertação de Alexandre Takara.

- Identificar se a participação em uma instituição socioeducativa exerce alguma influência na trajetória pessoal e escolar dos jovens selecionados para serem sujeitos da pesquisa;
- Analisar quais são as principais diferenças na participação desses jovens dentro de cada instituição;
- Levantar indícios sobre as maneiras pelas quais essas instituições inserem a cultura, os costumes e os gostos desses jovens em suas práticas.

Vale ressaltar que esta pesquisa não tem como intenção comparar as instituições que os jovens frequentam. Reconheço as diferenças em relação a aspectos legais, organizacionais, diferenças em relação ao propósito, finalidade, missão que possuem. Se, de um lado, não desconsidero a finalidade legítima que a escola tem como transmissora de um acervo cultural; de outro, percebo que ambas possuem um compromisso com a socialização destes jovens, mesmo que em níveis e com objetivos distintos.

Parto da hipótese de que, enquanto na escola, os jovens apresentam condutas de resistência às atividades propostas, às regras e aos regulamentos institucionais, em ambientes mais próximos de suas origens sociais, onde suas manifestações culturais são aceitas e muitas vezes valorizadas, a conduta destes mesmos jovens se apresenta de forma muito distinta.

Fundamentei teoricamente a pesquisa em Apple & Beane (1997), intelectuais que desenvolvem o conceito de educação democrática, e em Gimeno Sacritán (2005, 2008) que aborda, entre outros, o aluno como sujeito social. As ideias desses teóricos podem ser utilizadas para a análise de toda e qualquer instituição que tenha uma finalidade educativa.

Para obtenção dos dados necessários, a pesquisa empírica foi realizada na instituição socioeducativa em dezembro de 2012, e os dados foram obtidos nas escolas no período de fevereiro a abril de 2013.

A fim de melhor organizar as ideias em busca dos objetivos acima explicitados, o presente trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, são apresentados os referenciais que permearam as discussões teóricas desta pesquisa, discorrendo-se sobre a concepção de "juventude" adotada por Dayrell (2003, 2005) e por Pais (2003); conceitos, como "reprodução" e "produção", defendidos por Apple (1982, 1997, 2001, 2002); e alternativas para se

conceber uma escola voltada às necessidades dos alunos, presentes nas obras de Gimeno Sacristán (2005, 2008).

Em continuidade, apresenta-se, no segundo capítulo, um histórico do município de Diadema, juntamente com aspectos sociais, demográficos, econômicos e culturais da cidade, sem a pretensão de esgotar todas as características e especificidades do local, mas com o intuito de expor características principais, sobretudo as que se referem à tradição da participação popular, de modo a justificar a seleção desse município como campo empírico da pesquisa, apresentada nesta dissertação. O segundo capítulo é composto ainda pelas informações a respeito dos procedimentos de pesquisa e, para isso, são detalhados os procedimentos utilizados para obtenção de dados: grupos focais e entrevistas.

O terceiro capítulo apresenta as análises dos dados obtidos com o apoio dos referenciais teóricos adotados.

Capítulo 1
Referenciais Teóricos

Esta pesquisa parte de uma preocupação com as características de conduta de alunos que frequentam duas instituições diversas – a escola pública e uma instituição socioeducativa. Sem a pretensão de comparar estas duas instituições – que são, sabidamente, de natureza distinta –, discutem-se questões relacionadas à juventude e ao atendimento educacional.

Os dados foram obtidos por meio de reuniões com características de grupo focal com os jovens, entrevistas com funcionários das escolas e observações das rotinas em ambas as instituições e analisados a partir das contribuições teóricas sobre a concepção de juventude de Dayrell (2005), Abramo (2005) e Pais (2003), ainda com as contribuições sobre a função ideológica da escola de Apple (1982, 1997, 2002) e de Apple & Beane (2001) e por fim, ideias de como construir uma escola com foco nas necessidades dos alunos visto como sujeito social de Gimeno Sacristán (2001, 2005, 2008).

1.1. Concepção de Juventude

Para desenvolvimento desta pesquisa, algumas considerações acerca do termo "juventude" se fizeram necessárias. Para tal, recorri a Dayrell (2005), a Pais (2003) e a Abramo (2005).

Segundo Pais (2003, p. 39), embora a puberdade seja um processo universalmente conhecido como biológico, a adolescência só passou a ser respeitada como fase da vida quando as tensões a ela associadas passaram a fazer parte da pauta de discussões sobre consciência social, tornando-se reconhecidas e identificadas como pertencentes a uma cultura específica. Concordando com esse teórico, Dayrell (2005) afirma que a população de jovens passa a ser alvo de políticas públicas, precisamente na segunda metade do século XIX, quando, em pautas de discussões públicas, surgem questões, como o prolongamento da escolarização, o trabalho infantil, a criação das casas de correção de menores, entre outras.

Para Abramo (2005), apesar de o tema "juventude" estar muito presente em discussões políticas, há nelas uma enganosa ideia de obviedade em relação ao assunto, o que dificulta a compreensão e a delimitação da população que compõe essa etapa da vida. Por isso, a autora realiza, em sua obra *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*, um breve histórico da trajetória pela qual o conceito passou e suas respectivas interpretações. A princípio, o termo "juventude" esteve muito presente em discussões, principalmente relacionadas a ideias, como "deslizes, encobertamentos, disparidades e mistificações", rebeldia e contravenção. Nas pautas de discussões, havia sempre a preocupação em indagar o que faltava para essa população juvenil se tornar verdadeiramente cidadã, ou "adulta". (ABRAMO, 2005).

Por volta de 1960, os questionamentos sobre o tema giravam em torno de uma vigente ideia de protagonismo juvenil, liderado, principalmente, por pessoas escolarizadas da classe média, atuantes em movimentos estudantis ou militantes de movimentos partidários. Após esse período, as indagações limitavam-se a tratar da população em situação de risco. Uma vez que a adolescência pouco se distancia da infância, muitas questões juvenis propriamente ditas eram ignoradas. (ABRAMO, 2005).

Segundo essa autora, a concepção de juventude nasceu no século XX, com a ideia de um tempo de preparação para as complexas tarefas de produção e de adiamento dos deveres. Essa nova concepção descentralizou as considerações em torno da idade dos dezoito anos, e alertou para a necessidade de se reconhecer que os problemas referentes à juventude ainda permaneciam por alguns anos após essa idade.

Portanto, Abramo (2005) critica a noção clássica que identifica a juventude como uma fase de transição, caracterizada pelo estado de total dependência dos adultos e defende que essa população corresponde a pessoas de 15 a 24 anos, sem desconsiderar as desigualdades que atravessam essa condição. A autora acredita que essa faixa etária pode variar de acordo com a realidade de cada sociedade.

Abramo defende também a necessidade de se observar, atentamente, as condições socioculturais e destaca a concepção atual de juventude como uma fase de moratória, não no sentido de espera, ou com a ideia de "um dia vir a ser", (ABRAMO, 2005, p. 41), mas como um período de "possibilidades de experimentação, nos campos da sexualidade e da educação, dos compromissos e dos encargos" (*Idem*, p.69). Ela aponta a necessidade de os atributos socioculturais dessa população serem ressaltados, enfatizando-se a importância da

investigação dos novos protagonistas sociais que estão surgindo a partir da participação em modalidades culturais e da tentativa de mudança social.

> Mas também pelo aparecimento de novos atores juvenis, em grande parte dos setores populares, que vieram a público, principalmente por meio de expressões ligadas a um estilo cultural, colocar questões que os afetam e preocupam diferentes daquelas colocadas pelas gerações juvenis precedentes, e para as quais não havia nem mesmo formulações elaboradas no plano da política (ABRAMO, 2005, p. 39).

Com base na preocupação com esses "novos atores juvenis" a que Abramo (2005) se refere, o recorte a ser utilizado, nesta pesquisa, ultrapassa as considerações sobre adolescentes de classe média ou em situações de risco e segue uma tendência relativamente nova acerca dos estudos sobre o tema. Nesta pesquisa, as indagações estão focadas em investigar jovens, os quais, mesmo diante de adversidades decorrentes de sua condição social precária e do preconceito sofrido em instituições como a escola, encontram formas de protagonizar o sucesso juvenil por meio de atividades culturais. Tais atividades possibilitam a esses jovens desenvolver o senso crítico e promovem o questionamento sobre seu verdadeiro papel na sociedade, contrariando a ideia de senso comum que os aproxima da marginalidade ou da precariedade (porque se destacam por meio de ações positivas).

Já Pais (2003), em sua obra "Culturas Juvenis", utiliza duas vertentes, recorrentes na Sociologia da Juventude: a corrente geracional, que trata a juventude como uma fase da vida, buscando análises a partir de características homogêneas e formando, assim, uma cultura juvenil definida por termos etários (PAIS, 2003); e a outra vertente, a classista, a qual analisa a juventude como um conjunto diversificado em função das origens sociais desses indivíduos (PAIS, 2003).

Contudo, essa disparidade mostra-se insuficiente para conceber a juventude, respeitando-se todas as suas especificidades. A condição juvenil é permeada por inúmeros fatores, como origem social, cultura da comunidade, contexto político, dimensões geracionais. Dessa forma, para resguardar todas essas diferenças, foi utilizada, nesta pesquisa, uma "noção de juventude na ótica da diversidade", conforme defendido por Dayrell (2005).

De acordo com Dayrell (2005), existe uma tendência, na produção acadêmica, de pesquisas associadas à relação juventude/escolaridade, sem vincular a abordagem com outras experiências socializadoras. Por isso, preocupei-me em investigar e conhecer a

realidade dos jovens, vendo-os como sujeitos socioculturais. De acordo com o autor em referência, cada vez mais, os jovens utilizam a dimensão simbólica como uma eficaz forma de comunicação, demostrando seus posicionamentos diante de si mesmos e da sociedade.

> A música, a dança, o corpo e seu visual têm sido os mediadores que articulam grupos que se agregam para produzir um som, dançar, trocar ideias, postar-se diante do mundo, alguns deles com projetos de intervenção social. O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil (DAYRELL, 2005, p.15).

Segundo o autor, diferentemente de uma imagem socialmente divulgada, a qual atribui aos jovens pobres a marginalidade e a criminalidade, esses indivíduos apresentam-se também como produtores culturais. Para Dayrell (2005), as atividades relacionadas às modalidades culturais situam-se na centralidade da ocupação juvenil. Em especial para aqueles oriundos de camadas populares, tais atividades são uma importante oportunidade de troca de experiências e de manifestação de expressões obtidas, independentemente de influência geracional. Para o autor, nesses momentos, há uma tentativa de resolução de contradições sociais, bem como de criação de identidades através do desenvolvimento de autonomia e de autoestima.

> Nessa perspectiva, é evidente que não podemos falar em uma cultura juvenil homogênea, tanto que a estamos utilizando no plural. Ao contrário, expressa um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que expressam a pertença a um determinado grupo, uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, por meio dos quais a vida adquire um sentido (DAYRELL, 2005, p.36).

De acordo com Dayrell (2005), Pais (2003) e Abramo (2005), a juventude é uma condição histórica, social e culturalmente construída, a qual resguarda as especificidades de cada sociedade. Portanto, é necessário adotar o conceito de "juventudes" (para que as diferenças sejam resguardadas, recebendo a atenção que merecem) e desconstruir a ideia de identidade homogênea, a qual caracteriza todos os jovens como iguais.

As mudanças ocorridas no mercado de trabalho, a partir da década de 1970, juntamente com a criação de aparatos legais (como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Estatuto da Criança e do Adolescente nas décadas seguintes), promoveram a ampliação significativa da escolarização dos jovens. Esse acesso facilitado levou a uma diversidade da população atendida pela escola. Apesar disso, essa

instituição não alterou proporcionalmente suas práticas a ponto de atender, de forma satisfatória, a todos os alunos nela inclusos. Cresceu o número de alunos matriculados nas escolas formais e, ao contrário, houve uma redução no poder de se gerarem referências significativas para a vida desses indivíduos.

Segundo Bourdieu e Champagne (1997), a democratização da escolarização, processo pelo qual a sociedade francesa passou, a partir da década de 1960, não superou as antigas condições sociais, mantendo, sob a ilusão de superação das desigualdades, mecanismos cruéis de manutenção da ordem social. Nesse contexto, a escola assumiu um papel destinado apenas à transmissão de conteúdos e, ao tratar da mesma forma a todos, ignorando as diferenças sociais existentes, acabou privilegiando os que, por sua herança cultural, já eram privilegiados (BOURDIEU & PASSERON, 1975).

Para esses autores, a escola é um ambiente que legitima a reprodução da sociedade, por meio da inculcação de um arbitrário cultural e de práticas que legalizam as desigualdades. Dito de outra forma, a escola "força" a aceitação e a internalização de conceitos, de regras e de condutas, tidas como universais, descartando, muitas vezes, as características da própria cultura do indivíduo. Esse processo, considerado um tipo de violência, é caracterizado também pela reprodução de imposições, oriundas das classes dominantes, transmitidas e aceitas como verdadeiras, tornando o indivíduo, vítima dessa condição, incapaz de reconhecê-la como uma forma de conduta arbitrária em relação aos seus costumes.

De acordo com Bourdieu e Champagne (1997), a democratização e a acessibilidade ao ensino provocam um processo de responsabilização do sujeito, pois este acredita que, embora tenha recebido toda a oportunidade de que precisava, não obteve sucesso, o que acarreta, inclusive, a desvalorização do diploma conquistado. Esse processo incita o indivíduo a aceitar a sua incapacidade para os estudos e para a inserção no mundo escolarizado. A escola mantém, então, segundo os autores, os sujeitos que ela mesma exclui e a eles cabe a escolha de aceitar essa ilusão de inserção no contexto escolar, ou de manifestar, muitas vezes, inutilmente, sua revolta.

Tais circunstâncias, associadas a uma rotina desgastante de trabalho, podem levar a uma desmotivação dos alunos para participarem regularmente das aulas, sentimento contrastante com o grande anseio manifestado por eles, quando participam de grupos juvenis fora ou até mesmo dentro das escolas, como foi observado nas pesquisas de estágio do curso de graduação, mencionadas anteriormente.

Esses grupos são formados por jovens que se reúnem para exercer algum tipo de atividade, seja ela esportiva, cultural, religiosa ou, muitas vezes, de lazer. Sua participação justifica-se pela oportunidade ensejada para discutirem diversos assuntos e compartilharem experiências.

Essa população foi inserida na agenda pública, em um momento relativamente recente, a partir da conjuntura econômica e social e de episódios de violência, envolvendo jovens considerados "perigosos" (séries de assassinatos e de rebeliões, e dificuldade visível de o Estado lidar com adolescentes em conflito com a lei ou em situações de vulnerabilidade social). Também foi relevante para tal inserção a intervenção de organizações não governamentais que adotaram a juventude como o propósito de suas ações (SPOSITO, 2007 p.7).

1.2. Funções sociais e ideológicas da escola: reprodução e produção do social

Para Apple (1997), a escola exerce funções ideológicas. Nas obras desse autor, fica evidente a importância da teorização, a partir de um viés crítico para a compreensão das funções sociais e ideológicas exercidas pela escola. Em algumas de suas obras, as quais tiveram muita repercussão social, Apple (1997 e 1982) discorre sobre a necessidade de se compreender a problemática tecida em torno do conhecimento oficial, não bastando analisar qual conhecimento é valioso na esfera educacional, mas sim discutir para quem é valioso e qual a dinâmica de distribuição empregada, a partir das relações de classe, de gênero, de cor.

É necessário realizar, portanto, uma análise do currículo explícito, oficial, para compreender quais os interesses que de fato sustentam o conhecimento curricular, e identificar suas pressuposições ideológicas e a lógica de seletividade. Essa análise crítica tem como principal função contestar argumentos irrefletidos, os quais já fazem parte de um discurso de senso comum, refutando-se considerações hegemônicas que culpabilizam a escola pela inculcação de uma ideologia liberal. Essa ideologia está tão enraizada na sociedade, que se torna difícil desvinculá-la de qualquer fator social.

Apple (1997) atenta para a necessidade de se compreender não somente o conteúdo a ser transmitido, mas também quem o legitima, ou seja, quem realiza essa regulação e principalmente, com que finalidade. Essas questões são necessárias para o entendimento

das ideologias que embasam as políticas educacionais e culturais de uma sociedade. A hegemonia – a aceitação e o consenso de imposição da classe dominante, guia legítimo da cultura – só é alcançada a partir de um constante esforço de convencimento em tornar "natural", ou "mecânico" [...], o fato de o conhecimento, ou sua seleção, se dar a partir de uma parcela específica da sociedade. Para obtenção dessa hegemonia, deve haver uma distinção de pessoas, de acordo com classe social, cor, sexo, os quais são sistemas de rotulações criados a partir de pressupostos ideológicos e econômicos. A estratificação social, portanto, é necessária para manutenção da ordem liberal e é também necessário que as pessoas aceitem como legítima essa situação. Nesse processo, a escola é ferramenta fundamental, pois, a partir dessas distinções, o sistema escolar definirá seus conteúdos e sua forma de apreensão.

> Por hora deixe-me afirmar que um dos nossos problemas básicos, como educadores e como seres políticos, está em aprender formas de compreensão do modo como os tipos de recursos e símbolos culturais, selecionados e organizados pelas escolas, estão dialeticamente relacionados com o tipo de consciência normativa e conceitual "exigidos" por uma sociedade estratificada (APPLE, 1982, p. 10).

Não apenas aspectos econômicos são levados em consideração nesse sistema de seleção. A escola, na constituição de seus currículos, tenta preservar e distribuir o capital cultural e os interesses particulares (APPLE, 1982).

Com essa passividade em relação à disseminação de tais pensamentos, fica fácil transmitir à população uma ideia de que a Educação é uma atividade neutra, livre de qualquer interesse ideológico. No entanto, essa é uma demonstração clara de que, para o Estado, é interessante uma despolitização da cultura, pois, mesmo o ato de se manter alheio a qualquer forma de participação efetiva nos assuntos políticos, é uma ação política, ainda que de afastamento crítico de decisões e de discussões importantes.

Segundo Apple (1982), analisar a política pública do conhecimento é a melhor maneira de compreender a relação entre educação e poder, já que o conhecimento transmitido na escola influencia, diretamente, a dinâmica de poder e de controle do Estado. Essa dinâmica leva o sistema educacional a assumir uma política educativa, baseada na ordem, segundo a qual a tudo são atribuídas métricas ou menções, inclusive às pessoas, a partir de sua capacidade de produção e de sucesso, ocorrendo assim "naturalmente" uma condenação daqueles que não obtêm este último (APPLE, 1997, p.18).

Tal contexto, aliado a um discurso liberal, que prevê as políticas educacionais atreladas a ordens econômicas, faz com que a escola assuma uma organização em modelos empresariais, adotando o sistema de divisão pormenorizada do trabalho. Especificamente, a fragmentação do trabalho do professor leva-o a buscar uma especialização tão limitada de suas funções, que acaba perdendo a noção e o controle do seu trabalho como um todo, possibilitando a organismos externos à escola realizarem tal controle. Esse fato é facilmente constatado pela importância atribuída a provas de larga escala e a resultados, os quais são comparados externamente ao ambiente escolar.

O sistema assim configurado exclui o professor de qualquer processo produtivo na seleção, ou na geração do conhecimento a ser trabalhado, acarretando desvalorização e desmotivação desses profissionais. O controle rígido do trabalho limita a autonomia do professor e transforma seu ofício em um esquema baseado na racionalização e na centralização do poder e do controle exercido pelo currículo. Assim, o professor não pode decidir sobre o que é melhor, nem mesmo sobre a melhor maneira de ensinar. A importância política desse profissional perde a força e priva as minorias sociais do direito a uma educação reflexiva, sem a possibilidade de apreensão de conhecimentos sociais (APPLE, 1997).

Professores e alunos tornaram-se consumidores, fruto de avaliações e mensurações externas. Disseminando a ideia do particular como bom, e do público como ruim, a escola transformou-se em espaço de geração de lucros, adaptada às necessidades do mundo do trabalho.

Para Apple (1982), o Estado possui uma função hegemônica, porém essa situação não é aceita por toda a sociedade, a qual atribui importantes funções modeladoras de lutas conjunturais a movimentos sociais. Mesmo tentando criar uma hegemonia total, o Estado, representado no caso educacional pelas escolas, é palco de conflitos sociais e ideológicos. Embora passando por processo de assimilação de uma cultura reproduzida através dos currículos escolares, a sociedade – nesse caso, alunos, professores e comunidade escolar – passa por um processo de produção de conhecimento, também chamado “currículo oculto”, que, muitas vezes, é responsável por formas de resistência no espaço escolar.

Outros conceitos defendidos por Apple (2001), muito importantes para a fundamentação teórica desta pesquisa, são os de “reprodução” e de “produção”. No ano de 1969, várias teorias defendiam que a escola, ideologicamente, através de seus currículos explícito e oculto, atuava nos costumes e na cultura dos alunos com o objetivo de torná-los

aptos e conformados com o sistema de divisão do trabalho. Esses currículos funcionavam como formas de seleção para as futuras funções trabalhistas, ou seja, pessoas de classes subordinadas aprendiam a obedecer e a submeter-se, enquanto as classes dominantes aprendiam a comandar e a pensar. A organização escolar servia como preparatória para o funcionamento de indústrias e de empresas comerciais, com ênfase voltada para eficiência e produtividade.

Segundo Apple (2001), as escolas – instituições predominantemente criadas para reproduzir a ordem das classes dominantes, atuando para perpetuar a ordem capitalista – desenvolveram-se, simultaneamente, como formas de resistência. Portanto, para o autor, a escola não é apenas uma instituição de ordem reprodutiva, pois também acontecem, em seu interior, formas de produção.

Quando se fala de processos reprodutivos, contudo, negligencia-se a complexidade das relações como elementos de ação coletiva, considerando-se todos os trabalhadores meros personagens controlados por um sistema fechado e autoritário, deixando-se escapar para uma análise mais cuidadosa as interações entre educação e economia (APPLE, 2002. p. 84). Porém, os sujeitos não são passivos à recepção dessas "mensagens" – veiculadas pelas diversas modalidades de mídias, sistemas educacionais, grupos sociais, etc. – e apresentam formas diversas de resistência a essa ordem social. Tais formas de resistência tiveram suas origens nas fábricas, a partir de reivindicações por melhores condições de trabalho e por salários mais justos – não foram criadas de maneira rápida e mecânica.

À semelhança do que acontecia nas fábricas, os alunos, ao mesmo tempo em que eram controlados, tentavam encontrar maneiras de controlar autonomamente seu "trabalho". No interior das escolas, principalmente em bairros urbanos, os alunos encontravam formas de rejeitar o currículo explícito transmitido, ou permanecendo fora das salas de aula, ou utilizando excesso de humor em suas rotinas, ou simplesmente ignorando toda e qualquer interação que os professores pudessem tentar estabelecer com eles.

> Resistência, subversão da autoridade, ludibriar o sistema, criar diversões e prazer, formar um grupo informal para opor-se às atividades da escola, tudo isto é causado pela escola, embora tudo isso seja exatamente o oposto do que os administradores e professores querem. Portanto, se os trabalhadores são intercambiáveis e o próprio trabalho é indiferenciado e genérico, todos parecendo iguais, a escola exerce um papel importante no processo de possibilitar que os estudantes desenvolvam penetrações em relação a essa situação (APPLE, 2002, p. 117).

O fato de o sistema estratificado produzir certo conhecimento para ser transmitido aos chamados “desajustados” não significa que eles aceitem essa condição sem hesitar (APPLE, 2002). Essa não aceitação pode acontecer tanto de modo mais violento e visível (por motins ou por greves), quanto de maneira mais sutil e constante.

Em fábricas, as formas de resistência podem ser observadas em atitudes brandas, como por exemplo, na redução da velocidade ou da capacidade de produção de uma máquina, ou na interrupção de atividades para que a produção de um trabalhador não seja excessivamente superior à de um colega, causando prejuízos à equipe em sua totalidade.

Na escola existem também essas formas sutis de resistência, como a demonstração de descaso por algum conteúdo que possa ser considerado sem importância para os próprios alunos, a falta de empenho nas atividades escolares, as demonstrações de indiferença para com os professores e até mesmo a ausência ou a falta de comprometimento nas atividades escolares, em especial, nas avaliações curriculares. (APPLE, 2002).

1.3. Escola e necessidades do aluno como sujeito social

Esta pesquisa está fundamentada, teoricamente, também nas contribuições de Gimeno Sacristán (2008), principalmente no que se refere à institucionalização da educação obrigatória, suas principais características, vantagens e limitações atuais. Também foi considerada a concepção de uma escola que direcione sua atenção ao aluno, a saber, uma escola na qual a criança ou o jovem, ao aprender a ser aprendiz, consiga se desenvolver como cidadão autônomo e, assim, poder contribuir para a formação de si próprio e da sociedade.

Segundo Gimeno Sacristán (2001), a existência de estrutura educacional, semelhante em muitas sociedades, desenvolve uma ideia de naturalização da escolarização. Esse processo faz com que as pessoas aceitem as condições vigentes, acomodando-se com a ideia de que “se assim está é porque precisa ser assim” e que deixem de questionar e refletir sobre a função e a finalidade da escola.

Para o autor, a condição juvenil de ser aluno está constituída em nossa sociedade de forma tão concreta, que pode facilmente ser confundida como uma condição natural dessa

etapa da vida, ou seja, pode parecer natural atribuir à infância e à juventude a condição de aluno, como se os termos “aluno” e “juventude” fossem praticamente sinônimos e como se toda criança necessitasse naturalmente de escolarização. Isso ocasiona, em todas as sociedades, a ideia de que crianças e jovens devem assumir um papel, fundamentalmente, diferente daquele do adulto, cabendo a este exercer certo poder em relação aos mais novos e tentar adequá-los ao modo de pensar e agir por ele instituído, o que muitas vezes pode levar os jovens a práticas de rebelião.

Partindo de um princípio otimista de que todos os indivíduos possam ser transformados em homens e mulheres melhores, a educação obrigatória, apoiada em valores democráticos, parte do princípio de que todas as pessoas podem ser educadas e, a partir disso, poderiam levar uma sociedade ao progresso.

De acordo com Gimeno Sacristán (2001), entretanto, o progresso só poderá ser alcançado a partir da educação estreitamente vinculada à libertação social. Com a ideia de que a dignidade humana é potencializada pela apropriação da cultura, a melhor forma de desenvolvimento da sociedade foi transformar a educação obrigatória em direito universal. Esse otimismo responsabiliza a educação por tornar o homem livre de suas limitações de origem, já que tais condições limitadas, segundo o autor, são circunstâncias construídas e não constituídas por forças imutáveis; portanto, só a educação poderia modificar a maneira de ser do indivíduo.

> Indivíduos e sociedade podem modificar sua maneira de ser. Se não admitimos esse caráter contingente, mutável, das condições nas quais nascem e se desenvolvem os seres humanos, não há espaço para o otimismo pedagógico (GIMENO SACRITÁN, 2001, p. 58).

A confiança na capacidade de melhoria da habilidade humana, por meio de intervenções reflexivas é a base democrática do pensamento moderno. Essas intervenções só ocorrem porque a educação escolar não acontece de forma espontânea; pelo contrário, de acordo com o autor, ela se dá através da “moldagem” assumida pelo professor (GIMENO SACRITÁN, 2001, p. 59). Por isso, esse profissional deve ser comprometido com sua função e envolvido com a ideia de que, no processo educativo, todos devem se desenvolver. Daí a necessidade de um profissional com sólida formação reflexiva e crítica.

Por sua base democrática, a educação obrigatória deve integrar a todos. A partir desse aspecto, aparecem as primeiras dificuldades enfrentadas pelas sociedades modernas:

como a escola deve receber, em seu interior, pessoas tão diferentes, oriundas de culturas distintas?

O processo de escolarização está atualmente organizado, por meio da graduação dos conteúdos e da segregação de alunos com algumas especificidades homogêneas, principalmente aquelas ligadas à idade, em nível de maturidade ou ao desempenho escolar. Esse processo foi, e está sendo, a forma adotada para tentar escolarizar, de maneira igualitária, classes numerosas de alunos. Ao se tentar, porém, uniformizar as características estudantis dentro de um grupo, outras desigualdades foram criadas a partir das próprias práticas escolares e de sua organização.

Ao se realizar a divisão e a segregação em grupos homogêneos, houve uma tentativa de se neutralizar qualquer variabilidade que pudesse acontecer nas características dos alunos. A partir do momento em que esse processo não adquiriu o êxito esperado, qualquer diferenciação pôde ser compreendida como uma ruptura aos modelos estabelecidos, exigindo-se da escola um esforço em fazer com que essa inadequação fosse superada.

Durante esse esforço de padronização começaram a surgir, no próprio núcleo escolar, diferenciações tanto na forma como os alunos se apresentam diante das exigências, na facilidade ou na dificuldade frente a diferentes conteúdos, quanto na maior ou menor aptidão de adequação a normas e padrões. Diante disso, segundo Gimeno Sacristán (2001), essa padronização está levando os professores a assumirem uma incapacidade de trabalhar com a diversidade.

A desigualdade corresponde a qualquer ruptura no padrão estabelecido pelo sistema e é responsável pelas rotulações distribuídas entre os alunos fora do padrão, as quais podem, tanto ser utilizadas com teor negativo – em relação àqueles que não consegue acompanhar os demais, conhecidos como “atrasados”, “fracassados”, termos que dão margem a tantas discussões sobre o fracasso ou a crise escolar –, quanto de forma positiva – no caso, em referência àqueles que apresentam excelência acima da média, chamados “superdotados” ou “adiantados”.

Segundo Gimeno Sacristán (2005), a escola é um ambiente pensado para os alunos se tornarem o que os adultos desejam e, em sua condição de alunos, adquirirem características sociais e comportamentais, regras e valores importantes sob o ponto de vista dos próprios adultos, não se considerando o jovem e suas especificidades. Por isso, ao

mesmo tempo em que a escola assume uma função de acolhimento, usa de certa autoridade para exercer sua função moralizadora.

Para Gimeno Sacristán (2008), vivemos em uma sociedade pós-figurativa, na qual ainda se conserva a ideia de que os adultos são os plenos detentores da cultura e de seus conteúdos, mantendo-se intactas as tradições e costumes. Entretanto, quando a família deixa de assumir características autoritárias e passa a tratar jovens e crianças com mais afeto e carinho, alguns dos símbolos até então inquestionáveis passam a não ter mais sentido, predispondo os jovens a adotar condutas de resistência e a não aceitar, com naturalidade, as formas autoritárias de intervenção utilizadas pela escola.

A sociedade passa a tentar incutir nessa população a importância de uma escolarização bem feita, com promessas de um futuro promissor. No entanto, esse discurso não surte tanto efeito, principalmente quando se trata de jovens carentes, já que, devido à sua origem familiar, tal condição não garante sua entrada no mundo do trabalho, tampouco a mobilidade social pretendida.

O processo de desvalorização da escolarização é refletido também nas relações hierárquicas existentes nas instituições escolares. Os alunos já não se adaptam mais ao sistema e às normas educacionais e valorizam, assim, as relações estabelecidas horizontalmente. Os jovens, ao se concentrarem – no espaço específico da escola, segregados dos adultos –, passam a formar uma nova classe social: a de alunos. A sala de aula, um espaço distinto, tanto do controle familiar quanto do escolar, propicia a esses jovens a autonomia de decisão e intervenção social. A escola, ambiente propício à formação desses grupos de iguais, não consegue realizar o controle total desse público, facilitando práticas de resistência às normas e aos regulamentos escolares.

Em concordância com Gimeno Sacristán (2001), Canário (2006) afirma que a escola tem assumido a função de instruir e de regular condutas. Antes de passar pelo processo de escolarização, as crianças passam pelo de "moldagem", para aprenderem condutas compatíveis com a condição de alunos. A organização escolar, assim constituída, baseia-se na lógica semelhante àquela adotada em fábricas, com linhas de montagem e rígida divisão de trabalho, dedicado à obtenção de respostas quantitativas.

Apesar de discussões constantes a respeito, constata-se que a forma assumida pela escola está sendo adotada, ultrapassando-se limites temporais e territoriais. Apenas se alteram algumas estratégias ou equipamentos utilizados, mas a essência permanece a mesma, baseada em uma pessoa (com a soberania centrada na imagem do professor),

ensinando um grupo de alunos, deixando-se de valorizar as experiências pessoais extraclasse e de propiciar a interação.

Nesse processo, os alunos passam a entender que a nova forma de serem educados não se baseia na interação com outros indivíduos, sejam eles seus colegas ou pessoas mais experientes. Percebem que a nova forma de aprender corresponde a ouvir o que uma pessoa tem a ensinar, de maneira homogênea, a um grupo de alunos, organizados de frente para o professor, mas de costas para seus colegas, os quais passam pelo mesmo estágio de aprendizagem.

Nesses moldes, a escola assume apenas a preocupação com o ensino, e não com o processo de aprendizagem, limitando-se à organização de formas de ensinar, sem dedicar especial atenção ao modo como os alunos estão recebendo as informações e como ocorre, nesse público, o processo de aprendizagem. Nessa forma de organização da escola, ainda são ignorados os aspectos emocionais, relacionais e cognitivos dos indivíduos; adota-se um modelo organizativo rigidamente estável, com classes homogêneas quanto à idade e aos conhecimentos, o que evidencia a forma encontrada para a passagem histórica do método de ensino individualizado para o de ensino simultâneo, passagem esta até hoje não superada.

> Contudo e apesar deste processo de transformação da escola em uma escola de massas, aquilo que se passou a chamar a "indústria do ensino" permaneceu em um estádio artesanal que contribuiu para perpetuar a solução organizativa inicial: um professor, 30 alunos, uma sala retangular, um quadro-negro, uma hora de aula (CANÁRIO, 2006, p. 30).

Canário (2006) afirma, ainda, que moldar a criança está sendo o ponto de partida para transformá-la em aluno. Portanto, há naturalização da forma escolar: conteúdos divididos em lotes, a serem trabalhados sequencialmente; tempo dividido em aulas; alunos separados por idade ou por nível de aptidão. Tal forma de organização não incentiva uma postura crítica de mudança em relação às práticas adotadas pelos professores.

A legitimação da educação através da escolarização faz com que a escola possua um monopólio sobre a educação, subestimando processos de educação não-formal, a saber, aqueles desenvolvidos em instituições, como a família, os grupos de pares, as associações culturais, as organizações de trabalho, as bibliotecas públicas, entre outras. Esse consenso, que concebe a educação como intimamente vinculada à escolarização, precisa ser superado, já que, segundo o autor em referência, grande parte das experiências educativas

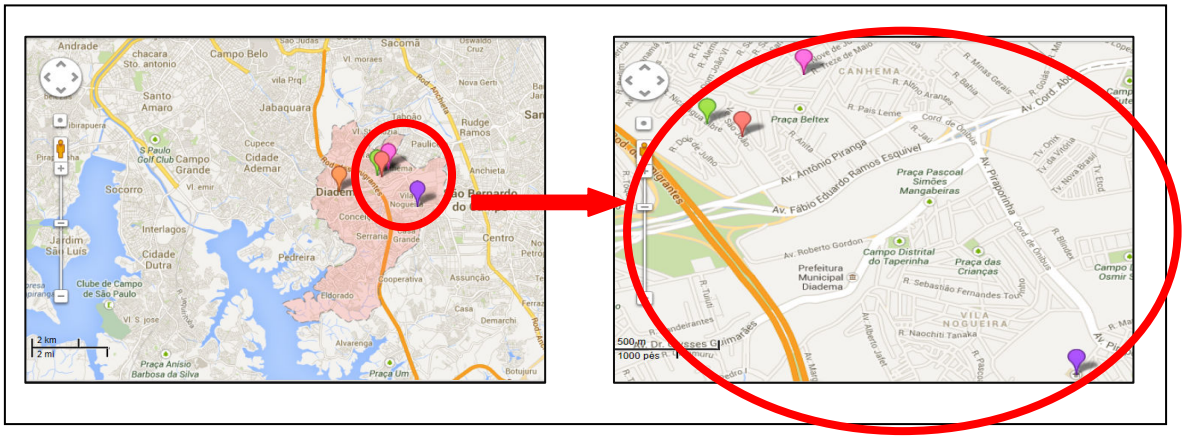
ocorre sem que as pessoas envolvidas se deem conta do processo pelo qual estão passando. “A aprendizagem ocorre no quadro das interações sociais com os colegas ou com as pessoas mais experientes, com as quais as relações de saber têm um caráter assimétrico” (CANÁRIO, 2006, p.36).

De acordo com Canário (2006), cada pessoa aprende por meio da interação com outras pessoas e por seus próprios trabalho e experiência. Portanto, são fatores fundamentais para o desenvolvimento educacional o contato com pessoas e com suas diversas experiências, a oportunidade de teste prático de habilidades, com a possibilidade de acertos, de tentativas e de erros.

Capítulo 2
Contexto e Procedimentos de Pesquisa

As instituições, campo da pesquisa estão localizadas no Município de Diadema (Figura 1).

Figura 1 – Mapa do munícipio de Diadema e localização das escolas participantes da pesquisa[2]



O município de Diadema está localizado a 17 km do centro de São Paulo, com 30,7 km^2 de área, cujo relevo apresenta-se na forma de pequenas colinas, com restritas áreas planas (KAWATA, 169). Segundo o PNUD/ 2011, possui IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,709, e atualmente abriga em seu território cerca de 386.089 habitantes (IBGE, censo 2010).

2.1. Histórico do Munícipio

De acordo com a equipe do Centro de Memórias de Diadema, a cidade, assim como muitos municípios brasileiros, constituiu-se, a partir de uma ordem religiosa. Por volta de 1700, a Vila Conceição, antigo povoado, pertencente ao município de São Bernardo do Campo, abrigava uma construção chamada "Casa dos Jesuítas", a qual servia como base

[2] Figura 1 – Produzida a partir do site https://maps.google.com.br e editada pela própria pesquisadora

logística a mercadores que transportavam produtos da cidade de Santos a Santo Amaro e a Embu. Em 1755, os jesuítas abandonaram essas terras, por determinação do Marquês de Pombal. Por volta de 1815, o Barão de Tietê conseguiu legalizar cerca de 65 alqueires de terra, tomando-os como sua propriedade.

Com a morte do proprietário, as terras foram divididas em duas glebas – o Curral Grande e o Curral Pequeno – as quais foram distribuídas a seus herdeiros. Porém, em 1850, esses herdeiros desentenderam-se entre si e fecharam o caminho comumente utilizado pelos viajantes (de Santos rumo a Santo Amaro e a Sertão de Embu), obrigando-os, dessa forma, a procurar novas rotas, distantes dos limites da antiga vila.

Com o passar do tempo, parte das terras foi ocupada por pessoas que reclamariam sua posse definitiva em anos posteriores. Essa ocupação, entretanto, não ocorreu na área correspondente à atual Diadema, pois nela ainda viviam seus herdeiros.

Até a década de 1940, a região de Diadema era constituída por quatro povoados pertencentes a São Bernardo, os quais, dispersos, eram ligados apenas por caminhos precários: Piraporinha, próximo a São Bernardo; Taboão, também ligado pela proximidade a São Bernardo e a São Paulo (pela avenida Água Funda); Eldorado, que guardava características muito próprias graças à represa Billings, vinculando-se mais a São Paulo, especificamente à região de Santo Amaro; e, finalmente, Vila Conceição, formada pelas chácaras, pertencentes ao loteamento da Empresa Urbanista Vila Conceição.

Em 1948, Vila Conceição elevou-se à categoria distrital. Na ocasião do evento, o dr. Adhemar Pereira de Barros era o Governador do Estado, e Miguel Reale, o Secretário de Justiça. Em 1953, sob a liderança do prof. Evandro Caiafa Esquível, foi iniciada uma campanha, sem sucesso, pela autonomia distrital de Diadema. A campanha contou com a participação da população, a qual não passava de 10.000 moradores.

Em 1958, juntamente com mais duzentos distritos paulistas, foi requerido junto à Assembleia Legislativa do Estado, o direito a plesbicito; porém, em agosto, apenas Diadema e Osasco ainda não haviam conquistado o direito de realização do plesbicito, o qual foi referendado ainda naquele ano, no início de dezembro, pelo sr. Governador do Estado, dr. Jânio Quadros.

A campanha pela emancipação de Diadema foi retomada com a participação de uma comissão organizadora, presidida pelo prof. Evandro Caiafa Esquível, e tendo como secretário o dr. Joviniano de Castilho Jr. Mesmo sob forte oposição da liderança de São Bernardo do Campo, o plesbicito foi realizado, com uma margem de apenas 36 votos; a

maioria, portanto, estabeleceu a emancipação político-administrativa de Diadema em relação a São Bernardo do Campo. Finalmente, em 1959, o prof. Evandro Caiafa Esquível foi eleito o primeiro prefeito de Diadema, empossando o cargo no dia 01 de janeiro de 1960.

A partir daí, o crescimento e o desenvolvimento do munícipio de Diadema foram determinados por suas especificidades locais e por ritmos próprios, de forma desordenada, apesar de sua trajetória ser marcada pela instalação de indústrias automobilísticas. Com a chegada das grandes indústrias, houve crescimento na procura de mão-de-obra e valorização dos loteamentos residenciais nas proximidades das indústrias, fazendo com que a população de menor renda procurasse terrenos mais acessíveis ao seu poder aquisitivo, iniciando-se, assim, o processo de favelamento das áreas periféricas do município (MARTINS, 2000; KAWATA, 2003).

Na década de 1970, Diadema passou a ser considerada violenta – muitos habitantes da cidade atribuíram essa fama aos moradores de baixa renda e também a outras minorias sociais, considerando-os empecilhos ao progresso. Nessa época, o município passou a ser popularmente conhecido como "cidade despejo". Lideranças de entidades assistenciais uniram-se às comunidades eclesiais e aos movimentos sindicais, iniciando os movimentos populares de reivindicação por maior independência política. Nesse contexto, ocorreu a construção do Partido dos Trabalhadores, tendo sido eleito o primeiro prefeito petista, Gilson Meneses (MARTINS, 2000, p. 26).

Muitos direitos e benfeitorias, como a urbanização e a humanização da cidade, foram conquistados a partir da força dos Movimentos Populares. Tais movimentos ajudaram a construir uma consciência política na população, que "buscava soluções duradouras e não mais discursos vazios, como aqueles profanados em campanhas partidárias" (MARTINS, 2000, p. 42).

Entretanto, de acordo com os dados da Secretaria de defesa social do município de Diadema, com o fechamento de muitas indústrias, muitos postos de trabalho foram eliminados, aumentando novamente as taxas de desemprego e de violência. Em função desses fatores, os trabalhadores começaram a lutar, organizando-se coletivamente, e a prefeitura, juntamente com o Conselho Municipal de Segurança, criou medidas direcionadas à melhoria da segurança no munícipio; um exemplo dessas ações municipais foi a Lei Seca, a qual estipulava o fechamento de bares e de restaurantes entre as 23h e 6h e proibia a venda de bebidas alcoólicas para crianças e jovens. Ainda, a prefeitura passou a

estimular projetos de incentivo a cultura e lazer no município (ANDRADE e REALI, 2012).

Segundo José Vicente da Silva Filho, pesquisador do Instituto Fernand Braudel, Diadema é a cidade que obteve maior queda no índice de violência no Brasil. (SCARPARO, 2003 *apud* KAWATA, 2003).

Essa trajetória de organização e de movimentos populares, juntamente com iniciativas municipais que contribuíram para a redução da taxa de violência, foi fator decisivo na escolha do município de Diadema para a realização desta pesquisa.

2. 2. Procedimento de Pesquisa

2.2.1. Seleção da instituição socioeducativa

Como expresso no item anterior, Diadema é um munícipio com ampla trajetória de movimentos populares e de participação política. Esse é um dos fatores principais para a escolha dessa localidade como cenário das pesquisas realizadas para esta produção.

Para selecionar a instituição socioeducativa que seria campo da pesquisa, localizei o endereço de diversas instituições no *site* da prefeitura de Diadema (http://www.diadema.sp.gov.br/). Em seguida, visitei várias instituições para selecionar a que melhor atendesse meus objetivos. Como mostra o quadro a seguir, foram visitadas instituições com foco em diferentes modalidades artísticas; no entanto, nem todas apresentavam uma característica fundamental: a evidência de que a participação juvenil era essencial para o desenvolvimento das atividades. Não era de interesse apenas lugares com grande adesão de jovens na participação das atividades oferecidas – era necessário um envolvimento maior de participação desses jovens, evidenciando que suas opiniões eram levadas em consideração no momento de tomada de decisão e na organização das atividades e dos espaços.

Quadro 1 – Cronograma de visitação dos Centros Culturais de Diadema

Instituição	Nº de visitas	Data das visitas	Atividades desenvolvidas
Centro Cultural Eldorado	2	01/09/2012 08/09/2012	Oferece atividades de formação e difusão nas áreas de teatro, dança, artes plásticas, hip hop, e também abriga o Cine Eldorado.
Centro Cultural Inamar	1	15/09/2012	Oferece oficinas e *workshops* nas diversas linguagens com foco na fotografia.
Centro Cultural Heleny Guariba	1	22/09/2012	Oferece oficinas e *workshops* nas diversas linguagens com foco na arte pública e literatura.
Centro Cultural Canhema	2	06/10/2012 13/10/2012	Oferece cursos de iniciação em Hip Hop e outras linguagens artísticas.
Centro Cultural Nogueira	1	20/10/2012	Oferece oficinas e *workshops* nas diversas linguagens com foco na dança.
Centro Cultural Clara Nunes	2	13/10/2012 30/10/2012	Destaca-se como espaço de excelência de cultura e artes.

Fonte: http://www.diadema.sp.gov.br

Com todas as características necessárias, foi encontrada uma instituição no bairro Canhema, conhecida com "A Casa do HIP HOP", que oferta atividades relacionadas ao Movimento Hip Hop (nesta pesquisa, o nome da instituição será mantido, com autorização dos coordenadores da instituição).

O movimento Hip Hop é uma modalidade de expressão artística composta de quatro elementos: a música, a dança, o grafite e a poesia. Foi, originariamente, criado como uma forma de protesto pacífica que *gangs* americanas rivais e vítimas de preconceitos (devido à cor negra e/ou condição social) encontraram para resolver suas diferenças e desavenças.

Canhema é um bairro localizado na zona leste de Diadema. De acordo com os dados expostos no *site* oficial do município, tem, aproximadamente, 2,050 km² e abriga cerca de 26.424 pessoas. O bairro, atualmente, está subdividido em alguns loteamentos – como Jardim Santa Rita, Vila Alice, Vila Ester, Vila Iran, Jardim Canhema, Vila Odete, Vila Cláudia, Vila Alice – e em outros núcleos habitacionais.

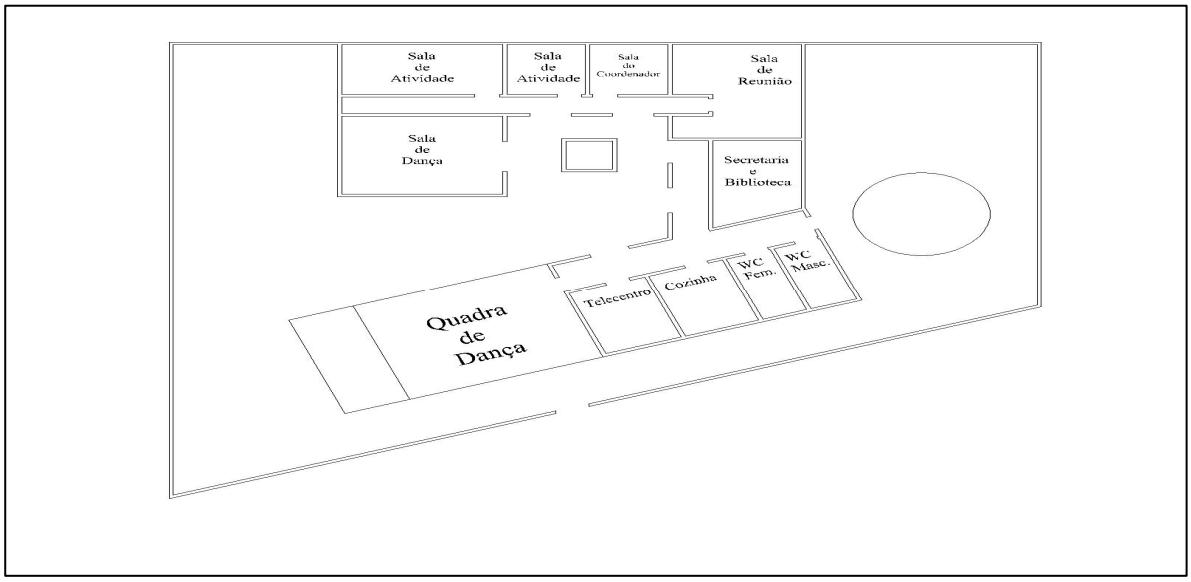
Segundo relato de moradores do bairro, Canhema conta com escolas municipais e estaduais, uma quadra comunitária, pequenos estabelecimentos comerciais – como

padarias, açougues, lojas de roupas –, pequenos mercados e um espaço de lazer e cultura, acima citado.

A referida instituição atende a pessoas de todas as idades, desde crianças bem pequenas até grupos de dança da terceira idade, distribuídas nas diversas oficinas e nos grupos de dança e de discussão oferecidos pela instituição. São oferecidas oficinas relacionadas ao Movimento Hip Hop – dança, grafitagem, discotecagem, poesia e literatura. É incentivada também a realização de grupos de danças diversas e de grupos de diálogos e reflexões, geralmente, nutridos com materiais presentes no acervo sobre a negritude no Brasil e a africanidade.

A instituição dispõe de coordenadores e de oficineiros, mas, em breve visita, foi possível observar também o envolvimento juvenil na organização e na limpeza dos espaços físicos, na manutenção de equipamentos tecnológicos e na participação e na realização das oficinas.

Figura 2 - Planta baixa da instituição socioeducativa[3]



2.2.2. Seleção dos jovens

Dentre todos os frequentadores da instituição, foi necessário mais um processo de seleção, agora realizado entre os jovens, para a escolha de quem poderia participar da pesquisa. A opção adotada foi por jovens moradores de Diadema – ou, pelo menos, por aqueles que tivessem morado por mais tempo no município – que, na ocasião da pesquisa, estivessem ainda matriculados na rede pública de ensino e por jovens que exercessem diferentes funções na instituição, como os participantes de oficinas, os responsáveis pela organização dos espaços e aqueles que apenas frequentavam as atividades oferecidas.

Os coordenadores foram responsáveis pela apresentação de dois jovens que exerciam alguma liderança. Foram eles um professor da oficina de Power Movie e um jovem que sempre representa a instituição em apresentações externas. Os demais foram chamados a participarem por sugestão destes primeiros.

Foram selecionados 12 jovens com idade entre 14 e 19 anos, de ambos os sexos. Alguns deles ocupavam funções diversas na casa, tais como líderes, oficineiros, entre

[3] Observação e desenho da própria pesquisadora. Essa imagem possui teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da instituição.

outros, e outros não exerciam nenhuma atividade organizativa, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Jovens selecionados para participarem do encontro com características de Grupo Focal

Jovem	Sexo	Idade	Atividade desenvolvida na Instituição
A	Masculino	19	Participa da oficina de dança e violão
B	Masculino	18	Professor da oficina de dança
C	Masculino	16	Participa da oficina de *break*
D	Masculino	18	Líder quanto à participação de eventos externos à instituição
E	Masculino	18	Professor da oficina de Power Movie
F	Masculino	14	Líder quanto à organização de evento e articulação com órgãos administrativos da Secretaria de Cultura e participante da oficina de dança
G	Masculino	18	Participa da oficina de *break*
H	Feminino	17	Participa da oficina de *break*
I	Masculino	15	Frequentador da casa, mas sem participação fixa em nenhuma oficina
J	Masculino	16	Participa da oficina de dança
K	Masculino	14	Participa da oficina de dança
L	Masculino	18	Participa da oficina de *street dance*

2.3. As técnicas adotadas nas instituições

2.3.1. Na instituição

Para a obtenção dos dados nessa instituição, foi escolhida uma técnica com encontros, com características de "grupo focal". Essa é uma técnica antiga, utilizada, inicialmente, nas pesquisas na área de *marketing*, por volta de 1950. Depois, ela passou a ser utilizada em pesquisas científicas por Merton, quando investigou a influência das propagandas em períodos pós-guerra – por causa de sua possiblidade de reunir pessoas para discutir um tema ou um problema a partir de sua experiência pessoal (GATTI, 2005).

O grande diferencial desse procedimento em relação aos demais é a possibilidade de obtenção de dados qualitativos e quantitativos, através da compreensão de alguns aspectos.

> O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes. Constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns

> traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p. 11).

No dizer de Gatti (2005, p. 9), ao se fazer uso da técnica do Grupo Focal, "há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam", por meio das diferenças existentes em valores, representações, ideias, sentimentos e comportamentos de grupos diferenciados de pessoas.

Essa técnica consiste em reunir um grupo de seis a doze pessoas, consideradas capazes de discutir questões acerca de um tema. O grupo deve ser composto, levando-se em consideração tanto a homogeneidade como a heterogeneidade, ou seja, todos os participantes devem ser familiarizados com o tema a ser discutido, porém devem ter pontos de vista e níveis de compreensão distintos sobre o assunto.

No caso desta pesquisa, a heterogeneidade foi garantida através da escolha de jovens de diferentes idades e de diversos níveis de atuação dentro da instituição. Foram escolhidos, assim, alguns participantes das atividades, além de outros que atuavam na organização destas, para estimular a interação entre os participantes e enriquecer a troca de informação.

O estímulo à discussão e a sugestão dos temas a serem trabalhados foram realizados por mim, na condição de moderadora, e o registro, neste trabalho, foi feito através de gravação de áudio.

Um fator decisivo, na seleção desta técnica, foi a possibilidade de confrontar os dados dos participantes obtidos, por meio das discussões realizadas com dados documentais e narrativas de funcionários das escolas onde esses jovens estavam matriculados. Não há, na obra de Gatti (2005), qualquer referência à obrigatoriedade quanto à realização desse confronto de dados de diferentes ferramentas de pesquisa com outras ferramentas de pesquisa. Apesar disso, a autora prevê a associação dos dados obtidos nos grupos com dados obtidos através de outras técnicas e afirma que este direcionamento deve ser planejado, a partir dos objetivos da investigação.

> Essa técnica é empregada com várias finalidades, em contextos diversificados e para a análise de múltiplas questões, na dependência do problema que cada pesquisador se propõe
> Pode ser usada para a busca de aperfeiçoamento e de aprofundamento da compreensão, a partir de dados provenientes de outras técnicas, ou para orientar posteriormente o planejamento de um estudo em larga escala com outros instrumentos. É uma técnica de levantamentos de dados muito rica para capturar formas de linguagem, expressões e tipos de comentários de determinado segmento, o que pode ser fundamental para a realização de estudos posteriores

> mais amplos, com emprego de entrevistas e questionários (GATTI, 2005, p. 11-2).

Antes da realização dos encontros com características de grupo focal, os jovens foram reunidos para uma curta e informal conversa, que objetivava a apresentação da pesquisadora, bem como as características, o objetivo e a metodologia da pesquisa da qual iriam participar. Foi possível também realizar a apresentação dos jovens, entregar o termo de livre consentimento e conhecer, por meio dos seus relatos, em quais escolas públicas estavam matriculados, bem como os respectivos endereços dessas escolas.

Outras duas visitas, uma no dia 17/11/2012, outra no dia 24/11/1012, foram realizadas com o intuito de melhor conhecer as atividades propostas e também como forma de aproximação com os sujeitos da pesquisa, a fim de evitar um possível ocultamento de informações, durante as conversas de grupo focalm resultante da falta de intimidade, ou de retraimento por parte dos jovens.

Essas visitas foram realizadas, semanalmente, durante os sábados, à tarde – horário de maior movimentação e fluxo de pessoas. No período, foi realizada também uma visita ao Teatro Municipal, por ocasião de uma apresentação de dança, realizada pelos participantes da pesquisa, e dois encontros para efetivar os Grupos Focais, conforme o cronograma abaixo:

Quadro 3 - Cronograma de atividade na instituição socioeducativa

Visita	Data	Local	Objetivo
1ª	03/11/2012	Centro Cultural	Apresentação da pesquisa aos coordenadores e jovens participantes. Entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para preenchimento.
2ª	17/11/2012	Centro Cultural	Conhecer as atividades realizadas e aproximação com os jovens
3ª	24/11/1012	Centro Cultural	Conhecer as atividades realizadas e aproximação com os jovens
4ª	30/11/2012	Teatro Municipal	Assistir a uma apresentação externa e aproximação com os jovens.
5ª	01/12/2012	Centro Cultural	Realização do 1º encontro, com características de Grupo Focal
6ª	08/12/2012	Centro Cultural	Realização do 2º encontro, com características de Grupo Focal

Depois das conversas com os sujeitos da pesquisa e após a seleção das escolas participantes, foi entregue, na Diretoria de Ensino da Região de Diadema, uma solicitação de autorização para a realização da pesquisa. Naquele documento, constavam

os dados pessoais da pesquisadora, da instituição responsável pela pesquisa, os objetivos, a metodologia e o nome das escolas a serem visitadas para a obtenção dos dados. A pesquisa foi autorizada três meses após sua solicitação, e, a partir de então, iniciei as visitas nas escolas, as quais foram nomeadas de forma fictícia, para se preservar sua identidade.

2.3.2 - Nas escolas

De acordo com a indicação dos alunos, foram selecionadas três escolas públicas, que eles, simultaneamente, frequentavam – todas pertencentes à rede Estadual de Ensino. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas (Anexos 2 e 3), com pessoas responsáveis por diferentes funções nas escolas, que, de alguma forma, exerciam algum tipo de influência sobre os alunos.

A realização dessas entrevistas, no inicio do ano de 2013, foi um meio encontrado para obtenção de dados das escolas. Inicialmente, porém, pretendia obtê-los pelo exame de documentos escolares, como livros de atas de reuniões, registros disciplinares, atas de reuniões de Conselho de Escola, Grêmio, registros de festas ou eventos ao final do ano letivo de 2012. Mas, isso não foi possível devido à dificuldade de entrada nas escolas nesta época. As visitas foram realizadas de acordo com o quadro, a seguir:

Quadro 4 – Cronograma de visitação nas escolas

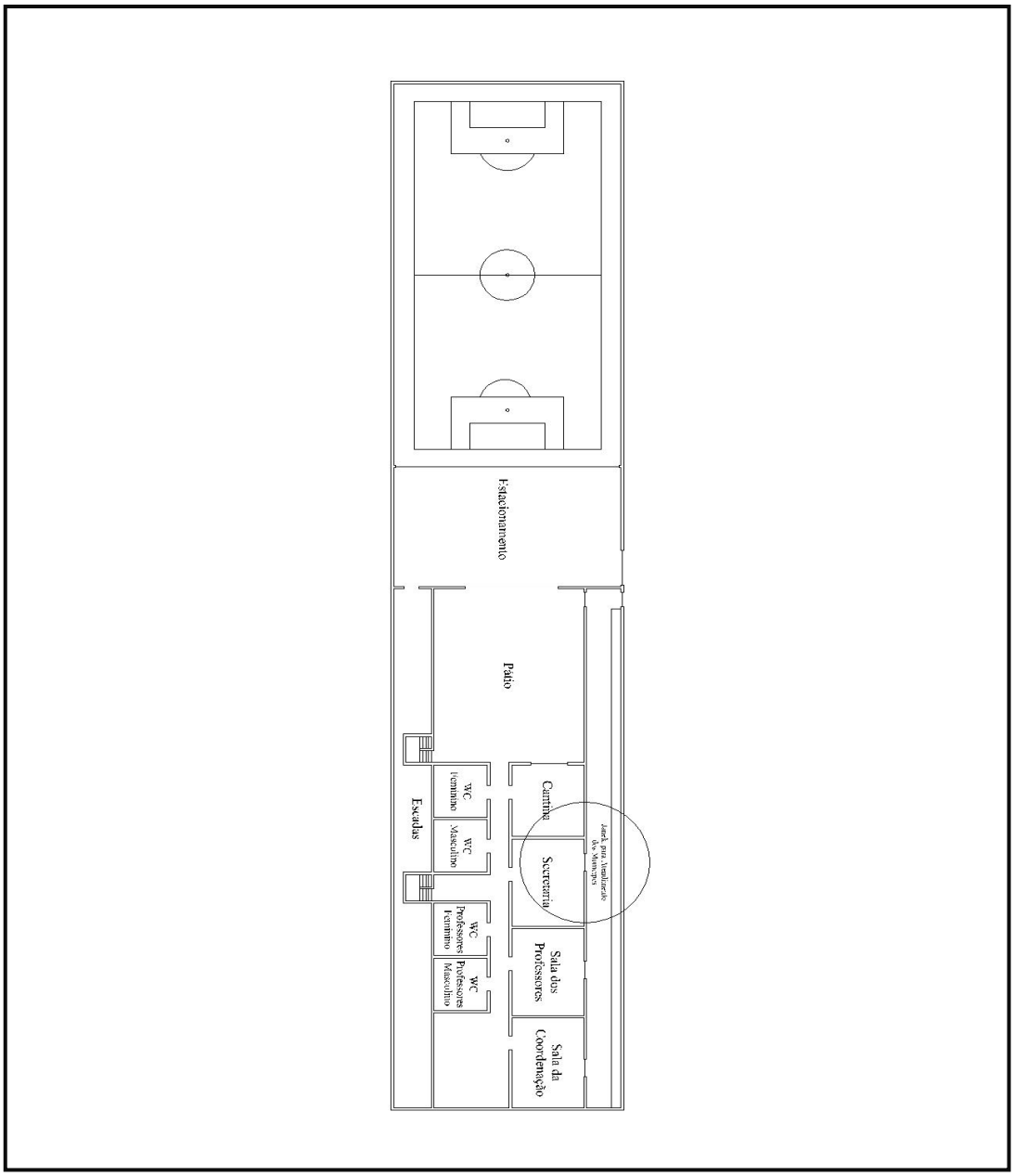
Nome da escola	Jovens matriculados	Visitas	Data	Objetivo
Canhema I	H - Mulher 17 anos, J - Homem 16 anos, K - Homem 16 anos, L - Homem 17 anos	4	22/11/2012	Conhecer a escola, apresentar e solicitar autorização para realização da pesquisa.
			24/11/2012	Participar da Mostra de atividades acadêmicas, desenvolvidas durante o ano.
			28/03/2013	Agendar as entrevistas
			08/04/2013	Realizar a entrevista com a coordenadora e com a professora responsável pela sala de leitura
Canhema II	F - Homem 14 anos	4	27/11/2012	Conhecer a escola, apresentar e solicitar autorização para realização da pesquisa.
			08/03/2013	Conversa com as coordenadoras pedagógicas.
			29/03/2013	Acompanhamento da eleição do grêmio.
			05/04/2013	Entrevista com a Diretora da escola.
Vila Nogueira	A - Homem 19 anos, B - Homem 18 anos, C - Homem 16 anos, D - Homem 18 anos, E - Homem 18 anos, G- Homem 18 anos, I - Homem 15 anos	6	22/11/2012	Tentativa de agendar a data para entrevista.
			27/11/2012	Tentativa de agendar a data para entrevista.
			07/03/2013	Conhecer a escola, apresentar a pesquisa e agendar as datas das entrevistas.
			14/03/2013	Realizar a entrevista com professor de Educação Física e coordenadora pedagógica.
			25/04/2013	Realizar a entrevista com o professor de Educação Física.
			29/04/2013	Realizar a entrevista com o vice-diretor.

1ª Escola

A primeira escola visitada – chamada, nesta pesquisa de "Escola Canhema I" – localiza-se muito próximo à instituição acima citada. De acordo com a coordenadora pedagógica, conta atualmente com cerca de 572 alunos, distribuídos da seguinte maneira: 364 alunos matriculados no Ensino Fundamental e 208 alunos, no Ensino Médio. A escola atende 3 salas da 8ª série, 2, do 1ª ano do Ensino Médio, uma do 2º ano e uma do 3º ano do Ensino Médio, no período da manhã; duas salas da 5ª série, três da 6ª série e duas da 7ª série, no período da tarde; e duas salas no período noturno – uma do 2º ano e uma do 3º ano do Ensino Médio. Atualmente, além das salas de aula, a escola dispõe de uma sala de recursos, uma sala destinada ao Acessa Escola, uma quadra poliesportiva descoberta, uma área de estacionamento para funcionários, um pátio coberto e uma Sala de Leitura.

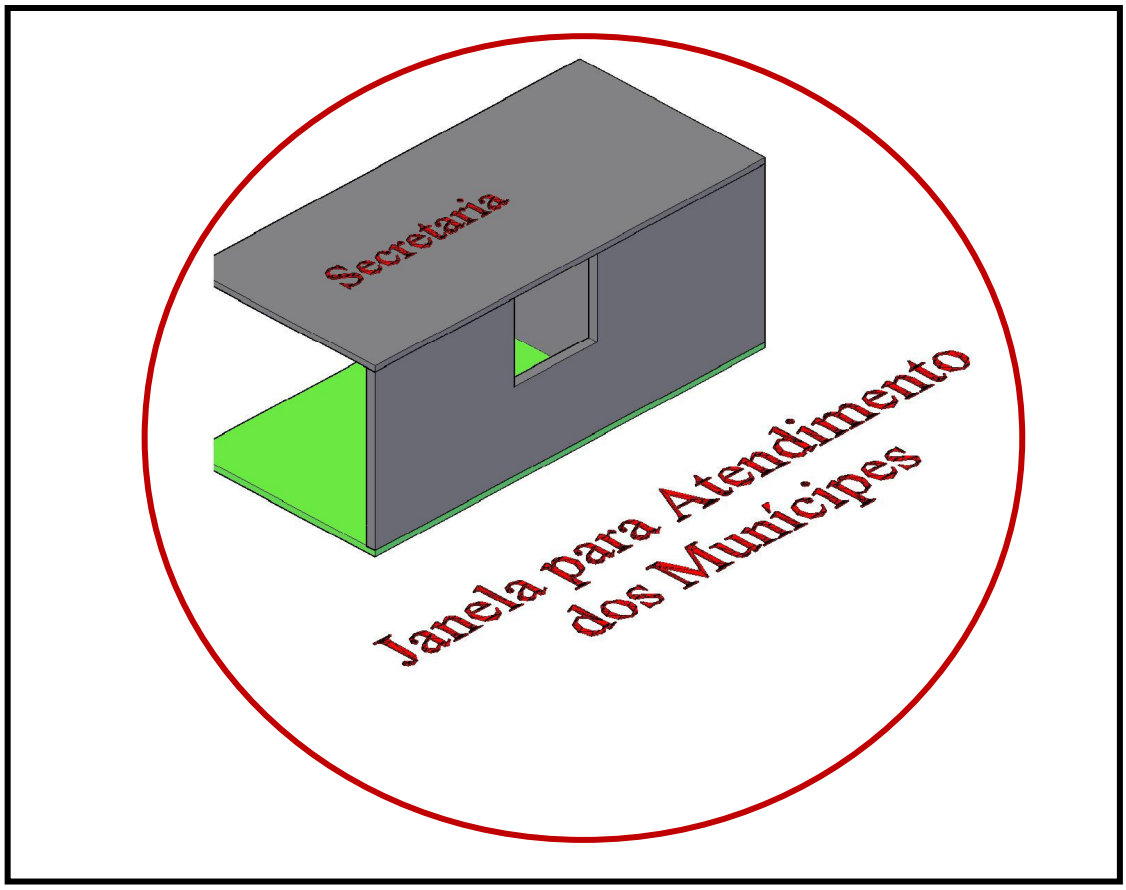
A escola possui dois andares de salas de aulas, sem nenhuma estrutura de acessibilidade a deficientes físicos para os pavimentos superiores, como rampas de acesso, por exemplo. Possui banheiros para uso dos alunos apenas localizado no pátio, no piso inferior (Figura 1). A área administrativa é composta por uma sala de Direção, por uma sala dos Professores e pela Secretaria, a qual atende à comunidade por uma janela, que dá acesso à parte externa da escola, a qual fica aberta durante todo o horário de funcionamento da instituição (Figura 4). A escola dispõe de equipamentos de áudio e vídeo, como caixas de som, telões, televisores, *datashow* e câmeras fotográficas.

Figura 3 – Planta Baixa do pavimento inferior da Escola Canhema 1[4]



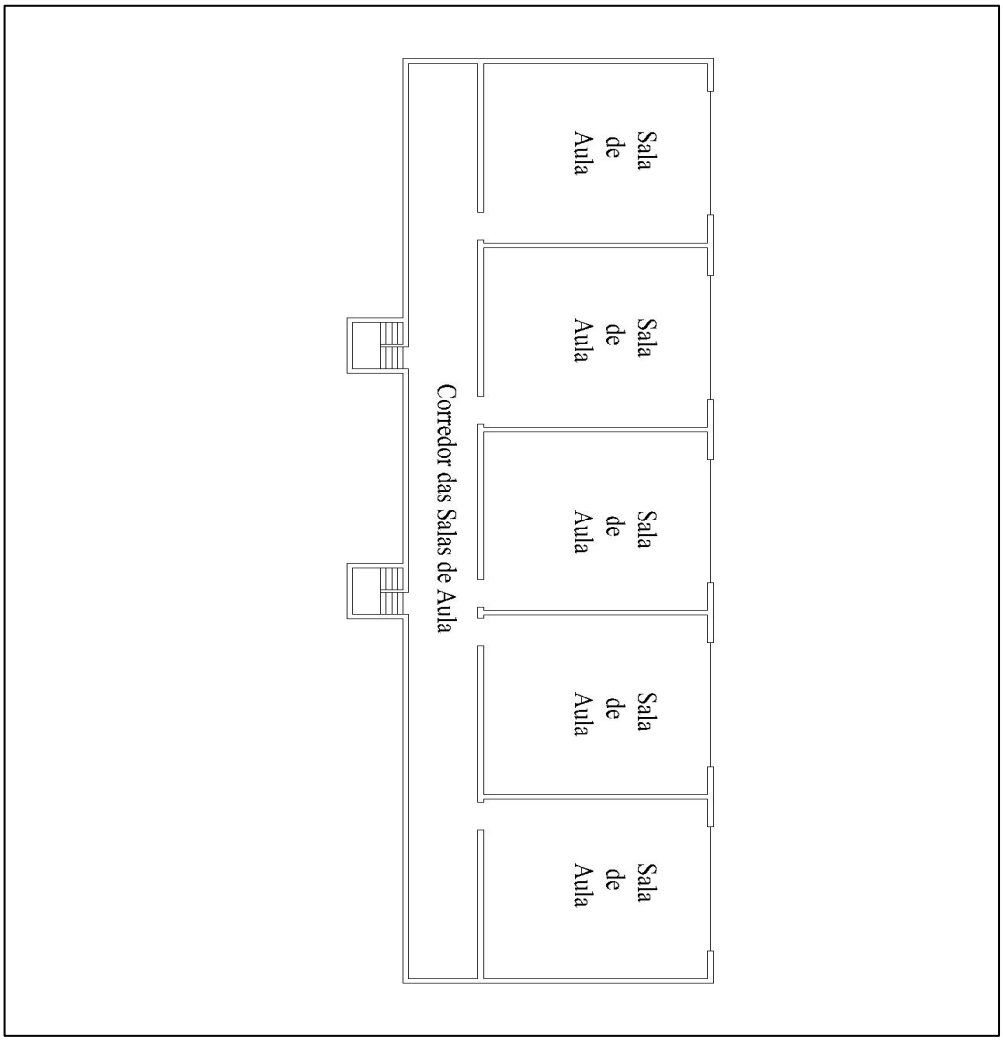
[4] Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possui teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da escola.

Figura 4 – Representação do acesso de comunicação entre comunidade e secretaria escolar[5]



[5] Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possuir teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da escola.

Figura 5 – Planta baixa do 1º e 2º andares da escola Canhema I[6]



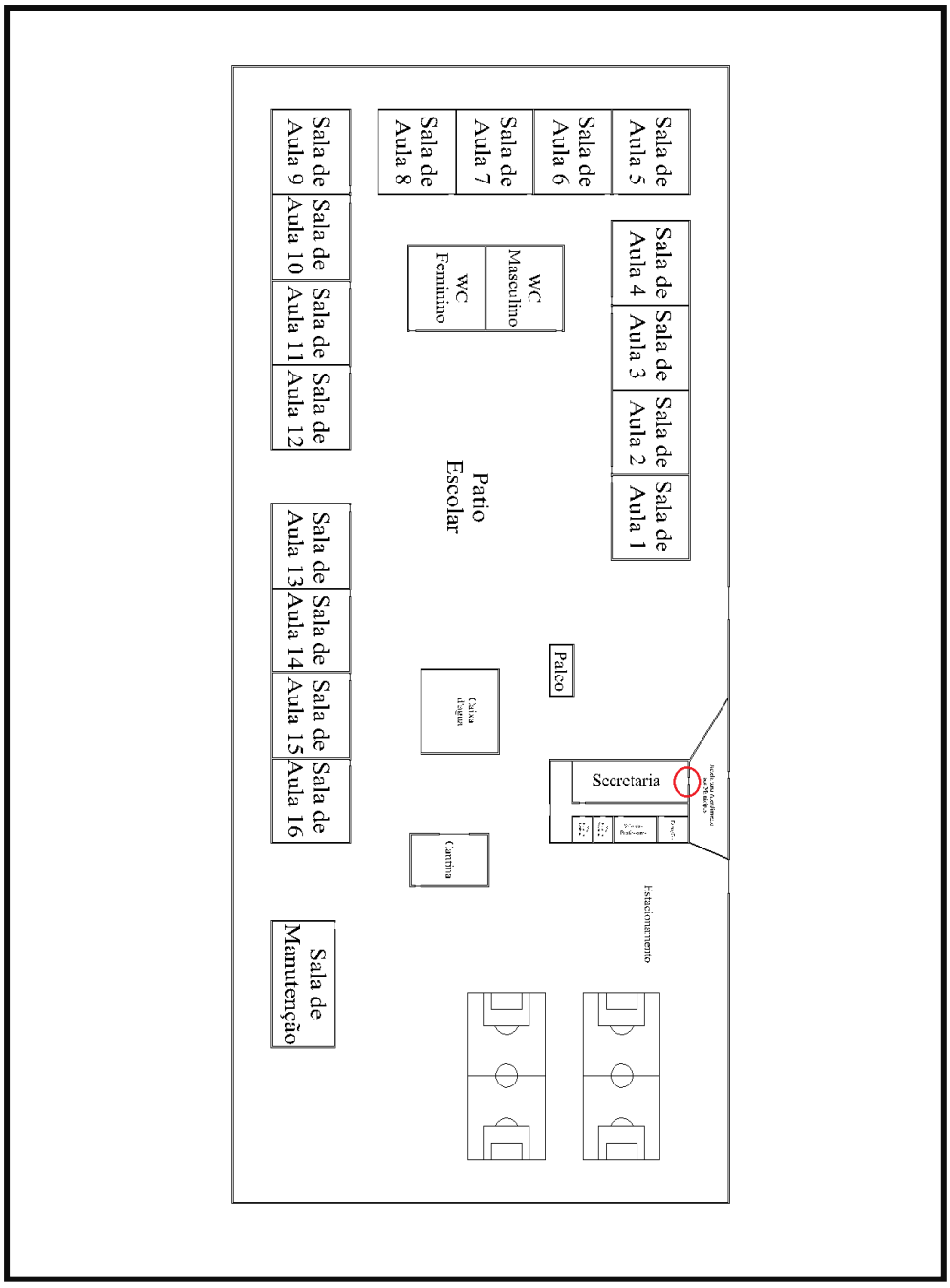
A segunda escola, que será chamada, nesta pesquisa, de "Escola Jardim Canhema II", localiza-se também no Bairro Canhema. Conforme documento que contempla a Proposta Pedagógica, possui 16 salas de aula, sendo: uma sala do Acessa Escola, uma sala de Leitura, uma sala de multimídia e um Laboratório, além das salas de aula convencionais. As demais dependências são um pátio, com aproximadamente 200 m², uma cozinha e banheiros (femininos e masculinos) para os alunos. O espaço administrativo é composto pela secretaria, pela sala da Direção, pela sala dos professores e por banheiros (femininos e masculinos) para professores e funcionários. A escola possui também uma quadra coberta, com aproximadamente 600 m², uma pequena quadra de voleibol e um

[6] Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possui teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da escola.

estacionamento com 14 vagas para veículos de professores e funcionários. A entrada dos alunos é feita pelo portão principal e possui dois lances de escadas, o que aparentemente dificulta a acessibilidade a deficientes físicos e portadores de outras necessidades especiais. A entrada para atendimento à comunidade é feita por outro acesso.

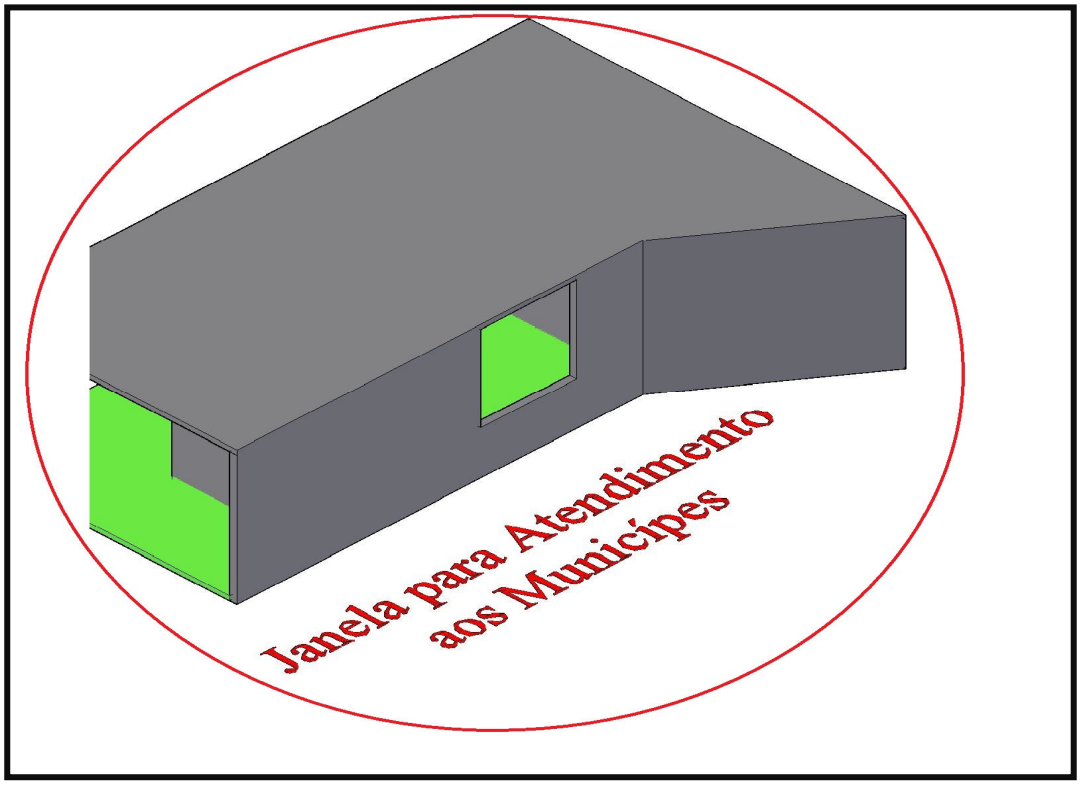
A escola atende, hoje, cerca de 1000 alunos, distribuídos em 24 turmas sendo: no turno da manhã, 1 turma da 7ª série, 4 turmas de 8ª série, 2 do 1º Ensino Médio e 1 do 2º ano do Ensino Médio; no turno da tarde, 2 turmas de 5ª série, 3 turmas de 6ª série e 3 turmas de 7ª série; o período noturno atende 2 salas do 1º ano do Ensino Médio, 4 salas do 2º ano do Ensino Médio e 2 salas do 3º ano do Ensino Médio.

Figura 6 - Planta Baixa do pavimento inferior da Escola Canhema II[7]



[7] Figura 6 – Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possuir teor ilustrativo, não seguindo rigorosamente as proporções reais da escola.

Figura 7 – Representação do acesso de comunicação entre comunidade e secretaria escolar[8]



Por fim, foi visitada a escola localizada no bairro Vila Nogueira, o qual, segundo o *site* oficial do município, conta com 1,762 km² e possui cerca de 33.916 habitantes. De acordo com a "Introdução", na página 1, do Projeto Político Pedagógico da escola, esse é um bairro considerado periférico, localizado na divisa dos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo, mas possui recursos, como hospitais, agências bancárias e de correios, postos de saúde, pequenos comércios, além de empresas e indústrias. A primeira página do referido Projeto (único trecho a que tive acesso) caracteriza a comunidade como "carente", mas registra também que muitos familiares são "bem estruturados", pois podem pagar cursos de computação para seus filhos.

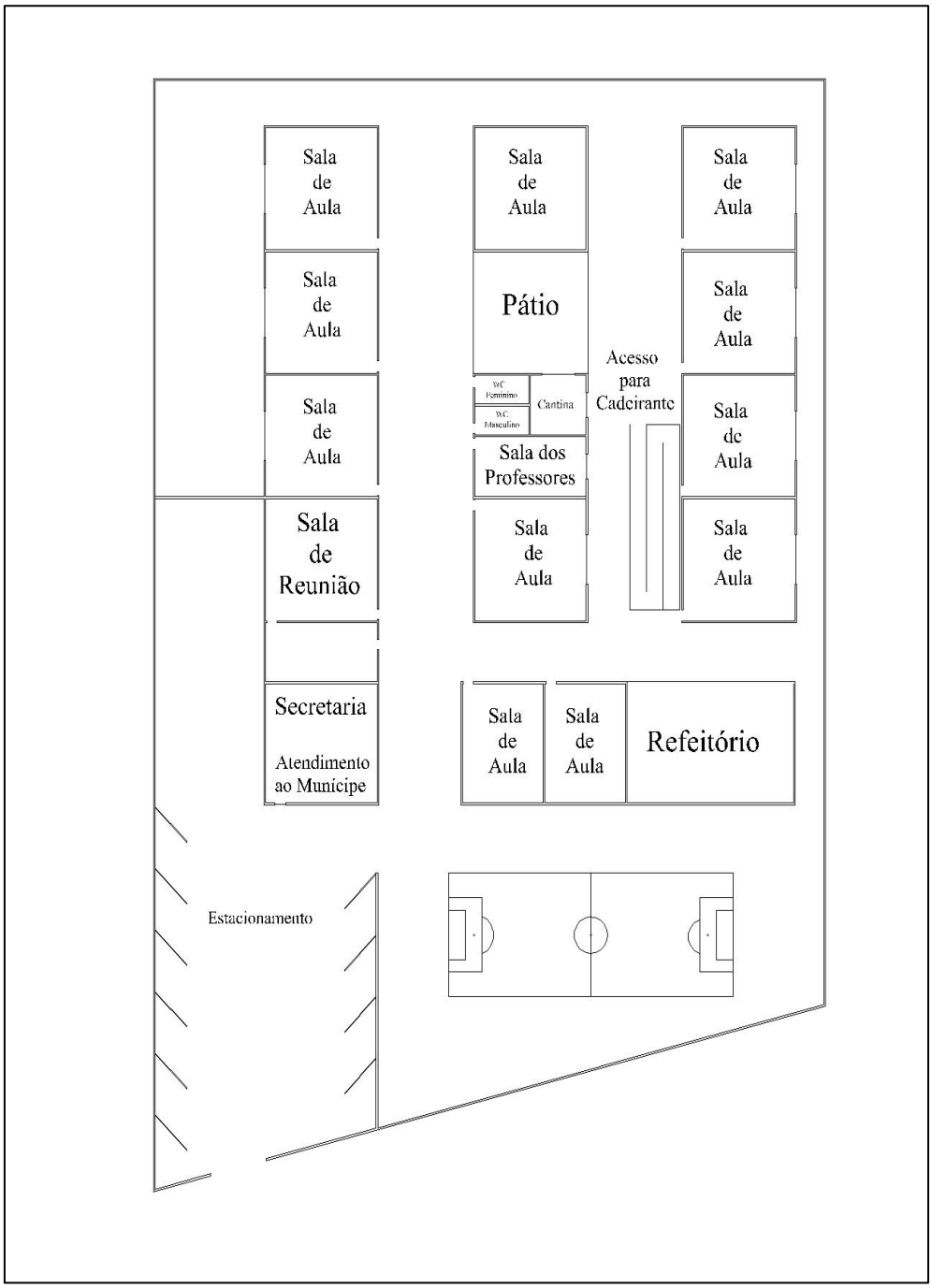
Segundo relato de um dos vice-diretores, a escola atende hoje cerca de 1520 alunos, sendo 480 matriculados na 7ª ou 8ª séries, no período da manhã; 460 nas 5ª ou 6ª séries, no período da tarde; e, aproximadamente, 580 alunos, cursando o Ensino Médio, no período noturno. A escola dispõe de uma ampla variedade de espaços físicos e de equipamentos.

Atualmente, conta com 15 salas de aula, pintadas e conservadas pelos alunos, e uma sala de recursos, a qual atende alunos portadores de necessidades especiais,

[8] Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possui teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da escola.

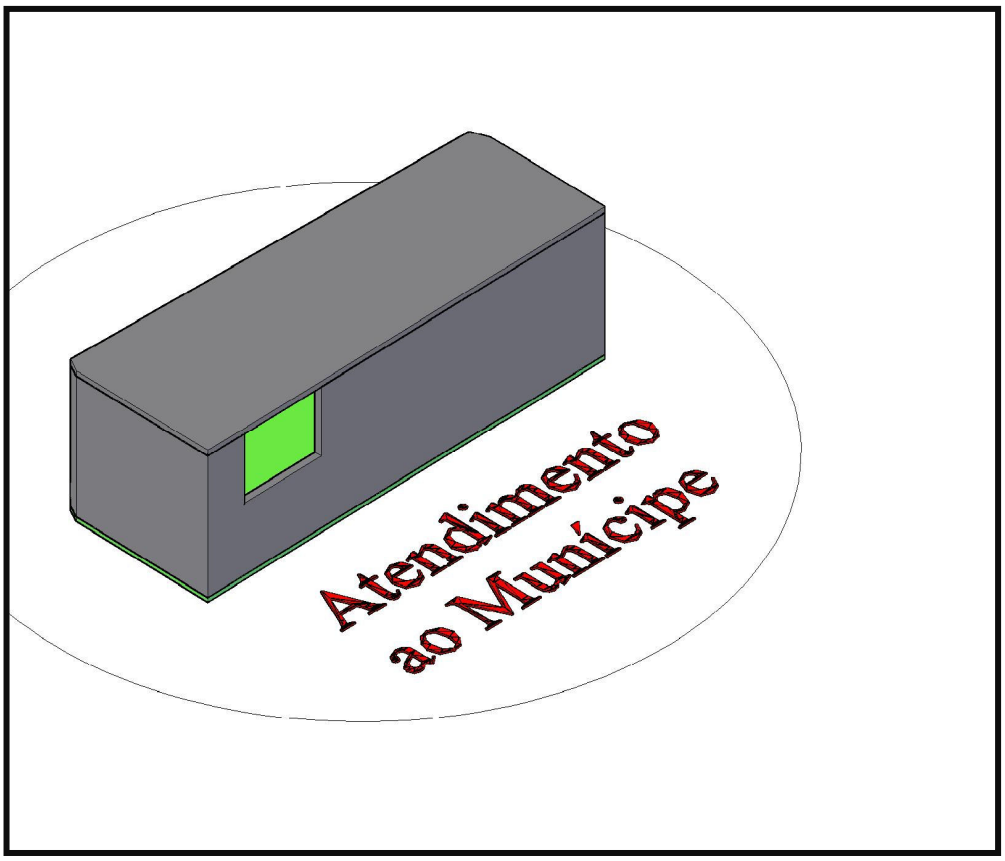
particularmente cadeirantes e deficientes intelectuais, nos períodos da manhã e da tarde. Há, na escola, uma sala disponibilizada para o Acessa Escola, a qual utiliza o "Intragov", um provedor do Estado para acesso à *internet*. Ainda possui uma sala de vídeo, com moderno equipamento de áudio e vídeo. Possui também uma quadra poliesportiva e um pátio, ambos cobertos, uma cantina mantida pela APM, um refeitório com serviços de merenda (serviços terceirizados, como também o são os de limpeza), um espaço organizado como biblioteca para pesquisas e para estudos e dois banheiros adaptados. A escola possui agradável área de circulação, com corredores descobertos, jardins bem cuidados e rampas de acesso a todos os pavimentos. Para atendimento da comunidade, a escola disponibiliza uma janela de acesso à secretaria, a qual se liga ao estacionamento dos funcionários. Nesta pesquisa, essa escola será chamada de "Vila Nogueira".

Figura 8 - Planta baixa da Escola Vila Nogueira[9]



[9] Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possui teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da escola

Figura 9 – Representação do acesso de comunicação entre comunidade e secretaria escolar[10]



Nessas escolas, foi observada a rotina diária e foram realizadas entrevistas com funcionários, professores, inspetores de alunos e serventes, de forma a encontrar indícios de atividades escolares e aquelas desenvolvidas fora do horário regular das aulas (como práticas culturais, grêmios, times esportivos, colegiados), bem como para conhecer o grau de aceitação de regras e normas.

As observações dos fatos, os registros dos dados, a quantificação de suas recorrências, assim como a compreensão e a interpretação dos discursos, constituem a fundamentação deste trabalho. Trata-se de um processo de leitura da realidade, feita a partir da fala e da escuta. Os fatos e as falas determinaram o ponto de vista dos personagens desta pesquisa, os quais serviram de apoio ao processo de construção do trabalho científico.

[10] Observação e desenho da própria pesquisadora. Esta imagem possui teor ilustrativo, não seguindo, rigorosamente, as proporções reais da escola.

As categorias construídas a partir do referencial teórico, expressas na Tabela 1, nortearam a observação e a análise dos dados coletados nas quatro instituições.

Tabela 1 – Categorias norteadoras para observação e análise de dados

Categorias	Indicadores
Diálogo	Disponibilidade da escola para acolhida da pesquisa da direção, ou dos coordenadores da escola e/ou da instituição não escolar para ouvir as reivindicações dos alunos; predisposição dos professores para esclarecimentos de dúvidas e troca de ideias. Apoio na escola para a construção de colegiados de alunos, tais como grêmio escolar.
Participação	Participação dos alunos em decisões que lhes dizem respeito, nas duas instituições. Na escola, em reuniões, por meio dos seus representantes (o Conselho de Escola), nas atividades de planejamento para a construção do Projeto Pedagógico, ou seja, nos diferentes colegiados da escola.
Satisfação	Pronto atendimento às propostas de atividades. Existência de casos isolados de indisciplina. Índice baixo de ausência às aulas. Bons resultados nas avaliações. Manifestações de entusiasmo e alegria e relações não conflituosas durante o período em que estão presentes nas instituições, por parte de todos: alunos, direção ou coordenadores, professores.
Autonomia	Não bloqueio de iniciativas, respeito a limites. Abertura para emitir opiniões, disponibilidade para ouvir o outro.

Capítulo 3
Descrição e análise dos dados obtidos

Este trabalho teve como objetivo principal analisar a conduta dos jovens envolvidos na pesquisa, tentando levantar indícios do que pôde levá-los a desempenharem atitudes de resistência, ou não, nas instituições que frequentavam. Sem a pretensão de encontrar soluções para alguns problemas encontrados nas instituições, esta pesquisa levanta questionamentos a respeito das práticas educativas desenvolvidas.

Reconhecendo a natureza distinta das instituições analisadas, não é possível ignorar o objetivo central e comum entre elas, o educar. Pensando nisto, os dados foram analisados com base nas teorias de Apple (2001), em especial sobre escola democrática, e Gimeno Sacristán (2005) sobre a tentativa de estabelecer uma educação, a partir de quatro categorias: diálogo, participação, autonomia e satisfação. Essas são categorias fundamentais para o estabelecimento de preceitos verdadeiramente democráticos – uma categoria está diretamente relacionada às demais; logo, alguns dados poderão ser encontrados nas análises de mais de uma categoria.

Vale destacar quão difícil foi tentar separar as análises da categoria "satisfação" das demais categorias, já que esta pode até ser considerada como um indicativo do sucesso, ou ausência das demais.

Assim como a satisfação, questões referentes ao diálogo permearam toda a pesquisa, pois estiveram presentes, mesmo quando as discussões estavam pautadas em assuntos referentes à participação ou autonomia – a participação sugere abertura e confiança entre as pessoas e quanto maior a incidência de cultura participativa, maior será a autonomia dispensada aos membros de uma instituição, já que tanto a autonomia quanto a participação só acontecem quando a relação é permeada por confiança e esta só é conquistada a partir do diálogo.

Em todas as instituições, a categoria "diálogo" é necessária para analisar as formas de relacionamento entre as pessoas, seja para discutir os benefícios trazidos para as condutas dos jovens, seja para discutir os possíveis prejuízos causados em relações caracterizadas por sua ausência. As pessoas não precisam, necessariamente, concordar em tudo umas com as outras, mas qualquer relação saudável deve ser baseada no respeito e

este é uma das principais exigências para que as pessoas demostrem satisfação com relação às atividades oferecidas pelas instituições.

3.1. Categoria Diálogo

Em relação à categoria Diálogo, foram observados, primeiramente, indicativos, como a recepção da minha presença na escola e cordialidade dos funcionários das instituições diante da pesquisa. Foi observada também a disponibilidade dos coordenadores das instituições em ouvir reivindicações dos alunos, predisposição para esclarecimento de dúvidas e troca de ideias, apoio da instituição para a construção de colegiados e outras formas de organização.

Em diversas ocasiões, minha impressão, com relação à instituição – escola ou instituição socioeducativa –, coincidiu com a opinião dos jovens expressa em suas falas, durante os encontros com características de grupo focal. As primeiras análises puderam ser feitas, a partir da forma de como eu, como pesquisadora, fui recebida pela equipe escolar e as exigências feitas para que a pesquisa fosse autorizada. De imediato, foi possível perceber em qual escola seria mais fácil estabelecer uma boa comunicação e qual dificultaria a execução da pesquisa.

No dia 24 de novembro de 2012, foi realizada a primeira visita na Casa Canhema, localizada no Jardim Canhema, em Diadema. Ao chegar à instituição, a recepção foi bastante cordial.

Naquele dia, estavam sendo feitos os preparativos para a realização de um evento do qual participariam algumas pessoas importantes na área da cultura. Estavam presentes muitas crianças, jovens, adultos e alguns idosos. Tinha-se a impressão de que as pessoas organizavam-se de forma a agilizar a configuração dos espaços destinados à recepção dos convidados. Era muito grande o número de jovens envolvidos nessa organização – havia grupos testando equipamentos eletrônicos, outros organizando o espaço físico, preparando assentos para pessoas com dificuldade em permanecer em pé, alguns cuidando da limpeza dos espaços comuns (banheiros, salas de oficinas) e encerando o piso do pátio principal para a realização do que eles denominaram “racha”.

O racha é uma competição de dança organizada da seguinte maneira: são convidados 3 jurados – pessoas conhecedoras do Movimento Hip Hop – para a escolha do

melhor B. Boy (dançarino dessa modalidade artística) do evento, dentre um grupo numeroso, previamente inscrito. O DJ coloca uma música e "entram para o racha", ou seja, apresentam-se, simultaneamente, no pátio central, 2 dançarinos, ou dançarinas, as conhecidas B. Girls. Ao final da música, cabe aos jurados apontarem para aquele que realizou melhor apresentação. Em cada dupla que se apresenta, o dançarino que perder sai da competição, e o vencedor volta a competir com os vencedores das outras duplas, e, assim, sucessivamente, até restar um único vencedor.

Após as apresentações no "racha", aconteceu uma roda de conversa com algumas personalidades militantes do movimento negro no Brasil, cujo tema principal foi a questão racial e social no país. Para a realização dessa conversa, as pessoas foram organizadas em torno de um círculo, com um jovem que ministra a oficina de discotecagem na moderação da conversa e na apresentação dos convidados, entre eles Nelson Triunfo – um dos pioneiros do Movimento Hip Hop no Brasil. Mesmo estando presentes as personalidades citadas como centro das conversas, todas as pessoas que quisessem falar tinham acesso ao microfone. A participação de adolescentes e jovens foi intensa, tratando desde temas, como a chegada do Movimento Hip Hop no Brasil até temas, como discriminação racial, cotas nas Universidades públicas, entre outros.

Segundo Apple (2001), um educador democrático deve oferecer ao seu aluno um leque de possibilidades de informações e de opiniões, de forma a promover o pensamento crítico e a livre expressão de ideias. O educador deve proporcionar oportunidades de reflexão sobre a sociedade, encorajando o aluno a questionar sobre o que a sociedade tenta obrigá-lo a aceitar, muitas vezes de forma cruel.

Quando os educadores propõem essas "rodas de conversas", aparentemente estão oferecendo, essa oportunidade. Ao receberem os jovens na instituição, não se preocupam apenas com o desenvolvimento de uma modalidade artística, mas usam esse atrativo como forma de aproximação para, assim, poderem auxiliar esses jovens a terem um desenvolvimento mais amplo. Não tentam fazê-los esquecer da realidade sofrida fora dos muros da instituição; pelo contrário, instigam a reflexão, provocam o questionamento, posicionam-se criticamente contra o racismo e a injustiça. "Os educadores democráticos não procuram apenas amenizar a dureza das desigualdades sociais na escola, mas mudar as condições que as geram" (APPLE e BEANE, 2001, p.1 24).

Esses foram os primeiros indícios de como a relação entre os jovens e os adultos, responsáveis pela organização da instituição, foi permeada pelo diálogo como exemplos de

oportunidade de discussão de ideias, espaço de representação juvenil etc. Essas observações puderam ser confirmadas, em alguns trechos das falas de jovens, na ocasião da realização dos encontros com características de grupo focal, por meio das respostas obtidas a partir do questionamento sobre a existência, na casa, de algum momento destinado à troca de informações, discussão sobre a questão racial etc.

> *Sempre tem lá fora, o pessoal mais voltado ao rap, fazendo discussões, basta você querer participar, porque eles não obrigam ninguém a falar*. (L – Homem 17 anos).
>
> *Nestes próprios eventos tem. Sempre tem grupo que vem cantar, de vez em quando, tem palestras.* (G – Homem 18 anos).
>
> *Qualquer um pode falar, o microfone fica aberto para todo mundo.* (C – Homem 16 anos*).*

Nessa visita, pude conhecer os coordenadores da instituição e apresentar a pesquisa, que foi recebida com aparente entusiasmo. Os próprios coordenadores me apresentaram a alguns jovens, principalmente àqueles que ministravam oficinas. Durante o evento, pude, aos poucos, conversar com eles e perceber quais se destacavam, tanto pelo sucesso na dança, quanto pelo empenho na organização do evento.

Coincidindo com a primeira impressão que tive em relação às pessoas da casa, em todas as vezes fui recebida de forma bem satisfatória – em nenhum momento, apresentaram qualquer forma de impedimento para a realização da pesquisa. O tratamento a mim dispensado foi, aparentemente, semelhante ao tratamento dispensado aos jovens frequentadores da casa. Em diversos momentos, fui informada de que a casa estaria sempre aberta às visitas, e as pessoas mostraram-se sempre dispostas a colaborarem.

Cerca de 17 jovens foram convidados para uma conversa que aconteceria no sábado seguinte, após a primeira visita, na própria instituição. No dia combinado, apareceram 13 jovens. Na ocasião, os objetivos da pesquisa foram expostos, e os participantes puderam se apresentar, sendo estimulados a falar um pouco sobre sua atuação na Casa e na escola onde estavam matriculados.

Após a obtenção dos dados obtidos nesta instituição, a pesquisa passou a ser feita nas escolas. Foi nesta etapa da pesquisa que as diferenças em relação à categoria Diálogo tornaram-se mais evidentes.

Inicialmente, localizei o telefone das escolas pela *internet* no *site* da prefeitura de Diadema (www.diadema.sp.gov.br*)* e liguei, solicitando o agendamento de um horário com alguém da equipe administrativa da escola. De imediato, duas escolas agendaram o horário com os respectivos gestores das escolas, enquanto uma afirmou que tal agendamento só poderia ser feito pessoalmente. No dia marcado, em uma das duas primeiras escolas, aproveitei o trajeto para passar na terceira e agendar um horário. Neste dia, ao me apresentar na secretaria da escola, fui informada de que não havia ninguém da equipe gestora e deveria retornar em uma nova data. Tentei argumentar que eu estava apenas na tentativa de agendar um horário e perguntei se eu não poderia fazer isto por telefone e, novamente, fui informada de que não e de que eu precisaria novamente comparecer à escola para marcar esse agendamento.

Enquanto isso, algumas visitas foram sendo realizadas nas demais escolas.

No dia 27 de novembro, liguei mais uma vez para a escola e perguntei se as pessoas responsáveis pela gestão estavam presentes. Como a resposta foi afirmativa, fui até lá. Apresentei-me e expus a situação que me levara até a escola. Um dos vice-diretores informou-me de que necessitaria de uma cópia do projeto de pesquisa, a qual eu já estava em mãos e deixei à sua disposição já naquela data. Marcamos um retorno para a semana seguinte, para organizarmos as datas durante as quais a pesquisa seria realizada. Porém, na data marcada, fui informada de que não poderia permanecer na escola, sem autorização prévia da Diretoria de Ensino.

Liguei, então, para a Diretoria, solicitei informações sobre os procedimentos que deveriam ser tomados e, na mesma semana, protocolei um pedido de autorização de pesquisa para as três escolas.

Como, no início, desconhecia a necessidade de tal autorização, algumas visitas já haviam sido realizadas, porém, após todos estes procedimentos, avaliei a necessidade de aguardar a resposta da Diretoria para assim retornar a todas as escolas, receando, talvez, prejudicar a pesquisa, ou até mesmo as instituições que me receberam de tão bom grado.

A autorização demorou bastante para ser confirmada e, mesmo entrando em contato, em todo início de semana, ela só foi liberada em 2013. Na véspera das férias do final de 2012, fui comunicada que a solicitação havia sido extraviada e que, no início do ano letivo, eu poderia encaminhá-la novamente. Assim foi feito: no início de 2013, encaminhei, agora por *e-mails*, à Diretoria de Ensino de Diadema um novo pedido de autorização e, após, aproximadamente, três meses, a solicitação apresentou uma resposta

positiva. A Diretoria encaminhou às escolas selecionadas um *e-mail*, autorizando a realização da pesquisa com cópia para mim. A partir daí, pude voltar a visitar as escolas.

Iniciei o projeto de pesquisa, planejando verificar alguns documentos escolares, a fim de obter indícios da participação, ou não, de certos alunos em atividades artísticas. Porém, avaliei que, como se tratava agora do começo do ano, as anotações feitas nesses documentos seriam escassas demais para poderem ser usadas de forma conclusiva. Conhecendo um pouco da rotina das escolas, optei por utilizar entrevistas com alguns funcionários para obtenção dos dados.

Avaliei que o discurso utilizado por esses funcionários poderia evidenciar que tipo de gestão era adotado nestas escolas, bem como a imagem de juventude que estes adultos construíam frente a esses alunos. Decidi tentar confrontar os discursos dos jovens com os discursos dos gestores, funcionários das escolas e de um dos coordenadores da própria instituição socioeducativa.

Acredito que toda essa narrativa explica o fato de a pesquisa ter sido iniciada em 2012 e finalizada em 2013 e, para diante dos fatos, tentar estabelecer uma discussão acerca dos problemas burocráticos que envolvem o sistema educacional, discutindo também como escolas da mesma rede, que atende alunos praticamente da mesma comunidade, com uma proximidade territorial bastante grande pode apresentar características de organização e de gestão tão distintas.

A dificuldade encontrada, ao entrar em algumas escolas, foi o primeiro indício para confirmar que, mesmo sendo instituições pertencentes a mesma rede e localizadas na mesma comunidade, elas podem apresentar condutas e regras institucionais bastante diversa – fatores que podem, talvez, influenciar nas condutas dos jovens. Destaco a ideia de que essas diferenças não ocorreram apenas no momento da apresentação da pesquisa, elas permearam toda a investigação.

Díspares também foram os discursos apresentados pelos funcionários das instituições. A impossibilidade de utilizar os documentos escolares me impediu de apenas fazer as observações do ambiente escolar que havia previsto de início. Esse fato, talvez, tenha concorrido para enriquecer a minha pesquisa, pois tive, para obter os dados, que realizar algumas entrevistas. Por meio desse instrumento, consegui analisar os discursos presentes na escola. Percebi que funcionários, professores e gestores das três escolas que atendiam, pela localização, alunos oriundos da mesma comunidade expressam uma

percepção diferente da clientela. Para uma, os alunos são responsáveis e trabalhadores, enquanto as duas outras referem-se a eles de forma depreciativa.

Escola Canhema I

A Escola Canhema I apresentou maior facilidade de acesso e disponibilidade para cooperar nas pesquisas. Desde o primeiro contato, via telefone, mostrou-se solícita ao atendimento de qualquer necessidade que a investigação viesse a apresentar. Nesta escola, estão matriculados quatro dos jovens participantes da pesquisa: H – Mulher 17 anos, J – Homem 16 anos, K – Homem 16 anos e L – Homem 17 anos.

A primeira visita foi realizada, ainda, em 2012. Nesse dia, pude conhecer todos os espaços da escola, em especial, a Sala de Leitura, onde percebi que, enquanto alguns alunos ensaiavam as falas de uma peça teatral, outros trabalhavam na produção de um cenário. De acordo com a professora responsável por essa sala, a peça seria apresentada em uma competição juntamente com outras escolas do município.

Nessa escola, a adesão à realização da pesquisa foi muito boa. Desde o primeiro contato, os gestores mostraram-se dispostos a colaborar. Pude permanecer por muito tempo dentro da escola, a fim de conhecer melhor sua rotina. Fui, inclusive, convidada a participar de diversos eventos culturais, como festas, exposições, oficinas com familiares e apresentação de teatro. Mesmo não podendo participar de todos os eventos, percebi que toda a escola se envolvia nessas atividades fora do espaço da sala de aula e incentivava a participação juvenil e da comunidade em eventos e reuniões. Essas evidências puderam ser observadas em diversas falas dos alunos e também da coordenadora e professora responsável pela sala de leitura.

De acordo com as falas da coordenadora pedagógica e da professora responsável pela Sala de Leitura, é possível acreditar que a escola utiliza, como estratégia de aprendizagem, a aproximação com seus alunos e, aparentemente, essa aproximação acontece a partir do diálogo, ou seja, a escola dedica esforços de seus trabalhos na tarefa de conhecer a comunidade com quem está trabalhando, procurando identificar suas primeiras necessidades e, assim, focam seus esforços para essa direção. Muitas atividades são propostas, a partir de projetos, como o chamado “Viagem Literária”, cujo objetivo é

aproximar os alunos do universo literário, através de atividades promovidas na sala de leitura, como oficinas de leitura e encontro com escritores consagrados.

> *Tudo é questão de um bom trabalho, não é fácil. Na verdade, eu estou na coordenação desde o início deste ano. Para mim, tudo também é muito novo, mas já sou professora da escola há cinco anos, então já conheço a comunidade. Hoje não mais, mas morei aqui perto desde quase quando eu nasci, então conheço muitos pais, muitos alunos, isto me facilita o trabalho. Conhecendo a comunidade, podemos entender o que eles precisam, ter a sensibilidade de conhecer caso a caso. Não dá para interferir em cada caso, mas dá para conhecer e tentar fazer alguma coisa. Você faz a diferença quando você conhece o que é a necessidade que o ser humano, o aluno, o pai, está passando. Você enxerga diferente. Realmente é o olhar diferenciado* (coordenadora pedagógica).

> *Mas eles podem ser modificados, tudo depende da aceitação dos alunos, do interesse, ou das necessidades. Se houver a necessidade a gente prepara mais coisas. Mas esta Viagem Literária, ele continua até o final do ano* (Professora da Sala de Leitura).

> *Eu também estou com o teatro, né? Que eles fizeram uma peça teatral para apresentar em uma faculdade, também já fizeram esta apresentação este ano, foi feito pelo 1º A e apresentaram para uma faculdade. Uma peça de teatro sobre o bullying, eu também estou desenvolvendo um projeto com as quintas séries, então eles irão se apresentar também para estas salas. O 1º A do médio vai apresentar esta peça para eles. Na verdade, a gente diagnosticou que precisa trabalhar este assunto porque está acontecendo muitas desavenças entre eles. Depois da apresentação ainda vou trabalhar dois livros com eles: E se fosse você? E a Escola de Dragões, que são livros que falam sobre o bullying e está sendo trabalhado com eles neste projeto envolvendo as duas 5ªas séries e o 1º A. Este projeto ainda está bem no início* (Professora da Sala de Leitura).

De acordo com os depoimentos da coordenadora pedagógica, para a superação de problemas disciplinares e até mesmo para amenizar questões referentes à violência, nas dependências da escola, é necessário que os alunos se sintam parte do processo educativo, que se sintam responsáveis pela escola, que se sintam acolhidos pelos professores e outros funcionários. Para que isto se torne realidade, é necessário um trabalho de reconhecimento desses jovens, e isto só ocorre quando a escola está disposta a ouvir e conhecer a comunidade que, em acordo com as ideias de Apple & Beane (2001), não é uma tarefa fácil. Essa disponibilidade em ouvir um jovem, ou sua família, implica a quebra de algumas culturas que permearam toda a educação brasileira, durante anos, como a questão da autoridade escolar que, muitas vezes, é confundida com autoritarismo.

As pessoas envolvidas na construção de uma escola democrática precisam estar dispostas a ouvir, tentar compreender o ponto de vista do outro e, muitas vezes, ultrapassar valores e costumes que foram aprendidos durante anos de escolarização. Aparentemente, essas ideias coincidem com o pensamento dos alunos, já que, ao confrontar suas falas, foi

possível observar a importância que ambos atribuem a disponibilidade da escola em querer conhecer os alunos e a comunidade que atendem.

> *Eu acho também que depende muito do profissional. Na minha escola, também era assim: eu só obedecia, aí entrou uma nova coordenação e aí ela começou um projeto, porque cada escola tinha o seu, e aí ela escolheu duas alunas que sabiam dançar para formar um grupo e fazer uma coreografia – tanto que eu comecei a dançar, quando eu entrei neste grupo e não consegui mais sair da dança. Mas, assim dependeu dela, tinha até um atrito entre ela e a diretora que não queria e ela queria, e assim foi uma vontade dela e eu e outros alunos que participaram deste grupo acabamos levando para a vida isto, mas, no geral, é isto mesmo que eles falaram, é só abaixar a cabeça e obedecer. Mas quando tem um profissional que quer fazer acontecer, ele consegue*. (H – Mulher 17 anos).

> *Foi da professora, porque era um negócio relacionado à dança e eu só joguei a ideia do HIP HOP e ela aceitou*. (D – Homem 18 anos).

Escola Canhema II

A direção desta escola aceitou prontamente colaborar com a pesquisa. Durante as visitas, conheci as coordenadoras pedagógicas. Com elas, tive muitas conversas informais sobre a comunidade local e sobre as dificuldades, atualmente, enfrentadas pela escola. Entretanto, a pessoa escolhida para ser por mim entrevistada foi a diretora, a qual ofereceu-me o Projeto Político Pedagógico para melhor conhecer a escola, antes mesmo de eu tê-lo solicitado. Nessa escola, está matriculado apenas o aluno F - Homem 14 anos.

Mesmo sendo a última a compor o conjunto de escolas participantes da pesquisa, nela foi possível colher as informações necessárias – primeiro do que na escola da Vila Nogueira. Realizei uma visita no final de 2012, mas só comecei a pesquisa no início de 2013. Logo após a autorização de pesquisa enviada pela DRE às escolas, os funcionários da equipe administrativa não demostraram nenhuma forma de impedimento à pesquisa. Sempre que solicitado, minha entrada foi autorizada e fui informada de que teria acesso a qualquer informação que fosse necessária.

De imediato, a primeira impressão foi a de que, das três escolas, ela era a mais prejudicada pela ação de depredação, pichações e invasão de vândalos, durante os horários em que a escola se encontrava vazia.

Pude acompanhar também as eleições para o grêmio estudantil e, na data agendada para a entrevista, fui recebida pela diretora em sua sala e, durante toda a conversa, não apresentou nenhuma forma de obstáculo para a obtenção das informações.

Aparentemente, a escola tenta implantar mecanismos de comunicação com os alunos e familiares, mas encontram muita dificuldade no estabelecimento dessa relação. As falas das coordenadoras e diretora são marcadas pela descrença de que essas iniciativas possam apresentar resultados favoráveis.

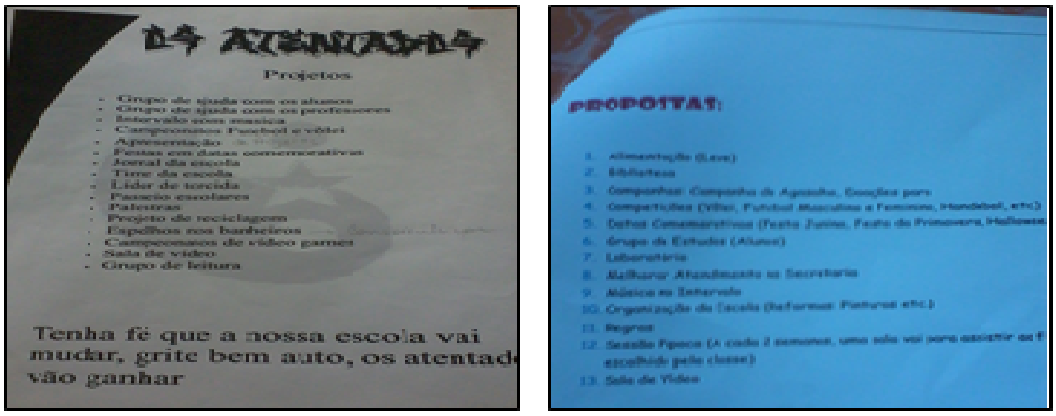
> *(...) Mas a nossa realidade é assim: o problema que a gente encontra na escola é que o pai, a gente não encontra, nem para resolver problema de saúde do filho, às vezes eu preciso localizar um pai, porque o SAMU está levando um filho para o hospital, às vezes uma criança machuca o pé na quadra e o pai está ausente até nas situações de emergência. A gente tem feito até reuniões, marcamos uma reunião no sábado, para ver se teria uma maior aderência* (Diretora Escolar).

> *(...) Então, eles vêm para cá e não vêm para estudar, se você perceber bem, eles vêm para tudo, para desfilar uma roupa, sendo que não temos adesão de uniforme aqui e nunca tive, há 12 anos que estou nesta escola, já fiz campeonato para eles desenharem as camisetas e nada disto adiantou, porque vir para escola é onde eles vão desfilar uma roupa nova, um tênis novo, uma bolsa nova, a sandália, que mesmo brigando por causa da Educação Física. Aqui é encontro da comunidade deles, é aqui que acontece o encontro social*. (Diretora Escolar).

Apesar de a pesquisa ter sido realizada no período de eleição do grêmio, as evidências obtidas, a partir da fala das coordenadoras e diretoras, leva a pensar que o grêmio só existe com intenção de formalização de procedimentos legais e que os alunos, na verdade, não possuem intenção de usar este mecanismo para obtenção de melhorias na escola.

Porém, as propostas apresentadas pelas chapas candidatas ao grêmio não confirmam as falas das funcionárias –como mostram as imagens, a seguir:

Figura 10 – Propostas das chapas candidatas ao grêmio estudantil 2013[11]



Como acorre em qualquer processo eleitoral, não é possível garantir que tais propostas serão cumpridas, porém podem evidenciar a opinião dos alunos com relação a alguns problemas apresentados pela escola. Algumas reivindicações merecem especial atenção, nas análises, a partir da categoria diálogo.

A primeira é a preocupação com a organização de palestras, grupos de ajuda ou estudos, campanhas de melhoramento no atendimento da secretaria. Meu interesse por essas propostas justifica-se pelo fato de que são questões que envolvem a participação da comunidade nas rotinas escolares. Para se pensar na promoção de palestras e campanhas, inicialmente, a escola precisaria conhecer quais são as necessidades e preferências que permeiam a rotina de seus alunos. Outro ponto importante foi a preocupação com o atendimento da secretaria. Essa é a principal forma de relação entre a escola e sua comunidade que, aparentemente, vem sendo comprometida pela dificuldade encontrada pelos familiares dos alunos em conseguirem um diálogo com a escola – a secretaria possui um curto e determinado tempo de atendimento a esta comunidade e isso só acontece, através de uma pequena janela, que permanece fechada a maior parte do tempo.

[11] Figura 10 – Foto feita pela própria pesquisadora.

Escola Vila Nogueira

A Escola Vila Nogueira apresentou maior número de obstáculos para a realização da pesquisa. Diversas foram as oportunidades nas quais cheguei à escola, no horário marcado para uma entrevista, e fui impedida de entrar, devido à ausência do entrevistado; ou sendo impedida de gravar uma entrevista, devido à falta de especificação de uso de tal instrumento no documento de autorização.

Muitos também foram os desencontros com relação às informações oferecidas por seus funcionários. Fui, por diversas ocasiões, impedida de adentrar na escola, mesmo com horários, previamente agendados com a equipe administrativa – nessas ocasiões, foram diversas as justificativas para o cancelamento das visitas, sendo uma delas o esquecimento, por parte de um vice-diretor, do horário agendado. Por algumas vezes, senti algumas formas de hostilidade, ao pedir acesso a documentos administrativos, ou na tentativa de gravar as entrevistas realizadas.

Diversas também foram as falas dos jovens que evidenciaram a dificuldade encontrada por eles em estabelecer relação de diálogo com a escola. Nela, estão matriculados os alunos A - Homem 19 anos, B - Homem 18 anos, C - Homem 16 anos, D Homem 18 anos, E - Homem 18 anos, G- Homem 18 anos, I - Homem 15 anos.

Mesmo diante das dificuldades, consegui obter informações, a partir de três funcionários. A primeira entrevista aconteceu no dia 14 de maio de 2013, momento em que consegui um agendamento com uma das coordenadoras pedagógicas. Ela foi informada sobre a entrevista momentos antes de minha chegada, já que o agendamento foi feito por um dos vice-diretores do colégio. Sem ter acesso à informação correta dos objetivos da pesquisa, a coordenadora acreditou que se tratava de uma investigação sobre a o trabalho pedagógico desenvolvido a partir de projetos, por isso, antes mesmo de explicar melhor minhas intenções, manifestou, em suas falas, a aparente insatisfação em trabalhar com pessoas que não estão dispostas a mudarem suas rotinas e formas de trabalho em prol de projetos coletivos e afirmou que, nas prefeituras em que já trabalhou, pôde desenvolver projetos interessantes – e passou o *link* em um *site* de publicação de vídeos onde poderia encontrar reportagens no qual participou em anos anteriores.

A segunda entrevista ocorreu no dia 25 de maio de 2013 e teve a participação do professor de Educação Física. Novamente, percebi que ele não havia sido comunicado da

entrevista e, durante o horário de uma reunião de professores, foi solicitado que deixasse a sala, pois eu precisava ter uma conversa com ele. Ele foi apresentado como a pessoa responsável pelas atividades culturais na escola e, de fato, aparentemente desenvolvia muitas atividades de incentivo ao esporte e à cultura. Esse professor demostrou bastante satisfação em poder compartilhar experiências desenvolvidas durante sua carreira docente e mostrou alguns registros de eventos que organizou que, segundo ele, tiveram muito sucesso na escola.

A última visita ocorreu, ainda, no dia 29 de maio de 2013 – não sei, exatamente se posso considerá-la uma entrevista, na ocasião havia apenas um vice-diretor na escola, que aparentava estar bastante ocupado e não demostrou ter muito tempo para nossa conversa. Expliquei que precisava apenas de algumas informações relacionadas à organização da escola. Impedida de gravar a entrevista, anotei as informações que por ele foi falada e por fim, quando solicitei o Projeto Politico Pedagógico da escola, fui informada que esse documento era de uso restrito da gestão e que poderia me fornecer apenas a cópia da página 1, pois nela estavam todas as informações sobre a estrutura física da escola e também a caracterização da escola.

Essa dificuldade de dialogar com a equipe administrativa da escola pôde ser notada nas falas dos jovens, em diversos momentos de nossos encontros, como apresentado nas falas abaixo:

> *A direção não organiza nenhum tipo de projeto cultural na escola, e nem pede a opinião da comunidade sobre esse assunto. Com certeza, a situação da escola melhoraria muito se existisse esse tipo de relacionamento aqui dentro.* (C - Homem, 16 anos).
>
> **E a relação com os responsáveis pela escola, coordenador, diretor, professor, como é esta relação? (Pesquisadora).**
> *Só obedecer*. (J – Homem 16 anos / C – Homem 16 anos / K – Homem 16 anos).
>
> **Vocês não dão ideias, sugestões, nada? (Pesquisadora).**
> *Eles até fizeram uma pesquisa uma vez, mas não deu em nada.* (D – Homem 18 anos).
>
> *Aqui somos tratados como gente, na escola tratam a gente com descaso e desrespeito. Muitas vezes, quando a gente precisa de alguma coisa na diretoria eles ficam com desculpas para não atender a gente.* (B – Homem 18 anos).
>
> *Aqui é só lazer e lá só obrigação, obrigação. Obrigação de fazer apenas o que eles querem, eles não ligam se a gente não consegue ou não sabe alguma coisa, a gente tem que obedecer e pronto*. (K – Homem 16 anos).

Afirmaram também que, muitas vezes, são tratados com falta de atenção e desconsideração. Em algumas circunstâncias, os funcionários da diretoria inventam desculpas para não atendê-los. Sentem-se desrespeitados também quando percebem que não possuem os mesmos direitos de outros alunos, principalmente em relação à diferença de tratamento dispendido aos mais novos e aos alunos do período noturno.

> [Na instituição Canhema] *É tudo livre, então a gente respeita. Na escola parece que eles têm medo, tudo fica trancado, eu sei que na minha escola tem aparelho de som bem equipado com microfone e o "escambau", porque é usado no intervalo da tarde, com as crianças, mas a gente do noturno, não tem acesso a nada* (D – Homem, 18 anos). (grifo meu).

Esse tipo de procedimento contradiz os ideais democráticos de Apple (2001), segundo o qual as escolas devem pautar suas práticas em ações cooperativas, visando ao bem comum. Mas, o que aparentemente acontece, em algumas escolas, são ações que dificultam o acesso de alguns estudantes a equipamentos e a espaços educativos, desencorajando-os a desenvolverem práticas que poderiam melhorar sua vida, enquanto frequentam a escola.

Ao serem questionados sobre sua conduta na escola, os jovens afirmaram nunca terem se envolvido em problemas graves, mas alguns afirmaram que a falta de conhecimento ao regimento da instituição leva a condutas díspares entre professores e coordenadores, dificultando aos alunos o entendimento do que é permitido, ou não. Esse fato foi demonstrado na fala, a seguir:

> **Semana passada, conversamos sobre a relação de vocês com os coordenadores, professores, com a equipe administrativa daqui e vocês falaram muito em respeito a regulamento – na escola existe este mesmo respeito de vocês com a escola e da escola em relação a vocês? Existe um regulamento claro na escola que vocês devem seguir? E vocês seguem? (Pesquisadora).**
> *Não existe não, na minha escola é cada um com sua conduta. Às vezes, a gente faz alguma coisa, e o professor nem liga, aí a gente vai fazer na outra aula o cara vem fazendo escândalo*. (I – Homem 15 anos).
>
> **Como assim, pode dar um exemplo? (Pesquisadora).**
> *Tipo assim, o uso do celular, tem professor que não liga que a gente fique com o celular, desde que não fique ouvindo música, já tem outros que veem em cima da mesa, já começa a falar que é falta de respeito, que a gente fica atrapalhando a aula, mas o celular está ali, parado. Este é um exemplo, mas têm outros*. (I – Homem 15 anos).

No entanto, outros jovens afirmaram que, diferentemente do que acontece na Instituição Canhema, em sua escola, eles não têm liberdade para usar materiais e equipamentos e, portanto, não apresentam interesse de participar tão ativamente das atividades.

> **Por quê? Qual a diferença? O que acontece lá e não acontece aqui e vice-versa?**
> *Eu acho que aqui temos mais liberdade. Aqui podemos usar os materiais, os espaços – isto incentiva a gente*. (I – Homem 15 anos).

Eles afirmaram também que, apesar de já terem tido a oportunidade de se apresentar em suas respectivas escolas, grande parte dos professores e funcionários não tem conhecimento das habilidades artísticas que esses alunos possuem.

Evidencia-se que a escola tenta ocultar o que a instituição informal tenta explorar nesses jovens. Enquanto a instituição usa a arte para aproximar os jovens, e, assim, poder estabelecer com eles um diálogo sobre questões relacionadas às suas condições sociais, econômicas e culturais, a escola busca neutralizar essas manifestações – talvez numa tentativa inábil de afastar alguns problemas sociais do ambiente escolar. Mas, como afirma GIMENO SACRISTÁN (2005), o jovem, ao entrar em uma escola, nunca é apenas um aluno; ele continua sendo aquele indivíduo pertencente a outras instituições sociais, como por exemplo, filho de uma família, pai em outro núcleo familiar, funcionário de comércio, ou talvez uma vítima de problemas sociais, enfim. Esses fatores, por mais que a escola os tente afastar de sua realidade, influenciam cada atitude desse jovem.

Pensando que uma consequência do estabelecimento do diálogo é a participação popular, esta será a próxima categoria a ser analisada.

3.2. Categoria Participação

De acordo com Bordenave (1994), desde sua origem, o homem vive agrupado com seus pares, por isso a participação é um caminho natural para demonstrar sua "tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo." (BORDENAVE, 1994, p. 16). As pessoas podem exercer atividades em uma esfera denominada pelo autor de microparticipação, em grupos primários e secundários, como grupos familiares, de amigos ou vizinhança e até associações – não pretendendo,

unicamente, obtenção de benefícios pessoais imediatos. As pessoas podem também exercerem a macroparticipação, através da participação social, com objetivos de intervenção social, como mostra o excerto, a seguir:

> a macroparticipação, isto é, a participação macrossocial, compreende a intervenção das pessoas nos processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade, quer dizer, na história da sociedade. Sua conceitualização, por conseguinte, deve incidir no que é mais básico na sociedade, que é a produção dos bens materiais e culturais, bem como sua administração e seu usufruto. (BORDENAVE, 1994, p. 24)

Para a análise dos dados referentes à categoria participação, foram observados indicativos que pudessem identificar o nível de participação, desempenhada pelos jovens pertencentes à pesquisa. Para isso, foram observados indícios, como oportunidade de participação dos alunos em decisões importantes nas escolas e na instituição, formas de representatividade estudantil nos Conselhos de Escola. Durante a pesquisa, foi possível perceber que, na instituição socioeducativa, a incidência de iniciativas de incentivo à participação juvenil é mais frequente; contudo, uma das escolas apresentou também oportunidades de desenvolvimento de diferentes formas de participação.

Instituição Socioeducativa

Durante a pesquisa feita na Instituição Socioeducativa, pude conversar com alguns dirigentes das atividades e coordenadores da instituição. A partir de seus relatos, foi possível pensar que a instituição está comprometida com o desenvolvimento dos jovens que frequentam suas atividades. Aparentemente, a instituição não se preocupa apenas com o desenvolvimento das atividades desenvolvidas – possui um interesse em uma formação crítica desses jovens. Em um dos relatos do coordenador, ficou evidente que a instituição iniciou suas atividades, a partir da participação coletiva de muitos jovens – e deseja que essa cultura de participação continue sendo desenvolvida, como expressa o relato abaixo:

> *Eu não sou o HIP HOP sozinho. Eu preciso de um coletivo, eu preciso tratar de igual, eu só sou o "cara" que vai falar para a secretaria de cultura: "– Oh, tem esta e esta ação que a galera está propondo e aí o que você pode fazer pela gente?". Se ele responde que não rola, a gente pede o caminho e corre atrás. Existe aquela ação coletiva, que esta é a ideia. Pois, por muito tempo, as pessoas reclamavam que a ação era centralizada, a ideia é expandir, pois é*

> *simplesmente um espaço de ocupação e que todas as ações que ocorrem aqui podem acontecer em qualquer outro local. Muitos jovens de outras cidades passaram por aqui e hoje criaram ações nas suas cidades, aprenderam como acontece aqui e como é que rola, como é a história e fizeram em suas cidades, por isto temos hoje Casa do HIP HOP em Ribeirão Preto , Campinas e acabou de inaugurar uma em Guarulhos, cada uma com sua história, cada uma com teu formato. Em Guarulhos, por exemplo, os caras ocuparam um lugar que era abandonado e então tinha aquela coisa que as pessoas que usam drogas ficavam lá, assim eles foram lá, ocuparam o espaço e falaram que ali seria a Casa do HIP HOP e ia os caras do governo até tentaram tirar eles de lá, mas não conseguiram. É uma história diferente daqui, mas teve influência.*

As observações nas instituições me levaram a pensar que a oportunidades de participação nas atividades culturais não são importantes apenas para consolidação de espaços como estes, mas também para a construção da identidade juvenil – o que confirma as palavras de Dayrell (2005) sobre a importância da participação nesse tipo de atividade como oportunidade para estabelecer relações sociais, trocas de experiências e vínculos afetivos e evidenciadas.

Durante grande parte da reunião com características de grupo focal, a fala dos jovens foi permeada por indícios que confirmam que esta forma de participação ajuda a desenvolver sua personalidade individual e coletiva, além de também causar satisfação. A fala dos jovens, ao se referir à sua personalidade antes e depois de conhecer a instituição, mostra desenvolvimento e expressa prazer pelo que fazem.

> *Eu falo é que antes eu era um "boroca", não fazia nada, eu era um magrelinho, aí eu conheci a casa por causa de um colega meu, que "colava" aqui e ele me trouxe para cá. Aí eu vi uns caras fazendo umas doideiras, girando e aí eu pensei: - Caramba, que diabo é isto? Fiquei olhando e gostei e comecei a procurar a aprender, comecei a ler, a estudar para entender o que era isto, aí fui entrando, pegando os movimentos. E agora a importância da casa do Hip Hop na minha vida virou cotidiano, tipo assim, vou para a escola, vou pra casa e tenho que vir pra cá. Já faz parte do meu dia a dia* (D – Homem, 18 anos).

> *Antes minha vida era jogar bola aqui, atrapalhar eles a treinarem, aí comecei a treinar e aí então passei a entender e passei a respeitar quem vem para treinar. Mas, sempre tem gente que só vem para brincar. Eu gosto daqui, porque é um lugar bom com bastante gente.* (F – Homem, 14 anos).

> *Bom, vou falar por mim. Para mim, foi superar a timidez, na escola eu era muito tímida, muito fechada, e isto me ajudou a me soltar mais e a me relacionar mais com o grupo. Nos trabalhos de escola, eu era bem retraída, e eu acho que a dança me ajudou bastante neste aspecto* (H – Mulher, 17 anos).

No momento em que o grupo iniciou a discussão, a interação entre eles ainda era pequena, aparentemente por timidez. Os participantes apenas respondiam o que era

solicitado, dando ao grupo aspecto de entrevista coletiva. Como este não era o método desejado, passei a discutir o tema do próprio Movimento Hip Hop, sua composição e tipos de modalidades artísticas praticadas, na tentativa de estabelecer uma conversa mais descontraída. Isso provocou uma participação um pouco maior, tornando possível observar a interação entre os jovens – um colega complementando a fala do outro, e, por vezes, até discordando de suas opiniões.

Em sequência, os jovens foram estimulados a falar sobre a participação nas atividades oferecidas e sobre a aceitação de normas e regulamentos – suas respostas foram, mais ou menos, consensuais, e estavam relacionadas à oportunidade de participação nas decisões e na organização de eventos. Ao analisar esses dados, a partir da categoria participação, é notável a incidência de diversos indicadores apresentados nesta pesquisa.

De acordo com o relato dos jovens, eles são estimulados a participar da organização de eventos, das discussões sobre o futuro da instituição, bem como são incentivados a assumir responsabilidades frente à Casa (manutenção de equipamentos e de ambientes, distribuição de funções, durante os eventos). E ainda, eles têm suas opiniões consultadas para planejamento de atividades, de palestras, de rodas de conversas, e expressam suas preferências sobre quais serão os convidados para essas atividades.

Quando analisados esses dados, a partir das ideias de Bordenave (1994), a instituição, aparentemente incentiva a participação em nível macro, ou seja, são incentivadas reflexões e interferências na produção, gestão e usufruto dos bens da instituição.

Alinhados aos conceitos de Bordenave (1994), a escola democrática, defendida Apple (2001), precisa proporcionar oportunidades de participação de professores, dos jovens, dos familiares e da comunidade. O autor, entretanto, não se refere a uma participação apenas no âmbito de validação, ou não, de decisões já estabelecidas; refere-se ao envolvimento em "questões administrativas e de elaboração de políticas" (APPLE, 2001, p. 20) e à participação que leva em conta as necessidades e expectativas tanto dos jovens como da instituição.

> *Qualquer um pode falar, o microfone fica aberto para todo mundo*. (C – Homem, 16 anos).
> *Somos nós que organizamos os rachas de B. Boys e MCs também*. (A – Homem, 19 anos).

Muitas falas mostraram o orgulho desses jovens por serem responsáveis pela manutenção dos espaços e de serem, popularmente, conhecidos pela comunidade como pessoas boas, confiáveis, "gente boa", segundo eles mesmos.

De acordo, ainda, com Apple, um dos fundamentos da educação democrática é a ênfase na cooperação, e não na competição, mesmo sabendo que não são princípios fáceis de serem alcançados. Pode ser observado, na fala dos jovens, que o teor democrático da escola é um dos fatores que mais os influencia na opção de quererem participar tão assiduamente das atividades propostas pela instituição. Em suas falas, deixaram evidente que o respeito às normas e às outras pessoas ocorre de forma natural – como a Casa é frequentada por muitas pessoas, inclusive por crianças, todos precisam respeitar os espaços para facilitar a participação geral.

> *Todos zelam pelo respeito, aqui tem bastante crianças, todos precisam respeitar o espaço* (G – Homem, 18 anos).
> *Os professores pegam no nosso pé por causa de palavrão* (F – Homem, 14 anos).
> *Esta união, este respeito a gente leva para casa, às vezes em casa não tem toda esta união e as pessoas acabam aprendendo* (B – Homem, 18 anos).
> *O legal é que não muda só você, mas muda quem cerca você, família, amigos que não frequentam aqui* (Jovens L – Homem, 18 anos).

Pude confrontar as falas dos jovens com as de seu coordenador e, aparentemente, existe uma coerência entre esses discursos. Enquanto nas falas dos jovens aparecem indícios de oportunidades que os estimulam a participarem na organização de atividades, eventos, manutenção de equipamentos e espaços físicos, a fala do coordenador traz indícios de como essas situações são oportunizadas, como é evidenciado no relato abaixo.

> *Tem um menino aqui, que é legal pra caramba que é o [F – Homem 14 anos]. O interessante é que ele se preocupa com este espaço e tenta articular algumas coisas. Ele fez 14 anos agora, ele tenta articular algumas coisas, algumas ações. Ele é um moleque do mundo da dança, normalmente o menino da dança, só dança, não pensa. É interessante quando um menino destes toma uma atitude, porque aí você vê que eles pensam também, alguns deles acabam falando que preferem dançar, mas é uma coisa deles, faz articulação e tal. Temos também a Aline que dá oficina de quinta-feira e tem uma "baita" articulação, cuida de vários projetos também, ela dança, é dançarina e aí o [F – Homem 14 anos] é um menino novo e está aí começando esta coisa e a gente está meio que dando uma força. Ele está fazendo de uma forma natural dele e eu acho que a gente como mais velhos, ou pelo menos mais experiente podemos canalizar isto neles, para uma coisa positiva, para que não seja uma frustração, por exemplo. Então sempre que tenho oportunidade eu vou ali e troco uma ideia, falo: "- Toma cuidado com isto que pode gerar tal coisa".*(Coordenador da Instituição)

Em continuidade, o coordenador comenta a importância da participação dos familiares desses jovens e a comunidade, em geral, nessa construção de cultura participativa e conta as iniciativas tomadas pela mãe deste mesmo jovem.

> *Aí tem a mãe dele que é bem participativa também, ela vem aqui, questiona as coisas. E é legal ter uma mãe participativa, inclusive estamos querendo criar também um Conselho de Espaço, que é para as pessoas da comunidade mesmo, pois uma coisa é um Conselho do HIP HOP, outra coisa é um Conselho do Espaço, que são com pessoas da comunidade que não fazem parte do HIP HOP, nem nada, porque aqui não temos só HIP HOP, temos outras ações aqui, temos oficina de samba-rock , tem a capoeira, tem o circo, tem dança de salão, ou seja, têm outras coisas aqui além do HIP HOP. Não se limita a uma atividade, temos as artes plásticas e grafite. Esta sala que estamos é a sala de artes, os trabalhos que estão aqui são todos na molecadinha, então temos outros trabalhos além do HIP HOP e aí criar um conselho para que esta comunidade tenha uma atuação direta, possa ajudar a cuidar do espaço, conhecer o que os filhos deles estão fazendo* (Coordenador da Instituição).

Durante a conversa, ficou evidente a real importância desse espaço para a socialização dos jovens, e percebi que nem todas as pessoas do seu convívio pessoal possuem uma boa impressão desse ambiente frequentado por eles, como demostrado nas falas a seguir:

> *As pessoas acham que é loucura e perguntam: Você é normal para fazer isto aí? Por que vocês frequentam isto? Por que gostam disto? Falam: Ninguém gosta disto! Por que você não gosta de funk? Criticam muito*. (A – Homem, 19 anos).

> *Para as pessoas de fora, existe sim um preconceito. Por exemplo, os meus amigos não têm a mínima ideia do que é e do que eu venho fazer aqui. Muitos perguntam quem são as pessoas que eu conheço lá. Existe uma falta de informação, a divulgação da cultura é muito pobre e a gente sabe que um dos maiores representantes do movimento está aqui. Muitos não querem vir, precisa existir uma quebra de preconceito. A questão de mídias sociais está ajudando bastante na divulgação. A partir de uma foto, de um comentário, as pessoas começam a ver um monte de criança em volta e aí a imagem começa a mudar* (L – Homem, 18 anos).

Evidencia-se, nas falas dos jovens, o sentimento de que seus colegas e familiares encaram a participação nessas atividades ainda com certo estranhamento, seja devido, talvez, à falta de popularidade ainda enfrentada pelo movimento, seja por causa de uma visão mais discriminatória, a qual atribui ao movimento uma falsa ideia de relação com a criminalidade.

Mas, as diferenças mais marcantes passaram a fazer parte das discussões, quando o grupos focal passou a ser utilizado para discutir questões referentes à escola. Quando foram questionados sobre a atuação e participação nas atividades propostas pelas escolas

onde estudavam, as disparidades passaram a ser comuns nas discussões estabelecidas. Na pesquisa, ficaram evidentes as diferenças entre as escolas: enquanto essas características já foram assimiladas pela cultura escolar em uma delas, nas demais isso não ocorria.

Enquanto alguns alunos afirmaram que participavam de atividades, como campeonatos de literatura, grupos de teatro, times esportivos e grêmios, outros afirmaram que, na escola onde estudavam, não existia esse tipo de oportunidade, e ainda afirmaram que incentivos como esses poderiam motivar os jovens a participarem das atividades rotineiras da escola, e até poderiam fazê-los melhorar em seu rendimento na sala de aula.

> *Eu participo de um treinamento de futebol na escola* (K – Homem, 16 anos).
>
> *Na minha escola tem uma sala de leitura, lá a gente treina para participar de competições fora da escola. Tem um grupo de teatro também, que vai se apresentar no Teatro Municipal, com outros grupos de outras escolas* (J – Homem, 16 anos).
>
> *É isto que está faltando, na minha escola nem quadra tem* (I – Homem, 15 anos).
>
> *Não tem quadra? Tem sim, você é que não conhece* (D – Homem, 18 anos).

Nessas duas últimas falas, fica evidente que há alunos que não se apropriaram dos espaços educativos de sua escola. Percebe-se que a escola, ao planejar as atividades para as turmas do ensino médio, está tão preocupada com o cumprimento de alguns conteúdos que acaba não dando tempo para o desenvolvimento de outras habilidades, consideradas pelos alunos também como muito importantes.

Outro assunto relevante abordado por alguns jovens foi sua falta de participação na "construção" da escola. Segundo eles, a escola não é aberta para a comunidade e não realiza projetos nos quais seus alunos e os moradores do bairro possam participar e opinar. Essa reação de insatisfação fica explícita nos relatos, a seguir:

> *A direção não organiza nenhum tipo de projeto cultural na escola e nem pede a opinião da comunidade sobre esse assunto. Com certeza, a situação da escola melhoraria muito se existisse esse tipo de relacionamento aqui dentro* (C - Homem, 16 anos).

Um jovem chegou a comentar que a escola promoveu uma pesquisa a fim de saber o que os alunos gostariam que fosse oferecido fora do horário de aulas. Segundo o jovem, aconteceu uma movimentação na escola. Todos os alunos participaram daquela pesquisa,

mas não resultou em nada – nada foi feito com os dados obtidos, e a escola continuou sem oferecer atividades extras, principalmente para os alunos do ensino médio.

Tais fatores vão contra os ideais democráticos, defendidos por Apple (2001). De acordo com o autor, tanto os alunos como os pais, bem como outros cidadãos, têm o direito de manter-se informados para poderem participar, criticamente, das decisões e das políticas da escola, o que, segundo as falas desses jovens, não ocorre. Bordenave (1994) alerta também para o perigo da falsa participação, através de ações dirigidas, com resultados explorados e manipulados.

> **E em nenhum momento há uma participação de vocês para saber o que a escola deveria proporcionar, não há nenhuma pesquisa?**
> *Não*. (K – Homem 16 anos / C – Homem 16 anos).
>
> *Na minha já teve, fizeram uma pesquisa, todo mundo participou, deu a opinião, mas nunca acontece nada. Foi só por falar.* (D – Homem 18 anos).

No entanto, outro grupo de jovens afirmou que a sua escola possuía uma trajetória muito importante de participação. Todos os anos, existe uma movimentação forte para a criação de "chapas", as quais concorrem à eleição para o grêmio, havendo sempre mais de quatro chapas inscritas para essas eleições. Esses jovens afirmaram também que os alunos participantes do grêmio são responsáveis por eventos culturais na escola, pela organização de passeios e são convidados a participar, juntamente com seus familiares, das reuniões da APM. Como os participantes da pesquisa falavam, então, sobre participação, aproveitei para saber como era sua relação com os gestores da escola em que estudam.

> *Lá na escola, o grêmio pode fazer muitas coisas, eles que organizam os passeios e as festas na escola, mas todas as reuniões eles são chamados para participar. Todo ano que tem eleição nunca tem menos que quatro chapas participando*. (E – Homem 18 anos).

Passando agora a analisar os dados obtidos, a partir das rotinas escolares, muitas falas dos alunos puderam ser confirmadas.

Escola Canhema I

A primeira escola a ser pesquisada foi a Jardim Canhema I e foi nela que encontrei o maior número de formas de incentivo à participação juvenil e comunitária em suas

atividades. Os dados foram obtidos através de observação e entrevista com coordenadora pedagógica, professora responsável pela sala de leitura e inspetora de alunos.

Ao ser questionada sobre o envolvimento dos familiares, nas atividades desenvolvidas pela escola, a coordenadora pedagógica respondeu, de forma bem enfática, que essa é uma característica que torna a escola muito boa. Para ela, os pais são muito envolvidos nas questões escolares e participam, massivamente, de todas as reuniões para os quais são convidados. Mesmo sendo uma comunidade carente e apesar de a maioria dos alunos morarem em famílias monoparentais, segundo a coordenadora, o envolvimento de seus familiares com a escola enriquece a qualidade escolar. Contou que, durante alguns anos passados, esse envolvimento era um pouco mais difícil, mas depois de um trabalho convidativo a esses pais, eles passaram a se envolver mais. Perguntei-lhe o possível motivo dessa mudança, e ela afirmou que a escola passou a investigar melhor a situação da comunidade para melhor entendê-la e afirmou que, apesar de nem sempre ser possível mudar a realidade dos alunos, tendo a sensibilidade de entender suas necessidades, o trabalho escolar pode ser facilitado.

> *Conhecendo a comunidade, podemos entender o que eles precisam, ter a sensibilidade de conhecer caso a caso. Não dá para interferir em cada caso, mas dá para conhecer e tentar fazer alguma coisa. Você faz a diferença quando você conhece qual necessidade que o ser humano, o aluno, o pai, está passando. Você enxerga diferente. Realmente é o olhar diferenciado.* (Coordenadora Pedagógica).

Essa ideia pode ser confirmada também, através dos relatos da inspetora de alunos e professora responsável pela Sala de Leitura.

> *Quando a escola era de primeira à quarta série, os pais vinham muito, mas agora estamos conseguindo resgatá-los novamente, estão voltando a cooperar com a gente*. (Inspetora de alunos).
>
> *Aqui têm todas essas formas de participação, e nossa comunidade é muito participativa. Esta é a parte mais importante para nós. Temos bastante pais e mães que fazem parte da APM, e o colegiado é muito bom, bem participativo*. (Inspetora de alunos).
>
> **Quando os pais são chamados, eles participam?**
> *Não são todos, mas a grande maioria vem. Ficamos bem felizes nesta última reunião, muitos pais participaram. Como fizemos em um sábado, fica mais fácil para os pais poderem vir e aqueles que não puderam, vieram durante a semana*.

Essas atitudes vão bem ao encontro dos princípios básicos para alcançar a escola "na medida do aluno" (GIMENO SACRISTÁN, 2 005, p. 192). A escola não foi criada, levando em consideração as necessidades, anseios, preferências do seu alunado, e sim aquilo que os adultos esperam que estas crianças e jovens se transformem com a ação educativa. Isso pode fazer com que a desmotivação pelas atividades escolares apareça para que uma mudança no ideal de educação que existe hoje possa acontecer. É necessário conhecer a realidade do aluno que chega à escola, mas que carrega consigo a realidade de uma nova classe social.

Esse fundamento pode explicar o sucesso da participação da comunidade, nas atividades oferecidas por esta escola, já que não basta oferecer modelos inovadores de atividades, se não conseguirem alcançar as necessidades da comunidade. Um trabalho de diagnóstico é, portanto, fundamental para a oferta de ações e mudanças que realmente sejam significativas para as pessoas dessa comunidade. De acordo com o autor, as escolas "devem acolher as pessoas e os interesses de toda a sociedade, em vez dos alunos estarem a serviço delas" (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 204) e alerta para a necessidade de constante reflexão sobre a coerência das ações escolares, com objetivo de avaliar se estão sendo adequadas aos desafios apresentados pela educação em um contexto em constante transformação.

> É preciso refletir sobre as representações que temos dos menores, entender as mudanças que afetam os escolares, mudar algumas práticas e analisar as respostas dadas pelas organizações com as quais pretendemos alcançar nossos propósitos renovados (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 204).

Na entrevista, quando perguntei se poderia considerar que aquela era uma comunidade violenta, a coordenadora afirmou que a violência está em todos os lugares, que ali já foi mais perigoso e que, em algumas situações, a violência já chegou à escola. Todos os professores, entretanto, estão envolvidos em trabalhos de conscientização dos jovens e acredita que isto está ajudando muito. Ela acredita que grande parte dos problemas enfrentados pela comunidade, talvez, seja pela falta de estrutura familiar que apresentam.

Os relatos da professora responsável pela Sala de Leitura puderam confirmar as ideias transmitidas pela coordenadora e também por alguns alunos, ainda nos encontros com características de grupo focal.

A professora responsável pela Sala de Leitura iniciou nossa entrevista, fazendo uma apresentação geral sobre os diversos projetos propostos pela escola. Depois de ouvir, atentamente, a apresentação dos projetos, perguntei se esses projetos tinham uma boa adesão por parte dos alunos mais velhos, em especial os alunos do Ensino Médio. Ela afirmou que os alunos valorizam muito mais a escola depois dessas iniciativas, e que agora, os alunos também contribuem para que a escola esteja sempre bonita e funcionando e se dedicam bastante nas atividades relacionadas aos passeios. Acredita que conhecer um cultura nova, conhecer lugares diferentes ajudam a ter um outro olhar diferente sobre a vida deles e sobre a escola. Afirmou também que, além de os alunos participarem, os familiares também são envolvidos nas atividades, e a participação é bem forte – essa afirmação confirma as declarações feitas pela coordenadora pedagógica, momentos antes desta entrevista.

De acordo com conversas informais com a inspetora, a escola foi fundada em 1986, ano em que ela começou a trabalhar lá. Segundo ela, a comunidade local já sofreu inúmeras mudanças que afetavam e afetam a escola. Caminhar pelo bairro, por exemplo, já foi uma ação bastante perigosa, mas muitas coisas mudaram e, atualmente, ela pode afirmar que está "no céu". Contou também que a escola, desde sua fundação, tem uma trajetória importante de participação da comunidade. Quando atendia crianças das séries iniciais do ensino fundamental, a participação era ainda mais significativa. Contudo, a escola vem desenvolvendo grandes trabalhos de incentivo à participação juvenil e de sua comunidade, e isso está fazendo com que seus familiares voltem a participar da rotina escolar. Como a coordenadora, acredita que conhecer as necessidades da comunidade é fundamental para desenvolver um bom trabalho.

> *Eu acho que depois que eles começaram a se envolver nestes projetos, eles passaram a valorizar mais a escola. Eles querem que a escola esteja bonita, com tudo funcionando. E com estes passeios culturais, eles se esforçam para desenvolver as atividades. É um incentivo eles saírem da escola, conhecerem coisas diferentes, uma cultura nova. Realmente Cultura é Currículo é maravilhoso, lá eles tem uma aula assim, nota 10. O governo investe bastante e eles aprendem muito. Então, eles procuram dar o melhor deles para continuar participando, para conhecer novos lugares. Eu acho que eles têm mudado bastante para cuidar da escola por causa disto. Eles gostam de frequentar, principalmente a Sala de Leitura, é um lugar que eles gostam muito. Gostam sempre de me ajudar, de ver como a sala está bem bonita, organizada. Eles vêm fazer as pesquisas para trabalhos.*

Perguntei sobre sua relação com os alunos, e ela afirmou que eles são muito bons e participativos. Os alunos do grêmio promovem, durante o ano, campanhas de arrecadação de agasalhos, alimentos, produtos recicláveis, participam também da divulgação e organização de eventos. Mostrou-se orgulhosa em ver que, durante todo o ano, os alunos estiveram envolvidos em atividades culturais e afirmou que gosta muito de vê-los na escola, organizando peças de teatro, exposições, torneios esportivos etc. Falou também que não são apenas os alunos que são bons. Em diversos momentos, elogiou a conduta e o trabalho de alguns professores da escola – mesmo não sendo todos os professores tão envolvidos, a maioria deles participa dos trabalhos de conscientização do alunado. Essas conversas com a inspetora, as observações que fiz durante alguns momentos da rotina escolar foram demonstrações práticas da coerência entre as falas obtidas nas entrevistas, no discurso que essas funcionárias usaram para analisar o sucesso de suas práticas e ações que permeiam essas práticas. Estas ações foram indícios claros da concepção de educação que buscam colocar em prática nessa escola.

> *Eu conheço muito bem estes alunos e não tenho medo deles não. Existe participação dos alunos em todos os sentidos. Eles se reúnem para arrecadar agasalho no inverno, reciclagem de pet, fazem campanhas de alimentos para levar para entidades carentes de Diadema. Eu, no caso, recebo os alimentos, vou separando os que irão vencer primeiro e aí junto com a professora da Sala de Leitura, eles entregam nas entidades*. (Inspetora).

> *Eles se envolvem bastante, vem fora do horário para preparar os materiais. Desde que eu entrei aqui, em 2008, eu vejo este empenho na participação. Eu sempre gostei muito dessa escola, são bem participativos, os alunos*. (Inspetora de Alunos).

Outro fator que chamou minha atenção foi o fato da importância da participação do grêmio estudantil, na organização da escola, estar presente nas falas dessas funcionárias. Segundo elas, os alunos que integram essa organização participam ativamente das tomadas de decisões da escola, da organização de atividades, eventos e passeios. Essa participação contribui para o desenvolvimento de alguns valores para esses alunos, de acordo com estas funcionárias – depois que começaram a participar do grêmio, os alunos passaram a desenvolver maior senso de responsabilidade, autonomia, segurança nas tomadas de decisões e com isto a autoestima também se elevou.

Ainda, de acordo com elas, depois que alguns alunos, mesmo aqueles mais indisciplinados, passaram a integrar o grêmio, muitas de suas condutas melhoraram, desde suas atitudes nas salas de aula, como aumento de suas notas escolares até na maior

qualidade nas relações sociais, ou seja, estabelecimento de vínculos entre os demais alunos da organização e menores incidências de participação em brigas e confusões.

> *Na verdade, os alunos do grêmio fazem todo o trabalho de divulgação e têm também alunos que participaram nos anos anteriores, que são os protagonistas aqui da Sala de Leitura, que me ajudam nesta organização. Eles acabam fazendo o papel principal aqui na escola, e eles me ajudaram a selecionar estes alunos. Já passamos por toda esta etapa de movimentação, mostramos a importância deste projeto e quem quer participar faz a inscrição com eles e aí tiramos os participantes.* (Professora responsável pela Sala de Leitura).
>
> *Eles participam bastante, estão sempre aqui envolvidos, me ajudam, assim eles tentam modificar e melhorar a escola. São legais estes desafios, porque eles propõem desafios para serem feitos pela escola.* (Professora responsável pela Sala de Leitura)
>
> *Esta biblioteca aqui é uma beleza, eles vivem fazendo teatro. Nossa escola ganhou o primeiro lugar em Diadema, com a melhor receita italiana*. (Professora responsável pela Sala de Leitura).

De acordo com Gimeno Sacristán (2003), o exercício da cidadania deve acontecer na atuação e responsabilização por ações coletivas, ou seja, não há possibilidade de um cidadão desenvolver-se apenas pela construção de sua própria identidade – ele precisa estar envolvido tanto com as questões individuais quanto com as grupais. Essas oportunidades de intervenção oferecidas pela participação no grêmio podem ser consideradas, portanto, importantes estratégias escolares de desenvolvimento de um cidadão pleno.

Escola Canhema II

As diferenças começaram a ser mais marcantes, quando passei a realizar as pesquisas nas duas outras escolas. Na escola Jardim Canhema II, os dados foram obtidos a partir da entrevista com a diretora da escola.

A entrevista foi realizada em sua sala, e a autorização para sua gravação ocorreu sem nenhum problema por parte da diretora. Iniciei a conversa expondo meu interesse por assuntos relacionados à participação juvenil e perguntei como essa participação acontecia na escola. A diretora afirmou se interessar bastante também pelo assunto e contou que a escola acabara de passar por um processo eleitoral para o grêmio estudantil. Ela ficou admirada em conhecer as propostas divulgadas pelas chapas que concorriam, mas confirmou algumas falas das coordenadoras, no que diz respeito à necessidade de um professor monitorar as atividades e também o fato de, muitas vezes, o grêmio se ocupar em

organização de festas e passeios, deixando outras formas de participação sem representatividade.

> *Hoje eles têm só a escola e cabe à gente passar para eles a importância desta participação política e uma forma é com incentivo ao grêmio e eu acho que ele fundamental para a escola. E aí sabe o que acontece? A gente implanta o grêmio, que foi feito através de uma eleição. Eu, particularmente, achava que seria uma chapa só, mas a disputa foi acirrada entre as três chapas, foi muito legal e os ATENTADOS ganharam e eles estão envolvidos, aí.* (Diretora escolar).

De acordo com Bordenave (1994), apesar de a participação fazer parte da natureza humana, ela é uma atividade que necessita ser aprendida e aperfeiçoada. Ninguém nasce sabendo participar. Diante disso, é possível questionar até que ponto a escola não é responsável pela conduta desses alunos, já que não é incomum identificar jovens que desconhecem as possibilidades e reais limitações que o grêmio escolar pode desempenhar na escola.

A diretora, ainda, contou, que, quando jovem, participou muito de movimentos estudantis e considera que, naquela época, a juventude era muito mais politizada. Para ela, o município não oferece oportunidades de participação juvenil como antes.

> *Mesmo aqui em Diadema, eu já participei de muitos movimentos, há tempos atrás eu considero que éramos bem politizados, mas agora não é mais como antigamente, a gente vê que esta participação está diminuindo a cada ano*. (Diretora escolar).

Perguntei se a comunidade oferecia oportunidade de atividades culturais, e ela respondeu que o município oferece bastantes oportunidades, porém nem sempre os moradores da periferia têm acesso a esses lugares. Na Praça da Moça e no *shopping*, por exemplo, a oferta é grande, mas é raro ver jovens da periferia longe da proximidade de suas casas – uma das principais formas de participação acontece nas igrejas localizadas na própria comunidade.

Quando questionada sobre a participação da comunidade, em especial, dos familiares nos assuntos referentes à vida escolar, afirmou conhecer e concordar com a importância dessa forma de participação, mas admite enfrentar muita dificuldade para aproximar a comunidade das decisões da escola. Apesar de já ter tentado diversas estratégias de aproximação, como promover reuniões e festividades aos finais de semana, o afastamento está sendo cada vez maior.

Para compor os colegiados, foi necessário que a equipe escolar convidasse aqueles familiares que eram mais próximos da escola, ou seja, aquelas pessoas que traziam e buscavam os alunos nas entradas e saídas de aula, Ainda assim, algumas encararam essa participação como uma obrigação a mais em suas rotinas e não como uma oportunidade de diálogo em busca de melhoria para a escola.

A diretora afirmou, ainda, que acredita que esse afastamento pode ser justificado pela falta de atrativos que a escola oferece. Muitos pais, ao chegarem à escola, são "bombardeados" por reclamações e são chamados apenas para discutirem problemas, e isso pode estar causando essa falta de motivação com relação à participação – esses familiares já possuem problemas demais em suas vidas pessoais para se envolverem em mais problemas na escola.

> *Em relação à comunidade, até em reuniões de pais, que eram um momento que tínhamos os pais na escola, daí tirávamos os colegiados, hoje eu tenho que bater de porta em porta, pedindo para as mães que temos mais envolvimento, que vemos que é aquela mãe que traz o aluno para a escola, que são poucas e são com estas que eu conto e mesmo assim, quando a gente faz o convite, elas não querem. Parece que elas encaram como uma obrigação a mais e a gente sabe que a agenda destas pessoas também não está fácil, que a nossa também não é fácil. Eu falo para meus professores, às vezes a gente fica chamando tanto os pais aqui, dos alunos que aprontam e se fosse o nosso filho, será que teríamos a mesma disponibilidade de tempo de estar na escola? Só que eu acho que a comunidade deve vir sim, mas eu acho que deve ter atrativos para eles também, não adianta vir aqui só para ouvir reclamações do filho*. (Diretora escolar).

Cabe ressaltar a ideia de Bordeave (1994), sobre as duas bases complementares da participação: a afetiva e a instrumental. De acordo com o autor, a participação acontece porque, de alguma forma, dá prazer e porque forças conjuntas são mais eficientes que individuais. Mas, será que os familiares e alunos já não estão desiludidos com promessas de mudanças que nunca acontecem? Será que eles percebem que, apesar de sua ausência, muitas vezes, ser reclamada, a participação não leva a mudança alguma?

Um programa importante, segundo a diretora, para alcançar certa aproximação foi o "Escola da Família", pois, nos momentos em que a escola permanecia aberta, os familiares poderiam fazer alguma oficina artesanal, ou ler livros e jornais. Era nesses momentos que a família se aproximava da escola, e as pessoas podiam se conhecer. Mas, lamenta perder este programa no ano de 2013, pois não existem, na rede, profissionais interessados em permanecerem na escola durante os finais de semana – nesse período, então, a escola permanece fechada. Ela acredita, ainda, que esse fato esteja fazendo com que a escola

piore muito, já que agora muitos jovens pulam o muro para poderem usar as quadras. Os alunos não respeitam mais os espaços escolares, e a escola está cada vez mais depredada.

> *Um trabalho bastante importante que eu tinha era a Escola da Família e tinha um envolvimento bastante importante, porque nunca esvaziou a escola no final de semana. Era uma coisa bem legal e eu perdi este ano, por conta de não ter uma pessoa que quisesse trabalhar no final de semana, pois eles mudaram o perfil do trabalhador, que agora o vice-diretor precisa ser um pedagogo e as categorias, não pode ser categoria O, tem que ser categoria F ou efetivo. Então para você ver, eles peneiraram tanto que agora não tem ninguém interessado dentro de Diadema, porque eu já procurei, já correu e-mails com convites, mas assim, não tem pessoas interessadas em trabalhar e aí eu perdi muito, porque era um momento que eu tinha a comunidade aqui dentro, não só pelo esporte e lazer. Mas aí, o pai vinha, lia um jornal, participava de uma leitura junto com as crianças, iam fazer um cursinho, ou iam usar a internet no final de semana. Então, era o momento que a gente abordava o pai para estar mais perto da escola durante a semana e este ano nem com isto eu estou contando. Posso te falar que piorou muito a escola. Eu não tinha pichação dentro da escola, fora da escola, os grafites eram respeitados e agora eu vejo que eles estão assim, batendo na porta e dizendo a escola é minha, mas por caminhos errados, pulando o muro, invadindo a quadra, então é um espaço que está ocioso e eu sinto muito por isso. Eu acho que a Escola da Família era e é um ponto importante, para cultura e para tudo mais.* (Diretora escolar).

Na sequência, entrei no assunto sobre as atividades culturais oferecidas pela escola. A diretora afirmou que a escola oferecia os passeios, proporcionados pelo projeto "Cultura é Currículo" e promovido pela Secretária da Educação. Afirmou, porém, que, mesmo sendo oferecido gratuitamente, existem alunos que não participam. A DRE e os professores, no momento da escolha dos passeios, deveriam considerar mais as preferências dos alunos, pois, quando são sugeridos eventos que possuem maior destaque na mídia, a adesão de alunos é maior, mesmo que os alunos precisem pagar por sua participação.

A prefeitura oportuniza atividades interessantes, mas, por vezes, falta um incentivo, atrativos que deveriam ser desenvolvidos pelos próprios professores da escola. Apesar disso, ainda considera de grande importância a realização desses passeios para o desenvolvimento escolar dos alunos e lamenta não poder levar toda a escola, já que são oferecidos a um número limitado de alunos, não abrangendo, dessa forma, toda a demanda escolar.

Ainda na entrevista, a diretora afirmou admirar muito as iniciativas de incentivo à cultura, em especial aquelas relacionadas à cultura popular, à valorização de costumes nordestinos, principalmente por considerar que grande parte da população diademense possui raízes nordestinas – igualmente a ela.

Entretanto, lamenta que essas iniciativas estão cada vez mais escassas na escola. Nas festas juninas promovidas pela escola, por exemplo, os alunos já não aceitam mais apresentar danças típicas, preferindo dançar *funk* nesses eventos. Contou também que procura incentivar as iniciativas culturais e organizou os espaços escolares, reservando uma sala para instalação da Sala de Leitura e outra para instalação de computadores com acesso à *Internet* – a prefeitura está investindo bastante em equipamentos tecnológicos, o que facilita bastante o acesso dos alunos, à informação, segundo a diretora.

A escola participou, há alguns anos atrás, de um projeto chamado *ConnectingClassrrons* em conjunto com o conselho de Educação Britânico. De acordo com a diretora, a escola foi selecionada dentre muitas outras, devido a um projeto sobre liderança, desenvolvido na instituição. Durante o desenvolvimento desse projeto, alunos e funcionários puderam conhecer um pouco da cultura britânica, enquanto apresentavam características típicas da cultura brasileira. O contato era feito, semanalmente, através da *Internet* por correio eletrônico, ou salas de bate-papo e por trocas de cartas e pequenas recordações através do correio. A diretora declarou que ficou impressionada com o envolvimento de toda a comunidade nas festividades britânicas e falou ainda que sente muito, quando ouve de algum aluno ou professor que eles sentem vergonha das tradições típicas dos estados nordestinos. Disse também que a cada ano que passa essas modalidades culturais estão diminuindo no Brasil e teme que seus netos não cheguem nem a conhecer o que é uma quadrilha, uma Festa de São João.

Para finalizar, comparou algumas situações brasileiras e britânicas. Para ela o incentivo à participação nessas atividades deveria acontecer por parte das escolas – assim como acontece na Inglaterra. Os professores britânicos são muito envolvidos em assuntos políticos e culturais, e isso pode ser observado no nível de participação apresentado pelos estudantes. Esses funcionários também são muito mais valorizados e melhor remunerados e acredita que a situação de trabalho enfrentado pelo professor determina a qualidade de trabalho que ele tem a oferecer.

Escola Vila Nogueira

Por fim, foram analisados os dados referentes à Escola Vila Nogueira. Esta foi a escola que apresentou menos indícios de aceitação à participação dos alunos, fato

confirmado pelas falas dos jovens durante as reuniões, com características de grupo focal, pelas entrevistas realizadas com o professor responsável pelas atividades culturais, pelas observações feitas durante as visitas e até mesmo pela dificuldade que encontrei em entrar na escola a fim de obter os dados necessários.

Os dados apontam para indícios de que, mesmo sendo a escola com melhor infraestrutura em relação às outras escolas pesquisadas, aparentemente é a que menos oportuniza momentos de participação, em especial aos alunos mais velhos. Durante as entrevistas com o professor de Educação Física, pude perceber a infinidade de atividades oferecidas aos alunos mais novos. Apesar disso, por vezes, demonstrou seu descontentamento devido à falta de autonomia que enfrentou, ao tentar desenvolver formas de participação.

Durante todas as conversas realizadas, sempre que questionava algo sobre a participação, o professor apresentava as atividades culturais que estava desenvolvendo com os alunos do 6º e 7º anos, não elaborando nenhuma resposta que contemplasse outras formas de participação juvenil, como grêmio, participação na organização de eventos etc. O professor, aparentemente, sentia-se satisfeito em poder compartilhar suas experiências pedagógicas, mas, em nenhum momento, desenvolveu uma discussão a respeito das iniciativas de incentivo à participação juvenil nas rotinas escolares.

> *Então, eu já tive exemplos maravilhosos, aí o aluno vai e escreve e que erra vai saindo da atividade. Aí eu tenho todo um jeito de falar, o bacana é que vai todo mundo, que não sabe, vai lá e tenta, porque o jeito que eu converso com eles é aquele jeito que encoraja e eu falo, vai meu, tenta aí, se arrisca e tal. Não é um jeito muito pedagógico que fala quem não for, vai ficar com falta, vai ficar sem nota, nada disto. Eu não uso destes critérios e aí acaba que 99,9% participando, classificam quatro pessoas de cada sala e aí eu saio pela escola inteira fazendo este trabalho e quando eu vejo eu tenho os quatro campeões de sala. E aí o que é que eu faço? Eu vou para quadra, que vira um auditório, que tem torcida, mesa, microfone, som, tem piada, tem música e aí vou fazendo as eliminatórias e ao final escrevo na quadra ou em algum lugar maior e aí sai o campeão da escola. De uma brincadeirinha você cria um grande projeto*. (Professor de Educação Física).

Um dos maiores sucessos que pude perceber, a partir de suas falas, foi a enorme adesão por parte dos alunos em um projeto chamado Sons do Corpo – único projeto que consegui a efetiva participação de uma aluna na elaboração e desenvolvimento da atividade.

> *Era uma façanha ficar assim, mas é nesta simplicidade que eu penso que o resultado sai melhor e aí eu vejo uma criança, eu tenho um Projeto chamado Sons do Corpo. E o que é o Sons do Corpo? As pessoas perguntam se eu tenho conhecimento de música, e eu digo que tenho nada, mas na verdade tenho admiração pelos meus alunos, uns e outros que vou observando e o Sons do Corpo surgiu de uma menina que fez um curso na igreja e esta menina fazendo um trabalho bonito de só fazer por fazer, para mostrar para seus amigos e aí eu vi e pensei, nossa que trabalho legal de ritmo, de coreografia, de coordenação, você desenvolve bastante a questão da mente nesta atividade e pedi para ela fazer novamente para eu poder ver e ela fez. E aí eu falei: que legal! O que acha da gente ensinar nossa turminha da sala? Vamos ensinar?E ela falou que gostava de ensinar. Algumas aulas eu dediquei a este trabalho, e as pessoas começaram a pegar muito rápido. A atividade dá, em média, uns três a quatro minutos de atividade e aí o que aconteceu, este projeto que começou a uns quatro anos atrás e no outro ano eu pedi para ela vir fora do horário dela, eu fazia uma inscrição nas salas de aula, eu ia em tudo que era sala de aula, convidava as pessoas, os alunos e aí a gente montava os grupinhos , quando eu vi eu tinha 150, 130 pessoas inscritas.* (Professor de Educação Física).

Percebi, durante as visitas, que a escola também estava passando por um processo eleitoral para o Grêmio Estudantil da escola. Porém, ninguém quis desenvolver um diálogo sobre ele. O vice-diretor, em uma breve conversa informal, afirmou que ele só havia sido criado como forma de cumprimento de mera formalidade, que os alunos estavam acostumados a organizarem alguns torneios esportivos, mas que até as férias de junho já não haveria nenhuma outra forma de representatividade ou participação. O professor, de forma contrária, porém, afirmou que o grêmio era composto por alunos mais velhos, e o único envolvimento que tinha com eles se dava pelo treino de *futsal*.

> *É o meu time de futsal. Meus atletas todos dão problemas na sala de aula e aí eu ia lá e passava um pano, tentava contornar a situação. Tinha até ameaça de expulsão, e eu tinha que tentar reverter porque o time precisa do aluno. E aí sempre fica aquela imagem de que eles são o certo, e eu sou o errado, mas eu nem ligo. Às vezes, eles precisam disto para se sentir bem, super poderosa*. (Professor de Educação Física).

Por fim, o professor contou sobre o sucesso do projeto Superação e comentou como iniciativas de participação dos estudantes e outros funcionários podem ser uma importante ferramenta de estímulo a melhorias do espaço educacional.

> *Este projeto do intervalo, o SuperAção, tem a participação das meninas da limpeza. Estou para levá-las nas salas, mas ainda não consegui, também é outro projetinho que eu quero continuar. A gente tem aqui a cantina, e ela é a nossa poluidora. Mas aí vem verba para não sei o quê, arrecada para não sei o que lá, mas aí a alimentação continua péssima, muitos salgadinhos, parece que cortaram as frituras, mas o resto ainda é horrível e aí isto gera um lixo e a escola ficava daquele jeito. Depois que*

> *começou este projeto que uma das bandeiras era preservar o meio-ambiente, quando eu falo de meio-ambiente eu não falo do rio Amazonas, que a escola só pensa em falar do Rio Amazonas e do indiozinho, né! Eu falo do seu quarto, do seu banheiro, da sua casa, seu quintal, isto é meio-ambiente, onde você vive. O que você pode fazer para melhorar onde você vive? O espaço que você usa? E aí eu trabalho a Educação Física desta forma também: discutir o que é meio ambiente aqui na escola, é a sala de aula, é a quadra, é o banheiro, é o pátio e que tipo de lixo aparece aqui. Depois no projeto, eu pego uma parte da aula para falar, aí vem um aluno e fala ou manda um poema, ou uma piada. As meninas da limpeza falaram que diminuiu muito a questão do lixo na escola, mas foi muito mesmo. Elas ficam impressionadas, me agradecendo e eu falo que elas não têm que agradecer a mim, isto é mérito dos alunos. Este projeto já tem três anos já! E outra coisa que eu consigo fazer também é dar continuidade, mesmo que algum projeto não tenha, neste ano, aquele sucesso, não espero nada de retorno, exemplo olha eu fui campeão em 2008 e preciso ser campeão de novo?* (Professor de Educação Física).

A escola não oferece oportunidade de participação aos alunos, todavia a ação docente e iniciativa desse professor evidencia a sua disponibilidade para tal. É lamentável que seja uma ação isolada, mas tem o mérito de fazer a diferença.

É importante lembrar que, de acordo com Bordenave (1994, p. 77), um dos princípios da participação é aceitar que ela é um "processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder". Portanto, para uma instituição promover e incentivar práticas participativas, seus agentes – os professores, gestores, inspetores de alunos – precisam aceitar mudanças na concepção de poder e controle que, muitas vezes, estão acostumados a vivenciarem.

A partir dessa leitura, volto a levantar questionamentos a respeito das condutas dentro das escolas – questiono agora a conduta dos alunos frente a conduta dos adultos. Será que esses agentes escolares estão preparados para assumirem uma nova postura perante seus alunos? Será que querem abdicar de condutas autoritárias desenvolverem relacionamentos mais igualitários? Será que estão preparados para reverem suas condutas?

Diante dos dados das quatro instituições, foi possível perceber que existe a possiblidade de desenvolvimento dessa habilidade – a da participação –, mas ela não está condicionada apenas a práticas desenvolvidas na instituição socioeducativa, mas também na escola, como demonstrou uma das escolas que consegue realizar um trabalho diferenciado, envolvendo grande parte de seus alunos e comunidade local em decisões importantes da escola. Esse incentivo pode ajudar estes jovens a desenvolverem práticas cada vez mais democráticas, como afirma Bordenave (1994). A participação é uma

habilidade que deve constantemente ser vivenciada para poder ser aperfeiçoada, em outras palavras, “só se aprende participar, participando”.

Todo esse aprimoramento tem como objetivo o pleno desenvolvimento crítico e reflexivo do cidadão, visando à conquista da emancipação pessoal, tornando, progressivamente, independente dos poderes das classes dominantes.

> De modesta aspiração a um maior acesso aos bens da sociedade, à participação fixa-se o ambicioso objetivo final da “auto-gestão”, isto é, uma relativa autonomia dos grupos populares organizados em relação aos poderes do Estado e das classes dominantes. Autonomia que não implica uma caminhada para a anarquia, mas, pelo contrário, implica o aumento do grau de consciência política dos cidadãos, o reforço do controle popular sobre a autoridade e o fortalecimento do grau de legitimidade do poder público quando este responde ás necessidades reais da população. (BORDENAVE, 1994, p. 20-1).

A partir dessa ideia, passo agora a analisar os dados obtidos, mediante a categoria “Autonomia”.

3.3. Categoria Autonomia

Em relação à categoria autonomia, foram observados indicativos, como disponibilidades dos gestores e coordenadores em aceitar iniciativas de alunos e professores; não bloqueio, ou restrição de atividades propostas pelos diferentes grupos de pessoas nos espaços educativos; abertura para exposição de opiniões; e respeito a limites. De acordo com Apple e Beane (2001), uma escola que atenda aos ideais, verdadeiramente, democráticos deve propiciar ao aluno oportunidades de experimentação de situações de interação social na qual perceba que suas atitudes e opiniões são levadas a sério – isso porque uma instituição com tais ideais tem como objetivo maior o desenvolvimento de um cidadão crítico, responsável e autônomo, capaz de discutir e organizar movimentos, visando ao bem comum.

Esses indicativos foram facilmente observados, durante os encontros, com características de encontros focais, e confrontados com os depoimentos dos gestores e coordenadores, obtidos por meio das entrevistas.

Instituição Socioeducativa

Como os jovens, inicialmente, foram estimulados a falarem da organização da instituição socioeducativa, seus relatos indicaram a boa relação social existente entre seus pares e entre os jovens com os coordenadores da instituição. Foi possível observar, em suas falas, que as normas institucionais são respeitadas por todos eles e, aparentemente, não existe qualquer forma de supervisão feita pelos coordenadores com relação aos jovens participantes das atividades. Foi possível perceber também que existe certo consenso em relação à necessidade e importância de todos zelarem pelo respeito às normas e aos espaços coletivos, como mostra o trecho destacado abaixo.

> **Podemos perceber que aqui existem algumas regras institucionais, que estão até grafitadas nas paredes, como a proibição de bebidas alcoólicas, quem fuma, opta por fazê-lo lá fora, como é a reação de vocês frente a estas regras? Quem cuida para manutenção e execução delas?**
> *Todos*. (A – Homem 19 anos).
>
> *Todos*. (G – Homem 18 anos).
>
> *Todas as pessoas que frequentam a casa, optam por fazer as coisas lá fora, antes de entrar, ou nem fazem*. (A – Homem 19 anos)
>
> *Todos zelam pelo respeito, aqui tem bastante crianças, todos precisam respeitar o espaço*. (G – Homem 18 anos).
>
> **Além da questão do cigarro e da bebida alcoólica, existe outra regra que precisa ser seguida para poder frequentar a casa?**
> *Respeito, não fumar, não beber, sem violência*. (G – Homem 18 anos).
>
> *Os professores pegam no nosso pé por causa de palavrão e a gente acaba acostumando falar sem palavrão e com menos gírias*. (F – Homem 14 anos).

De acordo com os jovens, o respeito é uma condição presente na própria prática do movimento HIP HOP, pois, de acordo com eles, as pessoas só aprendem a dançar quando respeitam o espaço alheio, não sendo necessário alguém vigiar os duelos de dança, ou pedir para que um dançarino saia da pista para que outro possa entrar. As falas mostraram que o movimento de perceber o espaço alheio acontece de forma natural, sem necessidade de qualquer forma de competição externa, como mostram os relatos abaixo:

> *Quando cada um termina o que quer fazer*. (I – Homem 15 anos).
>
> *Quando ele frisa, que é a parada, quando ele para em alguma coisa e fica uns 3 segundos. Ele terminou aí você sabe que pode entrar*. (D – Homem 18 anos).

> *É mais, bom senso do que outra coisa. Porque se o cara mostrar tudo que ele sabe. Não tem o que fazer nas outras entradas. Ele se regula*. (L – Homem 17 anos).
>
> *Guarda um pouco para mostrar depois.* (C – Homem 16 anos).
>
> *É companheirismo. Ao mesmo tempo em que estão duelando, estão vibrando pelo que o outro consegue fazer*. (L – Homem 17 anos).

Outro destaque que merece atenção está relacionado à organização de atividades, sem a supervisão dos coordenadores ou oficineiros, ou seja, os jovens comentaram que, na ausência dos responsáveis, eles possuem autonomia suficiente para ocuparem os espaço e realizarem seus treinos, já que aqueles que possuem um maior conhecimento estão acostumados a ajudar àqueles que estão iniciando suas atividades.

> **Eu pude assistir a um pouco dos treinos de dança, vocês podem falar um pouco sobre esta prática? Como acontecem esses treinos?**
> *Existem algumas modalidades: POP, ROCK, LOCK*. (C – Homem 16 anos).
>
> **Quanto tempo vocês levam para aprender a dançar?**
> *Depende da vontade, tem gente que frequenta, mas não gosta tanto, demora mais, mais tem gente que não sossega enquanto não consegue fazer um movimento. Aí tem um amigo que tem mais facilidade e ele ensina.* (C – Homem 16 anos).
>
> **Mas quem ensina?**
> *Tem os professores, mas se você chegar em alguém e pedir me ensina tal coisa ele ensina. A informação vai sendo passada, tem a aula também, mas eu aprendo mais é com o pessoal.* (C – Homem 16 anos).
> *Aqui é muito legal porque ninguém nega informação, todos querem ver você aprender, acham legal você conseguir aprender*. (L – Homem 17 anos).
>
> *E aqui não tem idade nem menor, nem maior*. (C – Homem 16 anos).
>
> *Não. É para todas as idades. Qualquer um que chegar tem sua vez*. (C – Homem 16 anos).
>
> *Na oficina tem criança de até seis anos*. (K – Homem 16 anos).
>
> *Tem uma certa organização nas oficinas, mas quando não tem oficina, quando o professor falta, ou é feriado, ou alguém teve de viajar, o pessoal vem, vai treinar, fica de boa, um ajuda o outro. É bem flexível.* (L – Homem 17 anos).

Aparentemente, esses jovens convivem com oportunidades de desenvolvimento de autonomia, ao terem a liberdade de utilização de espaço, de equipamentos de áudio e vídeo e até mesmo de socialização com seus pares, sem a necessidade de supervisão constante de coordenadores da instituição. De acordo com Apple e Beane (2001), alguns dos principais fundamentos do desenvolvimento democrático é a fé na capacidade do outro na solução de problemas, a preocupação com o bem-estar dos outros, portanto, conforme mostram os

relatos desses jovens, as experiências podem ser vivenciadas facilmente, devido a uma cultura de respeito e desenvolvimento com objetivos de emancipação incentivados pela instituição.

Essas ideias puderam ser confirmadas nas falas do coordenador da instituição. De acordo com seus relatos, o maior objetivo da Casa é justamente o de desenvolver senso crítico, solidário e autônomo nos jovens que procuram a instituição.

> *A gente tem uma sala com computadores, que foi uma das coisas do Ponto de Cultura, que é para isto também, para que eles possam acessar e tudo mais. Então, a gente está tentando criar ferramentas. Temos todos os meses, que até vocês presenciaram neste sábado, que é o HIP HOP em Ação. Então um momento chamado "Quinto Elemento", que era onde uma pessoa ia lá e falava de algum personagem importante da história mundial e, na maioria das vezes, era de afrodescendentes, e aí a intenção é utilizar este acervo para isto. Ao invés de ser só a pessoa responsável pelo acervo, no caso o Nino Brown, mas a ideia é que ele passasse nas oficias e falasse de alguém, por exemplo, o Nelson Mandela e aí os "oficinandos" interessados em conhecer mais, marcaria um horário, vir, trocar uma ideia e, ao invés do Nino Brown subir no palco e falar, os "oficinando" iria falar sobre ele, e aí eu penso que a melhor referência são as pessoas de sua idade, que aí é "bem louco", ver um "brother" meu ir lá e falar e aí é um cara que você, que troca ideia. Além de você trazer informação, você consegue influenciar as pessoas a quererem fazer aquilo então esta é uma das ferramentas que estamos querendo utilizar para poder trabalhar esta parte pensante*.

Essas atitudes, aparentemente, alinham-se com as ideias, defendidas por Apple e Beane (2001), uma instituição só consegue alcançar preceitos, verdadeiramente, democráticos, a partir de práticas de respeito mútuo e fé na capacidade do outro. Uma comunidade não poderá ser democrática se, em sua rotina, utilizar de meios arbitrários de convivência.

Contudo, as diferenças voltaram a ser marcantes, quando o assunto relacionou-se à escola. Foi possível perceber, nas falas destes jovens, a disparidade que permeia as práticas diárias nas escolas onde estudam.

Escola Canhema I

Durante realização dos encontros, várias foram as oportunidades em que alguns jovens afirmaram que a escola onde estão matriculados possui uma trajetória de incentivo à autonomia dos seus alunos. Em alguns momentos, relataram a possibilidade de utilização

de equipamentos tecnológicos, possibilidade de sugerir eventos culturais e campanhas conjuntas entre a escola e a comunidade.

Quando confrontadas as falas dos jovens com as declarações da inspetora de alunos, da coordenadora e da professora responsável pela Sala de Leitura, ficou evidente que a autonomia aos quais os alunos se referiram estava relacionada aos diversos projetos desenvolvidos pela equipe escolar.

De acordo com as falas das funcionárias, a escola oferece diversas oportunidades para o fortalecimento dessa competência, por meio de projetos e programas instituídos pela rede e também por aqueles elaborados a partir de um diagnóstico das necessidades dos discentes.

Durante a entrevista, a professora citou, diversas vezes, o sucesso referente ao Programa SuperAção Jovem, cujo objetivo, de acordo com *site* do programa, é o desenvolvimento do protagonismo juvenil, por meio de oportunidades educativas com o intuito de desenvolvimento "da autonomia, solidariedade e competências para a vida" (http://www.superacaojovem.org.br).

A professora contou que existe um interesse bastante grande por parte dos alunos em participar desse projeto. A divulgação é realizada com auxílio dos alunos pertencentes ao grêmio estudantil que, segundo ela, é bem influente nas decisões da escola, e também pelos alunos que já participaram do projeto nos anos anteriores e continuam participando de atividades na Sala de Leitura. Essa sala pode até ser considerada uma sala de descanso, pois os alunos costumam passar o horário do intervalo lá, auxiliando na organização de atividades, participando dos projetos, ou lendo alguma obra presente no acervo.

De acordo com os relatos dos alunos e funcionárias da escola, é possível perceber que a escola desenvolve, em suas práticas, muito mais que conteúdos acadêmicos especificados em livros didáticos. Aparentemente, ela tem uma preocupação com o desenvolvimento pleno de seus alunos, – preocupação alinhada aos ideais também democráticos defendidos por Gimeno Sacristán (2005, p. 203), quando discorre sobre a escola na medida do aluno. "Os ideais democráticos também são os da educação; os traços do cidadão valiosos em democracia coincidem com as aspirações de liberdade e autonomia a serem atingidas pelos menores nas práticas educacionais".

Escola Canhema II

Em relação à segunda escola, não houve, por parte dos alunos, comentários que pudessem ser analisados, de acordo com os indicativos da categoria autonomia. Entretanto, como aconteceu nas análises de outras categorias, os dados obtidos através das entrevistas e observações mostraram que, novamente, a escola faz um esforço para que certas habilidades sejam incluídas em suas rotinas – embora não tenha sido observado nenhum sucesso.

Durante as observações, estavam ocorrendo, na escola, os preparativos para a eleição do grêmio estudantil, para o qual concorriam três chapas. Nesses dias em que permaneci na escola, pude observar os alunos distribuindo panfletos, colando cartazes e fazendo divulgação oral das propostas defendidas pelas chapas. De acordo com os próprios alunos, as reuniões de organização ocorriam no contra turno de suas aulas e sempre eram acompanhadas e dirigidas por um professor. Nesse dia, pude conhecer os alunos que participaram das reuniões e saber quais eram as propostas de suas chapas.

De acordo com os relatos das coordenadoras, obtidas através de conversas informais, os alunos do grêmio precisavam da supervisão de professores responsáveis por tal atividade, pois eles não sabiam exatamente quais seriam suas atribuições e, geralmente, transformavam esses encontros em momentos de desordem.

A diretora apresentou também a necessidade de uma supervisão constante, porém utilizou outros argumentos para justificá-la, como mostra a fala abaixo:

> *A gente implanta o grêmio, que foi feito através de uma eleição. Eu, particularmente, e achava que seria uma chapa só, mas a disputa foi acirrada entre as três chapas, foi muito legal e os ATENTADOS ganharam e eles estão envolvidos, aí. Mesmo assim, é necessária a presença de um professor que assuma esta atividade para mostrar a verdadeira importância desta participação, que não é só organizar algumas festas, como eles falam. Entender que vai muito além disto, chegando até a expandir para fora da escola, é aí que aparecem as deficiências. Temos poucos recursos para isto e Diadema também tem pouco movimento neste sentido. Mesmo dentro da Prefeitura que eu também já trabalhei, dá para perceber que o jovem não se envolve mais nestas coisas*. (Diretora da Escola).

A diretora responsabilizou também os professores pela falta de envolvimento de alunos nas atividades, afirmando que os atuais professores e coordenadoras não demostravam iniciativas de desenvolvimento de atividades

diferenciadas, utilizando grande parte de seus esforços em manter os alunos, sob rígida supervisão constante.

Gimeno Sacristán (2005) afirma que ninguém pode ensinar aquilo que não vivencia ou acredita. Essa ideia poderia justificar tais práticas – aparentemente, professores e coordenadores da escola não acreditavam que os alunos pudessem desenvolver atitudes autônomas.

> Se quisermos fazer valer os direitos dos menores, nas práticas educacionais e colaborar com suas conquistas por intermédio das mesmas, é necessário que estas sejam oportunidades e lugares onde cultivá-los. Dificilmente, se poderá progredir por esse caminho nas relações dos adultos com os menores se os adultos não viverem em condições nas quais seus direitos sejam respeitados. (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 203)

Escola Vila Nogueira

Com relação à última escola, tanto nos encontros com os jovens, quanto nas entrevistas com os funcionários da escola, foi possível encontrar dados referentes à categoria autonomia, porém nem todos podem ser interpretados como forma de incentivo – diversos dados demonstraram, na verdade, a restrição de práticas autônomas na escola.

Como já apresentado em outras categorias, a dificuldade em obter os dados começaram, ainda, no início da pesquisa e, quando autorizada a realizar a pesquisa, pude apenas obter os dados por meio de um professor de Educação Física, que ministra suas aulas para alunos dos sextos e sétimos anos da escola – segundo os gestores da escola, os professores que ministram aulas, no Ensino Médio, não poderiam me atender. Mesmo não tendo na pesquisa nenhum aluno nesta idade, aceitei a condição, pois acreditei que eles poderiam apresentar dados de alunos que conheceram em anos anteriores.

Percebi, durante as observações, que tanto alunos quanto professores possuem pouca autonomia para desenvolver seus trabalhos. De acordo com os relatos do professor entrevistado, porém, muitos deles se acomodam nesta condição e nunca tentam desenvolver nenhuma forma mais atrativa de atividades.

> *Mas eu acho que o fracasso, principalmente aqui na nossa escola, está na mão-de-obra, na qualificação dos docentes – a qualificação do professorado é impressionante –, se você ver a forma como o colega trabalha é coisa lamentável. Volto a dizer do repertório do profissional, porque na verdade a faculdade só serve para ter um papelzinho lá, se você conseguir depois colocar*

> *o seu conhecimento, talvez você seja um artista plástico, um desenhista. O segredo é pensar como colocar aquilo que você já fez, com aquilo que aprende no mundo acadêmico. O professor não tem mais esta criticidade de adaptar seu conhecimento com aquilo que o aluno já traz de sua vida, eu acho que os professores das séries iniciais ficam muito tempo com os alunos e acabam moldando eles e quando eles chegam no 5º e 6º anos já estão mais difíceis de trabalhar.*
> *O que é mais cômodo é você pegar uma coreografia de uma música que está na mídia e todo mundo dança igual e ai você ê monta uma coreografia para uma "apresentaçãozinha" para o Dia das Mães ou Dias dos Pais e todo mundo fala nossa que bonito! Isto não acontece porque eu tenho uma resistência quanto a isto. Eu tento fazer com qualidade, às vezes até eu busco para mim, porque sei que não vai fazer mal para eles. Pode parecer um pouco de egoísmo cultural nesta hora, mas eu não deixo que a minha aula fique poluída.*

Este professor afirmou que, atualmente, possui bastante autonomia para desenvolver seus projetos e passou a ser uma referência na escola. Falou também que conquistar este espaço não foi nada fácil – os demais professores não acreditavam na importância de suas atividades e, por vezes, tentavam atrapalhar suas iniciativas.

> *Eu fiquei 4 anos buscando espaço, pedindo aluno emprestado aos colegas, parecendo que estava assim , implorando e aí eles deixavam com aquele ar de superioridade sabe? Então, eu era o escravo e, na verdade, eu estava apenas tentando fazer um trabalho diferenciado. Até que hoje eu não posso reclamar, eu tenho um pouco de reconhecimento da galera, mas foi muito difícil ter que provar eficiência todo o tempo. E aí a gente vai se desgastando também, tanto pela questão do alunado que também está um pouquinho mais difícil de trabalhar. Então eu sempre falo, estes anos eu estou aprendendo a dar 10 passos para trás, para eu poder dar uma qualidade para o aluno e poder fazer por exemplo um torneio de queimada este ano, vou fazer futsal, vôlei e tal em alguns espaços para eu poder chamar para seleção daquele projeto que eu te falei de competição.*

Durante a entrevista, apresentou um número grande de projetos que realiza com seus alunos. Mostrou muitas fotos e registros de atividades. De acordo com estes documentos, a adesão por parte dos alunos é maciça, mas ressaltou que, mesmo apresentado sucesso, sente falta de reconhecimento por parte de seus superiores.

> *Eu tenho tudo documentado, tenho fotos. Se precisar de algum material, eu tenho tudo e posso te emprestar para reproduzir – eu não vejo problema nenhum, porque de tanto fazer as coisas aqui e nunca serem utilizados pela escola, eu fico até feliz de usarem. Aí eu me desmotivei um pouco porque agora, eu acabei ficando um pouquinho mais velho e eu tenho clareza do caminho que eu fiz, a viagem que eu fiz foi muito legal.*
> *Só que agora, eu percebi que, como eu sou efetivo aqui, todos estes anos se passaram eu nunca vi nenhum professor sabe, pegar uma reportagem do jornal quando fomos campeão estadual, nem na sensibilidade de pegar o que saiu na mídia, saiu aqui em Diadema, saiu no Diário do Grande ABC, saiu em São Paulo, nenhum professor usou aquilo ali, para passar na aula dele.*

Tive a oportunidade de conhecer diversos trabalhos desenvolvidos por este professor, inclusive assisti a uma aula, mas, por mais que eu perguntasse, durante nossa entrevista sobre os alunos mais velhos, ele não apresentou dados muito consistentes. Afirmou que ao serem transferidos para o período noturno, muitas coisas mudam, em especial, a oportunidade de participarem de atividades diferenciadas.

> *Nos períodos da manhã e tarde tem o 6º ano, o 7º ano, o 8º e o 9º. A escola da noite é uma, a escola do dia trabalha com a cultura, tem que trabalhar, a gente fez vários projetos, enquanto que a escola da noite, já começa a ter um outro olhar, começa a repudiar aqueles alunos que faziam artes de tarde, vão para o período da noite e começam a serem meio que mais procurados pelo sistema, não aceitam seus questionamento, ignoram sua criticidade, são taxados de falantes, bagunceiros e estes alunos vão se perdendo, eu perco meu músico, tem um alemãozinho aqui que tocava e já tocou até o hino nacional no violão, então estes alunos mais ligados à esta coisa da cultura tem um senso critico maior.*

Este depoimento confirma o que os alunos comentaram ainda no encontro de grupo focal na instituição.

> *Eu vou para o 3º. Minha escola é perto da Piraporinha, a escola é até bonitinha, tem muitas flores, mas para povo da noite não tem nada demais. Parece que a gente nem existe para a escola.* (C – Homem 16 anos).
>
> *É tudo livre, então a gente respeita. Na escola, parece que eles têm medo, tudo fica trancado, eu sei que na minha escola tem aparelho de som bem equipado com microfone e o "escambau", porque é usado no intervalo da tarde, com as crianças, mas a gente do noturno, não tem acesso a nada*. (D – Homem 18 anos).

E quando voltei a questionar sobre o desenvolvimento de atividades culturais com alunos mais velhos, obtive a seguinte informação:

> *Eles tiveram que sair da escola, ir para um centro cultural para conseguir se expressar e no centro cultural eles estão indo por espontânea vontade, não estão indo por obrigação isto que é bacana, quando você vai procurar um espaço você vai porque você quer e a escola ate carrega este nome de obrigatório, né?*
> *Então é descobrindo, eu não faço nada, eu só descubro os talentos que eles têm e que a escola não permite desenvolver talvez pelo currículo, talvez pela imagem do professor conservadora demais, muito tradicional. É aquela coisa de aprender a ler e escrever através apenas do ler escrever.*

De acordo com os relatos e as observações que pude fazer, percebi que a escola desenvolve algumas iniciativas com alunos mais jovens, mas, quando chegam ao Ensino Médio, tentam barrar todas as formas autônomas de expressão.

De acordo com os dados e as reflexões teóricas a cerca da autonomia, é possível concluir que esta só é alcançada quando a relação entre as pessoas envolvidas é permeada pelo respeito, pela preocupação com o bem comum, com práticas de solidariedade – mas, isso só pode ser alcançado no ambiente escolar se a relação entre professores, coordenadores, diretores e alunos assumir uma nova configuração. Foi possível perceber que as situações em que houve uma menor incidência de práticas emancipatórias foi permeada por relações arbitrárias de poder. Aparentemente, alguns funcionários não conseguem desligar-se das relações, tradicionalmente, desenvolvidas nas escolas, baseadas em relações de poder.

> Mas, no plano dos fatos, a violência simbólica do "despotismo ilustrado" que nos incentiva serve, muitas vezes, à velha ordem educacional baseada na submissão dos menores aos caprichos dos adultos, mas do que na sua emancipação. (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 204).

3.4. Categoria Satisfação

Como não poderia ser diferente, esta categoria esteve, intrinsicamente, relacionada com as demais, ou seja, em ocasiões na qual era possível observar participação dos jovens e funcionários da instituição, ou abertura para diálogo e autonomia das pessoas envolvidas, a satisfação esteve sempre presente; enquanto a instituição que apresentava em seu modelo de gestão, condutas autoritárias ou não participativas, a relação entre as pessoas era permeada pela insatisfação.

Muitas falas mostraram o orgulho dos jovens serem responsáveis pela manutenção dos espaços e de serem, popularmente, conhecidos pela comunidade como pessoas boas, confiáveis, "gente boa", segundo eles mesmos. Em suas falas, foi possível identificar também que o respeito e solidariedade entre as pessoas são ensinamentos desenvolvidos pelo próprio movimento HIP HOP, e isso é uma importante fonte de satisfação entre jovens, como demostram as falas abaixo:

> *Não são os cinco elementos?* (K – Homem 16 anos).
>
> *O grafite, o rap...* (L – Homem 17 anos).
>
> *O grafite, o MC é aquele que fica cantando, o DJ*. (G – Homem 18 anos).
>
> *É o grafite, a dança, os DJs*. (L – Homem 17 anos).

> *Tem o quinto elemento que eles ensinam aqui, a sabedoria*. (C – Homem 16 anos).
>
> *É verdade* (risos). (Todos).
>
> *Esta casa é legal porque ela reúne tudo isto mesmo, se vocês forem lá fora, está tendo um encontro de MCs*[12]*, mas está tendo oficina de grafite, de dança, estamos conversando aqui. Tudo acontece ao mesmo tempo, no seu espaço. HIP HOP é isto aí, é conviver com as diferenças*. (L – Homem 17 anos).
>
> *Já fiz outras danças, pagas, um curso formal de dança, mas você vê que é muito comercial, a pessoa te ensina até um ponto, depois não ensina mais, porque entrou em outro módulo, ela tem módulo a cumprir, tem toda uma burocracia, tem toda uma estratégia e aqui isto não existe, enquanto você puder aprender e absorver, sempre tem alguém para ensina*r. (F – Homem 14 anos).

De acordo com Apple (2001), um dos fundamentos da educação democrática é a ênfase na cooperação, e não na competição – mesmo sabendo que não são princípios fáceis de serem alcançados. Pode ser observado na fala dos jovens que o teor democrático da escola é um dos fatores que mais os influenciam na opção de quererem participar tão assiduamente das atividades propostas pela instituição. Em suas falas, deixaram evidente que o respeito às normas e às outras pessoas ocorre de forma natural. Como a Casa é frequentada por muitas pessoas, inclusive por crianças, todos precisam respeitar os espaços para facilitar a participação geral.

> *Todos zelam pelo respeito, aqui tem bastante crianças, todos precisam respeitar o espaço* (G – Homem, 18 anos).
>
> *Os professores pegam no nosso pé por causa de palavrão* (F – Homem, 14 anos).
>
> *Esta união, este respeito, a gente leva para casa, às vezes em casa não tem toda esta união e as pessoas acabam aprendendo* (B – Homem, 18 anos).
>
> *O legal é que não muda só você, mas muda quem cerca você, família, amigos que não frequentam aqui* (Jovens L – Homem, 18 anos).
>
> *Isto faz com que a gente se sinta bem* (B – Homem, 18 anos).

Ainda durante o grupo focal, foram questionados sobre o porquê de apresentarem uma participação tão assídua na instituição. A partir desse questionamento, o grupo começou a externar, verdadeiramente, uma discussão, evidenciando, em suas falas, a real importância da instituição para suas vidas, conforme mostrado, a seguir:

[12] De acordo com os jovens participantes da pesquisa, MC significa Mestre de Cerimonia, ou anfitrião, mas, no movimento HIP HOP, é utilizado para identificar aquele que canta, que compõe os versos.

> *Eu não tenho muito tempo, só tenho tempo aos sábados, mas se eu tivesse mais tempo na semana eu viria, já que eu gosto tanto eu tenho que procurar sempre aprender mais* (H – Mulher, 17 anos).
>
> *Porque este é o único momento que eu tenho para desestressar, a gente fica o dia inteiro naquela correria, vir pra cá é importante para aguentar as outras coisas, mais do que aprender a dançar é justamente esta coisa de relaxar. Aqui o pessoal é muito jovem, é muito divertido conversar, trocar ideias, zoar* (Jovens L – Homem, 18 anos).
>
> *A gente se identifica com a cultura Hip Hop* (B – Homem, 18 anos).
>
> *Antes de vir, eu tinha um pouco de receio, por não conhecer ninguém, de vir de um lugar diferente, mas depois que você conhece é muito gratificante, você precisa de uma informação, a pessoa vem, senta, te explica. Não vejo maldade, não vejo intriga* (L – Homem, 18 anos).
>
> *Isto faz com que a gente se sinta bem* (B – Homem, 18 anos).

Contudo, as divergências voltaram a permear as falas, quando o grupo passou a discutir aspectos relacionados às escolas. Enquanto nas instituições que apresentaram uma maior dificuldade em estabelecer uma relação de diálogo, participação juvenil ou desenvolvimento da autonomia, as falas caminhavam sempre para demonstração da insatisfação, na escola que procura estabelecer, em sua rotina, práticas democráticas, as falas de seus alunos eram marcadas por demonstração de satisfação.

A falta de atenção e respeito de alguns funcionários e o descaso em relação à manutenção dos espaços físicos da escola, também foram a origem de comentários que demostraram a insatisfação de alguns jovens.

> *Eu vou para o 3º. Minha escola é perto da Piraporinha, a escola é até bonitinha, tem muitas flores, mas para povo da noite não tem nada de mais. Parece que a gente nem existe para a escola*. (C – Homem 16 anos).
>
> *Eu vou para o 1º.* (J – Homem 16 anos).
>
> *Tem dia que a gente chega na sala de aula e está um lixo, principalmente quando chove, a sala está cheia de goteiras e o chão fica preto de tanta sujeira, fora o dia está muito frio, as janelas não fecham e algumas não têm vidro, a sala fica gelada, quase morro de frio* (I - Homem, 15 anos).

A partir desse pensamento, os jovens foram questionados sobre a função da escola, e as respostas voltaram a ser consensuais: afirmaram que cabe à escola não apenas o desenvolvimento de conteúdos, mas a formação do cidadão para a vida. Outro aspecto sobre a escola que merece certo destaque foi o de alienação. Em seu discurso, um jovem explica que a escola só serve para alienar as pessoas, fazendo com que elas se acostumem com regras e horários, para assim continuarem sendo manipuladas pelo sistema. Os jovens

demonstraram também, em suas respostas, a insatisfação por passarem anos na escola apenas para serem treinados para o vestibular, como mostram os relatos abaixo:

> *Como eu, tem muitas pessoas que têm esta visão que não é só formar pessoas que sabem o conteúdo, como matemática, português, não é só isto. O trabalho da escola é diferente, é saber se socializar, é preparar o jovem para ser um adulto. Hoje quando a gente chega na fase adulta é exigido tantas coisas que deveria ter aprendido na escola e não aprendeu, seja por artes, por esportes e até pelos conteúdos mesmo. Tudo isto ela deveria dar um caráter muito mais dinâmico. Muito mais interdisciplinar. Hoje ela prepara você para fazer uma prova, ou para entrar na faculdade. Só que a função da faculdade não é formar pessoas, é formar um profissional, formar pessoas é função da escola* (L – Homem, 18 anos).
>
> *E formar um cidadão para a vida* (H – Mulher, 17 anos).
>
> *A escola deveria ter a importância e fazer o papel dela, mas hoje, infelizmente não faz. Seja pública ou privada, ainda umas fazem mais que outras, mesmo eu, sempre tive atividades complementares, tanto línguas, como esportes, tudo era complementar, a escola não satisfazia minha necessidade*. (L – Homem 18 anos).

Esses relatos vão novamente ao encontro das ideias defendidas por Apple (1997), o qual afirma que, quando a escola considera, falsamente, a educação como sendo realizada a partir de ações neutras, livres de intervenções políticas ou ideológicas, desenvolve um trabalho baseado em conteúdos e métodos, e, com isso, não chega a perceber que está servindo à manutenção de uma ordem social. Ao manter rotinas inflexíveis e distantes do cotidiano de seus estudantes, a escola completa seus períodos com conteúdos pouco significativos e descontextualizados, deixando de desenvolver atividades reflexivas que levariam os alunos à criticidade.

Segundo o autor, essa seleção dos conteúdos não acontece de forma impositiva, e sim sutilmente, através do convencimento das pessoas, com argumentos de benefícios mútuos e com intervenções nas rotinas das instituições e dos professores. Tal sutileza dificulta, ainda mais, uma reflexão crítica a respeito das práticas escolares, já que essa realidade acaba assumindo uma falsa ideia de naturalidade, ou seja, esses ideais são introduzidas de forma tão concreta, presentes em tantos detalhes, que fica difícil refletir sobre a maneira pela qual a situação pode ser modificada.

> As políticas do conhecimento oficial são o resultado de acordos ou compromissos. Elas não são usualmente impostas, mas representam os modos pelos quais os grupos dominantes tentam criar situações nas quais os compromissos que são estabelecidos os favorecem. Os compromissos ocorrem em diferentes níveis: ao nível do discurso politico e ideológico, ao nível das

> politicas de Estado e ao nível do conhecimento que é ensinado nas escolas, ao nível das atividades diárias de professores e estudantes nas salas de aula e ao nível de como entendemos tudo isso (APPLE, 1997, p. 24).

A partir dos dados obtidos nas escolas, é possível confrontar algumas falas dos jovens e confirmar algumas opiniões externadas por eles.

Canhema I

Durante todas as entrevistas realizadas nesta escola, foi possível observar um ambiente respeitoso entre as pessoas. Todos os funcionários relacionavam-se com cordialidade entre si e com os alunos. Durante as conversas, apesar de ouvir que os resultados escolares são fruto de um trabalho árduo, os funcionários da escola sempre demostraram aparente satisfação em desempenhar suas funções.

> *A partir do momento que você consegue fazer um trabalho interligado, é valorizado pelos próprios alunos, a comunidade valoriza, o aluno valoriza. A importância deles dentro do processo é fundamental. Eu acredito que quando a gente consegue trazer este aluno para próximo da gente e ele acredita no trabalho, ele faz a diferença realmente para nós*. (Coordenadora Pedagógica).

O pensamento exposto por esta coordenadora está de acordo, novamente, com os ideais de "escola na medida", de Gimeno Sacristán (2005). Segundo o autor, a relação da escola com os alunos não deve basear-se na repressão. A escola deve se apoiar na cumplicidade, através de pactos e não de imposição. De acordo com as categorias previamente apresentadas, essas iniciativas de aproximação com os alunos, o aparente entusiasmo que a coordenadora apresenta, ao falar das vitórias que estão alcançando, demostram a preocupação da escola em alcançar a satisfação do alunado e comunidade pelas atividades oferecidas. As falas da inspetora de alunos confirmam os benefícios que a boa relação entre as pessoas refletem até no trabalho com os próprios alunos:

> *Eu tenho notado que alguns alunos indisciplinados, quando começam a participar melhoram muito. Eu acho que, na verdade, eles precisam ser valorizados. Quando a gente chega, começa a conversar com eles, eles passam a ser nossos amigos. Quando a gente começa a valorizar e acreditar no que ele faz, ele muda completamente.*
> *Tem uma aluna no terceiro ano, que no começo era bem revoltada, depois que ela começou a participar dos projetos, virou outra pessoa. Ela é agora um barato, até violão ela está tocando. Ela que montou o sarau, participou do Superação Jovem. Antes eu acho que eu não ia muito com a cara dela, sabe? Ela*

> *tem um gênio forte, mas depois que a gente começou a conversar, a valorizar o que ela faz, ela mudou completamente.*
> *Eles são muito carentes de carinho. Agora esta aluna é um doce. Às vezes, eu vejo que falta nos professores, é valorizar o aluno. Não ficar humilhando. Incentivar, falar que ele tem potencial. Perceber algum dom que ele tem e tentar usar, né?* (Inspetora de alunos).

A fala de um jovem, ainda na realização dos grupos focal, confirma as falas dessas funcionárias com relação à tentativa de tornar a escolarização uma oportunidade prazerosa e significativa para seus alunos, proporcionando-lhes satisfação.

> *Os passeios são sempre legais, minha sala já conheceu uma agência de filmagens, lá eu aprendi a mexer nas máquinas, hoje sou eu quem ensino os professores a usarem.* (J – Homem 16 anos).

Canhema II

Durante as visitas a esta escola, conversei com as coordenadoras e percebi, em suas falas, uma aparente desmotivação com relação ao seu trabalho na escola. Elas comentaram que a escola sofre por diversos problemas de vandalismo e afirmaram que suspeitam que foram cometidos pelos próprios alunos. As funcionàrias mostraram o estado do teto de uma sala, onde se localizavam os computadores disponíveis para a elaboração de atividades pelos professores. Nesta sala, parte do teto estava quebrada e, segundo elas, isto foi feito por pessoas que entraram na escola para roubar os computadores.

As coordenadoras afirmaram também que a disposição das áreas da escola não contribui para monitoramento dos alunos. Reclamaram que existem lugares que alunos utilizam para se esconderem durante as aulas.

Essa aparente desmotivação pôde ser percebida também nas falas da diretora escolar. Segundo ela, a escola incentiva práticas mais atraentes aos alunos, promovendo festas e passeios como forma de incentivo à cultura. Essas oportunidades também são oferecidas pela Secretaria da Educação, mas percebe-se que, por vezes, a adesão dos alunos poderia aumentar se houvesse um trabalho diferenciado e preparativo por parte dos professores.

> *Acredito que o que falta é esta motivação, eles precisam entender, fazer um estudo melhor, se apropriar mais da nossa comunidade, do entorno.*
> *... Então, como ele vai se interessar? Tenho passeios que eles vão para a Chácara Lane, então eu tenho que saber o que fazer para motivar este aluno a*

> *conhecer esta chácara, o que eu tenho que falar que eles vão encontrar lá. Cabe ao professor falar o que está de acordo com o currículo, com o que nós estamos vendo aqui. Exige um passo a mais de todo mundo, do governo que está oferendo, da direção, que está organizando e do professor fazer a parte pedagógica e mostrar.*
> *Aqui a gente tenta também, mas eu vou um pouco além, nosso profissional já não põe a mão na massa. Nossa Educação Física é aqui na quadra e não tem como eu ficar cobrando. Mudar esta cultura também do professor em sala de aula é um longo trabalho. A imagem que se passa é de violência, mas eu acho que esta violência é gerada até mesmo nas salas de aula, por conta destas coisas. Às vezes os alunos veem estas coisas e pensam que não é isto que querem. Então parte muito da nossa consciência de que profissional nós estamos formando.* (Diretora de Escola)

Essas falas se alinham às ideias de Gimeno Sacristán (2005). De acordo com o autor, o trabalho de incentivo do professor é fundamental para o desenvolvimento da educação. Para ele, o sucesso está em criar mecanismos de interesse nos educandos, ou seja, não basta selecionar o que ensinar, é necessário planejar formas atraentes no processo de ensino e aprendizagem.

> Aprender com vontade e se divertir em atividades iguais a muitas que competem às escolas somente é possível quando o que se aprende é interessante. Mas estar interessado é uma condição subjetiva - do aprendiz – que não surge espontaneamente quando se refere a estar interessado por objetos culturais, nem muito menos quando se trata do conteúdo curricular; é preciso provocar o interesse e saber fazê-lo. Tudo o que se pode ensinar sempre é potencialmente possível de aprender por alguém com interesse. (GIMENO SACRITÁN, 2005, p. 200).

A diretora reconhece a importância de desenvolvimento de atividades diferenciadas, mas desabafa, afirmando que tenta desenvolver projetos e passeios, mas essas iniciativas não estão apresentando o resultado que esperava.

> *Eu até pergunto aos alunos por que eles vêm com tanta raiva da escola, chegam às sete da manhã aqui com raiva, ou vem empurrado. Eu vejo que a escola é para eles, é para a comunidade. Então é isto, eu acho que tem que ser feito um trabalho de aproximação e a gente tenta, mas parece que não está dando resultados. E todos os envolvimentos que nós temos das estruturas superiores, da Diretoria de Ensino ou da Secretaria de Educação é voltado a ter a comunidade na escola.*

Gimeno Sacristán (2005) afirma que ser aluno é uma condição criada pelos adultos para as crianças e jovens. Essa condição é criada, a partir da imagem que o adulto tem desta fase da vida e projeções que fazem a partir do que querem que estes jovens se transformem. Por isso, na escola, são criados determinados papéis a serem desempenhados

pelos alunos, acreditando que esta é a maneira correta de se desenvolverem em sociedade. Essa condição é tão familiar que pode ser confundida com uma ordem natural das pessoas envolvidas, obrigando-as, nessa relação, a serem de determinada maneira – porém, esta maneira pode ser diferente do modo de vida com que os jovens estão acostumados, ou pode não fazer sentido, de acordo com as necessidades que estes alunos enfrentam. Consequentemente, a satisfação dos alunos e comunidade pelas atividades oferecidas pela escola é bem pequeno e isso pode levar à falta de motivação a participar de atividades propostas pela instituição escolar.

> Ao acreditarmos que são "menores", sua voz não nos importa e não os consultamos para elaborar ou reconstruir a ideia que temos sobre quem eles são. Os adultos definem a si mesmos, e os menores são definidos pelos adultos. Se eles não falam, e nós adultos fazemos isso por eles, é lógico que a explicação de sua experiência esteja muito intermediada pelas visões que temos deles. Não será estranho, então, em uma situação como a atual, em que o grupo de menores passa a ter uma certa identidade e a se constituir em agente social, que os desajustes em nossas percepções adultas sobre os alunos comecem a se tornar evidentes (GIMENO SACRITÁN, 2005, p. 12).

A diretora afirmou que a comunidade já não se preocupa mais em participar em eventos na escola e afirma que, nas muitas vezes em que os pais são chamados na escola, são "bombardeados" com reclamações de seus filhos e problemas enfrentados pela escola.

> *No colegiado, a gente discute o que? Chega uma verba e resolve o que será feito. Geralmente o pai olha o que é concerto de depredação, quer dizer, é problema e quando reúne o conselho é para falar do que? Geralmente, cai no ponto de indisciplina, que é um problema também. Então eu acho que os pais estão se isentando destes problemas, porque eles sabem que ninguém tem uma solução, nem com próprio filho, quem dirá dentro da instituição, né?* (Diretora escolar)

Desde o início das pesquisas, essa escola apresentou obstáculos para a obtenção de dados. Pude perceber, com estas dificuldades, alguns possíveis sentimentos que permeavam as relações sociais nessa instituição. Aparentemente, nos períodos da manhã e tarde, as atividades eram desenvolvidas de maneira muito interessante; porém, quando tentava obter qualquer informação sobre os alunos do período noturno, era impedida, com argumentos de que os melhores projetos eram feitos nos outros períodos e que os alunos poderiam não aceitar a pesquisa, pois, segundo o vice-diretor, eram muito agressivos.

Durante a pesquisa, não pude registrar com aparelhos de áudio os dados obtidos por meio da entrevista com o vice-diretor, mas pude registrá-la com o professor de educação

Física que, por diversas oportunidades, mudou de assunto e, em nenhum momento, quis desenvolver uma diálogo sobre os alunos do Ensino Médio.

Apesar do clima ameno no período da tarde, pude presenciar algumas atitudes que não combinavam com condutas amigáveis, como o fato descrito a seguir: a entrevista foi realizada em uma sala de reuniões. Durante a conversa, uma coordenadora pedagógica entrou na sala e iniciou uma reunião com os familiares de um aluno – sem, em nenhum momento, questionar se estava atrapalhando. Quando o professor falou a ela que estava sendo gravado, ela perguntou se não havia outro lugar para esse tipo de atividade e solicitou que eu apagasse o que havia sido registrado com sua voz.

Em outras oportunidades, o professor demostrou a insatisfação em conviver com atitudes, a exemplo, da acima citada e comentou que tais condutas influenciavam diretamente a forma como os alunos se relacionavam. Segundo o professor, a comunidade escolar é permeada por pessoas que não buscam um relacionamento amigável ou, pelo menos, educado, e os alunos estão levando isto para a sala de aula – não conseguem mais se colocarem no lugar de seus colegas ou professores, querem que seus desejos sejam prontamente satisfeitos, como indica as falas abaixo:

> *Os alunos que temos são os filhos desta geração que passam na rua e não te cumprimentam, mas jogam um pedaço de papel no chão. Eu vi um caso em um mercado, eu vi uma menina de uns 10 anos com o pai e ele jogou o papel no chão. Ela pegou e falou alguma coisa com o pai e ele pegou no bracinho dela e falou: - Quando a gente chegar em casa, vamos ter uma conversa sobre isto.*
> *Ai eles aprendem estas coisas, né? Chegam na escola e têm dificuldades de fazer trabalhos em equipe, em competir em jogos de regras, não aceitam mais perder, querem tudo agora! (*Professor de Educação Física)

Gimeno Sacritán (2005) alerta-nos também do perigo em tentar estabelecer parâmetros comparativos com gerações passadas, como mostra o excerto abaixo:

> Nas condições das sociedades modernas, as escolas, os professores e os pais não podem olhar para o passado para restabelecer sua autoridade e seu saudoso velho mundo – inventado mais em sua lembrança do que real em algum momento de seu passado -, mas indagar e construir a partir das condições da nova realidade. A ordem disciplinar que os conservadores pretendem recuperar, propondo como solução para o desafio dos estudantes rebeldes, "contrários" e desafetos, não poderá recuperá-los. Embora consiga disciplinar os agressivos e se impor aparentemente sobre os alunos; se não mudarmos o modo de vida que se oferece dentro das salas de aula aos menores, estas serão cada vez mais estranhas para eles. Esses efeitos se manifestam de forma diferente e com díspar grau de intensidade nos diversos grupos culturais e classes sociais, que desenvolvem diferentes estratégias de resposta, desde o claro desprezo e abandono até a apatia

> e desafeto que há por trás da falta de motivação. (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 199).

Não questiono a natureza da falta de educação de alguns alunos por ele citado, mas questiono sobre o que está sendo feito para que esses alunos se interessem pelos conteúdos por ele trabalhados. Será que esta escola tem acompanhado os avanços tecnológicos pela qual a sociedade está passando? Será que os profissionais estão conseguindo lidar com o grande número de informações que a tecnologia coloca à disposição desses alunos, ou ainda, será que ela se utiliza destes avanços?

Na fala da diretora, percebeu-se que ela gostaria de que fosse diferente, que os professores tivessem condutas mais alinhadas ao envolvimento da comunidade e desenvolvessem um ensino mais significativo e prazeroso para os alunos – porém, os dados indicam que não está tendo sucesso junto aos docentes.

O professor, ainda, afirmou que uma fonte de insatisfação também está relacionada à falta de reconhecimento de seu trabalho – ele já desenvolvera diversos projetos interessantes, ganhou campeonatos esportivos e desejava que essas notícias fossem divulgadas. Ele mesmo providencia uma faixa para anexar na entrada da escola, pois a gestão escolar nunca se manifestou em divulgar tais vitórias. Isto contraria até certo ponto as informações da diretora – o que pode ser considerado um indicador de trabalho não coletivo e compartilhado da escola.

> *Então, em Diadema e não só Diadema, aqui na nossa região do ABCDM, nunca uma equipe de futsal foi para o interior, mas ninguém comenta nada, não sei se você viu, na entrada tem uma faixinha de algumas coisas que eu fiz, mas é que eu faço um apelo às vezes sabe, eu vou apelando para ver se o pessoal olha e vê que a gente existe, que o esporte está presente na escola. Assim as coisas vão surgindo, mas eu vou te chamar para presenciar o fechamento destes projetos*. (Professor de Educação Física).

Por fim, vale destacar que uma categoria leva, necessariamente, às outras, pois é muito difícil pensar em formas de participação de qualidade, ou níveis de autonomia sem que as pessoas envolvidas na relação se conheçam, se respeitem, se ouçam – e isto acontece a partir do estabelecimento de diálogo..

De acordo com Gimeno Sacritán (2005), é necessário que a escola aceite que a educação só acontece quando existe o interesse daquele que está sendo educado. A educação não acontece apenas com a transmissão de conteúdos: precisa trazer ao jovem

alguma forma de prazer. Isso só ocorre apenas com o bom trabalho e intervenção de seus educadores.

> Como a aculturação ilustradora implica ampliar horizontes, dando acesso a novos conteúdos, o desafio para os educadores está em saber como torna-los interessantes, incitar sua aprendizagem e a ampliação contínua dos mesmos. O fracasso da escolarização é, em muitos casos, uma mostra da incapacidade de interessar os fracassados. A questão não é só que não sabemos fazê-lo, particularmente, existindo outras formas de consegui-lo; o que poderia ser sanado com a formação. O problema é que, quase com certeza, esse saber interessar os menores, que é tão necessário para cumprir a esperança que nos guia, não faz parte daquele saber sobre a educação, como memória coletiva, do qual falamos no início, tampouco do saber didático especializado disponível, porque essa sabedoria deve ser válida para os sujeitos, conteúdos e ambientes que mudam com o tempo e as circunstâncias de cada momento (o que Freinet faria hoje de seu método natural para ler e escrever com as impressoras coloridas, o correio eletrônico, a Internet, etc.) (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 201).

Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi analisar as condutas de jovens em duas instituições de natureza distinta, uma de educação formal, a escola, e outra de educação informal, uma instituição socioeducativa que oferece atividades de incentivo à cultura, em especial ao movimento HIP HOP.

A juventude e seu protagonismo, em diferentes instituições, foi um tema de meu interesse há longo tempo. Das reflexões feitas, alguns questionamentos permearam as leituras e observações:

- Quais são as circunstâncias que fazem com que jovens da mesma comunidade apresentem condutas distintas em instituições educativas?
- O fato de uma ser de natureza obrigatória e outra opcional interfere em suas condutas?
- A cultura do local desses jovens tem espaço para serem vivenciadas nas escolas onde estudam?

Reconhecendo e respeitando a natureza distinta de cada instituição – uma de educação não formal e outra de educação formal, a escola –, a pesquisa não tem como objetivo comparar estas instituições, mas sim analisar as condutas dos jovens que as frequentam.

A coleta dos dados foi feita nos anos de 2012 e 2013. Utilizou-se uma metodologia com abordagem qualitativa, tendo como instrumentos reuniões, com características de Grupo Focal, observação da atuação dos sujeitos, nos dois tipos de instituições norteada pelas categorias: diálogo, participação, satisfação e autonomia. Foram feitas também entrevistas com uma diretora de escola, uma coordenadora pedagógica, uma professora responsável pela sala de leitura, um professor de Educação Física e uma inspetora de alunos.

Os dados foram organizados, a partir das categorias diálogo, participação, autonomia e satisfação e analisados, a partir das contribuições teóricas de Apple & Beane (1997), intelectuais que desenvolveram os conceitos de educação democrática; e em Gimeno Sacristán (2005, 2008) que aborda, entre outros, o aluno como sujeito social. As ideias desses teóricos podem ser utilizadas para a análise de toda e qualquer instituição

que tenha uma finalidade educativa, além das contribuições sobre o termo juventude, defendidas por Dayrell e Pais.

Em relação às analises, a partir das categorias, foi possível observar que a satisfação é um indícios de como as outras categorias estão sendo desenvolvidas nas instituições. Em outras palavras, na instituição em que a satisfação permeou os dados obtidos pelos jovens frequentadores, foi possível observar também práticas participativas, abertura para diálogos e autonomia para seus frequentadores desenvolverem iniciativas diferenciadas. Essas características puderam ser observadas na Instituição Socioeducativa e em uma das escolas analisadas, aqui denominada Canhema I.

Nas duas outras escolas, a Jardim Canhema II e Vila Nogueira, foi observada menor incidência de práticas participativas, menor abertura para diálogo entre os representantes das escolas e seus alunos, além de aparente ausência de autonomia de professores e alunos para o desenvolvimento de propostas diferenciadas, em especial aquelas ligadas à cultura. Ao que parece, essas características das escolas levam a uma insatisfação dos serviços oferecidos por parte dos jovens pesquisados.

Foi possível observar também que o fato de serem instituições de frequência obrigatória não influenciaram a assiduidade da participação dos jovens, já que a participação parece estar mais ligada à satisfação que sentem em relação às atividades oferecidas pelas instituições.

Outro fator que julgo interessante é que a motivação pela participação não está estritamente ligada às atividades que são realizadas por livre iniciativa dos jovens – em muitos momentos, puderam demonstrar satisfação em participarem das atividades obrigatórias desenvolvidas pela escola.

A partir das leituras realizadas durante todo o processo e produção deste estudo, foi possível refletir sobre o processo hegemônico presente nas relações estabelecidas nas escolas. Por muito tempo, a escola foi marcada por relações de poder entre os adultos e seus menores, porém os jovens passaram a exercer outro papel social, distinto daquele conhecido como adultos incompletos – que necessitavam de intensa supervisão dos adultos e que estes deveriam escolher o que era melhor para seus jovens. Hoje a juventude pode vivenciar um papel mais autônomo, sendo responsáveis pelo seu próprio papel social. Em conformidade com as ideias de Apple (1982), estabelecer rotinas em busca de práticas verdadeiramente democráticas, portanto, necessita de uma mudança na concepção de

educação existente, em especial mudanças nas relações de poder exercidas dentro da escola.

Analisando as condutas jovens, nas instituições pesquisadas, outro aspecto merece destaque: após visitas em escolas públicas do município, foi possível observar um número grande de alunos que praticava atitudes de resistência às atividades e regulamentos escolares. A pesquisa, então, partiu da hipótese de que, enquanto na escola, os jovens apresentavam condutas de resistência, em ambientes mais próximos de suas origens sociais, onde suas manifestações culturais são aceitas e, muitas vezes valorizadas, a conduta desses mesmos jovens se apresenta de forma muito distinta.

No início de minhas atividades de pesquisa, pude perceber, nas escolas de educação básica do município de Diadema, condutas resistentes e transgressoras, partindo de alguns estudantes. Diante disto, parti da hipótese de que alunos que frequentam a casa do Hip Hop faziam parte deste grupo de alunos e que essas condutas eram respostas a uma tentativa de inculcação de uma cultura que em nada se aproximava da origem pessoal destes alunos.

Ao conhecê-los melhor, porém, tendo a oportunidade de conversar através dos encontros de grupo focal, pude perceber que esses jovens não faziam parte do grupo de alunos observados nas escolas. Ao retornar as escolas, agora com um olhar mais seletivo, pude constatar que eles, realmente, não eram conhecidos por condutas transgressoras. Pude perceber que, em sua maioria, eles constituíam um grupo de alunos que, muitas vezes, passavam despercebidos aos olhares dos adultos, ou seja, não compactuavam das atitudes de violação ao regimento e normas escolares, tampouco se destacavam por excelência e desempenho acima da média.

Entretanto, a observação desses mesmos jovens, durante a realização das atividades, na instituição socioeducativa, apresenta-se de forma muito diferenciada – o que confirmou, em parte, minha hipótese inicial, ou seja, neste local, participam das atividades com empenho, colaboram como as funções organizativas e zelam pelos equipamentos e espaços institucionais.

O fator mais intrigante dessas observações diz respeito à indiferença que estes jovens mostram em relação à escola. Não incitam a "bagunça", não desrespeitam professores ou outras autoridades escolares, tão pouco se esforçam para obter qualquer destaque, como obtenção de notas altas ou participação de eventos externos. Essa inquietude intensifica-se ao saber que, na instituição socioeducativa, são incentivados a desenvolverem sua criticidade, através de grupos de discussões sobre questão racial,

econômica, política e social e a aparente aceitação com as normas escolares não condiziam com as discussões estabelecidas nessas discussões.

Ao retomar algumas ideias de Apple, algumas dessas desconfianças puderam ser melhor desenvolvidas. Segundo o autor, a escola desenvolve um papel ideológico baseado na lógica capitalista, portanto é comum observar tanto nas escolas, como fábricas ou estabelecimentos comerciais, rotinas semelhantes, ou seja, a escola trabalha para adaptar o indivíduo ao mundo do trabalho. Ao discorrer sobre as formas de resistência de funcionários aos modos de gerência de seus empregadores, pude estabelecer uma relação muito clara entre as condutas dos funcionários e dos jovens participantes desta pesquisa.

Apple (2001) afirma que existem formas diferenciadas de demonstração de resistência. As mais facilmente identificadas são aquelas caracterizadas pelas greves, motins etc. Contudo, com igual importância, ocorrem as formas mais "mascaradas" de resistência, embora não menos impactante. Esse é o caso das vendedoras que deixam de atender com eficiência seus clientes, após terem batido suas metas diárias de vendas, ou funcionários industriais que diminuem a capacidade de produção de máquinas deixadas sob sua responsabilidade, ou ainda, funcionários que produzem além de suas cotas para poder ajudar colegas que possam ter encontrado dificuldades, durante a produção e não conseguiram atingir suas metas.

A partir dessas reflexões, percebi que os alunos, ao manterem-se em seus colégios sem muitas aventuras ou sucesso, demonstram que criaram a consciência de que a escola já não pode cumprir as promessas que são feitas a eles, ou seja, esses jovens sabem que a escola poderá não mais proporcionar aquela mobilidade social prometida, conhecem também histórias que são excluídas de livros didáticos e conhecem a verdade histórica de alguns falsos heróis celebrados nacionalmente.

Mas sabem também que a escola é indispensável para futura tentativa de mudança em sua ordem social, portanto esforçam-se para se manterem na escola. Eles reservam forças para se dedicarem a atividades mais emancipatórias que participam na instituição socioeducativa.

Por fim, reitero que este estudo não tinha como objetivo analisar as instituições sabidamente de natureza tão distintas. O foco voltou-se ao jovem, protagonista de sua ação e identidade social. Não posso finalizar, contudo, sem destacar que mesmo tão diferentes, as instituições partilham de ideais comuns – a formação da juventude diademense. A partir

disso, justifico a utilização de autores que discutem conceitos sobre a escola, mas também conceituam diálogos sobre a Educação, como um processo mais amplo da escolarização.

Sem a pretensão de responder a todos os questionamentos levantados no decorrer deste trabalho e também sem a pretensão de apresentar soluções para problemas enfrentados pela escola, este estudo tentou apontar que pequenas iniciativas podem melhorar o ambiente educativo e que estes jovens não estão motivados a participarem apenas de atividades desenvolvidas em instituições que não suas escolas. Esta pesquisa pôde mostrar que as escolas, quando dispostas a ouvirem e tentarem compreender as peculiaridades de seus alunos, podem desenvolver práticas de respeito, solidariedade mútua – virtudes que devem ser trabalhadas nas escolas, atraindo, assim, a atenção de seus jovens. Essas ideias também já foram apresentadas por Gimeno Sacritán (2005)

> Ensinar ou educar, e quem faz isso? Podemos optar por considerar que o aluno deve aprender alguns conteúdos de caráter sobretudo intelectual e adquirir as habilidades que tradicionalmente vêm sendo objeto do ensino nas escolas. Podemos nos justificar na regra de que qualquer outro tipo de formação (o que distinguimos por educação, como algo mais amplo que o ensinar e aprender conteúdos: educação afetiva, social, religiosa, sexual, artística, profissional, do cidadão, da personalidade, psicomotricidade, etc.), sem deixar de valorizá-la, é competência de outros agentes e instituições não-escolares – família, igreja, empresas, iniciativas privadas e instituições de caráter público, meios de comunicação – ou, simplesmente, responsabilidade de cada indivíduo. Entre essa opção de opção de especializar ou diferenciar as funções dos agentes educacionais, e seu oposto –a de que todos devemos nos dedicar a tudo - , existem muitas possibilidades e situações intermediárias, nas quais as tarefas que diferentes agentes devem realizar se combinam e também se cruzam, competindo, colaborando ou se enfrentando entre si. (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 199).

Referências bibliográficas e eletrônicas

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira*: análise de uma pesquisa nacional**.** São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Juventude e cultura. *Cartilha dito e feito*, São Paulo, n. 4, 2001.

ADÃO, Sandra Regina. *Movimento hip hop e a visibilidade do adolescente negro no espaço escolar*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

ANDRADE, Arquimedes e REALI, Mário W. P. *Fechamento de bares às 23h*: a experiência de Diadema na prevenção ao crime e à violência. 2012. Secretaria de Defesa Social, Diadema. Disponível em <http://seguridadciudadana.mercociudades.org/assets/Archivos/Apresentao-Diadema-Arquimedes-2Jul12.ppt>. Acesso em março de 2013

ANDRADE, Elaine Nunes. *Movimento negro juvenil:* um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

APPLE, Michel. *Educação e Poder*. São Paulo: Artmed, 2002.

_____. *Ideologia e Currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Conhecimento Oficial*: a educação democrática numa era conservadora. Petrópolis: Vozes, 1997.

APPLE, Michel e BEANE, James. *Escolas democráticas*. São Paulo: Cortez, 2001.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, J. C. *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre e CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre. (Coord.). *A miséria do mundo*. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRENNER, Ana K.; DAYRELL, Juarez e CARRANO, Paulo C. R. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

CALIXTO, Carmen de Fátima Ferreira Marinho. *A arte-educação como meio para formação estética do adolescente em cumprimento de medida sócio-educativa.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2010.

Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 14 set. 2011.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena*: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 24, p. 40-52, set./out./ nov./ dez. 2003.

DAYREL, Juarez *et al*. In: SPOSITO, Marília P. (Org.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira*. Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentun, 2009.

GATTI, Bernadete A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.* Brasília: Líber Livro, 2005.

GIMENO SACRISTÁN, J. *A educação que ainda é possível*: ensaios sobre uma cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. *A Educação obrigatória:* O seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KAWATA, Eliana. *Retratos de jovens*: uma aproximação da violência vivida por jovens de Diadema. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARTINS, Roselene S. O. *O silêncio e o diálogo no ciclo da violência*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude e escola:* desvendando teias dos significados entre encontros e desencontros. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, 2001. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 23 ago. 2011.

MELLO, Patrícia S. L.; ARAÚJO, Waldirene P. Grupo focal na pesquisa em Educação. In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Grupo de Trabalho 3, 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT_03_10_2010.pdf>. Acesso em: 30 maio 2012.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Identidade, cultura e política*: os movimentos estudantis na Contemporaneidade. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

NASCIMENTO, Elisete Regina. *Jovens urbanos da periferia de Porto Alegre*: a arte de dar forma à própria vida. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 14 maio 2012.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 2003.

SANTOS, Rosenverck Estrela. *Hip Hop e educação popular em São Luís do Maranhão:* uma análise da organização quilombo urbano. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2007. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

SILVA, Elisabeth Marciano da. *A escola e a cultura do jovem da periferia*: um estudo sobre a relação entre movimento hip hop e currículo. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

SPOSITO, Marília P. (Org.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira*: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentun, 2009.

TAKARA, Alexandre. *Contribuições do movimento hip-hop para uma educação emancipadora*: movimento hip-hop em Santo André. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

Sites **consultados**

<http://www.superacaojovem.org.br/programa/oquee.asp>. Acesso em 01 de agosto de 2013.

<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br>. Acesso em 01 de agosto de 2013.

Anexo 1 - Roteiro de entrevista com o coordenador da instituição socioeducativa

1. Qual é a sua atual função na casa?
2. Há quanto tempo você atua na instituição?
3. Quando foi criada a casa?
4. Você pode descrever o contexto histórico, social e cultural no qual o município está inserido?
5. Como foi a criada a casa?
6. Quem foram os idealizadores?
7. Com qual objetivo?
8. Na ocasião da fundação, qual era a sua função?
9. Onde funcionavam as atividades?
10. Para qual público foi criado/idealizado?
11. Houve participação juvenil efetiva?
12. Por que, em sua opinião, os jovens adeririam, ou não, às atividades propostas?
13. Quais são essas propostas de atividades?
14. Hoje o objetivo da casa mudou?
15. As atividades são oferecidas a qual público?
16. Quem são esses jovens? Onde moram? O que fazem? Onde estudam?
17. Atualmente, qual é a importância da instituição para a formação dos jovens que participam dessas atividades?
18. Se não houvesse a casa, em sua opinião, o que seria diferente na vida destes jovens?
19. Qual a importância do acesso à cultura para a formação dos jovens brasileiros?
20. Você acredita que a escola está conseguindo oferecer este acesso?
21. Você acredita que esta participação desenvolve maior criticidade nesses jovens?
22. Onde demonstram esta criticidade?
23. Diadema tem um histórico de participação popular. A juventude diademense prossegue com a luta? Faz *jus* à imagem que possui?

Anexo 2 - Transcrição da entrevista com o coordenador da instituição socioeducativa

Eu gostaria de ouvir de você, como foi fundada a Casa, qual era o contexto político, social e cultural de Diadema na ocasião da fundação da Casa.

Vou contar a história de antes da Casa do Hip Hop, porque é importante saber como chegou até aqui.

Diadema começou a ter pessoas ligadas ao HIP HOP, a partir dos anos 80, apareceram pessoas ligadas ao movimento por causa da "São Bento" e a partir daí os grupos foram se organizando de acordo com o que entendia do HIP HOP, foram se organizando de acordo com o que conhecia na época.

No ano de 92, esta juventude, no qual eu fiz parte, era adolescente na época, já que não sou nem mais jovem [risos], apesar desta cara de 26, já estou "batendo o 3.6". Já na época, dois bairros tiveram a mesma intenção, que era o Campanário, aqui do lado, na região Norte, que é a região que estamos e Eldorado e Inamar que é região Sul, a intenção era ocupar os centros juvenis de cultura, os CJCs, ainda não existiam os centros culturais e sim os Centros Juvenis de Cultura. Aqui em Diadema, haviam 10 CJCs espalhados pela cidade, como tinha um no Campanário e um no Inamar, nós queríamos ocupar estes espaços, porque tínhamos algumas organizações para fazer ações na comunidade. Antes o HIP HOP ser organizava pelo que a gente chamava de posse. Posse é o que as pessoas chamam hoje de ONG, associações, eram pessoas que se reuniam para fazer ações para a comunidade. As pessoas faziam eventos para arrecadar alimentos, roupas. Criar possibilidades de oficinas para as pessoas idosas, na época, por exemplo, fizemos uma oficina de pintura em panos de prato. Então, a gente tentava fazer coisas para a comunidade. Por isto a intenção era ocupar estes espaços, para fazer este tipo de coisa, a gente fazia as reuniões e fazia uma espécie de oficina e ensaiava, pois éramos os grupos de Raps que tinham na época, tinha também o pessoal que dançava, os Djs e tal e o pessoal do grafite. Então, a gente criava um encontro, então a gente já meio que ocupou estes espaços, né? E os responsáveis pelos centros juvenis da época cederam os espaços do Campanário, que no caso era o Tio, que cedeu o espaço e a gente ia lá e ficava a semana toda, e conseguimos reunir 150 adolescentes, esta molecada e jovens.

E aí com toda esta ação, tanto no Inamar como no Campanário. E aí o Campanário abrangia o Canhema que é aqui, Nações e Taboão, aí o governo da época chamou para uma ideia, chamou a gente para trocar uma ideia, para saber o que iria contribuir mais, já que já tínhamos ocupado os espaços, ou seja, já que a juventude já estava ocupando os espaços, o que ele poderiam contribuir para que isto pudesse crescer mais e aí com muitas conversas, se decidiu ter uma oficina de Estudos de Temas, uma oficina de música e uma oficina de dança. Na época não tinha a ideia de oficina de Djs, grafite e tal, o que tinha de elemento era mesmo a dança e a oficina de estudo de tema era mais voltada os MCs, o pessoal que escrevia, para poder aperfeiçoar mais as letras. A gente discutia sobre muitas coisas, então a gente queria escrever e poder aperfeiçoar e aprofundar mais em determinados temas, por exemplo, a gente tinha uma dificuldade de entender o que era ocupação e invasão, porque na época estava tendo uma ocupação no terreno da Coca-Cola, que também é aqui perto, lutando pra ter seu espaço, para ter sua casa e tudo mais e ai a gente tentava entender o que era isto, e ai veio a historia da reforma agrária. Então a gente passou seis meses discutindo este tema com pessoas responsáveis, que entendia do assunto, visitamos acampamentos de sem terra, aí eles vieram até aqui e durante estes seis meses a gente organizou um evento e

foi o primeiro evento grande, já tínhamos feito um evento no Inamar, que foi de Hip Hop, mas foi na praça da moça aqui em Diadema que foi criado o evento em prol da reforma agrária. Isto me influenciou um pouco na questão da atuação e participação e hoje a região é apelidada de ocupação da favela da Coca, mas oficialmente é a Vila Nova Conquista.

Com estes temas a gente discutia vários outros temas, ai em 96 para 97 a gente criou um espetáculo, voltando um pouco no tempo, primeiro, no primeiro sábado de 1993, começaram as oficinas de HIP HOP, eu não lembro que dia que era este sábado de 1993, não lembro a data exatamente, foram as primeiras oficinas do movimento no Brasil e talvez a primeira da América Latina oficialmente de HIP HOP, agora voltando ao final de 96 a gente criou um espetáculo chamado "Se Liga Mano", na verdade se chamava "Se Liga Mano, do Soul ao HIP HOP, foram assim que estes meninos e meninas redescobriram o Brasil", ou seja, a gente pegou todos os temas que foram discutidos nas oficinas e criou um espetáculo destes temas, participaram 64 jovens que participavam das oficinas e o espaço de ensaio era este local aqui, o Centro Cultural Canhema e Por que aqui? Porque aqui era um pouco maior e o acesso ao transporte publico era mais fácil, para as pessoas chegarem aqui era muito simples, que vem do Jabaquara, pega o trólebus e desce aqui na parada Canhema, que vem do ABC, pega o trólebus e também desce na parada Canhema e ai é só subir a rua. Então o acesso era mais fácil que nos outros bairros, no Campanário e Inamar tinha que entrar no terminal Diadema e pegar um ônibus para chegar até o local.

E aí a gente começou a fazer os ensaios do espetáculo aqui, mas já tinha uma galera que treinava aqui já. E aí por conta da nossa presença isto foi crescendo mais e aí fomos criando eventos e aí o espetáculo tinha acabado, mas as ações continuaram acontecendo aqui, pois acabou virando um ponto de encontro. Quando mudou a gestão, veio uma outra eleição e se teve a ideia de ter espaços de referência, foi aí que surgiu a ideia da casa da música, da casa da fotografia, a casa do teatro e então passou a ter esta coisa de centros de referências e aí na época quem estava fazendo as coisas ligadas à cultura de Diadema e estava na secretaria de cultura era Nelson Triunfo e Marcelo Mac Spin e em nome do HIP HOP da cidade, eles tentaram articular esta coisa de montar a Casa do HIP HOP. Enfim a atenção não foi muito dada suficiente, por mais que a gente tenha tentado articular, mas mesmo assim por ocupação a gente nomeou este espaço como Casa do HIP HOP, não tem placa, nem é oficial é um nome fictício, é um nome que a população dá, e ai em 99 a gente fez uma festa inaugurando a Casa do HIP HOP e aí de lá pra cá e durante todo este processo, houve alguns workshops, algumas organizações batemos de frente, acabou que teve um lado ruim nestas coisas. O HIP HOP acabou se rachando com algumas coisas que aconteceram na época, mas enfim, em 99 surgiu a Casa do HIP HOP e de lá pra cá veio tendo ações e aí que se firmaram as oficinas de DJ, de MC e todos os elementos realmente, né? As pessoas se preparam para isto, ou melhor, trouxeram pessoas que tinham preparação para dar estas oficinas e aí estamos até hoje ocupando, porque o que aconteceu aqui foi uma ocupação. A Casa do HIP HOP é uma ocupação do movimento HIP HOP da cidade, não é uma coisa oficial, estamos trabalhando para que se torne.

Teve também a coisa do ponto de cultura, que a gente conseguiu o ponto de cultura, mas também já foi né, pois a casa do HIP HOP não é mais um ponto de cultura, porque você tem um tempo que o governo federal manda verba e então a Casa foi da primeira "leva" de pontos de cultura de Diadema, foi até com o ponto de cultura que nós conseguimos algumas coisas, mais ainda tem algumas coisas pendentes aí que estamos correndo atrás pois tem dinheiro parado e então a gente está" meio que correndo atrás."

E ai é isto, a gente está batalhando, hoje depois de passar por varias funções, inclusive teve uma época que fiquei meio afastado, mas hoje estou meio na função de ajudar a, sei lá, não costumo dizer que sou um coordenador, sou uma pessoa que quer auxiliar de alguma maneira para que este espaço cresça mais e consiga as coisas que faltam, porque também não pretendo ser este cara, nesta função para o resto da vida, que eu entendo que na militância, você passa o cajado para quem você prepara ou para quem está preparando para assumir isto e ai você vai fazer história em outros lugares, eu entendo desta forma, não vou ficar fazendo monopólio. Então a ideia é deixar a coisa legal para que outras pessoas possam usufruir, para que as gerações futuras, possam usufruir disto.

A intenção aqui na real não é você formar um grande MC, ou um grande DJ, ou um grande escritor de grafite ou um grande dançarino, a intenção aqui é que a gente possa despertar na mente desta juventude, da molecada que frequenta este espaço e a comunidade do HIP HOP que frequenta este espaço, tentar minimante despertar um senso critico nestas pessoas sabe. Para poderem enxergar o mundo de outra forma, porque se hoje eu consigo estar aqui falando com você aqui, de forma não tímida, vamos dizer assim, sem me preocupar com as palavras, preocupado com minha imagem, ou coisa parecida, não me sentindo inferior, não foi a escola que fez isto comigo, foi o HIP HOP, ei tive que estar no HIP HOP para aprender coisas que eu não aprendi na escola, para olhar coisas que eu não via na escola, então o HIP HOP me trouxe outras possibilidades e a gente tenta trazer isto para nossa juventude e já fizemos várias ações em escolas também, e agente quer retomar estas intervenções nas escolas novamente, explicando o que o HIP HOP, contando esta história que estou te contando, explicando o que é cada elemento do movimento, contar como ele surgiu, porque ele surgiu e a importância do HIP HOP na nossa vida.

O que o HIP HOP fez? Eu sou um cara de 36 anos e eu faço parte do HIP HOP desde 89, hoje tenho trabalhos junto ao Criolo, eu canto junto ao Criolo, nós estamos rodando o Brasil todo por aí, mas se de repente não tivesse o HIP HOP, talvez não teria toda esta oportunidade. Eu não estou dizendo que você tem que se fixar no HIP HOP, porque tiveram pessoas que passaram pelo HIP HOP e hoje é advogada, através do HIP HOP, hoje ela é professora. A ideia é fazer as pessoas enxergarem além dos elementos do HIP HOP, porque o cara que canta um rap, talvez ele não precise ser um grande rapper, mas pode ser um grande poeta, um escritor de livros, ele pode ser um locutor de rádio, ele pode ser um apresentador de televisão ou de internet, ele pode abrir um leque de opções a partir da arte de ser um MC, e assim como um DJ, pode ser um sonoplasta, pode ser um produtor, pode ser mil coisas a respeito da música, então e fazer com esta juventude, onde estes jovens, adolescentes, consigam enxergar isto, despertar isto, pensar na importância do estudo, a importância de levar a troca do conhecimento, sabe? Porque às vezes pode existir uma limitação dentro das escolas, mas você pode contribuir de alguma forma, porque o que você aprende pode contribuir com outros e ai de repente, você fazendo uma faculdade de Pedagogia, você pode se tornar em um professor que mude isto, sai um pouco deste padrão fechado. A gente sabe que existem coisas que são criadas para que possam ser controladas, então um povo desinformado é melhor para ser controlado.

Você acha que sua juventude é mais participativa que esta?

Como em todo lugar, é difícil comparar, pois a luta é sempre árdua, mas quando um depressor, um termo muito usado na cultura Rastafári, o depressor encontra formas para minimizar a luta das pessoas, na minha época quando eu comecei no HIP HOP que começou esta história das oficinas, começo uma rincha muito interessante entre estes dois

bairros o Inamar e o Campanário, que era a rincha de informações , que tinha mais informações era o cara, então agente tinha mania de ler tudo o que era tipo de coisa para que quando chegasse num evento a gente "pagava de dono do role", então a gente vinha e falava, ai outro vinha e debatia, mesmo sendo adolescente já tinha um certo debate intelectual, ate mesmo com aqueles que tinham mais de 20, era um debate de conhecimento, porque este conhecimento, a gente não ia usar para gente e acabava virando uma troca.

Então a gente lutava para que estas coisas pudessem se ampliar cada vez mais, mas com o tempo o HIP HOP como é uma coisa grande e não se limita a um grupinho, hoje ele está no mundo inteiro, então como ele é um movimento cultural e quando você fala em cultura ele é do povo e como ele é do povo, as pessoas acabam tendo a liberdade de enxergar formas de se obter uma grana do movimento, de utilizar o HIP HOP para beneficio próprio, então quando chega esta parte, quem luta não é tão valorizado e interessante, principalmente quando envolve dinheiro, quando envolve uma coisa meio com o uma orgia, quando envolve estas coisas banais, vamos dizer assim, os caras que falam sério não são tão interessantes, então fica minimizado. Hoje existe uma galera da cidade que tem a vontade de querer mudar, mas ela não tem aquela força que a gente tinha antes de querer fazer isto, elas têm esta coisa dentro delas, porque o próprio brasileiro é muito louco que quando você vê um cara falando de determinados assuntos, o cara fala de festinha, o cara que põe nas letras as "minas rebolando" aquela coisa sexista na letra, as pessoas daqui já olha estranho. – "Peraí", o que este maluco está falando? Porque isto já foi introduzido no próprio HIP HOP do Brasil é aquela coisa um pouco mais séria, se você pega nas batalhas de MCs, por exemplo, em São Paulo em especial, se o cara de repente numa batalha de MC ele fala do cabelo crespo do outro a plateia já vaia o cara, se ele fala da orientação sexual do outro a pessoa já questiona "- Opa, você tá louco?" em alguns lugares não é assim não, entende. Já tem uma coisa enraizada no HIP HOP, porém tem uma outra coisa que encanta mais, para quem está chegando, principalmente para um adolescente que está descobrindo, que está formando opinião, a parte festiva é mais interessante, porque para você chegar até a parte pensante é um processo. Não é a música de Chico Buarque que muda você, é você que muda para ouvir a música de Chico Buarque, então ate você chegar à parte pensante é uma outra história. Existem pessoas que promovem só a parte festiva, aí fica difícil você pegar um adolescente e falar que isto é importante e aí tem moleque que vira para você e diz assim: "– Esta ideia de racismo não existe mais, não se fala mais nisso". O moleque fala isto. Na minha época era natural ver uma pessoa, uma menina com botón no peito escrito: "Morena, negra é!" entende? Então era normal você ver pessoas com botóns ou com camisetas protestando alguma coisa, afirmando alguma coisa importante. Usar a calça larga não era simplesmente usar uma calça larga, existia uma importância, um por que disto, hoje a juventude vê porque o movimento é mutante, o HIP HOP tem várias facções e formas de se acreditar no HIP HOP, você vai ver que tem aquele cara que é mais sexista mesmo como os norte americanos, pega ali aqueles meninos que falam só das garotas e hoje a moda do HIP HOP é os meninos magrelos e todo tatuado, a moda é esta, cheio de tatuagem e a coisa da calça larga nem existe tanto hoje, mas acontece. Existe ainda a parte militante, as pessoas que acreditam, pode até ser minoria, mais existe ainda estas pessoas.

E aqui, ainda tem estas pessoas?

Sim, estamos aqui.

Pergunto dos mais novos.

Dos mais novos? Tem sim, querendo ou não o interessante é que o pessoal que passa por aqui tem respeito pelos mais velhos, eles respeitam os mais velhos.

Eu procuro sempre tratar as pessoas com igualdade, todo tipo de ação, a gente vai ate criar um grupo de pessoas que possam discutir as ações do HIP HOP, não só da cidade, mas de outros lugares, ou seja, representantes que possam discutir e intermediar ações para as cidades, porque é muito fácil eu vir aqui e dizer o que deve fazer ou deixar de fazer, mas por mais que eu tenha uma boa intenção, eu não sou o HIP HOP sozinho, você entende? Eu não sou o HIP HOP sozinho. Eu preciso de um coletivo, eu preciso tratar de igual, eu só sou o "cara" que vai falar para a secretaria de cultura:" – Oh, tem esta e esta ação que a galera está propondo e ai o que você pode fazer pela gente?". Se ele responde que não rola, a gente pede o caminho e corre atrás. Existe aquela ação coletiva, que esta é a ideia. Pois por muito tempo as pessoas reclamavam que a ação era centralizada, a ideia é expandir, pois é simplesmente um espaço de ocupação e que todas as ações que ocorrem aqui podem acontecer em qualquer outro local, muitos jovens de outras cidades passaram por aqui e hoje criaram ações nas suas cidades, aprenderam como acontece aqui e como é que rola, como é a história e fizeram em suas cidades, por isto temos hoje Casa do HIP HOP em Ribeirão Preto , Campinas e acabou de inaugurar uma em Guarulhos, cada uma com sua história, cada uma com teu formato. Em Guarulhos, por exemplo, os caras ocuparam um lugar que era abandonado e então tinha aquela coisa que as pessoas que usam drogas ficavam lá, assim eles foram lá, ocuparam o espaço e falaram que ali seria a Casa do HIP HOP e ia os caras do governo até tentaram tirar eles de lá, mas não conseguiram. É uma história diferente daqui mas teve influência.

Temos também a ideia de criar uma rede entre as Casas do HIP HOP enfim estamos tentando criar coisas interessantes para esta juventude que está aí, porque é eles que têm que tomar conta, daqui a pouco eu fico cansado e sabe, eu sei mais do que eles, eles precisam se apropriar de tudo isto e eu falo vamos fazer e tal eu ajudo também os meninos da batalha, tem uma batalha toda sexta-feira em Diadema, que é a Batalha Central de Diadema, uma batalha de MCs, os caras se encontram em um coreto que tem ali, que agora é Extra, mas antes era Compre Bem e tem um coreto ali, uma praça, chamada Lauro Michells, coincidência já que o prefeito chama de hoje que chama Lauro Michells, então eles se encontram às 8h da noite para fazer as batalhas de MCs e aí eu vou lá também, dou uma força e tal, na verdade até onde eu posso contribuir eu contribuo, aí eu tenho outros projetos que eu cuido também, como a discopédia, tem a rinha dos MCs e tem a coisa com o Criolo, tenho outros projetos aí que eu cuido, que eu faço as correrias. É isto, é tentar organizar para que esta juventude que está aí possa usufruir de forma perfeita e possa expandir isto, de repente pode acontecer coisas interessante que eu não possa usufruir agora ou em vida, mas que pelo menos fique uma semente de coisas boas para que as gerações futuras possam utilizar.

Para finalizar, gostaria de saber como é trabalhada a parte pensante do HIP HOP aqui.

Hoje, estamos querendo retomar coisas aqui, como eu disse antes tínhamos os estudos de tema, que era de extrema importância se falar de coisas que faziam parte do momento daquela juventude, como gravidez na adolescência, então dentro das oficinas hoje, dentro deste espaço temos um acervo que é o acervo da história africana e afro-

brasileira e também do HIP HOP e qual é ideia? A ideia é que o responsável por este acervo que no caso agora é o Renato faça uma ligação.

A gente tem uma sala com computadores, que foi uma das coisas do Ponto de Cultura, que é para isto também, para que eles possam acessar e tudo mais. Então, a gente está tentando criar ferramentas. Temos todos os meses, que até vocês presenciaram neste sábado, que é o HIP HOP em Ação, então um momento chamado "Quinto Elemento", que era aonde uma pessoa ia lá e falava de algum personagem importante da história mundial e, na maioria das vezes, era de afrodescendentes, e aí a intenção é utilizar este acervo para isto. Ao invés de ser só a pessoa responsável pelo acervo, no caso o Nino Brown, mas a ideia é que ele passasse nas oficias e falasse de alguém, por exemplo, o Nelson Mandela e aí os "oficinandos" interessados em conhecer mais, marcaria um horário, vir, trocar uma ideia e ao invés do Nino Brown subir no palco e falar, os "oficinando" iria falar sobre ele, e ai eu penso que a melhor referência são as pessoas de sua idade, que aí é "bem louco", ver um "brother" meu ir lá e falar e ai é um cara que você, que toca ideia. Além de você trazer informação, você consegue influenciar as pessoas a quererem fazer aquilo então esta é uma das ferramentas que estamos querendo utilizar para poder trabalhar esta parte pensante.

Tem um menino aqui, que é legal pra caramba que é o [F – Homem 14 anos]. O interessante é que ele se preocupa com este espaço e tenta articular algumas coisas. Ele fez 14 anos agora, ele tenta articular algumas coisas, algumas ações. Ele é um moleque do mundo da dança, normalmente o menino da dança, só dança, não pensa. É interessante quando um menino destes toma uma atitude, porque aí você vê que eles pensam também, alguns deles acabam falando que preferem dançar, mas é uma coisa deles, faz articulação e tal. Temos também a Aline que dá oficina de quinta-feira e tem uma "baita" articulação, cuida de vários projetos também, ela dança, é dançarina e aí o [F – Homem 14 anos] é um menino novo e está aí começando esta coisa e a gente está meio que dando uma força, ele está fazendo de uma forma natural dele e eu acho que a gente como mais velhos, ou pelo menos mais experiente podemos canalizar isto neles, para uma coisa positiva, para que não seja uma frustração, por exemplo. Então sempre que tenho oportunidade eu vou ali e troco uma ideia, falo: "- Toma cuidado com isto que pode gerar tal coisa". Aí tem a mãe dele que é bem participativa também, ela vem aqui, questiona as coisas. E é legal ter uma mãe participativa, inclusive estamos querendo criar também um Conselho de Espaço, que é para as pessoas da comunidade mesmo, pois uma coisa é um Conselho do HIP HOP, outra coisa é um Conselho do Espaço, que são com pessoas da comunidade que não fazem parte do HIP HOP, nem nada, porque aqui não temos só HIP HOP, temos outras ações aqui, temos oficina de samba-rock, tem a capoeira, tem o circo, tem dança de salão, ou seja, têm outras coisas aqui além do HIP HOP. Não se limita a uma atividade, temos as artes plásticas e grafite. Esta sala que estamos é a sala de artes, os trabalhos que estão aqui são todos na molecadinha, então temos outros trabalhos além do HIP HOP e aí criar um conselho para que esta comunidade tenha uma atuação direta, possa ajudar a cuidar do espaço, conhecer o que os filhos deles estão fazendo. Criar uma coisa, por exemplo, não tem ninguém para ficar de domingo aqui, aqui é um centro cultural e o centro cultural fecha de domingo, muito louco isto, mas também não tem pessoas para trabalha de domingo, mas você dar a chave para alguém da comunidade e falar: "– Oh, tem uma atividade aqui, que é para a comunidade e toma a chave". Você da esta autonomia para as pessoas sentirem que fazem parte, porque tudo isto daqui é da comunidade, este espaço é do povo, não é da secretaria de cultura, ou prefeitura a gente paga imposto, então este espaço é nosso. A gente paga imposto e isto foi construído para beneficio nosso então, criar este conselho também é uma ideia.

E aí eu estou nesta função de juntar pessoas para pensar nisto e eu estou meio que sozinho nesta coisa toda, sabe? Fui caçar o Renato aí agora, ele tá dando uma força, mas ainda estou meio que sozinho. E aí eu fico meio louco, eu tenho outras ações, já sou meio "malemolente", tem toda estas coisas aí. Eu já estou meio "nego véio" também. Eu vou para baile desde os 8 anos de idade, a militância em minha vida é desde 89, mas eu vou para baile, desde 8 anos de idade, então tem uma hora que você fica meio cansado, passando os serviços para os outros.

Muito obrigada pelo se depoimento, pois você facilitou bastante meu trabalho, vim preparada para fazer um monte de perguntas e você acabou respondendo tudo de uma vez. [risos].

Pois é, sempre acontece isto. Eu falo demais. [risos]

Anexo 3 - Roteiro dos Grupos Focais

Apresentação:
Moderador 1 – Boa tarde, pessoal! Meu nome é Juliana e estamos aqui hoje para conhecer um pouco da instituição, bem como sua importância para a vida de cada um aqui Para isso, gostaríamos de iniciar uma conversa com todos e, assim, estabelecer um diálogo coletivo.
A conversa será pautada em alguns assuntos e tentaremos não fugir muito a estes assuntos. Todos têm direito a expor suas opiniões, mas usaremos de todo bom senso e respeito ao dirigir a palavra a um colega. Ok?

Apresentação dos jovens: Nome, idade, atividade desenvolvida na instituição, tempo de participação, escola onde estuda e série que está cursando.

Grupo Focal 1

Tema gerador: Importância da Instituição

Questões-chave:
- O que é HIP HOP?
- E a Casa do HIP HOP?
- Qual a importância dela na vida de vocês?
- Como era a vida de vocês antes e depois da casa do HIP HOP, da Cultura Hip Hop?
- Como é a relação jovens/coordenadores?
- Como são as regras institucionais na escola? Foram criadas por quem? São para quem? Quem zela pelo seu cumprimento?
- Qual a relação entre a Casa do HIP HOP e a escola onde estudam?
- Como são feitas as organizações dos eventos na instituição?
- Existe trabalho de conscientização a respeito da questão social, econômica, racial?
- O que leva a participarem tão assiduamente?
- Como é a reação das pessoas que não frequentam a Casa?
- Vocês já convidaram para vir aqui?
- O que poderia estar fazendo se não frequentassem a instituição?

Grupo Focal 2

Tema Gerador: Importância da escola
Questões-chave:
- Qual a função da escola?
- A escola cumpriu o papel dela na vida de vocês?
- A escola oferece atividades culturais ou esportivas?
- Qual a importância destas atividades na escola? Qual a consequência de sua ausência?
- Como é em relação com os responsáveis pela escola, coordenador, diretor, professor?
- Existem mecanismos de participação? Quais?
- A escola abre de final de semana?

- Como são as regras institucionais na escola? Foram criadas por quem? São para quem? Quem zela pelo seu cumprimento?
- Existe um regulamento claro na escola que vocês devem seguir? E vocês seguem?
- E a conduta que vocês têm aqui é a mesma que vocês têm lá? Descreva:

Anexo 4 – Transcrição das conversas obtidas a partir dos dois encontros com características de Grupo Focal

Boa Tarde pessoal, meu nome é Juliana e estamos aqui hoje para conhecer um pouco da instituição, bem como sua importância para a vida de cada um aqui, para isto gostaríamos de iniciar uma conversa com todos e assim estabelecer um dialogo coletivo. A conversa será pautada em alguns assuntos e tentaremos não fugir muito a estes assuntos. Todos têm direito a expor suas opiniões, mas usaremos de todo bom senso e respeito ao dirigir a palavra a um colega. Ok?

Todos: Ok!

Podemos começar como uma rodada de apresentações? Como nome ou apelido, idade e qual atividade exercida na instituição?

Claro! (Todos).

Eu sou o [F – Homem 14 anos] tenho 14 anos, estou na 7ª série, não trabalho e frequento a casa há um ano.

Um ano participo eu, você está aqui a mais de dois anos. (C – Homem 16 anos).

"Tá bom", um ano e meio, mais ou menos. (F – Homem 14 anos).

Meu nome é [A – Homem 19 anos] tenho 19 anos, faço dança e oficina de violão. (A – Homem 19 anos).

Meu nome é [G – Homem 18 anos], tenho 18 anos, faço oficina de break desde o começo do ano. (G – Homem 18 anos).

Você frequenta a escola?

Frequento e faço curso técnico. (G – Homem 18 anos).

Meu nome é [B – Homem 18 anos], frequento a casa aqui já faz uns quatro anos, tenho 18 anos e estou no ultimo ano da escola e não trabalho atualmente.

Meu nome é [C – Homem 16 anos], tenho 16 anos, danço break vai fazer um ano no último evento da casa, estudo e estou no segundo ano. (C – Homem 16 anos).

Meu nome é [L – Homem 18 anos], eu faço street dance aqui há um ano e faço curso de secretariado. (L – Homem 17 anos).

Quantos anos você tem?

17. (L – Homem 17 anos).

Então meu nome é Apolo [risos] brincadeira. Meu nome é [D – Homem 18 anos] tenho 18 anos, frequento a casa há três anos e meio eu estudo e por enquanto não trabalho. (D – Homem 18 anos)

Meu nome é [H – Mulher 17 anos], tenho 17 anos, eu estudo e trabalho, estou fazendo break há três meses, antes disto eu fiz outras artes como ballet e jazz. (H – Mulher 17 anos).

[Neste momento chega mais um integrante].

Por favor, entre, se apresente e diga o que faz aqui.

Eu sou o [E – Homem 18 anos] tenho 18 anos, treino aqui desde 2009, sou professor de Power Movie aqui na casa e treino aqui de terça a sábados, todos os dias. (E – Homem 18 anos).

Meu nome é [I – Homem 15 anos] danço há seis meses, meu apelido é Tchucão. (I – Homem 15 anos).

Meu nome é [K – Homem 16 anos], tenho 14 anos, danço há um ano. (K – Homem 16 anos).

Meu nome é [J – Homem 16 anos] e eu danço há um ano e seis meses. (J – Homem 16 anos).

Vou fazer algumas perguntas:

Alguém poderia me falar exatamente o que é esta casa e qual a importância dela na vida de vocês? Como era a vida de vocês antes e depois da casa do hip hop da Cultura Hip Hop, sempre gostaram de Hip Hop, começaram a conhecer aqui, como foi este processo?

Eu falo é que antes eu era um "boroca", não fazia nada, eu era um magrelinho, ai eu conheci a casa por causa de um colega meu, que "colava" aqui e ele me trouxe para cá. Aí eu vi uns caras fazendo umas doideiras, girando e aí eu pensei: - Caramba que diabo é isto? Fiquei olhando e gostei e comecei a procurar a aprender, comecei a ler, a estudar para entender o que era isto, aí fui entrando, pegando os movimentos. E agora a importância da casa do Hip Hop na minha vida, virou cotidiano, tipo assim, vou para a escola, vou pra casa e tenho que vir pra cá. Já faz parte do meu dia a dia. (D – Homem 18 anos).

Antes minha vida era jogar bola aqui, atrapalhar eles a treinarem, aí comecei a treinar e aí então passei a entender e passei a respeitar quem vem para treinar. Mas, sempre tem gente que só vem para brincar. Eu gosto daqui, porque é um lugar bom com bastante gente. (F – Homem 14 anos).

Bom, vou fala por mim. Para mim, foi superar a timidez, na escola eu era muito tímida, muito fechada, e isto me ajudou a me soltar mais e a me relacionar mais com o grupo. Nos trabalhos de escola eu era bem retraída e eu acho que a dança me ajudou bastante neste aspecto. (H – Mulher 17 anos).

Para mim é para o lazer. Não tem nenhum lugar assim perto da minha casa. (G – Homem 18 anos).

Para mim é para o lazer também. Poder vir aqui treinar com os moleques é bom. (I – Homem 15 anos).

Para mim, conhecer uma cultura nova, hoje em dia eu praticamente não vivo sem ela, venho direto aqui na casa, todo o dia. Eu não vivo mais sem isto aqui. (D – Homem 18 anos).

Aqui tem um espaço para gente treinar, tem espelho, tem espaço, favorece bastante por isto. (K – Homem 16 anos).

Para mim, antes era para fugir do cotidiano, conhecer alguma coisa diferente. Agora já faz parte da minha vida, é o que eu faço diariamente, encontro os amigos. (C – Homem 16 anos).

O que é o movimento Hip Hop, do que ele é composto?

Do que ele é composto? (B – Homem 18 anos).

Sim, me explica o que é o movimento.

São quatro elementos a dança, o grafite, o DJ e o MC. (B – Homem 18 anos).

Aqui é um ponto de encontro dos quatro elementos. (C – Homem 16 anos).

Como conheceram a casa?

Através de um amigo, que com o tempo eu comecei a vir com ele. (B – Homem 18 anos).

Com amigo também. (C – Homem 16 anos).

Eu conheci na internet, eu particularmente fazia já fazia dança, mas dança de salão e ai devido ao cotidiano, comecei a estudar e trabalhar longe, não consegui continuar dançando, ai depois de um tempo eu queria fazer algo diferente da dança de salão e comecei no boca a boca a perguntar se tinha alguém que conhecia e eu sempre gostei muito de ver o pessoal dançando o Hip Hop e neste boca a boca me disseram que tinha esta cada do Hip Hop, e eu vim. Eu sou de São Bernardo, não sou de Diadema e meus amigos também não conheciam e ai pela internet, peguei o telefone falei com o Nelson Triunfo e ai ele foi gente muito boa falou para eu vir para cá, me ensinou, fui muito bem recebido e não sai mais. (L – Homem 17 anos).

Todos vocês moram aqui perto?

Moro aqui na rua mesmo. Acho que a tendência é que os mais novos morem mais pertos, os mais velhos já conseguem pegar condução. O interessante daqui é que eles atraem gente, depois que eu comecei a frequentar aqui, descobri outras oficinas mais perto da minha casa, mas não troco, acabo vindo pra cá, porque aqui já estou entrosado, o meu lugar é aqui mesmo. (L – Homem 17 anos).

Em relação a vocês e os coordenadores daqui da casa, existe dialogo entre vocês? Como é esta relação?

A relação é normal. (G – Homem 18 anos).

É normal mesmo. (C – Homem 16 anos).

Vocês dão palpite, sugestões nas atividades e eventos?

Não perguntam muitas coisas não, mas podemos organizar as batalhas, os campeonatos. (A – Homem 19 anos).

Podemos perceber que aqui existem algumas regras institucionais, que estão até grafitadas nas paredes, como a proibição de bebidas alcoólicas, quem fuma, opta por fazê-lo lá fora, como é a reação de vocês frente a estas regras e quem cuida para manutenção e execução delas?

Todos. (A – Homem 19 anos).

Todos. (G – Homem 18 anos).

Todas as pessoas que frequentam a casa, optam por fazer as coisas lá fora, antes de entrar, ou nem fazem. (A – Homem 19 anos)

Todos zelam pelo respeito, aqui tem bastante crianças, todos precisam respeitar o espaço. (G – Homem 18 anos).

Além da questão do cigarro e da bebida alcoólica, existe outra regra que precisa ser seguida para poder frequentar a casa?

Respeito, não fumar, não beber, sem violência. (G – Homem 18 anos).

Os professores pegam no nosso pé por causa de palavrão e a gente acaba acostumando falar sem palavrão e com menos gírias. (F – Homem 14 anos).

Existe alguma cobrança em relação às notas ou comportamento na escola?

Tinha um professor de Power Move que pegava direto no meu pé, porque eu faltava na escola para ir na aula dele. (D – Homem 18 anos),

Depende muito de quem dá a oficina, porque não existe nenhuma participação da administração nesta cobrança. (L – Homem 17 anos).

No evento que tem no ultimo sábado de cada mês, sempre falam coisas relacionadas à cultura, tem a hora do conhecimento. (G – Homem 18 anos).

Quando têm estes eventos vocês dão opiniões, sugestões, participam da organização?

Qualquer um pode falar, o microfone fica aberto para todo mundo. (C – Homem 16 anos).

Somos nós que organizamos os rachas de B. Boys de MCs também. (A – Homem 19 anos)

Além das oficinas, existe algum outro tipo de atividade voltada a questão social, racial?

Nestes próprios eventos tem. Sempre tem grupo que vem cantar, de vez enquanto, tem palestras. (G – Homem 18 anos).

Sempre tem lá fora, o pessoal mais voltado ao rap, fazendo discussões, basta você querer participar, porque eles não obrigam ninguém a falar. (L – Homem 17 anos).

Sabemos que vocês estudam, a escola é obrigatória, tem um outro sentido para a vida de vocês, mas sabendo que aqui não é obrigatório, o que leva a participarem tão assiduamente?

Eu não tenho muito tempo, só tenho tempo aos sábados, mas se eu tivesse mais tempo na semana eu viria, já que eu gosto tanto eu tenho que procuro sempre aprender mais. (H – Mulher 17 anos).

Porque este é o único momento que eu tenho para desestressar, a gente fica o dia inteiro naquela correria, vir pra cá é importante para aguentar as outras coisas, mais do que aprender a dançar é justamente esta coisa de relaxar. Aqui o pessoal é muito jovem é muito divertido conversar trocar ideias, zoar. (L – Homem 18 anos).

A gente se identifica com a cultura HIP HOP. (B – Homem 18 anos).

Antes de vir eu tinha um pouco de receio, por não conhecer ninguém, de vir de um lugar diferente, mas depois que você conhece é muito gratificante, você precisa de uma informação, a pessoa vem senta, te explica. Não vejo maldade, não vejo intriga. (L – Homem 18 anos).

Esta união, este respeito agente leva para casa, às vezes em casa não tem toda esta união e as pessoas acabam aprendendo. (B – Homem 18 anos).

O legal é que não muda só você, mas muda que cerca você, família, amigos que não frequentam aqui. (L – Homem 18 anos).

Isto faz com que a gente se sinta bem. (B – Homem 18 anos).

Quando vocês falam para as pessoas na escola, família, que vocês participam do movimento HIP HOP, qual é a reação?

Alguns acham estranho. As pessoas acham que é loucura e perguntam:

“Você é normal para fazer isto aí?”

“Por que vocês frequentam isto?”

“Por que gostam disto?” Falam:

“Ninguém gosta disto!”

“Por que você não gosta de funk?”. Criticam muito. (A – Homem 19 anos).

Você já convidou para vir aqui?

Já, mas eles não aceitam. (A – Homem 19 anos).

A gente faz nossa parte, mas eles não gostam. (G – Homem 18 anos).

Para as pessoas de fora, existe sim um preconceito. Por exemplo, os meus amigos não têm a mínima ideia do que é e do que eu venho fazer aqui. Muitos perguntam quem são as pessoas que eu conheço lá. Existe uma falta de informação, a divulgação da cultura é muito pobre e agente sabe que um dos maiores representantes do movimento está aqui. Muitos não querem vir, precisa existir uma quebra de preconceito. A questão de mídias

sociais está ajudando bastante na divulgação. A partir de uma foto, de um comentário, as pessoas começam a ver um monte de criança em volta e aí a imagem começa a mudar. (L – Homem 17 anos).

Muitos meninos tem preconceito com as meninas que dançam HIP HOP, acham que só eles podem dançar, mas tem muitas meninas que são bem melhores que B. Boys. (H – Mulher 17 anos).

Para o [E – Homem 18 anos] Você era aluno aqui e ai virou professor? Como foi esta trajetória?

Comecei por hobby mesmo, meu primo me trouxe aqui pra casa e eu achei legal, comecei a fazer as oficinas, a primeira foi a de 3D e depois comecei a procurar outras oficinas além da casa e a última foi com o "Amendoim", foi de Power Move e aí comecei a ter uma relação como de família com as pessoas que tem aqui tudo foi acontecendo de forma natural. O motivo que me faz estar aqui todos os dias é tipo divulgar nossa arte, hoje mesmo eu, o [D – Homem 18 anos] e o [F – Homem 14 anos], fomos a um orfanato se apresentar lá. Eu acho que este é o meu trabalho também, estar levando conhecimento a pessoas que não tem muito acesso. (E – Homem 18 anos)

[E – Homem 18 anos] fala como você me conheceu. (D – Homem 18 anos).

Bom eu conheci ele lá no Teresa Lima em uma batalha, ele estava lá num canto, plantando umas bananeiras, dando uns giros, eu vi ele lá e ele ficava me zoando e ai um dia eu bati nele e a gente virou amigo, estamos até hoje aí treinando, se apresentando, como se fosse um irmão pra mim e ele me ama muito este moleque. (D – Homem 18 anos).

Alguém tem ideia do que estaria fazendo se não estivesse aqui?

Ballet, tem uma academia perto da minha casa. (H – Mulher 17 anos).

Eu acho que se eu não estivesse aqui eu estaria lutando kung fu. (D – Homem 18 anos).

Andando de skate, eu acho. (B – Homem 18 anos).

Segunda reunião com o grupo focal na instituição socioeducativa.

Grupo 2 – Tema: A importância da escola

Quem aqui está matriculado na rede pública? Vocês poderiam fala um pouco da escola de vocês?

Eu estudo e agora eu vou para a 8ª. Lá não é uma escola grande, nem muito bonita, fica aqui perto. (K – Homem 16 anos).

Eu vou para o 3º. Minha escola é perto da Piraporinha, a escola é até bonitinha, tem muitas flores, mas para povo da noite não tem nada demais. Parece que a gente nem existe para a escola. (C – Homem 16 anos).

Eu vou para o 1º. (J – Homem 16 anos).

Tem dia que a gente chega na sala de aula e está um lixo, principalmente quando chove, a sala está cheia de goteiras e o chão fica preto de tanta sujeira, fora o dia está muito frio, as janelas não fecham e algumas não têm vidro, a sala fica gelada, quase morro de frio" (I - Homem, 15 anos).

Em relação à escola, vocês acreditam que a escola cumpre o papel dela na vida de vocês?

Só a escola, eu acho que não, se eu ficasse só na escola, alguns fatores como a timidez eu não teria desenvolvido. Acho que muita coisa que acontece na escola pode até prejudicar o desenvolvimento, como o bullying e tem professores que não tem o felling para perceber algumas características dos alunos. Então acho que quando tem outros meios, acho que isto acaba contribuindo. Acho que só a escola não ajudou, pelo menos para mim não. (H – Mulher 17 anos).

A escola deveria ter a importância e fazer o papel dela, mas hoje, infelizmente não faz. Seja pública ou privada, ainda umas fazem mais que outras, mesmo eu, sempre tive atividades complementares, tanto línguas, como esportes, tudo era complementar, a escola não satisfazia minha necessidade. (L – Homem 18 anos).

Qual que você acha que seria a função da escola?

Como eu, tem muitas pessoas que têm esta visão que não é só formar pessoas que sabem o conteúdo como matemática, português, não é só isto. O trabalho da escola é diferente, é saber se socializar, é preparar o jovem para ser um adulto. Hoje quando a gente chega na fase adulta é exigido tantas coisas que deveria ter aprendido na escola e não aprendeu, seja por artes, por esportes e até pelos conteúdos mesmo. Tudo isto ela deveria dar um caráter muito mais dinâmico. Muito mais interdisciplinar. Hoje ela prepara você para fazer uma prova, ou para entrar na faculdade. Só que a função da faculdade não é formar pessoas é formar um profissional, formar pessoas é função da escola. (L – Homem 18 anos).

E formar um cidadão para vida. (H – Mulher 17 anos).

E eu com concordo com o que o [L – Homem 17 anos] falou. (K – Homem 16 anos).

Se colocasse uma dança, a molecada ia gostar muito, ia aumentar muito o rendimento, a disciplina. (L – Homem 17 anos).

Quem participa hoje, de alguma atividade como time de futebol, banda, grêmio?

Eu participo de um treinamento de futebol na escola. (K – Homem 16 anos).

Na minha escola tem uma sala de leitura, lá a gente treina para participar de competições fora da escola. Tem um grupo de teatro também, que vai se apresentar no teatro Municipal, com outros grupos de outras escolas. (J – Homem 16 anos).

É isto que está faltando, na minha escola não tem nem quadra. (I – Homem 15 anos).

Não tem quadra? Tem sim, você é que não conhece. (D – Homem 18 anos).

Lá na escola, o grêmio pode fazer muitas coisas, eles que organizam os passeios e as festas na escola, mas todas as reuniões eles são chamados para participar. Todo ano que tem eleição nunca tem menos que quatro chapas participando. (E – Homem 18 anos).

Os passeios são sempre legais, minha sala já conheceu uma agência de filmagens, lá eu aprendi a mexer nas máquinas, hoje sou eu quem ensino os professores a usarem. (J – Homem 16 anos).

A direção não organiza nenhum tipo de projeto cultural na escola, e nem pede a opinião da comunidade sobre esse assunto. Com certeza, a situação da escola melhoraria muito se existisse esse tipo de relacionamento aqui dentro. (C - Homem, 16 anos).

Vocês sentem falta deste tipo de coisa? De um lugar como aqui que vocês vem para lazer, vocês acham que a escola deveria ter isto?

A escola é um lugar que você vai por obrigação. (G – Homem 18 anos).

E a relação com os responsáveis pela escola, coordenador, diretor, professor, como é esta relação?

Só obedecer. (J – Homem 16 anos / C – Homem 16 anos / K – Homem 16 anos)

Você não dão ideias, sugestões, nada?

Eles até fizeram uma pesquisa uma vez, mas não deu em nada. (D – Homem 18 anos)

Eu acho também que depende muito do profissional. Na minha escola, também era assim: eu só obedecia, aí entrou uma nova coordenação e aí ela começou um projeto, porque cada escola tinha o seu, e aí ela escolheu duas alunas que sabiam dançar para formar um grupo e fazer uma coreografia - tanto que eu comecei a dançar, quando eu entrei neste grupo e não consegui mais sair da dança. Mas, assim dependeu dela, tinha até um atrito entre ela e a diretora que não queria e ela queria, e assim foi uma vontade dela e eu e outros alunos que participaram deste grupo acabamos levando para a vida isto, mas no geral é isto mesmo que eles falaram, é só abaixar a cabeça e obedecer. Mas quando tem um profissional que quer fazer acontecer, ele consegue. (H – Mulher 17 anos).

E os professores de vocês, sabem que vocês participam aqui, que vocês sabem dançar, eles conhecem esta habilidade?

Não. (I – Homem 15 anos).

Só alguns. (K – Homem 16 anos).

E vocês, chegam a usar na escola?

Eu fiz uma apresentação na escola. (J – Homem 16 anos).

Eu também, mas foi só para minha sala. (K – Homem 16 anos).

Eu já apresentei um trabalho na escola, que usava a dança. (D – Homem 18 anos).

A ideia foi sua ou da sua professora? (H – Mulher 17 anos).

Foi da professora, porque era um negócio relacionado à dança e eu só joguei a ideia do HIP HOP e ela aceitou. (D – Homem 18 anos).

Mas eles não pensam em abrir a escola de final de semana? De deixá-los organizarem algumas coisas?

Tem alguma escola que fazem isto, tem um projeto. (K – Homem 16 anos).

Na minha escola tem, mas é só artes marciais e futebol. (C – Homem 16 anos).

E em nenhum momento há uma participação de vocês para saber o que a escola deveria proporcionar, não há nenhuma pesquisa?

Não. (K – Homem 16 anos / C – Homem 16 anos).

Na minha já teve, fizeram uma pesquisa, todo mundo participou, deu a opinião, mas nunca acontece nada. Foi só por falar. (D – Homem 18 anos).

Semana passada, conversamos sobre a relação de vocês com os coordenadores, professores, com a equipe administrativa daqui e vocês falaram muito em respeito a regulamento – na escola existe este mesmo respeito de vocês com a escola e da escola em relação a vocês? Existe um regulamento claro na escola que vocês devem seguir? E vocês seguem?

Não existe não, na minha escola é cada um com sua conduta. Às vezes a gente faz alguma coisa, e o professor nem liga, aí a gente vai fazer na outra aula o cara vem fazendo escândalo. (I – Homem 15 anos).

Como assim, pode dar um exemplo?

Tipo assim, o uso do celular, tem professor que não liga que a gente fique com o celular, desde que não fique ouvindo música, já tem outros que veem em cima da mesa, já começa a falar que é falta de respeito, que a gente fica atrapalhando a aula, mas o celular está ali, parado. Este é um exemplo, mas tem outros. (I – Homem 15 anos).

E a conduta que vocês têm aqui é a mesma que vocês têm lá?

Não. (risos). (C – Homem 16 anos / K – Homem 16 anos / D – Homem 18 anos/ I – Homem 15 anos)

Por que? Qual a diferença? O que acontece lá e não acontece aqui e vice-versa?

Eu acho que aqui temos mais liberdade. Aqui podemos usar os materiais, os espaços, isto incentiva a gente. (I – Homem 15 anos).

Aqui somos tratados como gente, na escola tratam a gente com descaso e desrespeito. Muitas vezes, quando a gente precisa de alguma coisa na diretoria eles ficam com desculpas para não atender a gente. (B – Homem 18 anos).

Aqui é só lazer e lá só obrigação, obrigação. Obrigação de fazer apenas o que eles querem, eles não ligam se a gente não consegue ou não sabe alguma coisa, a gente tem que obedece e pronto. (K – Homem 16 anos).

Aqui vocês tem acesso a todos os materiais, equipamentos?

É tudo livre, então a gente respeita. Na escola parece que eles têm medo, tudo fica trancado, eu sei que na minha escola tem aparelho de som bem equipado com microfone e o "escambau", porque é usado no intervalo da tarde, com as crianças, mas a gente do noturno, não tem acesso a nada. (D – Homem 18 anos).

Semana passada, conversamos sobre o que é, mas eu gostaria de ouvir mais de vocês o que é o movimento HIP HOP?

Não são os cinco elementos? (K – Homem 16 anos).

O grafite, o rap... (L – Homem 17 anos).

O grafite, o MC é aquele que fica cantando, o DJ. (G – Homem 18 anos).

É o grafite, a dança, os DJs. (L – Homem 17 anos).

Tem o quinto elemento que eles ensinam aqui, a sabedoria. (C – Homem 16 anos).

É verdade (risos). (Todos).

Esta casa é legal porque ele reúne tudo isto mesmo, se vocês forem lá fora, está tendo um encontro de MCs, mas está tendo oficina de grafite, de dança, estamos conversando aqui. Tudo acontece ao mesmo tempo, no seu espaço. HIP HOP é isto aí, é conviver com as diferenças. (L – Homem 17 anos).

Eu pude assistir a um pouco dos treinos de dança, vocês podem falar um pouco sobre esta prática, como acontecem estes treinos?

Existem algumas modalidades: POP, ROCK, LOCK. (C – Homem 16 anos).

Quanto tempo vocês levam para aprender a dançar?

Depende da vontade, tem gente que frequenta, mas não gosta tanto, demora mais, mais tem gente que não sossega enquanto não consegue fazer um movimento. Aí tem um amigo que tem mais facilidade e ele ensina. (C – Homem 16 anos).

Mas quem ensina?

Tem os professores, mas se você chegar em alguém e pedir me ensina tal coisa ele ensina. A informação vai sendo passada, tem a aula também, mas eu aprendo mais é com o pessoal. (C – Homem 16 anos).

Aqui é muito legal porque ninguém nega informação, todos querem ver você aprender, acham legal você conseguir aprender. (L – Homem 17 anos).

E aqui não tem idade nem menor, nem maior (C – Homem 16 anos).

Não. É para todas as idades. Qualquer um que chegar tem sua vez. (C – Homem 16 anos).

Na oficina tem criança de até seis anos. (K – Homem 16 anos).

Tem uma certa organização nas oficinas, mas quando não tem oficina, quando o professor falta, ou é feriado, ou alguém teve de viajar, o pessoal vem, vai treinar, fica de boa, um ajuda o outro. É bem flexível. (L – Homem 17 anos).

Já fiz outras danças, pagas, um curso formal de dança, mas vocês vê que é muito comercial, a pessoa te ensina até um ponto, depois não ensina mais, porque entrou em outro modulo, ela tem modulo a cumprir, tem toda uma burocracia, tem toda uma estratégia e aqui isto não existe, enquanto você puder aprender e absorver, sempre tem alguém para ensinar. (F – Homem 14 anos).

Eu tenho uma curiosidade. Quando vejo vocês dançando, um sai para o outro entrar. Quando vocês sabem que é a hora de sair da roda?

Quando cada um termina o que quer fazer. (I – Homem 15 anos).

Quando ele frisa, que é a parada, quando ele para em alguma coisa e fica uns 3 segundos. Ele terminou aí você sabe que pode entrar. (D – Homem 18 anos).

É mais, bom senso do que outra coisa. Porque se o cara mostrar tudo que ele sabe. Não tem o que fazer nas outras entradas. Ele se regula. (L – Homem 17 anos).

Guarda um pouco para mostrar depois. (C – Homem 16 anos).

É companheirismo. Ao mesmo tempo em que estão duelando, estão vibrando pelo que o outro consegue fazer. (L – Homem 17 anos).

Voltando a questão da escola, este companheirismo, existia na escola, mesmo entre os próprios colegas?

Na escola, existe entre os amigos. (C – Homem 16 anos).

Entre os grupinhos fechados, não é uma ideologia geral como aqui. (L – Homem 17 anos).

Anexo 5 - Roteiro de Entrevista com funcionários das escolas

Caracterização da escola:

1. Quantas turmas funcionam na escola?
2. Como estão divididas? (salas, períodos)
3. A escola atende, majoritariamente, alunos de que bairro?
4. Descreva a comunidade em torno da escola. (classe social, oportunidades de trabalho para os pais, tipos de comércio, etc).
5. A comunidade oferece alguma forma de lazer e cultura para os alunos?
6. Como é o envolvimento da comunidade com as questões relacionadas à escola?
7. A escola oferece formas de participação, como colegiados, APM, como é a adesão a estes organismos?

Realização de atividades culturais:

8. A escola oferece alguma forma de incentivo à cultura?
9. Quais são estas atividades?
10. Qual o objetivo destas atividades?
11. Estas atividades são promovidas pela escola. ou por determinação da diretoria de ensino?
12. Como é feita a organização destas atividades?
13. Há participação juvenil nesta organização? Há uma consulta aos alunos para conhecer seus interesses?
14. Há adesão por parte dos alunos nestas atividades?
15. Existe diferença quanto à adesão em relação à idade dos alunos?
16. Existe alguma disciplina que se envolve mais nestas atividades?
17. Existe maior resistência à participação em relação a alguma disciplina específica? Qual?
18. Qual o possível motivo desta resistência? (caso ela exista).
19. Qual a importância que você atribui à participação em atividades culturais para o desenvolvimento dos alunos?

Anexo 6 – Transcrição da entrevista com a inspetora de alunos da Escola Jardim Canhema I

De onde são os alunos atendidos nesta escola?

Aqui temos alunos do Canhema, do Nações I e Nações II, acho que só.

Você poderia me falar um pouco do entorno da escola, das áreas de lazer oferecidas à estes jovens, comércios etc?

Temos o Centro Cultural aqui embaixo, tem leitura, tem jogos, tem teatro, tem aula de dança. Mas eu acho que deveria ter mais lugares para eles frequentarem, eu acho pouco.

E como é esta comunidade?

Aqui tem pequenos comércios como açougue, supermercado, farmácia, tem lojas roupas e calçados, tem até uma galeria com box que vende roupa, celular. O comércio daqui é bom, o preço não é caro.

E a população que mora aqui, ele trabalham por aqui mesmo, ou trabalham longe?

A maioria trabalha fora, Diadema tem bastante firmas.

Você sabe me dizer se na escola existe APM, Colegiados ou outras formas que os pais possam participar nas decisões da escola?

Existe sim, quando a escola era de primeira à quarta série, os pais vinham muito, mas agora estamos conseguindo resgatá-los novamente, estão voltando a cooperar com a gente.

Esta escola foi fundada em 16 de fevereiro de 1986, sei a data exata, 27 anos é o tempo que estou aqui. Aqui as pessoas são muito boas, mas já foi muito perigoso. Nos anos 80 até 92 tinham muitos bandidos aqui. Não tinha casas de alvenaria, só favela. Mas aí os anos foram passando e tudo foi melhorando. Agora estamos no céu. Não temos problemas de violência com os alunos. Já tivemos muito em anos atrás, mas agora não temos não.

Mas você acredita que a escola tenha feito algo para melhorar isto?

Os projetos dos professores ajudaram muito. Nossos alunos são muito bons. Eles estão começando a trabalhar em telemarketing, lava-rápido, comércios.

Eu conheço muito bem estes alunos e não tenho medo deles não. Existe participação dos alunos em todos os sentidos. Eles se reúnem para arrecadar agasalho no inverno, reciclagem de pet, fazem campanhas de alimentos para levar para entidades carentes de Diadema. Eu no caso, recebo os alimentos, vou separando os que irão vencer primeiro e aí junto com a professora da Sala de Leitura, eles entregam nas entidades.

Antigamente quando tinha primário, estas campanhas eram ainda maior, tínhamos 11 salas aqui. Conforme foi passando os anos, este número foi caindo, conforme os anos vão passando os alunos acabam saindo daqui da periferia e indo para cidade. Nesta fase a

comunidade ajudava mais, agora parece que eles não tem muito tempo. Mas ainda fazemos trabalhos ótimos.

Todos os anos temos grêmio aqui, os alunos votam, acho que são sempre quatro equipes e ganha um só. Eles ajudam a organizar os passeios, teve um passeio no SESC Itaquera que foi organizado por eles. Eles negociaram o preço para todo mundo poder ir e conseguiram fechar dois ônibus. Eu queria ir também, mas não deu porque estou ajudando na cozinha.

Esta biblioteca aqui é uma beleza, eles vivem fazendo teatro. Nossa escola ganhou o primeiro lugar em Diadema, com a melhor receita italiana.

A proposta vem do Estado e a gente conversa com os alunos, reúne aqueles que se interessam e aí eles participam.

Houveram bastante interessados?

Esta teve uma sala toda que quis participar, foi a sala do 2º do Ensino Médio inteirinha. Estas atividades ajudam demais no desenvolvimento deles, se você ver é o ano inteiro com eventos e tem sido maravilhoso. O que eles aprender fora, acabam levando para a sala de aula.

Amanhã terá aqui uma exposição que vai contar a história da escola, desde quando ela inaugurou, com presença de ex alunos, que agora já estão trabalhando, exposição dos trabalhos deles. Eu vou contar alguns casos que aconteceram comigo, desde quando eu comecei, vou contar os bons e os ruins também. Os alunos já gravaram e amanhã na verdade vai ficar passando os vídeos feitos por eles. Nós convidamos os pais, vamos ver se eles virão, né.

Quem adere mais, os mais novos ou os mais velhos?

Está tendo uma grande participação dos mais velhos, principalmente dos terceiros. Este ano eles estão fazendo muitas coisas.

Sempre existiu estas iniciativas para desenvolvimento de atividades culturais aqui na escola?

Sim, sempre existiu. Mas há de uns três anos para cá está melhorando mais ainda. Sempre tem aqueles que não gostam destas coisas, mas acho que a plantinha está começando a nascer. Eles se interessam em buscar um livro para ler, em participar dos projetos, eles aparecem fora do horário de aula.

No projeto SuperaAção, nossa escola já ganhou e foi competir em Lindóia e lá, a nossa escola também ganhou nos desafios. Nossa escola participa muito das atividades. A gente vê que tem escolas que nem faz as atividades, mesmo obrigatória. Aqui os alunos também já fizeram um sarau de Fernando Pessoa, cada grupo fez uma coisa, ficou muito bonito.

Tem uns professores que acham que já tem muita coisa para fazer e não se envolve, mas os demais fazem trabalhos bem bonitos, amanhã, vai ficar tudo exposto, tomara que os pais venham, porque esta valorização por parte da família é muito importante para eles.

Eu tenho notado que alguns alunos indisciplinados, quando começam a participar melhoram muito, eu acho que, na verdade eles precisam ser valorizados. Quando a gente chega, começa a conversar com eles, eles passam a ser nossos amigos. Quando a gente começa a valorizar e acreditar no que ele faz, ele muda completamente. Tem uma aluna no terceiro ano, que no começo era bem revoltada, depois que ela entrou no projeto virou outra pessoa. Ela é agora um barato, até violão ela está tocando. Ela que montou o sarau, participou do Superação Jovem. Antes eu acho que eu não ia muito com a cara dela, sabe? Ela tem um gênio forte, mas depois que a gente começou a conversar, a valorizar o que ela faz, ela mudou completamente. Eles são muito carentes de carinho. Agora ela é um doce. Às vezes, eu vejo que falta nos professores, é valorizar o aluno. Não ficar humilhando. Incentivar, falar que ele tem potencial. Perceber algum dom que ele tem e tentar usar, né?

Anexo 7 – Transcrição da entrevista com a coordenadora da Escola Jardim Canhema I

Olá Juliana, como eu te disse, estou sozinha na coordenação da escola, minha companheira está de licença maternidade e estou sobrecarregada de serviços, se concordar, podemos fazer a parte das perguntas mais administrativas comigo e sobre as atividades culturais com a [professora da Sala de Leitura], ela poderá te ajudar mais que eu.

Sem problemas. Não quero atrapalhar a rotina da escola. Então para começar, você poderia falar um pouco da escola, em especial, quantidade de alunos, salas de cada turno, estas coisas? Descrever um pouco a comunidade que esta escola atende.

Então, são sete salas de manhã, sete salas à tarde e duas à noite, um segundo e um terceiro. Aqui é uma comunidade carente, a maioria mora aqui no próprio bairro.

A comunidade oferece atividades culturais?

Então tem o Centro Cultural e tem aqui a Santa Casa, a Santa Casa promove algumas ações para eles. Mas a maioria frequenta o Centro Cultural que é o que eles têm aqui no entorno. Na realidade é uma comunidade bem carente, existe aqui quase enfrente o núcleo habitacional, então eles moram praticamente um bem pertinho do outro, um ou outro aluno nosso que é de longe, mas a grande maioria é tudo próximo, se não é do Jardim Irã, é da Vila Alice, todos dentro do Jardim Canhema.

O Jardim Canhema é dividido em algumas partes, é isto?

É isto, é até engraçado o bairro é Jardim Canhema, mas existe o Jardim Irã e a Vila Alice que são como se fossem dois bairros, mas são tão próximos que eles acabam se juntando, você nunca sabe quem é da Vila Alice e quem é do Jardim Irã porque eles se juntam, unem, né?

Como são formados os colegiados, APM aqui na escola?

Aqui têm todos estas formas de participação, e nossa comunidade é muito participativa. Esta é a parte mais importante para nós. Temos bastante pais e mães que fazem parte da APM e o colegiado é muito bom, bem participativo.

O que vocês fazem para que aconteça esta adesão?

Hoje na verdade nós temos que fazer algumas ações para que os pais se sintam convidados a virem. Antigamente de fato era algo mais difícil fazer este chamado. Estes últimos anos parece que ficou mais fácil.

Ao que você atribui esta mudança?

Então fizemos a segunda ou terceira reunião com os pais dentro da escola, fizemos alguns eventos, apresentamos alguns projetos e trabalhos para os pais conhecerem. Existe um projeto com o idoso, que também foi uma forma de convidar estes familiares a estarem dentro da escola, trabalhando a família, porque o que está faltando é esta questão da estrutura familiar, acho que é por isto que eles se afastam e você, na realidade precisa trazê-los mesmo.

Conhecendo os alunos desta escola, você sabe se eles trabalham? Qual a principal ocupação?

No Ensino Médio é de praxe, a maioria sai daqui de manhã e vão direto para o trabalho e os alunos do noturno, vem do trabalho. Mas a gente tem alguns alunos também no período da tarde que tem alguma ocupação. É bem aquilo que eu te falei, os alunos vêm de uma comunidade carente e existe esta necessidade. Tem a questão da violência dentro desta comunidade, existe aqui, como em todas as comunidades a parte problemática. Infelizmente a questão da estrutura familiar é muito complicada, então muitos moram só com a mãe, outros moram com o pai, mas este pai já mora com outra mulher. Então falta a questão da estrutura familiar para que de fato a coisa funcione. Você sabe que a estrutura é tudo, né? E é uma questão cultural que infelizmente, dentro do nosso bairro é bem frequente. Estes alunos precisam trabalhar e começa cedo. Mas vemos que enquanto trabalham, conseguem seu dinheiro honestamente, não precisam procurar dinheiro fácil de outra forma. Ficamos felizes quando vemos que eles levam a sério estes empregos, quando vamos na padaria, por exemplo, e somos atendidos por eles, eles nos apresentam para as pessoas, isto é bem legal.

Você considera que violência chega até a escola?

Ela até chega, mas como a gente faz alguns trabalhos, como o projeto do bullying, para estar amenizando isto. Nós temos toda uma pauta que deve ser trabalhado por todos os professores. No possível eles tentam estar controlando esta questão da violência. Posso dizer que não é uma escola violenta não. Ás vezes até acontecem alguns casos sim, como em qualquer outro lugar. A gente tem problema no entorno com as drogas, que na realidade não é a nossa escola e a maioria pode apresentar. Este problema aparece desde o pobre até o rico a gente encontra ente tipo de problema.

Mas assim, existe a violência? É claro que existe, não existe um lugar encantado, nem tudo é só flores! Mas na grande maioria a gente consegue trabalhar esta questão da violência.

É bom ouvir uma declaração otimista e que o trabalho está dando certo.

Tudo é questão de um bom trabalho, não é fácil. Na verdade eu estou na coordenação desde o inicio deste ano. Para mim, tudo também é muito novo, mas já sou professora da escola há cinco anos, então já conheço a comunidade. Hoje não mais, mas morei aqui perto desde quase quando eu nasci, então conheço muitos pais, muitos alunos, isto me facilita o trabalho. Conhecendo a comunidade podemos entender o que eles precisam, ter a sensibilidade de conhecer caso a caso. Não dá para interferir em cada caso, mas dá para conhecer e tentar fazer alguma coisa. Você faz a diferença quando você conhece o que é a necessidade que o ser humano, o aluno, o pai, está passando. Você enxerga diferente. Realmente é o olhar diferenciado.

A partir do momento que você consegue fazer um trabalho interligado, é valorizado pelos próprios alunos, a comunidade valoriza, o aluno valoriza. A importância deles dentro do processo é fundamental. Eu acredito que quando a gente consegue trazer este aluno para próximo da gente e ele acredita no trabalho, ele faz a diferença realmente para nós.

Anexo 8 – Transcrição da entrevista com a Professora responsável pela Sala de Leitura da escola Jardim Canhema I

Bom dia Professora, eu vim aqui hoje para a gente conversar um pouco sobre a influencia das atividades culturais para o desenvolvimento dos alunos, você pode falar um pouco disto?

Posso apresentar para você os projetos desenvolvidos na escola, pode ser?

Claro, ouvi dizer que são muitos, né?

São sim. Este ano, nós já começamos com Projeto Leitor e o Projeto Adivinha desde o começo do ano. O Projeto Leitor, os alunos retiram os livros aqui, fazem a leitura e devem preencher uma fichinha com os personagens, com o que eles mais gostaram no livro, eles colocam o nome do autor, o nome do leitor. Devem definir o gênero, se é um romance, uma aventura ou livro de ação e o que mais eles gostaram. Este é um projeto que ao final tem uma premiação para o aluno. Este projeto a gente tem desde 2008 quando começo aqui a Sala de Leitura e quem mais lê livro a gente premia ao final do bimestre.

Todos os alunos participam?

Sim do fundamental ao Ensino Médio, todos participam e ao final do bimestre nós fazemos esta premiação.

Tem alguma idade que se destaca mais?

Então, depende do ano. Neste ano, o Fundamental está lendo mais, mas depende, Este ano é o Ensino Fundamental que está na frente, mas sempre muda, no ano passado foi o Ensino Médio que saiu na frente. Cada ano tem uma variação desta competição.

Este projeto é aqui da escola ou é da rede?

É da escola, na verdade daqui da Sala de Leitura mesmo. Tem o Projeto Adivinha que também é da Sala de Leitura, que a gente iniciou desde 2008, com o inicio do projeto da Sala de Leitura que são desafios que nós colocamos todos os dias ali no quadro, não mudei a data porque este ainda ninguém acertou então eu vou deixando. São desafio que eu coloco ali de todas as disciplinas Português, Matemática, Ciências eu tenho uma coleção de livros e eu coloco estes desafios e aí é a mesma coisa, o aluno que tiver mais acertos é premiado por bimestre e também são todos evolvidos, do fundamental ao médio. No ano passado o médio teve maior acerto e neste ano também é o fundamental que está liderando. Estes são os dois projetos que temos desde o inicio de 2008.

Temos também o Projeto Lugares de Aprender do Cultura é Currículo, né, ele vem do Estado, mas é a Sala de Leitura que trabalha este projeto. Eles saem da escola e vão para alguns centros culturais, aí eu desenvolvo alguma coisa em cima disto. Eu faço um antes, um durante e um depois.

[Neste momento foi mostrada uma série de cartazes pendurados na sala].

Este por exemplo é um trabalho final, eles foram para a cinemateca e eu criei com eles um convite. Eles tinham que criar, convidando alguém para ir à cinemateca de forma bem criativa para estar entregando, mas no caso eles deixaram aqui em exposição. Então cada projeto do Cultura é Currículo tem um produto final. Eles foram para o Centro

Cultural Banco do Brasil, eles preencheram um questionário e cada um desenhou uma obra que foi mais significativa e fizeram uma descrição desta obra. Cada projeto, cada saída de passeio, a gente faz um produto final, ele não vão por ir. Foram também para o Memorial da América Latina e lá também só fizeram um questionário, este eu não dei um trabalho especifico. Agora já tem agendado 3 outros passeios, dia 12, dia 13 e dia 21, para ir para o SESC em Santo André, também vou desenvolver um trabalho. Este projeto Cultura é Currículo, também é aqui da Sala de Leitura, na verdade é do Estado, mas é a Sala de Leitura que trabalha com ele.

Eu também estou com o teatro, né? Que eles fizeram uma peça teatral para apresentar em uma faculdade, também já fizeram esta apresentação este ano, foi feito pelo 1º A e apresentaram para uma faculdade. Uma peça de teatro sobre o bullying, eu também estou desenvolvendo um projeto com as quintas séries, então eles irão se apresentar também para estas salas. O 1º A do médio vai apresentar esta peça para ele. Na verdade a gente diagnosticou que precisa trabalhar este assunto porque está acontecendo muitas desavenças entre eles. Depois da apresentação ainda vou trabalhar dois livros com eles: E se fosse você? E a Escola de Dragões, que são livros que falam sobre o bullying e está sendo trabalhado com eles neste projeto envolvendo as duas 5ªa séries e o 1º A. Este projeto ainda está bem no início.

Trabalho também com Viagens Literárias, que é pelo Estado, a gente na começou com o livro Vidas Secas, com os dois terceiros anos. Eles precisam ler a obra, com os grupos divididos, junto com a professora de Língua Portuguesa deles, cada grupo vai apresentar um capítulo.

Passei para eles, vídeos com vários exemplos de trabalhos, passei uma fita que eu tenho que compara as obras Capitães de Areia e Vidas Secas e agora, cada grupo vai fazer um teatro, ou uma dramatização, ou histórias em quadrinhos, com um capítulo de Vidas Secas e vão apresentar no final do semestre. O terceiro da noite, também vai fazer a mesma coisa. Este trabalho está sendo feito nos dois períodos, manhã e noite.

Tem também, o SuperAção Jovem que vem também pelo Estado, pelo Instituto Airton Senna. Este ano vamos trabalhar apenas um módulo, que é o modulo avançado e se chama Protagonista 100% leitor.

Antes nós trabalhávamos três projetos, hoje a gente só trabalha um por ano, porque senão acumula muita coisa. É um projeto voltado para a leitura e tem vários desafios que os alunos devem cumprir. Eles têm aula uma vez por semana aqui, fora do horário de aula e cada encontro tem um desafio. Eles fazem uma ação para a escola, eles já fizeram esta movimentação para a escola, na parte da manhã. Eles fizeram convites referentes à importância da leitura, entregamos estes convites com faixas e toda uma movimentação na escola. Esta foi a primeira movimentação. Aí em cima deste projeto, eles devem montar um outro projeto que estamos pensando na questão da sustentabilidade, que é o auge de nossas discussões. Eles estarão trabalhando até novembro este projeto. Ai lá no finalzinho, se nossa escola for premiada, eles viajam, como aconteceu no ano passado. É bem bacana este projeto.

Como acontece a seleção de que vai participar?

Na verdade, os alunos do grêmio fazem todo o trabalho de divulgação e têm também alunos que participaram nos anos anteriores, que são os protagonistas aqui da Sala

de Leitura, que me ajudam nesta organização. Eles acabam fazendo o papel principal aqui na escola, e eles me ajudaram a selecionar estes alunos. Já passamos por toda esta etapa de movimentação, mostramos a importância deste projeto e quem quer participar faz a inscrição com eles e aí tiramos os participantes. Este ano já tenho dois times, eles chamam os grupos de times. Este ano não posso formar mais times porque não tenho tempo. Tem muitos alunos que querem, já veio até mãe falar comigo, mas não tenho mais como colocar mais ninguém por conta de todos estes projetos que estou fazendo.

A adesão é maior por parte dos mais novos ou os mais velhos?

Este projeto aqui que é o módulo avançado é para o 9º ano e o Ensino Médio. Eu tenho uma turma do 9º ano e tenho uma do 1º do Ensino Médio. A procura é muito grande por todos, tem muitos alunos que querem participar e eu não posso colocar. Eles participam bastante, estão sempre aqui envolvidos, me ajudam, assim eles tentam modificar e melhorar a escola. São legais estes desafios, porque eles propõem desafios para serem feitos pela escola.

Temos também este projeto horta, que eu já finalizei, na verdade só falta colocar no muro. Eles plantaram plantas ornamentais, que conseguimos doação do pessoal do meio-ambiente as mudas, a terra adubada, que nós fomos lá buscar e já plantamos, se você quiser conhecer, nós vamos lá.

Eu adoraria.

Este projeto nós íamos fazer com hortaliças, mas não deu, só conseguimos as mudas das plantas ornamentais mesmo. O meio ambiente não tinha estas mudas e na escola também não tinha. Então eles ofereceram estas plantas ornamentais e ficou bem bonito também. Elas estão plantadas em garrafas e depois a gente vai pendurar na horizontal e vertical no muro. Então, já finalizamos com a 5ª A e 5ª B.

Com as duas 7ªs séries fiz o projeto Alimentação Saudável, juntamente com a professora de Ciências é claro. Teve um passo a passo, neste dia, eu até filmei, eles prepararam um prato sobre alimentação saudável de acordo com a pirâmide e fizeram uma apresentação sobre a importância da Alimentação Saudável. Este aí nós também já finalizamos. Estes dois estão finalizados, os outros já estão encaminhados.

Temos também o Projeto Leitura, é um projeto que envolve todos os professores da escola. Uma vez por semana a gente lê um texto, toda a escola para na 3ª aula e eles fazem a leitura de um texto que é sobre a sustentabilidade. São selecionados quatro textos por mês e depois a gente finaliza com uma avaliação sobre estes textos. A escola inteirinha participa e vai até o final do ano, na parte da manhã, tarde e noite, com todos os professores envolvidos.

E agora estamos com o projeto do idoso, Quem tem um idoso tem um tesouro, que a gente vai fazer uma apresentação no dia 17, já estamos fazendo todos os preparativos, depois se você quiser ver os cartazes lá em cima eu te mostro também.

Eu vi alguma coisa no pátio.

Tem no pátio, mas como os 3ºs fizeram hoje, ainda estão lá em cima. Eu vou fazer oficina com garrafas PET com os avós e vamos apresentar as poesias que o 1º B também já preparou.

São idosos familiares dos alunos?

Estamos convidando os avós para virem aqui no dia 17. Este também é um projeto que está sendo desenvolvido também, desde o começo do ano. Ela ainda não definiu o horário, mas provavelmente vai acontecer a partir da terceira aula. Vamos apresentar as poesias, fazer a oficina, terá exposição dos trabalhos. Tem alunos que estão fazendo pesquisa, tem trabalhos que as professoras já deixaram expostos. Acho que as 5ªs séries estão preparando os convites para entregar para os avós, com o professor de História, fizeram uma pesquisa que também já está em andamento.

Então de projetos, este ano estou com estes só.

Você fala só? É um monte de coisa.

O Superação é o que envolve mais tempo, então estou tentando adiantar algumas coisas agora no começo para poder me dedicar mais ao Superação no final do ano.

Eu estava até enviando estes dados para a Diretoria, com o total de alunos envolvidos, estava fazendo estas estatísticas aqui. Mas neste ano são estes projetos que foram planejados por enquanto. Mas eles podem ser modificados, tudo depende da aceitação dos alunos, do interesse, ou das necessidades. Se houver a necessidade a gente prepara mais coisas. Mas esta Viagem Literária, ele continua até o final do ano. Agora estamos trabalhando Vidas Secas, mas depois vem Vinicius de Morais, cada mês vem um autor que devemos trabalhar com o Ensino Médio. Este é um projeto voltado ao Ensino Médio, ao todo serão 4 obras que devemos trabalhar. Já foi o Vidas Secas, sabemos que agora será algum do Vinicius de Morais, mas os próximos só saberemos depois da orientação. Fora estes outros que até o final do ano a gente vai trabalhando.

Você comentou sobre a parceria com outros professores, todos os professores, são assim envolvidos com estas atividades?

Não, não são todos. Alguns não se envolvem de jeito nenhum.

Você tem ideia o que leva a esta resistência?

Olha, assim eu não posso dizer o motivo, não sei te dizer, mas eu convido todos no inicio do ano, eu apresento os projetos no HTPC, mostro todo o trabalho que foi desenvolvido. Falo para eles que podem trazer os alunos aqui, mas tudo tem que ter um objetivo, eles devem planejar tudo antes e me entregar e a gente trabalhar junto, mas não são todos, alguns preparam, mas outros não, ele não querem. Mas assim, o motivo, eu prefiro nem entrar em detalhes. Em todo HTPC eu apresento o que tenho de novidades para eles, tem aqueles que eu entrego e falo que eles precisam fazer certas coisas e assim vai.

E tem alguma disciplina que é mais envolvida.

Na verdade é Língua Portuguesa, mas este ano é a de Ciências que está bem envolvida comigo. Fez o projeto Alimentação Saudável e o projeto Horta e agora ela vai trabalhar o bullying comigo. Já fiz a primeira parte com o Ensino Médio, que esta parte ela não participou, mas agora o restante eu vou trabalhar na aula dela. Depois iremos propor um produto final e aquele que apresentar o melhor produto final, que ainda não fechamos o que será, vai ser premiado também. Estas são formas que a gente tem para incentivar, né?

É isto, não são todos os professores não, mas mesmo assim a gente consegue coisas bem interessantes nesta escola.

E em relação aos mais velhos, os professores apoiam esta participação, eles incentivam?

Aqui eles incentivam muito, inclusive temos a professora de Química, que ajuda no que precisar. Química, Matemática e Ciências, temos bastante parceria com ela. Ela é bem assim aberta a novos projetos, a professora de Educação Física é também maravilhosa, topa qualquer parada, a de História também já participou.

Aqui também eu fiz uma apresentação sobre poesia, porque este ano eu também estou em sala de aula, né? Estou com duas salas além da Sala de Leitura, eu fiz um trabalho bem bacana de poesia, eles fizeram as apresentações, cada grupo escolheu um livro. Nossa! Foi bem bacana, teve um aluno que fez um teatro de sombras, com personagens, outros fizeram um teatro outro, dramatização, outro um sarau. Fizeram coisas bem bonitas.

Eles se envolvem bastante, vem fora do horário para preparar os materiais. Desde que eu entrei aqui, em 2008, eu vejo este empenho na participação, eu sempre gostei muito desta escola, são bem participativos, os alunos.

Eu acho que depois que eles começaram a se envolver nestes projetos, eles passaram a valorizar mais a escola. Eles querem que a escola esteja bonita, com tudo funcionando. E com estes passeios culturais, eles se esforçam para desenvolver as atividades. É um incentivo eles saírem da escola, conhecerem coisas diferentes, uma cultura nova. Realmente este Cultura é Currículo é maravilhoso, lá eles tem uma aula assim, nota 10. O governo investe bastante e eles aprendem muito. Então, eles procuram dar o melhor deles para continuar participando, para conhecer novos lugares. Eu acho que eles têm mudado bastante para cuidar da escola por causa disto. Eles gostam de frequentar, principalmente a Sala de Leitura, é um lugar que eles gostam muito. Gostam sempre de me ajudar, de ver como a sala está bem bonita, organizada. Eles vêm fazer as pesquisas para trabalhos.

Eu e a Débora que abrimos aqui, logo quando foi lançado o projeto a gente já montou, a primeira escola que começou o projeto foi esta aqui. Hoje já tem em 25 escolas. Agora tem bastantes escolas que também tem a sala bem movimentada.

Na reunião de pais, por exemplo, nós fizemos uma mesa literária, também como uma forma de incentivo a leitura. Eu entreguei aos alunos, os líderes, estes alunos que me ajudam. Primeiro eu pedi para cada um criar uma frase sobre a leitura, depois a gente fez a escolha da melhor frase, para não colocar qualquer coisa no papel. Preparamos um convitinho, né? Colocamos a frase da aluna que venceu e entregamos o convite para os pais. Contamos todo o passo a passo do projeto, contamos como seria desenvolvido o projeto e se os filhos quisessem participar os pais poderiam deixar, porque seria fora do horário de aula. Montamos uma mesa bem bonita com poesia, algumas coisas para comer e deixamos em exposição os trabalhos deles e contamos um pouquinho do projeto e os pais gostaram bastante. Foi bem produtivo.

Quando os pais são chamados, eles participam?

Não são todos, mas a grande maioria vem. Ficamos bem felizes nesta última reunião, muitos pais participaram. Como fizemos em um sábado, fica mais fácil para os pais poderem vir e aqueles que não puderam, vieram durante a semana. Como eu te falei né, como eu só pude montar duas turmas, tem mãe que já veio aqui, porque querem de qualquer jeito que o filho participe. Hoje mesmo eu levei a autorização para um aluno assinar porque ele está todos os dias me pedindo e estou até com dó dele, já. Todo dia ele pergunta por que eu não vou colocar ele no projeto. Eu já tenho o grupo fechado, mas não posso deixar ele do lado de fora. Aí eu fiquei preocupada e hoje levei a autorização para ele e falei para ele vir. Aí eu fui conversar com os outros alunos, expliquei que iria entrar mais um. Porque você faz todo um projeto, incentiva, aí o menino quer entrar e você não deixa, depois ele não tenta mais. Depois a gente tem que ir postando tudo no portal do projeto. Como já passaram por estes primeiros desafios, agora começam outros, né? Então que no meio deste projeto eles terão que criar uma reportagem, eu já conheço este projeto todo porque eu já fiz ele uma vez. Mudaram algumas partes, mas no geral é igual.

Semana que vem vamos passear pelo Cultura é Currículo, para o SESC, vou levar três sextas séries, os sétimos anos. Eles irão para uma exposição e chegando lá, eles terão uma aula com o monitor e eu faço um trabalho depois que eles voltam. Eu ligo para lá, vejo o que vai acontecer e depois na volta eu faço um trabalhinho com eles, né? Todo passeio a gente desenvolve um produtinho final, né? Um trabalho interessante sobre o que eles viram lá. No final do ano eu apresento tudo isto na Diretoria de Ensino.

É muita coisa!

É verdade, às vezes já estou deitada e fico pensando no que eu vou fazer. Gosto de projetos. Mas tem hora que você também não consegue desenvolver tudo. Quando você pensa em encerrar uma coisa aí já vem outra. O tempo está passando muito rápido.

Agora estou doida para fazer um curso de contação de histórias, estes dias fui em uma orientação, a mulher era muito boa. Ela conta história da forma mais linda do mundo. Nossa! Eu fiquei encantada, porque eu não tenho esta didática. Aí a gente tem que procurar uns cursos, né? Estou doida para fazer. Porque eu achei ela assim, divina. Eu saí de lá alucinada, ela fez agente entrar na história dela. Foi muito legal.

Esta semana, na terça nós tivemos uma O.T. com Carlos Emilio, eu até tenho um trabalho com o livro dele de gramática. A palestra com ele foi muito boa. Ele deu várias dicas para gente melhorar, sabe? Foi muito bom. Este ano eu acho que o governo está investindo bastante, sabe? Em curso, palestras, material para os projetos. Eu também pude fazer minhas pós, o que ajudou bastante também.

Você tem pós em que?

Pela Claretiano, eu fiz Redação, Literatura e Gramática e na UNICAMP eu terminei no ano passado, também voltado para literatura e para o currículo da escola. Fiz as duas praticamente juntas. Deus me livre (risos). O meu trabalho final foi sobre aquele livro Hugo Cabret de Brian Selznick e do outro fiz justamente sobre a Sala de Leitura.

No ano passado, eu também fiz um trabalho com as 5ªs com este livro. Fiz um projeto de três meses e na Claretiano, fiz um artigo cientifico aqui sobre a Sala de Leitura. Foram muito bons, eu gostei muito também.

Já leu este livro?

Não, ainda não.

A história ganhou o óscar no cinema. Ele é lindo. Ele conta a história do cinema. Ele é todo ilustrado e usa os recursos de cinema, como zoom, foco. Os alunos amaram. Eu fiz uma sequência didática para a UNICAMP e depois eu aproveite com os alunos. Quer levar este livro para ler? Ele tem algumas marcações dos alunos, se você não se importar, pode levar.

Mas não vai atrapalhar suas atividades?

Agora não, temos vários exemplares para empréstimo, como não estou usando para nenhum projeto, pode levar. O livro serve para ser lido e não ficar aqui na estante. Fica tranquila. Lê o livro primeiro e depois você assiste ao filme. Como foi com alunos, primeiro nós lemos o livro, depois eu passei o filme para ler.

Muito obrigada, nossa conversa foi muito agradável. Devo dar meus parabéns, seu trabalho aqui é fantástico.

Imagina! Eu só faço o que eu gosto. A Sala de Leitura está sempre aberta, para quando quiser voltar.

Anexo 9 – Transcrição da entrevista com a Diretora da Escola Canhema II

Bom dia Diretora, tudo bem? Então estou aqui para gente conversar um pouco sobre a importância da participação juvenil em diversas situações da escola, para começar você poderia falar um pouco sobre a importância da participação e c como ele está acontecendo aqui no munícipio e em especial aqui na escola?

Claro que sim, este é, por sinal um assunto que eu gosto muito. Eu acho que Diadema possui bastante programas que visam à participação juvenil, mas eu acho que ainda falta muito espaço, espaço como pontos de encontro culturais, então eles tem o que? Hoje eles têm só a escola, e cabe à gente passar para eles a importância desta participação política e uma forma é com incentivo ao grêmio e eu acho que ele fundamental para a escola. E aí sabe o que acontece? A gente implanta o grêmio, que foi feito através de uma eleição. Eu, particularmente, achava que seria uma chapa só, mas a disputa foi acirrada entre as três chapas, foi muito legal e os ATENTADOS ganharam e eles estão envolvidos, aí. Mesmo assim, é necessária a presença de um professor que assuma esta atividade para mostrar a verdadeira importância desta participação, que não é só organizar algumas festas, como eles falam. Entender que vai muito além disto, chegando até a expandir para fora da escola, é aí que aparecem as deficiências. Temos poucos recursos para isto e Diadema também tem pouco movimento neste sentido. Mesmo dentro da Prefeitura que eu também já trabalhei, dá para perceber que o jovem não se envolve mais nestas coisas.

Mesmo aqui em Diadema, eu já participei de muitos movimentos, há tempos atrás eu considero que éramos bem politizados, mas agora não é mais como antigamente, a gente vê que esta participação está diminuindo a cada ano.

Esta comunidade oferece alguma forma de lazer e cultura para estes jovens?

Pontos de encontro aqui, eu acho que temos a Casa do Hip Hop, a quadra esportiva. No centro de Canhema tem um centro esportivo e um campo de futebol que eu acho que é o lazer que eles têm mais próximo. Chegar até a Praça da Moça, eu acho que é raro, até no shopping, você não vê muita gente da periferia, aqui da nossa comunidade.

Eu lembro quando inaugurou o mercado Extra, este era um ponto de encontro dos alunos daqui, no sábado à noite. Eu não acho ruim ter um cinema, por exemplo, mas hoje poucos frequentam, eles ainda convivem muito dentro desta comunidade fechada, a gente vê que alguns jovens tem participação na igreja, a maioria é evangélica, que são as igrejas menores e nós temos uma aqui na rua da escola mesmo, se você frequentar você vai ver que muitos jovens da nossa escola frequentam a igreja. Lá participam do teatro, proposta mesmo pela comunidade ou paróquia. Mas dentro do universo da nossa escola, a participação em qualquer tipo de movimento cultural é muito pequena. Acho que é isto, em relação à participação em movimentos culturais, acho que é só isto mesmo.

E em relação à participação em conselhos, APM, a comunidade, em especial os pais participam?

A participação da comunidade está cada vez mais difícil. Eu já tenho desenvolvido um trabalho. Todo trabalho que envolve a escola pública, bate muito na tecla da importância da participação da comunidade tem que fazer parte do nosso trabalho e eu não vejo outra maneira de trabalhar, eu acho que tem que fazer mesmo. Mas a nossa realidade é assim: o problema que a gente encontra na escola é que o pai, a gente não encontra, nem

para resolver problema de saúde do filho, às vezes eu preciso localizar um pai, porque o SAMU está levando um filho para o hospital, às vezes uma criança machuca o pé na quadra e o pai está ausente até nas situações de emergência. A gente tem feito até reuniões, marcamos uma reunião no sábado, para ver teria uma maior aderência.

[Neste momento entra uma secretária de escola, interrompe para perguntar sobre uma ligação de mãe de aluno e sai rapidamente. Mas a entrevistada acaba perdendo o foco e esquecendo o que iria falar].

Em relação à comunidade, até em reuniões de pais, que eram um momento que tínhamos os pais na escola, daí tirávamos os colegiados, hoje eu tenho que bater de porta em porta, pedindo para as mães que temos mais envolvimento, que vemos que é aquela mãe que trás o aluno para a escola, que são poucas e são com estas que eu conto e mesmo assim, quando a gente faz o convite, elas não querem. Parece que elas encaram como uma obrigação a mais e a gente sabe que a agenda destas pessoas também não está fácil, que a nossa também não é fácil. Eu falo para meus professores, às vezes a gente fica chamando tanto os pais aqui, dos alunos que aprontam e se fosse o nosso filho, será que teríamos a mesma disponibilidade de tempo de estar na escola? Só que eu acho que a comunidade deve vir sim, mas eu acho que deve ter atrativos para eles também, não adianta vir aqui só para ouvir reclamações do filho.

No colegiado, a gente discute o que? Chega uma verba e resolve o que será feito. Geralmente o pai olha o que é concerto de depredação, quer dizer, é problema e quando reúne o conselho é para falar do que? Geralmente, cai no ponto de indisciplina, que é um problema também. Então eu acho que os pais estão se isentando destes problemas, porque eles sabem que ninguém tem uma solução, nem com próprio filho, quem dirá dentro da instituição, né? Eu penso desta maneira, eu acho extremamente importante a participação, mas não estamos conseguindo fazer muita coisa não. Parece que está assim, a família, quando vem aqui por causa de um aluno, parece que vem contra a escola, entendeu? E não estão mais participando da escola.

Eu até pergunto aos alunos por que eles vêm com tanta raiva da escola, chegam às sete da manhã aqui com raiva, ou vem empurrado. Eu vejo que a escola é para eles, é para a comunidade. Então é isto, eu acho que tem que ser feito um trabalho de aproximação e a gente tenta, mas parece que não está dando resultados. E todos os envolvimentos que nós temos das estruturas superiores, da Diretoria de Ensino ou da Secretaria de Educação é voltado a ter a comunidade na escola.

Um trabalho bastante importante que eu tinha era a Escola da Família e tinha um envolvimento bastante importante, porque nunca esvaziou a escola no final de semana. Era uma coisa bem legal e eu perdi este ano, por conta de não ter uma pessoa que quisesse trabalhar no final de semana, pois eles mudaram o perfil do trabalhador, que agora o vice-diretor precisa ser um pedagogo e as categorias, não pode ser categoria O, tem que ser categoria F ou efetivo. Então para você ver, eles peneiraram tanto que agora não tem ninguém interessado dentro de Diadema, porque eu já procurei, já correu e-mails com convites, mas assim, não tem pessoas interessadas em trabalhar e aí eu perdi muito, porque era um momento que eu tinha a comunidade aqui dentro, não só pelo esporte e lazer. Mas aí, o pai vinha, lia um jornal, participava de uma leitura junto com as crianças, iam fazer um cursinho, ou iam usar a internet no final de semana. Então, era o momento que a gente abordava o pai para estar mais perto da escola durante a semana e este ano nem com isto eu estou contando. Posso te falar que piorou muito a escola. Eu não tinha pichação dentro da

escola, fora da escola, os grafites eram respeitados e agora eu vejo que eles estão assim, batendo na porta e dizendo a escola é minha, mas por caminhos errados, pulando o muro, invadindo a quadra, então é um espaço que está ocioso e eu sinto muito por isto. Eu acho a que a Escola da Família era e é um ponto importante, para cultura e para tudo mais.

Eu gostaria de saber se os alunos da escola precisam trabalhar, em caso afirmativo que tipo de ocupação eles tem?

Geralmente trabalham fora, alguns estão em agências bancárias, nós temos também algumas parcerias de estágios como CIEE, o NUBE, com empresas que proporcionam este vínculo empregatício dos alunos estudante. Então, mas a maioria não fica perto da escola não. Nós tivemos algumas parcerias que era com ThyssenKrupp que é uma empresa de elevadores e quando ela abre, nós somos parceiros, mas são poucos alunos que conseguem, são os melhores alunos. Então, são três ou quatro. Este ano nós não tivemos esta parceria, nós tínhamos o SENAI que tínhamos uma parceria direta com eles, hoje o SENAI tem também outros métodos, agora o aluno tem que fazer a prova e antes existia a parceria empresa – SENAI, então a escola era escolhida, hoje o aluno tem que passar pela prova mesmo. Então assim, os mais velhos saem do bairro, saem até do município, a gente vê que tem aluno do noturno que chega atrasado, porque vem de São Paulo, na verdade a maioria vem de São Paulo, utilizam o metrô.

Então, a maioria dos alunos trabalha?

Não, a maioria não trabalha, mesmo no noturno. Trabalham mas não é assim um trabalho oficial, é mais uma ocupação. Alguns são entregadores de pizza, lava-rápido, é por aí que eles começam. Eu bato muito porque eles não conseguem ver que um currículo escolar bom é importante para almejar um emprego melhor e eles parecem não muito preocupados, principalmente no diurno, por isto quando eles vão para o Ensino Médio no Noturno ele começam a ter esta necessidade, lá para os seus 15 e 16 anos. Então a maioria fica por empregos aqui nas proximidades, mas são coisas pequenas, né? E os que vão procurar algo melhor, vão para empresas longe do bairro e até fora do município, do bairro com certeza, mas tem do município também. Bom de acordo com os dados que eu tenho aqui, né?

A escola oferece atividades de incentivo à cultura?

As atividades culturais que a gente oferece aqui... A escola tem aqui o Projeto Cultura é Currículo, que é um programa muito bom que é quando o aluno sai da escola. Como excursão que a gente fazia no nosso tempo de escola e tinha que pagar, hoje eles fazem tudo de graça, sem pagar nada e eu acho que isto é bastante importante. Já fomos a lugares de são Paulo, belíssimos, tem uma infinidade de coisas interessantes. Se eu pudesse, eu mandaria todas as 24 salas, uma vez por mês para fora da escola. Acontecem uns dois ou três passeios ao mês, mas ele tem enriquecido muito, porque tem alunos que não saem da própria casa dele. Aqui é uma comunidade muito carente neste sentido de espaços culturais, então este programa ajuda neste sentido de ajudar, apesar de não atender a demanda.

E quando estes passeios são oferecidos, a adesão é boa? Eles querem participar?

Ah sim! Vai a sala toda, estes passeios são oferecidos por sala. Eles não têm muita escolha de passeio, mas a adesão é boa. Mas acredito que sempre tem uns três ou quatro que mesmo, ganhando lanche, não pagando o passeio, sempre tem aqueles que não participam.

Em relação a estas atividades culturais tem alguma disciplina que se envolve mais?

Não. Hoje em dia não. Vamos supor, quando um grupo de professores abraça um projeto, como já tivemos grupos de teatro maravilhosos aqui e tinha professor de matemática envolvido, não era nem só o de Arte, nem só o de Português. Então, era muito importante. Tem que ter esta parceria, não adianta um deixar ensaiar e outro não deixar. Então, atualmente não tem uma exclusividade por disciplina não. Vai da boa vontade do grupo de docentes mesmo, eu acho.

Agora sempre surge uma peça de teatro aqui no Clara Nunes, aí é que eu vejo a necessidade, porque, outro dia lançamos a ideia e tiveram 90 alunos interessados em assistir Lisbela e Prisioneiro no teatro, então foi uma adesão muito grande de você falar: - Poxa vida!

O noturno, então, você percebe que tema vontade, tem o interesse, às vezes eu falo assim, não adianta ter o Lisbela no teatro lá da sua casa, que às vezes não é isto que eles querem, eu acho que a Prefeitura oportuniza alguns espaços e nem sempre estes espaços são bem aproveitados pela comunidade, só eles sabem o que pode ter ali, às vezes o profissional que está ali também não traz um atrativo para esta comunidade, às vezes tem alguma coisa um pouco mais longe e tem uma adesão boa.

Como é feita a organização para estas atividades?

A organização destas atividades, quando são para fora da escola, nós encaminhamos uma cartinha aos pais, dizendo para onde eles vão, pedimos autorização, a gente não pode cobrar, estas são atividades que a gente não cobra, a verba vem do governo. Mas se eu chegar a pedir 15 reais para o teatro eles dão. O que eu acho legal, pois mostra o interesse deles.

Ai agente vê que quando é de graça tem meia dúzia que não aparece, eu tinha uma ideia que quando fosse envolvido dinheiro seria mais difícil deles participarem, mas vi que não que é assim. Acredito que o que falta é esta motivação, eles precisam entender, fazer um estudo melhor, se apropriar mais da nossa comunidade, do entorno. Se a gente caminhar por aqui, você nem imagina, vendo assim de fora você vê as casas e até pensa que são bonitinhas, mas quando entra no meio e vê que vira uma favela mesmo, que a gente hoje chama de comunidade, mas se você for lá dentro, encontra alunos ainda que moram em barracos. Então, como ele vai se interessar? Tenho passeios que eles vão para a Chácara Lane, então eu tenho que saber o que fazer para motivar este aluno a conhecer esta chácara, o que eu tenho que falar que eles vão encontrar lá. Cabe ao professor falar o que está de acordo com o currículo, com o que nós estamos vendo aqui. Exige um passo a mais de todo mundo, do governo que está oferendo, da direção, que está organizando e do professor fazer a parte pedagógica e mostrar.

Por que o Lisbela e o Prisioneiro dá tão certo? Olha o trabalho da mídia lá fora, não é verdade? Aqui temos muitas possibilidades, só que não são exploradas.

Sabemos também que o dia-a-dia também não é fácil, nós cuidamos de muitas coisas, acabamos perdendo tempo com muitas coisas como disciplina e tal e isto vai consumindo nosso tempo.

Para eles também não deve ser fácil, né?

Não deve e você imagina que temos um problema sério com esta comunidade que vem da Vila Alice, eles moram muito próximos uns aos outros, em becos você imagina o que é estar aqui cozinhando e o outro está aqui dentro da sua cozinha, praticamente. Casas muito pequenas, então fico pensando o que eles tem de bom é vir para escola, é sair de casa as seis e meia e vir para a escola. É maravilhoso. Então, eles vêm para cá e não vêm para estudar, se você perceber bem, eles vem para tudo, para desfilar uma roupa, sendo que não temos adesão de uniforme aqui e nunca tive, há 12 anos que estou nesta escola, já fiz campeonato para eles desenharem as camisetas e nada disto adiantou, porque vir para escola é onde eles vão desfilar uma roupa nova, um tênis novo, uma bolsa nova, a sandália, que mesmo brigando por causa da Educação Física. Aqui é encontro da comunidade deles, é aqui que acontece o encontro social.

Eu fiz meu trabalho da USP no ano passado foi a "Escola como ponto de Encontro", encontro da diversidade e o próprio professor também, antigamente ele vinha para ensinar, hoje ele se depara com tantas outras coisas, tantos problemas em que fica difícil dividir o tempo dele.

Em sua opinião, você acredita que a participação dos jovens em atividades culturais é importante para seu desenvolvimento?

Ah eu acho que é fundamental! Os eventos culturais eu acho que é o que forma a pessoa, né? Quando você tem contato com outras culturas, com outras pessoas, eu acho bárbaro. Por exemplo, eu adoro o teatro, quando você vai, você se emociona. Você vê aquela pessoa se doando no palco para você, ou mesmo um bom filme. Aqui eu mesmo fiz questão de mudar, eu fiz um espaço pedagógico que você ainda não viu pronto, mas temos a sala do "Acessa", vai se formar ao lado, a sala do vídeo, aí tem a sala da coordenação. Montamos a Sala de Leitura e Laboratório, que a ideia é o aluno sair lá de cima e visitar pelo menos uma vez por dia um espaço diferente e que traga para ele a Cultura o que ele não vai encontrar só na sala de aula.

Atualmente posso dizer que o governo está investindo em filmes belíssimos, CDs de músicas, tem telão, tem Datashow, acho que esta parte cultural envolve tantas outras coisas, a dança. Já tive um professor de Educação Física que desenvolveu um trabalho com Maculelê, ficou meses trabalhando e envolveu todos os alunos no período, então quando você mostra o porquê das coisas, tentar resgatar esta influência nordestina, mas aí vem aquela desculpa que o aluno tem vergonha, mas é aí que a gente tem que trabalhar e retratar que nossa comunidade, Diadema é povoada, vamos dizer assim pelos nordestinos pela sua maioria, se você vê aqui tem muita casa do Nordeste de comida típica, se você entrar num bar, você vê que tem o caldo de mocotó, acho que isto que é legal. É mostrar nossa cultura, mas tem alguns professores que preferem tirar isto, né? Usam o discurso que não faz parte da disciplina e aí os alunos também não vem. Como é o caso da Festa Junina, aqui não é uma festa que pega.

Eu fiz uma festa, porque nós temos uma escola parceira na Inglaterra, então, nós estávamos ao vivo no trabalho aí de computador, para mostrar o que era esta Festa Junina para a Inglaterra e lá eles iam mostrar para a gente o que era "a Noite do Fogo", se você ver nossa festa, eles não querem a quadrilha, as danças regionais eles querem funk, não que eu seja contra porque não sou não. Gosto de um bom HIP HOP, tenho que entender que é a linguagem deles, mas mostrar o que é a Festa Junina para a Inglaterra deveria ser uma coisa tradicional brasileira e foi muito difícil, o estilo de roupa, vieram com micro vestidos, acharam que iam para a balada.

Quando eu tive a oportunidade de estar lá no ano passado, a gente até conversou com nosso diretor de lá, como lá é tudo muito certinho aquela coisa, todos participam você vê o bairro todo, eles acendem tochas, serve-se mação-do-amor, todas as casa fazem maçã-do-amor e batata, então você vai nas casas, todos fazem, sabe aquela coisa do Halloween, eles vivem de fato estas comemorações lá. Aqui se não for no Nordeste, que tem a fogueira de São João, você já não vê mais isto, aqui em São Paulo, mesmo em um município tradicionalmente nordestino.

Acredito que o que tem complicado ainda mais é esta questão da religiosidade, não podemos negar que existe uma influência religiosa na cultura brasileira. A cultura perpassa pela religiosidade, sem pensar em doutrina, mas sim nos aspectos culturais mesmo. Este fator religioso pegou muito, porque aqui temos uma grande maioria de evangélicos, então falar de São João, São Pedro, Santo Antônio. Eu fico triste também, porque eu acho que não deveríamos misturar, o que na verdade era agradecer aos santos pela colheita do milho, tem toda aquela história, então isto foi se perdendo mesmo. Mas se você vai ao Nordeste, vai para ver estas festividades. Meu pai era nordestino, não sei se já traz uma raiz, mas eu acho isto muito legal e na escola, eu acho que não deveria perder esta questão, porque eu acho que é o que temos demais brasileiro. Temos a festa do boi, que eu acho maravilhosa e um dia eu ainda vou estar no Parintins, mas não é uma coisa que o paulista gosta tanto porque não temos tantas pessoas que veem de lá para trazer esta cultura. Mas mesmo em uma Festa de Nações que já fizemos aqui, o forte mesmo é a cultura nordestina e você não consegue mais implantar. Mas um professor ainda falou que é porque eles têm vergonha disto, às vezes os pais são muito sofridos. Mas eu sempre falo ao contrário, nós temos que resgatar.

Eu não quero te atrapalhar, caso tenha que atender aos pais eu posso volta depois.

Não, não ainda temos um tempo.

Então fiquei um pouco curiosa em relação à parceria com a Inglaterra, você pode falar um pouco sobre ela?

É o Projeto Connecting Classrrons, é um projeto que a gente participou, mas ele não está mais neste molde, com o Conselho Britânico de Educação. Bem tiveram alguns trâmites para chegar lá, né? A gente fez um trabalho sobre a liderança na escola, eu gosto de organizar as coisas, mas eu não tenho mais este material, a escola cresceu muito e tal, eu venho da gestão de uma escola privada então, eu trouxe várias ideias, mas hoje o Estado está melhor até, hoje no Estado você tem muitas possibilidades, eu falo que a cultura está aí, né. Temos tudo, a ferramenta de trabalho para nós é maravilhosa e nestes projetos as escolas que se saíram melhor foram convidadas. Tem até uma colega nossa, que o projeto dela ganhou com outros cinco do Brasil e foram criando grupos. Então três escolas de

Diadema foram chamadas para participar do grupo e a nossa foi uma das escolas, então nós ganhamos uma escola irmã lá. O objetivo era desenvolver a língua inglesa, trocavam correspondências, até a hora que eles conseguiram vir para cá, os diretores vieram meio que por conta própria e tal. No ano passado eles conseguiram vir novamente, mas agora trouxeram dez alunos. Eles gostam de verificar aqui, eles gostam de conhecer as nossas favelas. Tudo que acontece no Brasil é muito divulgado no exterior, a gente pensa que não, mas qualquer coisinha explode lá. Eles vieram e fizeram sucesso, eles conheceram as favelas, a comida típica. Então era coxinha, rizoles, coisas que eles não tem estas coisinhas, né?

Depois eles foram para Santos, quiseram conhecer a região do interior, nós fomos até quase Itu, para eles conhecerem uma plantação orgânica, fizeram trilha e caminhada para conhecer o solo. Eles fizeram um trabalho bem de pesquisa de campo. Foi maravilhoso para eles. Aí o ano passado tivemos uma reunião com o Conselho e eles disponibilizaram R$3.500, 00 que poderia ser investido nos projetos e tal, poderia comprar coisa para a escola, mas a gente não precisava de nada, as cartas a gente fazia com nossos recursos, vinham umas lembrancinhas, a gente também mandava e ai surgiu a ideia de por que não de irmos para lá. Aí fui eu e um professor, é claro que esta verba não cobriu os gastos, na verdade não deu para quase nada. Aí nós fomos, quando chega lá que você vê a cultura...

Por isto é que eu falo, os alunos lá abraçam. Para você ver, nós fomos no mês de novembro, aqui nós comemoramos finados e lá eles comemoram o fim da Segunda Guerra, eu esqueci o nome do evento, então toda a Inglaterra usa uma florzinha como uma papoula dento. O centro é preto para significar o tiro que matava o guarda e ela tem três folhinhas vermelhas, algumas vêm com cabinho, para você pôr na roupa. Todos os alunos, professor, diretor, comunidade, mercado, onde você andar e no dia mesmo que eles fazem a homenagem à rainha. Vai lá e eles colocam nos monumentos, guirlandas nas portas das casas, culto ecumênico, eu participei de tudo, me emocionei. Quando eu via, me dava vontade de chorar. Por que aqui é emocionante? Porque é onde você vê a diferença de como eles abraçam uma cultura, de como isto vai ficar marcado por centenas de anos. Não tem como tirar isto e justamente nisto que estamos perdendo.

Eu não sei se meus netos ou seus netos vão conhecer uma quadrilha, se agente não for para o Nordeste ou se a televisão não mostrar alguma coisinha. Por que, o que a gente tem aqui? Poucas ruas fecham, eu ainda tive uma infância que a rua fechava para ter uma fogueira, uma noite de quentão, não que seja só isto, mas todo mundo se envolvia.

Enfim, mesmo quando eu fiz magistério, eu fui obrigada a conhecer a cultura de outras regiões do Brasil e este era ponto obrigatório para saber como era dança a gaúcha, a principal dança no Centro-Oeste e trazer isto para a sala de aula e hoje o curso de Pedagogia já não oferece mais isto. Então quando eu fui para lá, eu tive a oportunidade de ficar uns dias em Portugal, que não fazia parte do projeto, mas você já começa a ver uma outra vertente da Educação, bem legal também, só que na Inglaterra nós ficamos em dois lugares, Newcastle que vimos como eles se comportam no metrô, de como lá todos se envolvem com tudo, com a limpeza das ruas, com tudo.

Mesmo as cidades da periferia, a primeira escola que conheci era uma escola de periferia também, você entra lá e como tem a parceria você vê tudo do Brasil, bandeiras, as fotos de quando eles vieram para cá. Agora a minha escola fica em Brayton, a minha escola parceira parece uma universidade, parece assim a USP. Tem um prédio da Arte,

então tem teatro, música, tem o prédio da Educação Física. Quadra, todas com cama elástica, é por isto que os alunos se saem bem culturalmente, no esporte.

Por que você está fazendo este estudo? Até onde você vai chegar? Quando você for para uma sala de aula, você vai como uma bagagem, né? Eu sei que quando eu lembro, dá até uma nostalgia, porque não se compara o investimento, o professor lá ganha bem melhor, mas ele também pode ser mandando embora. Mesmo na escola pública, ele é avaliado e se o pai for lá e falar que não está satisfeito com o trabalho, o professor é mandado embora. Isto dá uma qualidade. Aqui eu não sei até quando a estabilidade não prejudica esta qualidade. O que era para ser um ganho acaba se tornando um problema.

Anexo 10 – Transcrição da entrevista com o Professor de Educação Física – Escola Vila Nogueira

Bom dia Professor, estou aqui para a gente conversar um pouco sobre o desenvolvimento das atividades culturais na escola, me disseram que aqui é você quem desenvolve uma série de atividades com os alunos, você poderia falar um pouco destas atividades para mim?

A Educação é muito pontuada, é muita pedagogia e a cultura é mais espontânea, ela é própria do ser humano, do repertório de cada ser humano, tanto faz uma criança, um adulto, um adolescente, se vem de uma família mais extrovertida, lembrando que isto não é uma receita, mas a possibilidade da criança resgatar esta energia, esta cultura é muito maior, por isto que falam de filho de Peixe, peixinho, é. Por isto que a gente tem que puxar assim para o lado do músico, do poeta, como a Elis Regina que a filha, o Gil também. As coisas vão assim, um puxando o outro. É assim nas nossas comunidades se o pai gosta, o filho acaba apreciando este movimento, e ai ele entra nesta instituição escola e começa aquelas historinhas chatas de pegar o caderninho, de ficar lendo, sem se expressar, né? Na verdade na escola a gente reproduz muito, a gente não cria.

Então, por ter uma bagagem cultural nesta área me ajudou muito como professor de Educação Física e também formado em Artes e aí eu nunca consegui separar nada. Eu tenho esta dificuldade também de fragmentar, de seguir um caminho só, e neste caminho tem gente que olha os buraquinhos da estrada, tem gente que olha a paisagem, tem gente que só olha para frente, só vê o destino e não curte a caminhada, não curte o cheiro, não curte o ar. Está chovendo? Está sol? Está quente? Então a gente vai curtindo todo este caminho o tempo todo na escola e isto me ajudou muito então isto me ajudou muito. Durante estes anos nós fizemos vários projetos aqui que eu consigo olhar e com meu olhar eu consigo ver o resultado, infelizmente no olhar do professor comum, é só mais uma atividade, é só mais um passatempo e na verdade não é só isto. É uma oportunidade, um espetáculo em que o aluno não é aquele cara sentado na cadeira, o aluno é aquele que mesmo apreciando a atividade, está vendo o amiguinho dele e pode cantar, dançar, se expressar tanto na área do esporte, que também é uma baita atividade cultural, popular, né? Quanto na área das artes, das artes plásticas, da literatura, então sempre um aluno que faz artes vai ser observado pelos coleguinhas, a autoestima vai melhorar, vai melhorando alma desta criança, a espiritualidade e eu estou falando aqui de 12, 13 anos que é faixa etária que eu trabalho a mais de 10 anos, se eu tivesse que trabalhar com esta faixa etária maior, com certeza eu teria projetos diferenciados.

A questão da cultura tem que sempre respeitar esta questão da faixa etária e do repertório de cada um. Eu trabalhei artes com ensino médio e quando eu me apresentava a noite no Campanário, na periferia de Diadema e até mesmo aqui, há 15 anos atrás, quando eu falava meu nome é Victor e sou professor de artes, você precisava ver a cara dos caras, então eu falava: - Apaga tudo, eu sou o Victor, não quero saber o que vocês tiveram, não sou o dono da verdade, não estou dizendo que a minha aula vai se a melhor, mas apaga tudo que vocês não estão na idade de ficar rabiscando e escrevendo o que é ângulo, o que é cor primária, o que é cor secundária, apaga tudo isto que vocês vão saber exatamente o que é a essência da arte, o que é cultura popular, o que é música. Todos tem a capacidade de compreender o que é tudo isto, vou trazer artistas para dentro da sala, vai rodar chapéu, porque o artista não tem salário, não tem dinheiro e se você colocar uma moedinha, vai ser bom para ele. Nós vamos fazer cultura popular. Eu fiquei cinco anos nesta escola, você

precisa ver a mudança, eu dava aula apenas no primeiro ano, no segundo ano eu não pegava mais eles, porque aí acabava Artes, esta é a educação no segundo ano acabava Artes, Filosofia, Educação Física, com aquela ideia de põe ai qualquer jeito, no depósito do currículo escolar, mas o importante é a Matemática, o Português, mas enfim, no segundo ano eles eram meus amigos e não mais meus alunos, no terceiro ano, mais amigos e a mudança era visível fisicamente. Eu tinha aluno que tinham problemas de autoestima, eles andavam carrancudos, sem sorrir, muito fechadinho corporalmente e ai eu falava: "– Pô meu, relaxa um pouco!" e perguntava o que estava acontecendo e eles acabavam respondendo, que existi problemas no trabalho, ou problemas familiares e ai eu falava para eles que não precisava ser assim, que eles eram espertos pra caramba, seja mais observador na vida, converse mais, olhe nos olhos das pessoas e seja um homem ou uma mulher, se abra, tenta conversar assim. Nossa eu tive resultados espetaculares, como já tenho muitos anos aqui em Diadema e o legal é assim, eu não sou aquele professor paternalista, eu vou plantando sementes e acabo esquecendo onde plantei, na verdade, não é que eu esqueço, eu sei que a semente está aí, mais eu não sei qual fruto ela vai dar. Mas as sementes estão indo, mas é supernormal eu encontrar um advogado, um guarda-municipal, pessoas que dizem que me conhecem e perguntam se eu fui professor e tal escola, então você me deu uma força, valeu Cara. Então a gente vai indo sem esperar gratificação e tendo a cultura no currículo é essencial, é isto na minha humilde opinião, eu valorizo muito esta questão da cultura, na verdade, a escola precisava culturalizar, não é a cultura que tem que se adequar à Educação e o currículo na escola é muito fraco nesta questão da cultura, não é atoa que nos anos da repressão, anos 60, 70 e inicio dos anos 80, foram na filosofia, na sociologia, na ideologia, nas Artes, na própria Educação Física, que mandavam os alunos malharem, malharem, darem 50 voltas correndo na quadra, que assim eles não pensam em nada e na verdade eles faziam atividade física só com o corpo e atividade cultural era muito direcionada, com aquelas datas marcadas, como o dia do Índio e male mal eles sabiam que o índio era massacrado, torturado. Dia da Princesa Isabel, que libertou, sem libertar, né. Libertou mas não tinha emprego, não tinha salário e isto não é contado muito nos livros didático.

Tem um livro chamado Filosofando, que eu li muito e fui premiado por trabalhar na Cultura com professores das diversas áreas e isto também me acrescentou muito. Então, eu nunca me qualifiquei como professore de Educação Física, pelo contrário, nossos projetos são de alfabetização, de cultura popular, cultura corporal.

E estas atividades que você desenvolve são de sua autoria, ou são regulamentos da Secretária?

Nossa! Nem escutei. Na verdade o que vem da Diretoria é só a cartilha, que eu acabo usando como um castigo, é mais ou menos assim, se vocês não ficarem em silêncio, ficarão lendo isto aí, hein. Mas na boa, não desmereço, mas o que interessa o aluno saber o nome do cara que ganhou a medalha de ouro, estas coisas ele vai ver na televisão. Eu tenho duas aulas por semana se eu ficar passando nomes para eles decorarem, nomes que nem eu me interessei e isto é jogado na minha cabeça e eu acabo sabendo, mas eu nem procuro e se artista dependesse de mim, ia morrer de fome por que pode passar aquele Fábio Junior, uma vez numa greve de professores, as professoras saíram correndo por cima da calçada para pegar um beijo, um autografo e eu perguntava, mas que é este cara e na verdade ele era o galã de uma novela e eu consigo colocar isto em prática na minha aula. No esporte eu não fico glorificando.

[Neste momento, a coordenadora pedagógica entrou na sala com familiares de alunos para iniciar uma reunião, sem perguntar se atrapalharia ou não e foi necessário que o professor entrevistado pedisse para ela dar licença, pois estávamos no meio de uma entrevista].

Eu não fico glorificando os personagens do esporte, os altos salários, nada disto, entendeu. A cultura começa fazendo este resgate das pessoas, se você também tiver este olhar.

Só para resumir um projeto. Os projetos sim são de minha autoria. Ou melhor, dizer que eles são de minha autoria é muita audácia. Eu na verdade adapto a algo que eu conheço, que eu descubro, é lógico que tem algumas coisas que são minhas sim, mas eu sou muito na minha. Eu sempre adaptei à realidade da minha turminha e a minha realidade também, realidade de estrutura, realidade cultural, a potencialidade da comunidade, eu tenho que facilitar com qualidade à vida do aluno na minha disciplina, mesmo tendo apenas duas aulinhas. Então eu não sou aquele que vou dar nota dez para aquele que fizer um arremesso de basquete perfeito, que flexionou perna, que quebrou o punho e a bola entrou, nada disto me interessa. O que me interessa é saber se ele está correndo, já consegue estender um braço melhor do que ele fazia, consegue fazer um trabalho em equipe. Então esta parte técnica a gente trabalha com projetos específicos. Eu tenho um projeto de competição na escola e eu sou muito chato com competição também, então aí eu entro como o Técnico Victor que é bem diferente do professor Victor. Nossa escola já foi campeã estadual em 2008 do Estado de São Paulo em futsal, quero dizer, foi uma façanha que nunca mais eu vou conseguir, é mais ou menos como uma copa do mundo, dificilmente eu irei de novo a 700 km daqui, foi uma façanha que nem eu esperava com alunos que começaram comigo e para chegar lá no interior a gente tem que passa por mais de 60 ou 70 cidades, para poder ser campeão estadual. Então eu consegui isto em 2008, em 2010 eu fui para o interior também, não consegui ser campeão, eu fui com as meninas, então a gente tem este trabalho competitivo, mas o que eu mais relevo é fator cultural.

Eu tenho um projeto chamado Escrevendo, como é que ele surgiu? Foi assim, eu estava num sábado qualquer em frente à TV, num passa de canal pra cá e passa pra lá. Eu não moro sozinho, moro com minha namorada, então ela estava vendo lá o Hulk e aí tem o soletrando, não sei nem se tem ainda. Aí eu fiquei curtindo aquilo ali, achei até interessante, já que da televisão eu tento escolher o que vou ver para produzir alguma coisa e não quebro ela. Achei o programa legal e do nada comecei a escrever algumas palavras de Educação Física e aí eu falei vou fazer um torneio chamado Escrevendo, aí eu comecei a criar temas. Sempre eu tenho um tema, uma direção para não ficar perdido. Então um tema ali, por exemplo, era gírias dos esportes, então eu pesquiso com os alunos palavras, pego no meu repertório, nó s descobrimos mais 160 palavras de gírias, como pelada, bomba, carretilha e descobrimos um monte de palavras, mas ai eu sempre tentava encontrar também onde tinha uma pequena dificuldade entre o L e o H, entre o U e o L, os RR, o S e o C, palavra que tem uma confusão enorme para os alunos do 6º ano, fazendo isto o que acontece pelo lado da Educação Física, eu passo na lousa estas palavras, com um tema, depois os alunos vão descobrir quais são os significados destas palavras, numa terceira etapa vão tentar escrever esta palavra e na outra etapa eu faço uma eliminatória na sala de aula, que aí eles não lousa e eu vou falando a palavra e ai eles terão que escutar, o que trabalha a concentração, memorização que é o fator chave da Educação, porque existe muito barulho na sala de aula, já que eles não fazem o que eles gostam. Mas este projeto é muito legal. Eu trabalho muito a questão da emoção, já que falta emoção nas aulas, falta os

alunos se emocionarem nas aulas, se divertirem. Então, eu já tive exemplos maravilhosos, aí o aluno vai e escreve e que erra vai saindo da atividade. Aí eu tenho todo um jeito de falar, o bacana é que vai todo mundo, que não sabe, vai lá e tenta, porque o jeito que eu converso com eles é aquele jeito que encoraja e eu falo, vai meu, tenta aí, se arrisca e tal. Não é um jeito muito pedagógico que fala quem não for, vai ficar com falta, vai ficar sem nota, nada disto. Eu não uso destes critérios e ai acaba que 99,9% participando, classificam quatro pessoas de cada sala e aí eu pela escola inteira fazendo este trabalho e quando eu vejo eu tenho os quatro campeões de sala. E aí o que é que eu faço? Eu vou para quadra, que vira um auditório, que tem torcida, mesa, microfone, som, tem piada, tem música e aí vou fazendo as eliminatórias e ao final escrevo na quadra ou em algum lugar maior e aí sai o campeão da escola. De uma brincadeirinha você cria um grande projeto. Eu tenho tudo Só que agora, eu percebi que, como eu sou efetivo aqui, todos estes anos se passaram eu nunca vi nenhum professor sabe, pegar uma reportagem do jornal quando fomos campeão estadual, nem na sensibilidade pegar o que saiu na mídia, saiu aqui em Diadema, saiu no Diário do Grande ABC, saiu em São Paulo, nenhum professor usou aquilo ali, para passar na aula dele.

Você estava comentando do soletrando e eu lembrei que teve um ano que o vencedor do programa foi um aluno de Santo André, do Américo Brasiliense e ai a gente passava pela escola que é enorme e só víamos uma baixa minúscula em homenagem ao menino sabe.

Eu acho que até sei, era um menino gordinho, usava óculos, não gostava de educação física e aí um professor que viu ele meio abandonado, começo a fazer um trabalho meio que específico com ele. E este é o retorno que temos quando surge um aluno que se destaca. A própria escola não valoriza, a escola é muito careta e o pior é quando os próprios alunos assumem esta caretice também, quando começam com estes tipos de comentários eu falo para eles que eles estão me confundindo que este papo careta não é comigo não e peço para eles melhorarem esta cara. Eu não sou diferente, nem nada, eu apenas uso o repertorio que uso em minha vida e graças a Deus eu abri muitas portas e não foi por contrato, foi por ideias. Eu fui arbitro de futebol, fui fazer FEFISA desempregado, aí fui fazer um curso na Federação e gostei e de repente fui apitar em clubes assim, que nem eu acreditava, aí chegava no jogo e eles perguntavam: Ei você saber apitar? E eu respondia que sim, Perguntavam se eu tinha uma equipe eu dizia que tinha uns amigos que podiam me ajudar e no dia do jogo a gente chegava com uniforme impecável , lá no Jaçatuba em Santo André, eu fiquei quase quatro anos. Era uma façanha ficar assim, mas é nesta simplicidade que eu penso que o resultado sai melhor e aí eu vejo uma criança, eu tenho um Projeto chamado Sons do Corpo. E o que é o Sons do Corpo? As pessoas perguntam se eu tenho conhecimento de música, e eu digo que tenho nada, mas na verdade tenho admiração pelos meus alunos, uns e outros que vou observando e o Sons do Corpo surgiu de uma menina que fez um curso na igreja e esta menina fazendo um trabalho bonito de só fazer por fazer, para mostrar para seus amigos e aí eu vi e pensei, nossa que trabalho legal de ritmo, de coreografia, de coordenação, você desenvolve bastante a questão da mente nesta atividade e pedi para ela fazer novamente para eu poder ver e ela fez. E ai eu falei: Que legal! O que acha da gente ensinar nossa turminha da sala? Vamos ensinar? E ela falou que gostava de ensinar. Algumas aulas eu dediquei a este trabalho, e as pessoas começaram a pegar muito rápido. A atividade dá, em média, uns três a quatro minutos de atividade e aí o que aconteceu, este projeto que começou há uns quatro anos atrás e no outro ano eu pedi para ela vir fora do horário dela, eu fazia uma inscrição nas

salas de aula, eu ia em tudo que era sala de aula, convidava as pessoas, os alunos e aí a gente montava os grupinhos, quando eu vi eu tinha 150, 130 pessoas inscritas.

Ai eu comecei a convencer a pedagogia a adaptar uns horários, já que duas horinhas. Então a gente está ai, e o projeto está rolando e com mais de quatro anos, já atingiu cerca de 700 alunos e é um barato, porque você vai olhando nos cantos da escola e eles estão lá, fazendo os movimentos. Tudo bem, talvez para eles seja apenas uma percussão corporal, mas eu sei o que isto significa para o organismo deles, para a mente deles, para a vida deles, qual o exercício que eles estão fazendo ali que está. Então este é olhar que tenho relação à cultura. Não faço nada por produção este projeto é de encantar, eu tenho filmado também é muito bacana e ai o que é que eu faço, eu vou adaptando e no dia da apresentação eu chamo eles, eu coloco o uniforme da escola, a gente fez varias camisetas do esporte, ponho camiseta, crio aquela cor e fica uns espetáculos, um evento legal e no intervalo a gente tem também um projeto que se chama SuperAção. Todo mundo que faz arte tem coragem porque nesta idade ainda existe muito medo de se expor eles tem o microfone e tem as musicas que rolam no intervalo, só que não é qualquer música, ai eu sou o ditador, porque ai vai rolar um rock nacional, vai rolar uma MPB, vai rolar um samba de raiz, porque é ai que entra a cultura, posso colocar um rap professor e eu respondo não. Não porque a escola é um lugar que serve para vocês descobrir novos ritmos, quer curtir na sua casa, que curtir no trabalho, tudo bem. Mas eu tenho certeza que muitos acabam gostando do trabalho que você coloca e é lógico que estes caras que tocam estas coisas ai sempre têm um embasamento em algum artista famoso, como Chico Science que é o percussor do HIP HOP e que pouca gente fala e quando eu coloco o povo fala, que legal e eu vejo eles dançando Chico Science e eles nem sabem o que dançaram, mas dançaram e se alguém pega este vídeo e falam o cara colocou Chico Science na quadra e os alunos fizeram e digo que fizeram.

O que é mais cômodo é você pegar uma coreografia de uma música que está na mídia e todo mundo danço igual e aí você vê e monta uma coreografia para uma "apresentaçãozinha" para o Dia das Mães ou Dias dos Pais e todo mundo fala nossa que bonito! Isto não acontece porque eu tenho uma resistência quanto a isto. Eu tento fazer com qualidade, às vezes até eu busco para mim, porque sei que não vai fazer mal para eles. Pode parecer um pouco de egoísmo cultural nesta hora, mas eu não deixo que a minha aula fique poluída.

Eu tenho um projeto para este ano, para por musica na quadra e deixar rolar naturalmente, mas ainda não consegui fazer, porque cada ano que passa as crianças estão chegando com muito barulho, com pouca criatividade, com pouca cultura corporal, com pouca técnica, não sabem mais futebol, não sabem jogar voleibol, então se você se dedicar aos esportes, na educação física, você vai virar um professor de escolhinha, você vai treinar futebol, voleibol, basquete, handebol, nos quatro bimestres. E eu parei com isto já a dois anos porque não dá, então o que é que eu faço, eu vou trabalhar a cultura corporal através de jogos, jogos populares, através de algumas atividades que eu invento ou adapto. A palavra certa para mim é adaptação, eu estou numa praia e vejo uma galera fazendo um jogo lá, já começo a pensar no que posso adaptar já que o espaço é pequeno, tem pouca gente, mas dá para fazer de certa forma. Eu começo a viajar e a eu capto isto com muita facilidade, na verdade eu não tenho medo de aprender e nem vergonha de aprender e perguntar e isto me ajuda muito. E ai eu vou para a quadra, começo a adaptar aqui e ai eu vejo o aluno e ele faz uma gracinha ali e ele acha que está fazendo coisa errada e eu falo nossa que legal e na outra aula eu vou tentar ver se eu consigo fazer aquele movimento e

depois eu chamo aquele que deu aquela ideia e sem ele perceber a gente pergunta e ai você faz capoeira e ai as coisas vão fluindo e mal ele sabe que ele é um talento e ai ele vai.

Eu tenho uma classe este ano, que também não consegui fazer ainda, mas está fácil, não está difícil de fazer. É uma sala diferenciada, eles são muito agitados, muito desinteressados pela escola. Não tem jeito. Se fala não corre, eles correm, se fala não pula eles pulam, é tudo contrário. Este ano eu me impressionei um pouco, depois de vários anos eu posso dizer que este ano estou impressionado mesmo, tem coisas acontecendo fora do normal com estas crianças.

Então qual a minha ideia? Eu tenho uma cama elástica, eu estava trabalhando salto com eles, na verdade com todas as turmas e ai chegou a quinta B que saltava e fazia uma gracinha, pulava e fazia uma careta, pulava e imitava uma menininha e ai todo mundo dava risada e eu ficava na minha e por dentro sorrindo também, então surgiu a ideia. Ou vai reprimir e guardar a cama elástica, que é a forma mais fácil, ou o que eu vou fazer? Já falei com eles, já conversamos , eles pouco entendem, mas eu converso, eu falo, se eles entenderam ou não ai o problema vai ser deles, porque eu tenho certeza que de cada 10 ou 15, 2 ou 3 entendem, então está bom a média e ai acaba o ano e está tudo bom.

Então vou montar uma trupe com eles, então vai ter um dia que vou pintar o rostinho deles, vou colocar uma roupa mais colorida, vou colocar uma sainha em um menino que é um pouco mais descontraído e ele quer dar uma imitada e ai vai surgir a trupe da 5ªB, que vai ser uma surpresa para todo mundo em um dia de atividade e ai eu vou dizer que eu já tenho uma atividade com a sala, então a minha aula já vai se tornando um projeto, eu não fico preocupado quando chega alguém aqui como você e ter que encontrar alguma coisa que eu fiz, ficar nervoso, não a minha aula já é um grande projeto, eu tenho uma linha de trabalho na cultura e ai eu só vou oxigenando e quando chega alguém para saber eu acabo tendo um desabafo, que acaba sendo legal, porque eu sei que está indo para algum canto, de repente algum professor vai ver, vai escutar e eu não peço voto para ninguém, que eu não sou candidato, eu não voto em ninguém, eu sou contra eleição, então minha vida é muito legal neste sentido.

Já fui fazer algumas palestras sobre a questão da cultura em alguns locais e também foi bem legal, a essência é buscar o repertorio do aluno, indiferentemente da idade, se vocês for professor de Ensino Médio imagina quantos talentos estão ai parados sentadinhos, que sabem escrever, que escreve uma carta de amor para a namorada quando está triste, que quando perde um parente um papai ou uma mamãe, consegue escrever um texto nestas redes sociais, porque é que a gente não usa isto para trazer para nossa educação.

Então é justamente isto que eu estou trabalhando, porque tem uns meninos da Casa do HIP HOP que são do Ensino Médio, ele já produziram alguns trabalhos fantásticos na área de dança, na área do corpo, mas eles chegaram até a publicar um livro com algumas letras de Rap que foram baseadas em obras da literatura brasileira e eu achei fantástico, mas ai eu fico pensando e a escola, onde está a escola neste desenvolvimento?

Eles tiveram que sair da escola, ir para um centro cultural para conseguir se expressar e no centro cultural eles estão indo por espontânea vontade, não estão indo por obrigação isto que é bacana, quando você vai procurar um espaço você vai porque você quer e a escola ate carrega este nome de obrigatório, né? Tem hora que eu não consigo

responder quando perguntam se é obrigado a fazer alguma coisa. Eu olho assim e penso esta pergunta me complica, de vez em quando eu satirizo, eu brinco, mas eles não tem culpa, eles são vitimas.

Faz muitos anos que eu não trabalho com jovens, mas se eu tiver que trabalhar, eu tenho certeza que estas perguntas vão surgir ainda.

E é isto se eu falar de projetos com você, tem tanta coisa. Eu falei do rádio, eu falei do Sons do Corpo, falei do Carnaval, do Folclore, a gente tem um trabalho bacana com um vídeos de 2008 de uma manifestação aqui, mas naquele ano o que aconteceu? Tinha um professor de Artes que tinha um lado ligado a questão da cultura muito forte, tinha também um outro professor aqui que estava estimulado por mim, por este colega e pela Monica, que é uma fantástica coordenadora, que aprendeu muito comigo e com esta humildade de aprender, expandiu muito. Na pós-graduação dela foi falado de cultura e eu consegui ajudar muito ela com os projetos, sem saber que aquilo lá virou um mestrado para ela, porque ela teve olhar para isto. Eu sempre falo que quem tem a capacidade é você e não eu, porque eu faço Artes aqui há 15 anos, chama alguém para sentar aqui e vê se vão falar o que estou te falando, nem 10% vão falar, não vão falar e nem é culpa do colega, é a questão da Arte na parte espiritual da pessoa, então ela não consegue colocar isto no interior dela, então fica como apenas uma atividade simples.

Você estava comentando sobre a questão dos professores, então são mais casos isolados que possuem este olhar a mais ou é a maioria?

Acredito que seja uns 20% que tem este olhar e o restante se você não tomar cuidado eles acabam se sobrepondo naquela escola. Se eu te contar como foi quando cheguei aqui você não acredita.

Eu fiquei 4 anos buscando espaço, pedindo aluno emprestado aos colegas, parecendo que estava assim, implorando e ai eles deixavam com aquele ar de superioridade sabe? Então, eu era o escravo e, na verdade, eu estava apenas tentando fazer um trabalho diferenciado. Até que hoje eu não posso reclamar, eu tenho um pouco de reconhecimento da galera, mas foi muito difícil ter que provar eficiência todo o tempo e aí a gente vai se desgastando também, tanto pela questão do alunado que também está um pouquinho mais difícil de trabalhar. Então eu sempre falo, estes anos eu estou aprendendo a dar 10 passos para trás, para eu poder dar uma qualidade para o aluno e poder fazer, por exemplo, um torneio de queimada este ano, vou fazer futsal, vôlei e tal em alguns espaços para eu poder chamar para seleção daquele projeto que eu te falei de competição. O aluno não joga mais, o aluno não tem técnica, não tem mais compreensão, no emocional dos caras eles só querem brigar e então a queimada não tem contato direto então adaptei uma queimada super movimentada, pensa muito e cheia de regrinhas, pisou na linha é falta. Então eu vou ali observando o que é essência desta atividade, é melhorar a qualidade do aluno na sala de aula, memorizar, concentrar, trabalho em equipe, o que eu estou menos vendo ali, são as técnicas, mas através do jogo, de uma atividade cultural tentar fazer com que este aluno consiga se sobressair destes 80% dos colegas.

Uma das coisas que mais me interessa é saber como é esta adesão, não em relação às atividades obrigatórias, eu falo das outras, eles aceitam, gostam de participar?

Existem as "múltiplas inteligências" (ironia em sua fala), que até é uma palavra da Educação, então até onde a gente utiliza as múltiplas inteligências, eu posso ser péssimo de repente em Espanhol temos, por exemplo, o caso do menino que era bom em Espanhol e ainda poderia contribuir com você em outras atividades. O professor tem esta mania de qualificar o aluno, tipo ele é muito bom em Matemática, mas ele não sabe das outras atividades e restringe isto. Eu trabalho nas múltiplas, ninguém é obrigado a gostar de Educação Física, ninguém é obrigado a dançar, a cantar, nada todos os projetos, pelo menos a maioria eu convido os alunos e eles se envolvem.

Eu tenho um grupo de leitura e eu sou professor de Educação Física. Atrás de você tem um menino, ele não tem as duas pernas. Este menino aí é super rejeitado por todo mundo, mas era meu locutor, no meu projeto de Rádio, ele não para na sala de aula, porque a aula é chata para ele, ele é muito ativo, escreve bem, lê bem, é bem articulado, ou seja, múltipla inteligência. Se houvesse alguma continuidade de alguns colegas, porque ele estava à tarde comigo durante 2 anos, se de manhã, alguém pegasse ele e continuasse o projeto de locução ele teria começado a desenvolver uma profissão, um ganha-pão, um salário, um emprego com a deficiência dele, mas isto não acontece, porque é mais fácil tirar ele da sala de aula. Ele vive fora da sala de aula e aí eu não posso mais acompanhar, é aquilo que já te falei, não posso ter aquele paternalismo, nem de eu ficar muito atrás e nem eles ficarem atrás de mim. Porque eu sou um premiado de passar no seu caminho, a vida continua. Por que male mal até na própria família a gente não consegue acompanhar, então por que eu vou ser este professor que tenta ser tão perfeito e a gente sabe que a realidade não é esta, então você tem que deixar o aluno aprender a pescar, usando estas frasesinhas baratas, mas és isto mesmo, não é apenas dar o peixinho e aí a vida continua, então isto aí é um exemplo, se tivesse alguma continuidade com algum colega, ele estaria arrebentando aí, pois ele fala bem, conversa bem, se expressa bem, não tem nenhum trauma com a deficiência dele. Eu tenho um vídeo com ele também, com os cadeirantes. Eu tinha um cara de muleta que eu conseguia trabalhar pra caramba com os membros superiores, eu tenho ele fazendo capoeira, apresentei ele em um congresso também. Então é descobrindo, eu não faço nada, eu só descubro os talentos que eles têm e que a escola não permite desenvolver talvez pelo currículo, talvez pela imagem do professor conservadora demais, muito tradicional. É aquela coisa de aprender a ler e escrever através apenas do ler escrever. Mas agente lê com os olhos, com o coração, com a mente, a gente lê com gestos. Você vê uma pessoa caminhando, você observa como ela está. Quantas pessoas tristes estão lendo e escrevendo, quantas crianças você fala que é CDF e tal, sabe tudo daquela regrinha e não é feliz, em compensação os marginalizados, que jogam futebol, que fazem arte, que desenham ou pintam a escola e são felizes.

Fizeram uma pesquisa, eu acho que eu vi no Diário do Grande ABC, que dizia o seguinte resumindo: que a escola, nesta faixa etária, até uns 15, 16 anos a educação é muito defasada no sentido de preparar o aluno. Nesta pesquisa mostra que as empresas não estão mais preocupadas se os moleques saber espanhol, ou português, primeiro lugar é saber se ele se comunica bem porque ele vai ser o vendedor, o representante e ele que vai ter contato com o público e se ele se comunicar bem, se ele tiver um bom diálogo, uma boa conversa, uma mente mais aberta, cria um problema para ele resolver, tipo seu pai morreu num acidente, como seria sua reação, como seria sua resposta, seria aquela como se o

mundo tivesse acabado e ai podem pensar que é uma pessoa que não se levanta, tem dificuldade de lidar com problemas. Então todas estas coisinhas eles perceberam que a escola, não ensina e perceberam que eles vão aprender mais pra frente e usam o discurso que se eu te contratar, você sabe um pouco de informática, mas você precisa saber muito bem inglês, não tem problema, eu vou te contratar, porque você já passou para mim e eu vou te dar um período , uma oportunidade para você fazer o curso de Inglês, aquele que interessa para minha empresa, porque você se encaixou em algumas coisas que não é a escola que te deu. Entendeu?

É muito interessante, eu expliquei de uma forma meio no simplista mais a reportagem é muito legal, mas a resistência no professorado é enorme, falam que isto aí não tem nada a ver. Te a ver porque eu sou exemplo disto, eu nunca fui bom na escola, fui reprovado em abril e a pessoa falou olha em dezembro você vai ver e não deu outra, só porque na época todo mundo tinha que levantar, quando a professora chegava, eu não levantei e não fiz mal criação, só disse: - Olha professora, eu não quero levantar e hoje a gente vê que ninguém levanta. E ela disse que eu tinha que levantar, eu insisti que não e ela disse então em dezembro a gente conversa. Eu nunca esqueço, elas dão risada, porque eu tenho trauma de professora de Português e Matemática, elas ficam brincando então repeti a 8ª série e a professora mal sabe o que ela me prejudicou, então eu nunca curti escola, nunca curti na verdade os professores, deste jeito que eles são, nunca imaginei que eu seria professor e hoje eu tento ser tudo aquilo que quando eu era aluno, eu tinha pavor e quando eu me vejo na pele daquele professor que eu tinha pavor, eu já me transformo e falo para minha turminha, Sai daí. De vez enquanto quando eu estou assim, chamando a atenção de alguém, eu sempre tenho alguém aqui no meu visual, eu dou uma piscada de olho, e aí vai fazer bagunça, caramba! E aí a criança abaixa a cabeça e eu falo: - Não, levanta esta cabeça, olha para mim, o que você está pensando e ai eu fico brincando, as outras crianças já estão dando risada e ai ele fica pensando que é aquele professor que ele está acostumado, que vai levar ele para a diretoria, mas nada disto acontece.

Então tem jogo de Damas, tem projeto de Xadrez eu dei sorte, que durante dois anos, teve um professor aqui de Ciências e Matemática que meio que abraçaram este projetinho. Nós estamos com uma galerinha bem bacana de Xadrez, muito legal há dois anos já, ano que vem vou colocar para competir, se for o caso, mas eu não estou nem falando em competição para os professores, para eles não terem aquela visão de competição. Então eles estão fazendo e eu estou de olho só, daqui a pouco eu já pego para ver que se destaca. Nas damas também aconteceu isto, uma menina pequenininha, não dá para eu acompanhar tudo de perto, você vai confiando na fé de uma, na fé da outra, então a pequenininha, perdeu para a maior, mas ai ela e veio em mim e falou: - Professor, ela roubou! Eu perguntei, mas porque você não me chamou e ela falou: - Ai professor, ela é muito grande, né! Ai passou um pouco, eu fui para lá e para cá e aí eu falei para voltar a partida e aí eu fiquei de olho nela, coloquei a menina para jogar do meu ladinho e de novo com a mesma menina, sabe, sem aquela pressão. Então foram de novo e jogaram, a pequenininha deu um banho de novo e foi a mesma coisa, ela foi a campeã no jogo de Dama do ano passado. Ela é linda, me ajuda bastante.

Eles têm bastante participação nestas atividades, então? Na organização?

Dividir o sucesso de seu projeto, só acontece se você multiplicar as tarefas e também as alegrias. Eu tenho mania de juntar as palavras que a Educação me introduz, então eu utilizo os multiplicadores.

Então eu já te falei das inteligências múltiplas, que caem em concurso, cai tudo aquilo que não acontece na escola e até hoje eu não sei como eu passei neste concurso, eu fiquei na véspera até às 5 horas da manhã, jogando War e tomando vinho e na época eu morava sozinho eu reunia uns professores lá e no fim do mundo passou, mas na época a gente era militante da APEOESP, então até tínhamos um certo conhecimento e o que interessa é que a gente passou, né! Na verdade, a gente nem queria passar na prova e acabamos passando e pronto.

Então, multiplicadores e repertório do aluno e eu defendo muito esta questão do repertório, eu já estou vendo estas palavras aparecer em alguns livros, em alguns debates. Repertório cultural do professor, nas escolas não se fala do professor, saber quais são os hábitos culturais do professor. - Você cozinha bem? Dá para introduzir esta habilidade no seu projeto de escola, no seu currículo, na sua grade. – Você costura? Você Pinta? Borda? Ou não faz nada também e assiste a novela das 6, das 7, das 8, das 9, das 10 e dorme, acorda vai para a Igreja, vem para a escola e assiste as novelas de novo. Então o repertório cultura do professor, do educador, forma o profissional e não adianta você querer dá curso, em cima de curso, porque se o cara está enraizado com aquilo ali, não adianta, ele não muda. Eu posso trazer aqui, ressuscitar o Chico Science, eles iriam ver como uma pessoa comum e de repente na Europa, no primeiro mundo, ele vendeu tanto, ele era tão querido. As letras dele fala de Pernambuco, fala do caranguejo, fala do Pantanal, do mangue e isto não interessava. Isto quer dizer, a cultura nossa é tão rica e aonde você encontra mil pessoas todos os dias, para você ali, para o seu projeto, aonde? Numa escola. A escola é o maior laboratório de arte, de Cultura, de esporte, de filosofia, tudo menos Matemática e Português. Porque tudo é Matemática e Português e tudo é Educação Física e tudo é Arte, mas a gente só quer ler que tudo é Português e Matemática. Eu tenho jogos de Matemática, eu tenho o pega-pega de Matemática, que eu convido o colega de Matemática para participar, para levar a turminha dele lá, para jogar com minha turminha e vê quanto foram, nenhum.

Eu vou te convidar para participar de uma aula, mas eu volto a dizer, mudou muito o repertório dos alunos, aquele que eu reclamava, no bom sentido, que era muito agitado no passado, seria meu melhor aluno neste ano, imagina os coleguinhas que eram super 10, não existe mais. Mudou muito, participação, interesse, afetividade, tudo o que a cultura pode resgatar. Mas a gente vai para uma quadra e você vai ver o trabalho, a gente vai para a sala de aula e você vai ver um trabalho. Eu tenho um grupo de piadas, também não consegui montar ainda, mas já está engatilhado, porque o humor, não é só contar a piada, tem que memorizar, escutar com atenção, tem gente que só conta, mas eu vou fazer a criança dramatizar a piada, então ela vai se expressar na piada. Posso arrumar um figurino para esta pessoa, porque estou juntando uns 10 alunos, meninas e meninos e vou fazer um pequeno espetáculo, se cada um fizer três piadas que eles sabem e tem todo aquele trabalho de escutar a piada e analiso se pode contar, isto vai surgindo na sala de aula, não estou nem sabendo e eles já estão falando. Tem uma classe aqui que tem uns 6 que estão assim tinindo e tem meninas e se expressam bem. É só dar uma colorida ali que vai ficar show, só isto, entendeu?

Pretendo também fazer um grupinho de humor e seguir com este grupinho, mas o problema, volto a dizer é a quantidade de aulas por semana, duas aulinhas por semana e eles estão querendo ir para a quadra o tempo todo e eu seguro bastante, mas mesmo assim é pouco tempo para a gente poder fazer todos estes projetos que são da origem do aluno, eu não estou fazendo nada diferente, não sou diferente em nada, simplesmente escuto e

conheço o aluno, que já chegaram na escola sabendo muita coisa e eu falo para eles que eles não nasceram com dez anos. Vocês moram com pais separados, moram em lugares bonitos ou feios, tem dificuldades ou não, tem carro, tem bicicleta velha, jogam na rua, fazem a trave com duas pedras, vocês inventam e tem uma vida cultural enorme, vamos trazer isto para cá e tentar usar, então dá para montar grupo de humor, contação de história, tudo isto voltado ao repertório do aluno e quando os alunos se destacam, este aluno vira um multiplicador, ele vai ensinar a piada, ele vai ensinar os sons do corpo para os coleguinhas, com o professor apenas coordenando e assim vão surgindo as coisas, eu não preciso estar presente sempre, apesar que neste ano, isto não está dando muito certo, este ano está sendo cruel, está até saindo as coisas, mas está sendo cruel, mas estou sempre me readaptando, já estou com algumas coisas aqui para o segundo semestre, o sons do corpo eu estou deixando, ele está rolando, não como no ano passado, não está como eu quero, eu tenho 60 dos que eles chamam de coordenadores do projeto, só no período da tarde, que querem ensinar os outros, então este semestre eu deixei, no outro semestre vou fazer uma apresentaçãozinha deles e eu vou pegar estes que já saber, que já vem de dois anos comigo, vou dividir em grupos e cada grupo terá que bolar uma coreografia, cada grupo terá que pesquisar e apresentar um trabalho de percussão corporal, quem conseguir, conseguiu, quem não conseguir beleza, vai estudar, vai tentar fazer, vou tentar dar uma qualidade maior, se desta 60, 6 fizerem isto, olha o trabalho que eu já consegui resultado e já tenho para o ano que vem, eu tenho 6 que criaram uma percussão corporal diferente, então você consegue trabalhar isto. Eu não tenho medo que o aluno esteja do meu lado, isto é o mais importante é estar do meu lado.

[Neste momento ela chama a aluna que iniciou as atividades de percussão na escola e comenta que está perdendo ela também, afirmando que ela mudou muito].

Eu nunca escondi que esta aluna foi quem começou o projeto. Já fiz uma homenagem para ela na quadra com a presença da Lira de Diadema, ela que fez a descoberta disto, eu só dei a oportunidade, eu gostaria que você contasse como surgiu o sons do corpo. Eu queria que você contasse que você fez o curso, começou a ensinar os alunos daquela 6ª B. Senta aqui um pouquinho e fala para a Juliana, que eu quero ver o que você vai falar.

Aluna: o que é que eu vou falar? Você já falou, mas enfim, eu fiz um curso e depois eu estava fazendo aqui com a Bruna, minha amiga, aí o professor viu, gostou e pediu para eu fazer para a turma da minha sala e aí foi crescendo, ué! Hoje eu nem venho mais, né professor! Eles fazem sozinhos já.

E você está em que série?

Aluna: na 8ª

Então ela fez na quinta, sexta, sétima e oitava e hoje, olha o que ela falou, ela nem vem mais, porque têm estas 60 pessoas que eu te falei.

Aluna: Eu estava passando na rua estes dias e tinha uma menina que eu nunca vi na vida fazendo e eu olhe assim, ela nem sabe quem sou eu.

Viu na rua.

E como você se sente vendo um negócio que você começou, tomar proporções tão grandes?

Aluna: É muito gratificante, pensar que isto saiu de mim, né, eu gosto demais disto, parece ser coisa de Deus.

Ela foi uma multiplicadora e ela não tem nem noção disto. Agora ela está ficando mais velhinha ela está tendo mais noção, mas o que eu falava para você no começo, ela poderia fazer um curso, trabalhar em recreação, poderia trabalhar com turismo, com lazer, poderia fazer uma faculdade de Artes, ou qualquer faculdade e ela poderia coordenar atividades culturais onde ela estivesse, numa empresa. Quer dizer, eu sempre falo isto para ela, que este repertório cultural dela pode ser até a parte econômica dela futuramente, né! Então obrigado pela participação e pode ir para a sala. Aliás, eu não sei não se sua batata não está assando, hein!

Aluna: Por quê?

Sei lá vou ver isto hoje à tarde e depois a gente conversa.

Nos períodos da manhã e tarde tem o 6º ano, o 7º ano, o 8º e o 9º. A escola da noite é uma, a escola do dia, trabalha com a cultura, tem que trabalhar, a gente fez vários projetos enquanto que a escola da noite, já começa a ter um outro olhar, começa a repudiar aqueles alunos que faziam artes de tarde, vão para o período da noite e começam a serem meio que mais procurados pelo sistema, não aceitam seus questionamento, ignoram sua criticidade, são taxados de falantes, bagunceiros e estes alunos vão se perdendo, eu perco meu músico, tem um alemãozinho aqui que tocava e já tocou até o hino nacional no violão, então estes alunos mais ligados à esta coisa da cultura tem um censo critico maior.

E no Ensino médio, como acontece esta participação?

É o meu time de futsal. Meus atletas todos dão problemas na sala de aula e aí eu ia lá e passava um pano, tentava contornar a situação. Tinha até ameaça de expulsão, e eu tinha que tentar reverter porque o time precisa do aluno. E aí sempre fica aquela imagem de que eles são o certo e eu sou o errado, mas eu nem ligo. Às vezes, eles precisam disto para se sentir bem, super poderosa.

Tem muita história bacana de contar e vivenciar, o mais legal é que você vive a história, porque tem muita gente que conta a história e não vive e eu tenho um conceito de felicidade. Todo ser humano tenta, tenta porque às vezes não dá eliminar a distância do que você fala e do que você faz, você é uma pessoa feliz. Porque está cheio de gente contando por aí, principalmente na área da Educação, contando histórias que não são vividas por ele. Que não sensibilizaram, mas para ele que fica cotando: - Olha, eu tenho um aluno, que me chama de mãe. E eu não sou muito de abraçar, de ficar pegando, este é meu jeito sabe. Se a pessoa se aproximar, legal, mas se não, também não ligo. Então às vezes você me vê por aqui é uma coisa e aí vê o meu colega cheio daquele paternalismo, um populismo que rola. Mas a escola é muito legal.

Aqui eu dei muita sorte também de resultados. Eu não vou a casamentos, sabe. Acho que eu fui ao meu, também sem querer, mas aí estes dias eu estava aqui a tarde, aí veio uma aluna que era do voleibol, não sabia quase que nem caminhar, ela veio me chamar para o casamento dela, eu até guardei o dia, 14 de dezembro, eu relutei no inicio. Mas eu vou, vou dar um jeito de passar por lá.

Ela hoje é advogada e o Alex, que também estudou aqui, hoje é engenheiro químico, alguma coisa assim.

Mas aqui eles fizeram por merecer esta quebra em algumas regras individuais minhas, então eu tenho esta troca com eles, então aqui é muito bacana. Mas a tendência é esta, se eu não me readaptar o tempo todo, dando dois passinhos para trás para dar um para frente, se não fizer este deslocamento cultural, intelectual aí a "vaca vai para o brejo", e isto é geral, não acontece só aqui, não é só na Educação. Trabalho na Prefeitura também, Frente de Trabalho antigamente as pessoas que trabalhavam lá eram senhoras, educadas, senhoras que se comunicavam bem, o tempo vai passando, agora as pessoas precisam do trabalho, vão trabalhar lá, mas se a gente não tomar cuidado eles acabam com que tem no trabalho, não cumprem com as normas.

Os alunos que temos são os filhos desta geração que passam na rua e não te cumprimentam, mas jogam um pedaço de papel no chão. Eu vi um caso em um mercado, eu vi uma menina de uns 10 anos com o pai e ele jogou o papel no chão. Ela pegou e falou alguma coisa com o pai e ele pegou no bracinho dela e falou: - Quando a gente chegar em casa, vamos ter uma conversa sobre isto.

Ai eles aprendem estas coisas, né? Chegam na escola e têm dificuldades de fazer trabalhos em equipe, em competir em jogos de regras, não aceitam mais perder, querem tudo agora!

É a mesma coisa com os alunos, a diferença de um aluno que fica dois anos comigo é enorme, no primeiro ano eu pego todas as crianças que chegam à escola, no segundo ano, eles passam para o sétimo anos e aí eu só pego três ou quatro salas, o restante eu não pego, então eles são divididos, a diferença destes alunos que ficam comigo é enorme, é muito legal, não é mais aluno, é parceria.

Eu às vezes estou indo para a quadra e eles estão na maior bagunça e aí eu falo: Pessoal, vamos caminhar, trocar ideia, oh! Quer ir no banheiro, tomar uma água, aproveita e vai, mas respeita o meio ambiente, respeita a galera que está trabalhando. Aí você pega o 5º ano que chegou agora, você fala isto, parece que não tem professor e estamos março, era para fazer em fevereiro, nunca aconteceu isto, geralmente eu acho que o primeiro bimestre é o mais chato de todos, mas aí você vai dando seu estilo e aí no final do ano você vai né? Este ano, não deu.

Mas eu acho que o fracasso, principalmente aqui na nossa escola, está não mão-de-obra, na qualificação dos docentes - a qualificação do professorado é impressionante - se você ver a forma como o colega trabalha é coisa lamentável. Volto a dizer do repertório do profissional, porque na verdade a faculdade só serve para ter um papelzinho lá, se você conseguir depois colocar o seu conhecimento, talvez você seja um artista plástico, um desenhista. O segredo é pensar como colocar aquilo que você já fez, com aquilo que aprende no mundo acadêmico. O professor não tem mais esta criticidade de adaptar seu conhecimento com aquilo que o aluno já trás de sua vida, eu acho que os professores das séries iniciais ficam muito tempo com os alunos e acabam moldando eles e quando eles chegam no 5º e 6º anos já estão mais difíceis de trabalhar.

A Educação é mágica mesmo, trabalhar com criança é fantástico, mas a gente tem que incorporar tudo isto e o educador não está incorporando isto e a criança não está mais gostando da escola e se ele não gosta da escola, ele não aprende mais. Então ele não é mais amigo, ele faz as coisas que são proibidas e aí vai.

Este projeto do intervalo, o SuperAção, tem a participação das meninas da limpeza. Estou para levá-las nas salas, mas ainda não consegui, também é outro projetinho que eu quero continuar. A gente tem aqui a cantina, e ela é a nossa poluidora. Mas aí vem verba para não sei o quê, arrecada para não sei o que lá, mas aí a alimentação continua péssima, muitos salgadinhos, parece que cortaram as frituras, mas o resto ainda é horrível e aí isto gera um lixo e a escola ficava daquele jeito. Depois que começou este projeto que uma das bandeiras era preservar o meio-ambiente, quando eu falo de meio-ambiente eu não falo do rio Amazonas, que a escola só pensa em falar do Rio Amazonas e do indiozinho, né! Eu falo do seu quarto, do seu banheiro, da sua casa, seu quintal, isto é meio-ambiente, onde você vive. O que você pode fazer para melhorar onde você vive? O espaço que você usa e aí eu trabalho a Educação Física desta forma também: discutir o que é meio-ambiente aqui na escola, é a sala de aula, é a quadra, é o banheiro, é o pátio e que tipo de lixo aparece aqui. Depois no projeto, eu pego uma parte da aula para falar, aí vem um aluno e fala ou manda um poema, ou uma piada. As meninas da limpeza falaram que diminuiu muito a questão do lixo na escola, mas foi muito mesmo. Elas ficam impressionadas, me agradecendo e eu falo que elas não têm que agradecer a mim, isto é mérito dos alunos. Este projeto já tem três anos já! E outra coisa que eu consigo fazer também é dar continuidade, mesmo que algum projeto não tenha, neste ano, aquele sucesso, não espero nada de retorno, exemplo olha eu fui campeão em 2008 e preciso ser campeão de novo? Não. Pelo contrário, eu nunca mais acho que vou chegar a ir para o interior, sei que é muito difícil disto acontecer, porque para ir para o interior, eu tenho que passar por todas as cidades do litoral, tenho que passar por todas as cidades do ABCDM, tenho que passar por todas as cidades do Vale do Paraíba, olha que façanha que foi isto, e eu sempre chegava nas finais, eu não sabia do poder que a gente tinha, nunca imaginei que chegaríamos.

Então, em Diadema e não só Diadema, aqui na nossa região do ABCDM, nunca uma equipe de futsal foi para o interior, mas ninguém comenta nada, não sei se você viu, na entrada tem uma faixinha de algumas coisas que eu fiz, mas é que eu faço um apelo às vezes sabe, eu vou apelando para ver se o pessoal olha e vê que agente existe, que o esporte está presente na escola. Assim as coisas vão surgindo, mas eu vou te chamar para presenciar o fechamento destes projetos.

Anexo 11 - Roteiro de observação nas escolas

Identificação do Aluno:

Nome: _____

Idade: _____

Atividade exercida na instituição no bairro Canhema:

_____

Identificação da Escola:

Nome: _____

Localização: _____

Padrão Administrativo

( ) Democrático

( ) Autoritário

( ) Permissivo

Relações afetivas:

Grupo de trabalho:

_____

_____

Professor e aluno:

_____

_____

Equipe administrativa e aluno:

Existe participação da comunidade:

_____

Descreva: _____

Registro

Natureza do documento: (diário de classe, livro de ocorrência disciplinar, ata de conselho de classe, registros de festas e eventos etc.):

_____

Pessoa responsável pelo registro:

_____

Data ___/___/___

Registros:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____